

LARE BARBOSA

PORTAS ERRADAS,
Amores confusos



editora
coerência



Copyright© By Editora Coerência 2018

PORTAS ERRADAS, AMORES CONFUSOS ©
LARE BARBOSA

1ª Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

Produção Editorial

Diretora Editorial: LILIAN VACCARO

Revisão: AMANDA MAIA

Capa: DÉCIO GOMES

Diagramação: CINTIA RODRIGUES

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

Barbosa; Lare

Portas Erradas, Amores Confusos - 1a edição — São Paulo — Editora
Coerência 2018

ISBN: 978-85-5327-007-1

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Título

CDD. 869-3

Editora Coerência

Rua Pinhancó, 12A

Parque São Rafael — SP — Cep . 08320-350

Site: www.editoracoerencia.com.br

E-mail: lilian@editoracoerencia.com.br

Tel.: (11)2011-3113

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Playlist

Domino - Jessie J

We Can't Stop - Miley Cyrus

Tonight I'm Getting Over You - Carly Rae Jepsen

Slow Down - Selena Gomez

Just the Way You Are - Bruno Mars

Not Just You - Cody Simpson

When I Was Your Man - Bruno Mars

Swap It Out - Justin Bieber

Wake me Up - Avicii

Titanium - David Guetta feat. Sia

I Gotta Feeling - Black Eyed Peas

Last Friday Night - Katy Perry

Show me Love - The Wanted

We on the Night - The Wanted

Scream - Usher

Love, Sex and Magic - Ciara feat. Justin

Timberlake

PYD - Justin Bieber feat. R Kelly

Strip - Chris Brown feat. Kevin McCall

Hold Tight - Justin Bieber

Bubbly - Colbie Caillat

Let me Love You - Ne-yo

When Love Takes Over - David Guetta feat.
Kelly Rowland

Neon Lights - Demi Lovato

Give Your Heart a Break - Demi Lovato

Mirrors - Justin Timberlake

Love on Top - Beyoncé

Play Hard - David Guetta feat. Ne-yo

Beauty and the Beast - Jordin Sparks

23 - Miley Cyrus feat. Juicy J & Wiz Khalifa

Laserlight - David Guetta feat. Jessie J



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Notas da Autora:

Como todos devem ter percebido, a minha história se passa em Los Angeles, mas muitos costumes e alguns nomes são brasileiros, mas cá estou para dizer que os nomes são homenagens e os costumes, as comidas ou até os horários de ano escolar, são ajustes que eu mesma fiz, para que tudo desse certo no enredo que eu criei.

Qualquer erro em termos médicos e jurídicos é de minha responsabilidade. Espero que não me odeiem por isso. Qualquer acontecimento descrito aqui é também de minha responsabilidade, de minha criação e não há nenhuma relação com a realidade.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo meu dom, pelas bênçãos, tanto pessoais, quanto ao meio literário...Mais do que ninguém, só Ele sabe o quanto sou grata a tudo o que conquistei.

Obrigada, pai, José, mãe, Claudiana e parentes (tios, primos, avós, irmãos...) por serem os meus fãs número 01! Sempre tão orgulhosos, com muito apoio, proteção e amor, do jeito mais puro que um ser humano pode ser amado.

Agradeço aos meus AMIGOS por TUDO! Vocês sabem quem são... Aos colegas e conhecidos também, seja pela compra de um exemplar ou até pelo apoio moral.

Aos leitores, pelos elogios, indicações, surtos, mensagens, cartas, presentes, ligações, publicações e todo o carinho que têm comigo e com as minhas obras. Sem vocês eu não seria nada, não teria chegado onde cheguei com as minhas histórias.

Agradeço ao meu namorado e melhor amigo, Kevin, por me aturar e me amar incondicionalmente. Tenho fé que você ainda vai ler todos os meus livros – até o final! Amém?!

Obrigada, Lilian e toda a equipe da Editora Coerência, pela paciência, pela dedicação e trabalho incrível por todo esse tempo. Vocês são sensacionais.

Que Deus abençoe a todos. Gratidão! Amo vocês!

Com amor,

LARE BARBOSA

Não é Real

*“A ausência sua tá forte aqui dentro,
sobretudo à noite, aos domingos.”*

Caio Fernando Abreu

Julho de 2009

Brandon

“E depois de tanto tempo, íamos ter uma conversa franca e sincera, eu poderia explicar tudo, colocar tudo em pratos limpos e ela ia me perdoar, claro que ia. Coloquei a melhor roupa que achei no closet naquele fim de tarde ensolarado e, com uma rosa na mão, parti rumo à casa de Maria Clara, bem aflito.

Bati à porta sendo recepcionado por Clau que sorriu, tímida, quando me viu.

– Boa tarde, Brandon. – Cumprimentou.

– Maria Clara, como está? – Perguntei entrando e olhando para todos os lados.

– Lá em cima, acabou de comer. – Respondeu ela. – Suba, sei que vocês precisam conversar e você vai fazer bem a ela.

Eu me sentia agoniado por ela não saber a verdade, mas só consegui sorrir.

Subi as escadas e logo abri a porta de seu quarto que estava parcialmente escuro, com apenas a luz da Lua que vinha da janela. Já fazia uma semana

do acidente de Maria Clara, do pior dia de minha vida e ela já estava melhor, em casa.

Sorri vendo-a deitada mexendo no celular e quando seus olhos escuros bateram em mim, ela os levantou e os revirou logo em seguida. Sentei ao seu lado na cama. A mão suando segurando o caule da rosa.

– Você parece ótima. – Comecei a dizer, ela me olhava com desdém.

– O que faz aqui? – Havia desgosto em sua voz. Engoli em seco.

– Vim pedir desculpas por... Você sabe. – Eu mal conseguia falar, droga!

– Já falamos sobre isso. – Respondeu rápida como sempre.

– Não, nós não conversamos e sim discutimos. – Fiz uma pausa. – Quero o seu perdão.

– Pra que? Pra você fazer tudo outra vez?

– Nunca, eu jamais faria isso de novo com você!

– Já ouviu aquela famosa frase “nunca diga nunca”?

– Confia em mim, caramba! – Alterei o tom de

voz e depois o abaixei de novo.

Não podia me desesperar. Não agora.

– Confiar, Campbell? Confiar? Desculpa, eu não consigo mais... – sua voz falhou.

– Não diz isso. – Pedi colocando minhas mãos em meus próprios joelhos. – Você sempre confiou, não pode me deixar por uma coisa tão... pequena.

– Não foi pequena! – Ela se exaltou um pouco, gesticulando as mãos no ar. – Você foi pra cama com outra garota enquanto eu estava preocupada com você, enquanto você tinha um relacionamento comigo, enquanto eu amava você, Brandon! Isso foi horrível!

– Eu errei! Foi tudo por impulso, não era pra ter rolado, eu juro! – Respondi segurando em sua mão e ela abaixou a cabeça, olhando nossas mãos juntas. Minha aliança brilhou em meu dedo, enquanto a mão dela estava vazia. Aquilo fazia meu peito arder. – Por favor, volta pra mim... – sussurrei, beijando sua testa e ela não hesitou, permaneceu imóvel.

– Porque você fez isso comigo? Eu te dei o meu mundo... – sua voz estava engasgada, como se

estivesse chorando e sim, ela estava.

– E eu estou aqui, segurando ele de novo e nunca mais vou soltar. Eu estou aqui pra te fazer feliz, de verdade. Você é a melhor garota que eu já conheci... – segurei o choro. Eu não podia perdê-la, de jeito nenhum! – Eu amo tanto você, tanto...

A brisa do vento invadiu o quarto aos poucos como se Deus enviasse a paz para mim. Permaneci ali, segurando sua mão e com minha testa pressionada na dela. Logo senti sua outra mão livre, agora em minha nuca e sorri sentindo sua respiração baixa a centímetros da minha.

Caralho, ela era tudo pra mim.

Seu lábio estava geladinho ao encostar-se ao meu e o mordi devagar, sugando-o, sentindo aquele maravilhoso gosto em minha boca de novo e afaguei seu cabelo mesmo com a rosa vermelha ainda em minha mão.

Sua língua pediu passagem para minha boca e eu cedi com a maior naturalidade do mundo.

Aquilo era tão bom...

Aproximei meu corpo um pouco mais do dela, acelerando o ritmo do beijo de um jeito doce e

encaixado. Precisava dela em minha vida até meu último segundo. Como se nada do mundo importasse, só nós dois, ali, juntos para sempre. Não existia nada como nós. Nada.

Suas mãos foram agora no colarinho de minha blusa e ela me puxou me fazendo deitá-la e subir em cima de seu corpo devagar. Passei minhas mãos por suas coxas, embaixo de sua camisola branca e sorri com meu contato em sua pele. Era como se aquilo não estivesse acontecendo de verdade, de tão maravilhoso.

Um barulho alto e ensurdecedor invadiu meus ouvidos e eu parei, olhando para os lados sem enxergar nada de onde pudesse vir o tal barulho. Olhei para Clara que estava imóvel e com seu olhar fixo em mim, como se não olhasse para mim e sim para algo além de mim.

Era sem expressão, completamente sombrio. Chamei por seu nome por várias vezes e ela não respondia. De minha boca também não saía som...”

Pisquei algumas vezes, acordando naquele quarto

branco com um cheiro diferente e o barulho permanente. Levantei-me num pulo olhando o aparelho médico indicando mais uma parada cardíaca em Maria Clara. A segunda em menos de 24h dentro daquele hospital.

Em meio segundo, eu já estava gritando por médicos pela porta, que vieram ao meu encontro socorrer minha garota.

– Peço pra que o senhor se retire enquanto atendemos a paciente, tudo bem? – Uma enfermeira pediu e eu só consenti com a cabeça, mal conseguindo reagir a absolutamente nada.

Meu coração estava palpitando rapidamente enquanto eu seguia pelo corredor até chegar à sala de espera, onde estava Ansel e meus sogros. Respirei fundo tentando me acalmar.

Caralho, o que foi isso?

Um sonho, só um lindo e impossível sonho, infelizmente.

Dei um murro na parede com força, tentando descontar a raiva que tinha em mim. Todos na sala me olhavam assustados e eu respirei fundo tentando me controlar.

Eu estava quase perdendo minha mulher dessa vida para uma melhor e eu obviamente não conseguia ficar calmo. Eu não ia perdê-la, não ia!

Seu Coração é Um Músculo

*“Estou começando a esquecer o jeito que você
me olha agora.
Sobre as montanhas, através do céu.
Preciso ver o seu rosto, preciso olhar em seus
olhos.”*
Justin Bieber

Brandon

Acordei com uma dor na cabeça e no corpo horríveis. Esfreguei os olhos, observando o quarto silencioso. Sorri ao ver minha pequena. Aproximei-me dela com passos leves.

Maria Clara estava deitada na cama, apenas de avental branco, com uma agulha na mão direita, aparelhos no peito e seu braço fraturado continuava enfaixado. Em seu nariz também tinha os fios transparentes com oxigênio que a ajudavam a respirar. Em sua testa tinha um curativo pequeno devido a um dos milhares de machucados que ela havia adquirido do acidente.

Suspirei com as mãos no bolso, observando. Comecei a pensar em minha vida nesses últimos dias.

Fazia uma semana que Maria Clara tinha sido atropelada na rua por um psicopata filho da puta, que não parou para ajudar, pelo contrário, só correu o quanto pôde para longe de nós, me deixando desesperado para tentar socorrê-la.

Foram longos cinco minutos fazendo Maria Clara se manter consciente até a ambulância chegar e a levar para o hospital mais próximo.

Fraturou duas costelas e o braço. Fora os ferimentos leves por todo o corpo, arranhões, hematomas... Seu caso não era grave, mas ela estava em coma induzido por conta das dores, tomando soro e medicamentos na veia.

No mesmo dia em que chegamos, enquanto Maria Clara estava sendo atendida pelos médicos, eu, com o coração na boca, fiz uma ligação aos pais dela, que saíram do trabalho o mais rápido possível e vieram até o hospital, fora minha mãe e Ansel.

Na sala de espera, eu destorcia os fatos ao contar o ocorrido a eles assim que chegaram. Eles não poderiam descobrir o babaca que eu era.

— Decidi não ir ao colégio de carro e andávamos pelas ruas voltando pra casa dela, quando o carro veio e derrapou por conta da chuva, eu... Não consegui fazer nada pra impedir.

Clau estava com lágrimas nos olhos, Logan e Elizabeth perplexos. Ansel me olhava com o

famoso olhar de *“eu sei que não foi bem isso que aconteceu, você precisa esclarecer tudo para mim depois!”* Dei graças a Deus por ele não ter dito nada, bom, pelo menos não naquele dia e naquele momento.

E o tempo passou, ela continuava com os medicamentos e inconsciente, os médicos diziam que os sedativos a deixavam assim para que ela pudesse se recuperar mais rápido.

E eu estava ali com ela todos os dias, todos os momentos, todas as horas. Não tem um minuto sequer que eu não pare para rezar e pedir a Deus a minha garota de volta. Tanto que nem aparecia em casa, para nada. Eu não saía daquele quarto para praticamente nada, eu sentia que era meu dever estar ali ao lado dela.

Sorri observando seu corpo, agora com mais cor, seu rosto mais iluminado, eu poderia jurar que havia um sorriso naquele rosto, só não queria que fosse apenas uma ilusão minha.

Ouvi o barulho da porta, Clau entrou e ficou ao meu lado fazendo o mesmo que eu. Hoje era o dia

PERIGOSAS ACHERON

dela. Sim, um dia ficava o Logan no hospital comigo, no outro, Clau.

Permanecemos em silêncio por segundos. Senti uma tontura chata e eu pressionei os pés no chão para não cair.

– Tudo bem? – Perguntou Claudiana e eu só consegui sorrir sem mostrar os dentes, sem vontade nenhuma. Eu estava morto! – Acho melhor ir pra casa, tome um banho, se alimente e descanse, ok?

– Não posso, Maria Clara precisa de mim. – Ela afagou meu braço.

– Sim, ela precisa de você... Com saúde, certo? Se cuide, se não é você que pode parar numa cama dessas.

– Relaxa, vaso ruim não quebra. – Desabafei, sem que minha sogra entendesse do que eu estava dizendo.

– Por favor, vá pra casa. Se acontecer alguma coisa, ou tiver qualquer notícia, eu aviso, tudo bem?

Só por que ela insistiu e por que eu precisava mesmo de um banho, concordei. Dei um abraço apertado nela.

– Por favor, me liga, viu? Em poucas horas eu volto pra cá de novo. – Só saí do quarto quando ela me prometeu fazer o que eu pedi.

Na minha casa estava um silêncio horrível, subi para o quarto às pressas e tomei um banho relaxante e renovador. Eu mal sabia como era tomar um banho descente assim.

Depois, vesti um moletom cinza, um tênis preto e uma camiseta branca. Sentei em minha cama por uns minutos, colocando uma toca vermelha na cabeça, já que eu não estava com saco nenhum de arrumar cabelo e então, criei coragem e liguei para Ansel.

– Oi. – Cumprimentei baixo assim que ele atendeu.

– *O que houve? Como está a Clara?*

– Instável. – Disse devagar.

– *Caramba.* – Sua voz era baixa e angustiante de ouvir pronunciar aquela palavra. Não estava fácil para ele também. – *Sue e Connor acabaram de chegar, querem ir hoje mesmo ao hospital.*

– É, eu recebi uma mensagem. – Comentei desanimado, Ansel apenas suspirou.

Sei que deveria estar muito feliz por poder ver meus melhores amigos outra vez, depois de meses, mas a situação não convém em nada.

– Tem como você passar aqui? Estou em casa, vim comer alguma coisa antes que Claudiana me expulsasse daquele hospital. – Comentei por fim.

– *Claro.*

– Venha sozinho, por favor.

– *Tudo bem...* – a voz dele estava baixa, cautelosa. – *Como você tá?*

Pronto, era só aquela pergunta, só aquela para que eu pudesse, enfim, despejar todo o desespero, a culpa e a tristeza que eu sentia dentro do peito. As lágrimas marejaram meus olhos.

– Preciso conversar com você. – Avisei e ele suspirou, entendendo perfeitamente como eu me sentia.

– *Já vou.* – Foi sua resposta antes de desligar.

Bloqueei o celular e olhei a foto de papel de parede. Maria Clara ria como ninguém, segurando meu celular na frente do espelho, toda maquiada e

PERIGOSAS ACHERON

feliz...

Por que tudo isso tinha que ter acontecido? Por que eu fui tão imbecil ao ponto de machucar o coração daquela garota? Justo aquela garota! Eu não conseguia me conformar que eu não conseguia mais ver o sorriso lindo dela, sua boca chamando pela minha e seu olhar brilhante.

Meu Deus, ela precisa acordar! Maria Clara precisa me perdoar!

Joguei o celular no chão com força enquanto algumas lágrimas saíam dos meus olhos rapidamente e como eu estava sozinho, me permiti chorar.

Tudo ia ficar bem, eu sabia que ia.

Ansel chegou rápido e eu desci para que conversássemos na sala. Peguei alguns lanches que Belinda tinha preparado para mim e comi, mesmo sem vontade.

— E então, o que queria falar? — Ansel se sentou confortavelmente no sofá em minha frente.

— Sobre o que aconteceu no dia do acidente. —

Disparei.

Terminei de mastigar e ele continuava me olhando.

– Então conta, por que eu sei muito bem que você não foi para o colégio naquele dia. E você disse o contrário pra Clau e pro Logan.

– Eu não fui, mas precisei contar daquele jeito, justamente porque eles me matariam se eu contasse a verdade. – Fiz uma pausa tomando meu suco, finalizando minha mini refeição, só para não morrer por falta de comida no organismo. – Todos me matariam se eu contasse a real, aliás.

– E qual é a real? – Ansel franziu o cenho.

– Bom, quando Maria Clara veio em minha casa depois da aula, nós discutimos e ela acabou indo embora chateada quando viu o que aconteceu, daí eu fui atrás dela na chuva... – enrolei.

– Brandon, por que você não foi pra aula naquele dia?

Suei frio com aqueles olhos sérios e ansiosos me encarando. Ansel vai me matar, certeza! Ele é o melhor amigo da garota. As coisas não vão terminar bem.

– Só vou te contar isso porque confio em você, estou sufocado e não tenho mais ninguém a quem recorrer. O Connor acabou de chegar, então...

– Ótimo! Agora pode me falar?

Eu me levantei e desviei meu olhar do dele para dizer.

– Eu... fui pra cama com a Candice.

– Como é que é? – O berro dele poderia ser ouvido na China.

– É, foi tudo rolando muito rápido e quando dei por mim... Aconteceu. –Tropecei nas palavras e olhei para ele que tinha fogo nos olhos.

– Eu estou com vontade de quebrar sua cara, caralho! – Vociferou e eu não me intimidei.

– Pode quebrar, isso infelizmente não vai mudar na... – senti seu punho fechado em meu rosto e meu pescoço virou.

Mexi meu maxilar dolorido. Logo olhei para ele, ainda confuso com a situação.

Ansel Collins tinha me dado um soco, sim, um soco.

Talvez eu mereça mesmo.

Suspirei baixo, sem reagir. Aliás, não tinha como reagir, não é?

– Você tem ideia do que você fez, Campbell, tem? – Perguntou, passando a mão no rosto, impaciente, andando de um lado para outro na sala.

Sentei e afundei meu rosto em minhas mãos.

– Tenho, agora eu tenho! Juro que não pensei na hora. Só tinha desejo e mais desejo. Meu impulso me ferra às vezes.

– Cara, você é um idiota! – Ele gritou furioso e ao mesmo tempo debochando de mim, me olhando com ódio.

Eu nunca havia visto Ansel assim, até agora.

– Collins, cacete, eu sei! Caralho, já tá feito, já era. Te chamei aqui pra desabafar e dizer o quanto estou mal e arrependido. Será que você pode me perdoar? Você, pelo menos, já que a Maria Clara será um pouco difícil.

Ansel respirou fundo, se sentando no sofá de novo para se acalmar. Então, o silêncio tomou conta de toda a sala por longos segundos.

– Ok, Campbell. E o que você quer que eu faça?

– Que não conte isso pra absolutamente ninguém,
PERIGOSAS ACHERON

entendeu? Ninguém! E que me ajude com ela. – Suspirei.

– Minha boca é um túmulo. – Disse e o silêncio voltou a reinar. – Acho meio difícil vocês voltarem.

– Não, cara, não tem essa de “voltar”. – Fiz aspas com os dedos, me levantando de novo. – Nós não terminados. – Abaixei o tom de voz. – Ainda, sei lá.

– Mas é obvio que quando acordar ela vai terminar com você, animal! Você comeu outra mina, a fez estar no lugar errado, na hora errada e sofrer um acidente! Tem ideia do quão puta da vida ela vai estar contigo?

– Sim, Collins, eu sei, mas que cacete! – Gritei e depois respirei fundo, não podia perder a cabeça com ele, Ansel não tinha culpa de nada. – Por isso quero que me ajude. Eu amo demais sua melhor amiga, cara.

Ficamos em silêncio por alguns segundos e me sentei.

– Bom, eu vou ver o que faço. – Respondeu, bufando e me fazendo abrir um sorriso de lado.

Apesar de tudo, ele era um ótimo amigo.

Senti meu celular vibrar no bolso e logo o peguei, vendo “*Clau chamando*” no visor, atendi às pressas.

– Oi, sogra.

– *Brandon, meu querido? Ela... Ela... Ai meu Deus!* – Dizia, histérica do outro lado do telefone e eu fiquei apreensivo, sem saber se ela estava feliz demais ou triste demais.

– O que houve com ela, Clau? Fale, por favor! – Perguntei rápido.

Ia pensar no pior, quando...

– *A Maria Clara, ela... Se mexeu, Brad, parece que vai acorda, graças a Deus! Vem, vem pra cá, por favor!* – Pedia, empolgada.

Meu coração quase saiu pela boca quando me levantei apressado, caminhando até a porta e vi Ansel me seguir.

Ah, meu Deus, ia tudo voltar ao normal, tudo tinha que voltar ao normal!

Terminei de falar com minha mãe no celular e beirava 20h30 da noite quando peguei um café

quente na lanchonete do hospital. Logan estava no quarto com Maria Clara, que permanecia instável.

Ah, como isso me deixava inconformado!

Chovia forte lá fora, e eu estava sentado numa mesa perto da janela que dava acesso à rua atrás do hospital. Ninguém estava fora de suas casas, o frio arrepiava até a espinha.

Tomei mais um gole do café quente que me aquecia por dentro, relaxando. Lembrei que uma semana atrás, quando Clara deu um susto em todos nós, por ter dado um sinal de que fosse acordar, mas isso não ocorreu.

Os médicos diminuíaam as doses dos remédios, ela até não precisava mais usar os aparelhos para respirar.

Ai, como eu sentia falta dela! A voz dela, o sorriso... Era torturante olhar para seu corpo estático na cama por horas a fio. Torturante! Acho que Deus queria me castigar e conseguiu. Já tinha aprendido a lição.

Ao pagar o café com as moedas em meu bolso, fui até o quarto, para que Logan saísse e fosse resolver umas coisas que ele tinha em casa, e eu

ficasse com ela.

Entrei no quarto sem fazer muito barulho e sorri para ele que se levantou do sofá, onde lia alguma coisa num jornal. Era bem difícil nós deixarmos ela sozinha. Tínhamos que ficar ali, do lado dela o tempo todo!

– Você vai ficar bem? Eu volto logo. – Avisou e eu assenti.

– Vá tranquilo.

– Você dormirá aqui?

– Sim. – Respondi com a voz baixa e ele procurou as chaves do carro no bolso.

– Tudo bem. Eu volto pra ficar contigo e trago cobertas.

– Obrigado. – Ele me deu um abraço e saiu do quarto em passos largos. Aproximei-me da cama, sentei no vão vazio que tinha ao lado dela. – Oi, meu amor. – Observei-a.

Maria Clara estava com o avental branco e coberta por um edredom fino até o busto. Seus cabelos amarrados em uma trança de lado, feito por Melanie no dia anterior, estavam lindos.

Lembrei-me de quando enfrentamos juntos as

PERIGOSAS ACHERON

barreiras de seu estupro e automutilação. Tanto agora como antes, eu permaneci aqui por ela.

Os ferimentos de seu rosto já tinham cicatrizado, devido ao tempo e os remédios que ela tomava. Não só os do rosto, como os dos braços e pernas. Pelo diagnóstico dos médicos, sua coluna já estava bem melhor. Ela não ficaria com nenhuma sequela. Não conseguia entender porque ela ainda não abriu os olhos, o porquê de ela ainda não ter voltado para mim...

Seus lábios estavam secos e sem cor, assim como todo o seu rosto, limpo e liso. Linda, minha linda.

– Ei, você consegue me ouvir? – Perguntei baixinho, enquanto passava meus dedos em sua mão. Que pergunta ridícula! Rapidamente cocei minha cabeça por cima de minha touca cinza. – Eu não sei o que falar... Só queria que você soubesse que estou muito arrependido por tudo o que aconteceu, de verdade, amor. Não aguento mais ficar longe de você e agora sinto a dor que você sentiu ao ver a cachorrada que eu fiz com você. Talvez eu esteja sentindo o dobro. Confesso que dói muito e eu odeio isso, sério. – Fiz uma pausa, o

choro engasgado na garganta. – Sinto tanto a sua falta! Por que você não volta, hein? Eu já aprendi a lição, não faço isso de novo. Mas peço que volte. Meu coração rasga todas as vezes em que penso em você e no que pode acontecer daqui para frente, então, volta! – Já não dava mais para controlar as lágrimas que escorriam pelo meu rosto, minha voz suplicava e estava bem arrastada. Apertei a mão dela devagar e depois, relaxei os dedos. – Volta pra mim, meu amor... – sussurrei baixinho, passando meu dedo em seu lindo rosto que parecia ter sido esculpido por um anjo, de tão maravilhoso.

Respirei fundo e peguei a aliança dela em meu bolso. Os médicos haviam tirado. Coloquei em seu lindo e delicado dedo de novo e beijei sua mão gelada.

Dava apenas para ouvir o barulho da chuva forte lá fora. Passei minhas mãos por seus braços, seu rosto... Não conseguia cessar as lágrimas. Meu estado era deplorável!

Deitei com minha cabeça devagar ao seu lado e não impedi que minhas lágrimas quentes caíssem. Permaneci ali por longos minutos, eu acho. Aquela

dor era horrível, eu não desejaria nem para meu inimigo.

Cacete, por que eu tinha de amar aquela garota mais do que tudo no mundo? Por quê?

Fechei os olhos e respirei fundo, relaxando meus pensamentos e meu coração, sussurrando mentalmente que tudo ia ficar bem. Meus pensamentos foram longe, onde eu revivia em silêncio todos os meus momentos com ela. Meu corpo estremeceu ao lembrar, minha mão foi apertada com uma certa força e eu abri um sorriso, que sonhos lindos.

Minha mão foi apertada com uma certa força...

Eu não estava sonhando, não estava. Levantei um pouco rápido demais e encarei seus olhos escuros se abrindo. Tinha um brilho nos olhos dela, estava olhando para mim, primeiramente sem expressão, depois, sorriu, só sorriu. Tanto com os olhos, como com a boca.

Caralho, aquele sorriso, aquele!

Maria Clara olhou em volta e depois pousou seu olhar em mim. Meu corpo todo estremeceu de novo e me ajeitei na cama.

– Brad? O que aconteceu? – Só tive a certeza quando ouvi aquela voz.

Ah, aquela voz!

Maria Clara tinha acordado. Abri um sorriso de orelha a orelha.

– Oi, meu amor, oi! – disse rápido, ela ainda estranhava a situação. – Fica calma, tá tudo bem.

– Onde estamos?

– No hospital. – Respondi e ela respirou fundo, apertando minha mão devagar.

– Por que eu vim parar aqui? – Olhava em volta de novo.

Ela não se lembrava...

Como se expressa uma felicidade dupla?

– Você não se lembra? – Franzi o cenho.

– Não, eu... – ela fechou os olhos brevemente passando seus dedos da mão esquerda em sua cabeça. Ao tornar a abrir os olhos, fixou em mim. – Por que está chorando? Não chora. – Sua meiguice tinha voltado junto, seu sorriso tímido também.

Eu ainda estava em êxtase. Ela colocou seus dedos em minhas bochechas, limpando minhas

lágrimas.

– Ah, tá tudo bem, eu só estou feliz que tenha voltado.

– Onde eu estava? – Se eu não tivesse naquela situação, teria rido. Era mesmo a Maria Clara.

– Distante, muito distante. – Respondi, dando-lhe um beijo na testa. – Mas peço que me responda: você não lembra o que te fez chegar até aqui? – Ela negou com a cabeça. – Então, qual a última coisa que se lembra? – Ela ficou em silêncio por alguns segundos. – Você consegue fazer uma forcinha pra isso? – Perguntei, receoso.

– Lembro de estar na aula, o professor falava e falava. Eu conversei com Sue por bastante tempo no celular enquanto estávamos no intervalo. Saí do colégio mais cedo naquele dia até... – respondeu ela.

– Fora isso, mais nada? Certeza?

– Não consigo me lembrar... Brad, que dia foi isso? O que aconteceu comigo? – Perguntou e eu abri um sorriso, não conseguia conter minha felicidade.

– Você sofreu um acidente enquanto estávamos

voltando da aula... Fraturou seu braço, duas costelas, enfim, se machucou toda. Você esteve em coma induzido por duas semanas.

– Duas semanas? – Seus olhos se arregalaram.

– Sim. Mas agora você está bem. Não é? – Ela meneou a cabeça. – Dores? – Negou.

Fiquei olhando-a de novo. Nem conseguia acreditar que realmente ela estava ali, viva, acordada e sorrindo para mim.

– Passei todos esses dias aqui com você e foi agonizante não ver esse sorriso. – disse a ela quando nossas testas estavam juntas, nossos narizes um ao lado do outro e eu passando meu dedo em seu lábio inferior. – Achei que fosse te perder, que você fosse me deixar... – sussurrei.

– Que bobagem. Por que eu faria isso? – “*Porque eu trai você!*”, exclamava meu inconsciente mais que traidor. Ignorei. – Eu senti a sua falta. – Sorri, ela colocou sua mão em minha nuca, próximo a minha orelha. – Eu ouvia você, mesmo sem saber e identificar as palavras, eu ouvia. – Molhei os lábios involuntariamente e ela me beijou.

Repito: *ela me beijou!*

Meu corpo quase que soltava faíscas, de tão elétrico que eu estava. A felicidade corria em minhas veias. Era estranho, tudo mudando da água para o vinho... Mesmo assim, amei a mudança.

Mordi seus lábios devagar e depois de praticamente minutos, terminamos o beijo com selinhos colados, onde eu não queria soltá-la nunca mais.

Uma enfermeira entrou no quarto no mesmo instante e nós nos separamos.

– Ufa, até que enfim, pequena Miller! – Sorriu ao se aproximar de nós. – Quando acordou?

– Agora há pouco. – Respondi por ela, me levantando da cama.

Maria Clara esfregou as próprias mãos, devagar.

– Como se sente? – Perguntou a enfermeira com sua voz gentil.

– Estou bem... Melhor. Soube que sofri um acidente.

– Soube? – Ela enrugou sobancelha.

– Meu namorado me disse. – Respondeu olhando para mim e eu pisquei, sorrindo, ela sorriu também.

– Não lembro como foi, com o que foi, nem nada,
PERIGOSAS ACHERON

mas... Estou viva! – A enfermeira olhou algo em sua prancheta e depois, para mim.

– Bom, senhor Campbell, me acompanhe, por favor? Vamos conversar um pouco com o médico, sobre o estado de sua companheira, tudo bem?

– Claro. Posso só fazer uma ligação rápida? – A enfermeira concordou com a cabeça.

– Maria Clara, está com fome? Presumo que não, por conta dos remédios. – Dizia a enfermeira enquanto eu ligava para a casa de meus sogros.

– Não muito.

– Mesmo assim, vou trazer algo leve para você comer, tudo bem? Uma sopa, um suco... Seu estômago deve estar precisando muito disso. – Finalizou saindo do quarto e eu coloquei o celular no ouvido.

Maria Clara ficou olhando para a janela.

Falei com Clau pelo celular por alguns segundos e ela gritou histérica, assim como Logan, felizes da vida ao saberem que a filha tinha acordado. Disse que em poucos minutos, estariam lá no hospital e eu assenti, desligando.

– Eu vou ver o que o médico quer, saber como

PERIGOSAS ACHERON

estão as coisas com relação a você e tudo, ok? – Perguntei me aproximando da cama novamente.

Ela fez biquinho e soltei um riso.

– Eu já volto pra fazer te companhia enquanto se alimenta. Não a sala do médico que tratava de Maria Clara.

Logo o encontrei no caminho, não precisei nem entrar em sua sala e eu avisei que ela tinha acordado, disse que estava bem, apenas não se lembrava do que tinha acontecido minutos antes do acidente.

– Bom, Campbell, isso é normal. A amnésia é temporária, natural quando se bate a cabeça como ocorreu com ela, principalmente por conta dos sedativos que usamos. O importante agora é vocês contarem o que aconteceu de verdade desde antes do acidente e... Com o tempo a lembrança, cenas, podem voltar naturalmente ou ela só guardar as informações que vocês deram a ela. – Dizia ele e eu mal me continha.

– Tudo bem, muito obrigado por tudo, fico feliz que ela tenha ficado em boas mãos. – Apertei a mão dele em um cumprimento e ele sorriu,

mostrando as poucas rugas que tinha em volta dos olhos. – Claudiana e Logan Miller já estão chegando... Já posso voltar e ficar com ela no quarto?

– Claro, pode sim, você fará bem a ela. – Avisou e eu virei girando nos calcanhares.

– Ah, e a alta dela, quando será? – Perguntei, empolgado.

Já não aguentava mais aquela rotina de hospital. Parecia até que o hospital tinha virado minha segunda casa.

– Muita calma, rapaz. Talvez tenhamos que fazer alguns exames para saber se está tudo ok, e depois resolvemos isso. – Respondeu e eu abri um sorriso concordando.

Ao voltar ao quarto a enfermeira colocava uma bandeja de sopa e suco no colo de Clara e ao sorrir, saiu do quarto novamente.

Sentei-me ao seu lado e fiquei observando.

Ouvimos o barulho da porta se abrir e quando olhamos, lá estavam Logan e Clau, entrando sorridentes e vieram ao nosso encontro.

– Minha filha! – Exclamou Clau abraçando-a

PERIGOSAS ACHERON

com lágrimas nos olhos e me levantei colocando as mãos no bolso e olhando a cena.

Maria Clara ria como uma criança ao conversar e receber os carinhos dos pais, depois de tanto tempo.

Suspirei feliz ao saber que agora tudo voltaria ao normal.

Ou não.

Liberta

*“Eu estava sob um feitiço como um mero mortal
que sou,
na estrada para o inferno.”*

Break Free

Brandon

Quando meus sogros se foram, beirava a madrugada já e Maria Clara não queria dormir, de jeito nenhum! Ficamos a noite toda conversando sobre diversos assuntos aleatórios. Desde o que eu fiz nessas duas semanas em que ela ficou dormindo, até sobre séries de TV e sobre o aniversário da Susan e Ansel, que era no início do mês seguinte.

Beijei-a também até o ar nos faltar por horas a fio. A enfermeira retornou ao quarto tirando o soro do braço dela, assim como os fios ligados ao coração, para que permanecesse confortável durante a noite. De manhã cedo, já estava marcado alguns exames para ela fazer e com o resultado deles é que saberíamos o dia em que poderia sair de lá.

Eu estava mais cansado do que o normal. O dia mais cansativo naquele hospital comparado a todos os outros dias.

– Precisamos sair logo daqui. – Ela quebrou o

silêncio.

Estávamos deitados de conchinha, viramos para a janela molhada por conta da chuva. Uma de minhas mãos estava em sua cintura, onde ela segurava, e a outra em seus cabelos macios.

– Sei que precisamos. Ouviu o que o médico avisou? Só fazer os exames e saímos.

– Falta só mais duas semanas de férias, e eu mal aproveitei. Quero sair, conhecer alguns lugares. Ainda mais agora que Susan e Connor voltaram.

– Infelizmente eles voltaram por pouco tempo, pois precisam terminar o ano letivo no Brasil.

– Então! Por isso mesmo!

– Promete que vamos aproveitar antes de voltar as aulas?

– Prometo. – Beijeí sua testa. – Agora durma.

– Você vai estar aqui de manhã? – Sua voz era baixa e meiga.

Abri um sorriso e fiz um barulho positivo com a garganta, finalizando:

– Dorme, amor.

– Não consigo. – Respondeu, suspirando.

– Por quê? No que está pensando?

– Em você.

– Então sonhe comigo. – Pedi. – Só promete que de manhã vai acordar, por favor. – Debochei e ela riu rápido e baixinho.

– Prometo, boa noite.

– Boa noite, eu amo você. – Sussurrei em seu ouvido enquanto afagava seu cabelo ainda, até ela dormir.

Na manhã seguinte, Claudiana e eu acompanhamos Maria Clara nos exames que ela precisava fazer. Não demoraram muito, mas também não tivemos pressa alguma. Maria Clara já conseguia se levantar e andar devagar, com dores bem fracas nas costelas antes fraturadas.

Claudiana tinha trazido roupas limpas para Maria Clara, o que a deixou toda feliz, por que poderia tomar um banho e se trocar. E foi o que ela fez antes de almoçar e esperar os resultados dos exames no quarto.

– Que horas será que eles chegam? – Perguntou.

Ela já tinha perguntado isso mais milhares de vezes desde a noite anterior. Estava ansiosa para rever nossos amigos depois de tantos dias.

– Calma! Eles já vêm. – Apertei seu nariz com os dedos antes de beijá-la por alguns segundos.

Maria Clara

Sorri ao ver todos ali. Connor, Susan, Melanie e Ansel.

Que saudade eu estava de todos eles!

– Você nos deu um susto e tanto! – Exclamou Melanie me abraçando.

Dei um abraço apertado em cada um deles.

– Toma, é pra você não ficar entediada. Achei a sinopse sua cara!

Sue me entregou um embrulho. Logo o abri e sorri. Era um livro, com o título “*Não Sou Esse Tipo de Garota*”. Amei logo de cara, a capa era linda! Dei um abraço apertado em minha linda como agradecimento.

Em seguida surgiram muitos e muitos assuntos. Connor contou novidades do Brasil, Ansel contou

de como estavam as coisas na cidade nos últimos dias, até um assunto interessante surgir:

– Sei lá, eu apoio total uma festa em comemoração do aniversário de vocês mês que vem. – Disse Brad e todos concordaram.

– Tudo bem, gente, mas eu estou sem grana pra organizar tudo... – Susan repuxou os lábios depois de falar. – Vim do Brasil praticamente com a roupa do corpo. – Brincou.

– Se der tudo certo, vocês vão ter que dividir as despesas, aliás, o aniversário é dos dois, né? – Exclamou Melanie batendo na cabeça dela de leve.

– Bom, porque Ansel não empresta a casa e compra bebidas e Sue se encarrega da comida e da música? – Sugeriu.

– Por mim, está ótimo! – Sorriu Ansel e Mel bateu palminhas de felicidade.

– Bom, então vão fazer, cara. São os 18 anos de vocês, e precisamos de festa! Faz tanto tempo que não nos divertimos! Um motivo também, é a ressurreição da quase morta! – Connor me olhou, mostrei o dedo do meio para ele dando risada e ele me mostrou a língua. – E aí?

– *Ótimo, então. – Sue sorriu animada.*

Não é todos os dias que se faz 18 anos, não é?

Ficou combinado então que a festa seria na primeira sexta-feira de agosto na mansão dos Collins, às 22h. Eles começariam a resolver e contratar as coisas no fim do dia assim que saíssem do hospital. Rezava para que eu saísse de lá o quanto antes – e recuperada – para comemorar com meus amigos.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo celular do Brad que tocava em minha mão. Era Erin, então entreguei o celular para ele que me mandou um beijo no ar e se afastou para falar no celular. Meus amigos e eu ficamos conversando mais um pouco sobre a tal festa.

Sim, estavam todos empolgados. É meio óbvio, como Connor disse, fazia um bom tempo que não nos divertíamos todos juntos numa festa decente. Enquanto todos falavam e organizavam isso, eu conversava com Mel, que me contava sobre Landon.

Avisou que ele tinha me mandando um beijo, um abraço e melhoras. Disse que ele não pode vir por

estar com uns problemas em casa, que já é de costume, lembrei. Ela também avisou que ele vinha direto me ver enquanto eu estava inconsciente e que ficou todo feliz quando ficou sabendo que eu acordei. Sorri ao me lembrar dele.

Ao terminar sua ligação, Brandon chegou perto de mim de novo.

– Amor, era meu pai. – Começou ele a falar e eu prestei atenção. – Disse que Molly tá meio doentinha e quer me ver... Tem algum problema em ficar aqui com eles enquanto vou lá vê-la? Prometo que volto a noite. – Sorri.

– Não tem problema, pode ir. – Dei um selinho rápido na boca dele. – Mande lembranças a todos e um abraço de melhoras em Molly por mim. – Brad apenas assentiu e se foi.

Nem percebi quando tinha escurecido e todos eles precisaram ir embora. Despedi de todos com mais beijos, carinhos e abraços. Não canso de repetir: tenho os melhores amigos do mundo! Sorri a todos eles que prometeram me ligar no dia seguinte. Eles logo saíram, dizendo que passariam na lanchonete

PERIGOSAS ACHERON

do hospital antes de ir.

Ansel ficou mais uns minutos, perguntando assim que ficamos sozinhos:

– E aí, como foi acordar depois de tanto tempo, pequena? – Ele estava sentado ao meu lado enquanto eu dava uma olhada no meu livro novo.

– Foi... Estranho, mas foi bom. – Sorri.

– Ficamos tão felizes! Sério, foi horrível saber que você sofreu o acidente logo depois da tal briga com o Campbell... – ele abaixou o olhar e minha testa se franziu de imediato. – Aliás, percebi que vocês já estão numa boa de novo.

– Numa boa de novo? Como assim? – Não tinha entendido o que ele queria dizer.

– É, Clara. – Fez uma pausa. – Relaxa que eu não vou falar pra ninguém. Mas Brad me contou da dor que ele causou em você, da discussão e tudo o mais. Foi há minutos antes de você sofrer o acidente... – desembestou a falar e eu parei um pouco para pensar, sentindo algumas pontadas em minha cabeça. Eu me forçava mais e mais para lembrar do que tinha acontecido naquele dia. – Você é forte, fico feliz. – Ele sorriu. – E então, se

resolveram?

– Eu prefiro não falar muito nesse assunto agora, Ansel, se importa? – As palavras saíam de minha boca involuntariamente, enquanto algumas cenas invadiam minha mente como se fosse downloads novos em um computador antigo. Vi meu melhor amigo concordar com a cabeça, meio confuso. – Mas estamos bem. – Ele abriu um sorriso me dando um beijo na testa.

– Agora preciso ir. Amanhã eu te ligo, se cuida! – Se levantou e eu abri um sorriso para ele antes de vê-lo sumir porta afora.

As pontadas em minha cabeça ardem mais quando começo a me lembrar. Sim, eu começava a me lembrar.

Brandon no quarto bagunçado, Candice de calcinha e sutiã escuros... Meus olhos ardendo e marejados enquanto eu descia as escadas e tentava fugir de Brad.

“– Diz pra mim que aquilo que eu vi lá em cima é um pesadelo, por favor, por favor... – sussurrei e ele continuou em silêncio.

Aquilo me destruiu.

– Não era pra isso ter acontecido, eu estava fora de mim... Não pensei. Eu amo tanto você, amor. Já estou arrependido, é sério.”

As palavras ecoavam em minha mente e lembrei de estar chorando, lembrei de Brad chorando. Senti nojo de novo e meu estômago embrulhou.

Eu saía correndo no meio da chuva e meu coração estava seco, quebrado, eu sentia, tudo começou a voltar. A última coisa que ouvi antes de perder todos os meus sentidos foi um “NÃO!”, gritado da boca de Brad atrás de mim quando um clarão invadiu minha visão e algo pesado e forte se chocou contra meu corpo.

29

Respirei fundo com o choro na garganta. Eu lembro, agora eu lembro. Passei minhas mãos no cabelo depressa já com as lágrimas rolando no meu rosto e a dor sufocando o peito de novo.

Brandon me traiu, Brandon foi o real motivo por eu ter sofrido a droga do acidente e mais! Brandon mentiu para mim!

Mesmo chorando e destruída, decidi de que as coisas a partir de agora não seriam mais as mesmas.

Ah, não seriam mesmo!

Parecia que aqueles minutos se estendiam mais e mais, pareceriam horas, aliás.

Minha vista já estava enjoada de olhar para aqueles azulejos azul- claros na parede do banheiro do hospital. Meus olhos ardendo de tanto chorar. Que merda aconteceu com todo aquele nosso amor? Não dá para acreditar, juro que não dá! A dor era absurda.

Pensei vinte mil vezes sobre o tal assunto... É, eu estava agoniada para me mutilar de novo, mas dessa vez sem um pingão de dó de pulsos ou qualquer outra coisa. Eu só precisava decepar minha cabeça.

Mas eu respirava fundo todas as vezes que essa ideia vinha em mente. Eu não sobrevivi àquele acidente por acaso, certo? Deus quis me dar uma segunda chance e eu precisava mostrar o quanto eu estava bem, mesmo destruída por dentro. Acho que a dor que eu sentia era maior que a física no dia que aquele carro bateu em mim sem dó.

Eu só precisava sorrir, viver, e é isso que eu iria

PERIGOSAS ACHERON

fazer. Fim de papo.

Mais tarde, já em casa, sorri tímida ao entrar em meu quarto, que estava arrumado do jeito que eu deixei. Era início de madrugada já. Meu pai que estava cansado, já tinha ido dormir, e minha mãe, um amor de pessoa, disse que prepararia algo para eu comer, já que Angel estava descansando.

Resolvi tomar um banho para tirar toda aquela inhaca de hospital “barra” doenças “barra” clima ruim de mim. Aliás, o clima ruim e/ou triste, jamais sairia de mim, não é?

Liguei o registro da água e deixei-a escorrer enquanto tirava minha roupa e preparava tudo para o meu banho. Tanto de depilação quanto hidratar os cabelos e lavá-los com shampoo novo, tudo com um certo cuidado, meu braço ainda precisava de cuidados.

Já tinha passado longos e longos minutos de que eu estava no chuveiro. Já tinha terminado o banho, mas não conseguia sair de lá por: preguiça. Tudo o que aconteceu em minha vida passava direto como filminhos em minha mente e, a maioria das cenas

PERIGOSAS ACHERON

era com ele: Brandon. Só de pensar em sua voz, seu cheiro, seu rosto, meu coração rasgava, murchava, ardia.

Eu sabia que isso de pagar na mesma moeda era se rebaixar a um nível ridículo. Mas, era tudo ou nada. Ou eu piso nele, ou ele em mim.

Eu precisava fazer alguma coisa, e tudo por baixo dos panos, guardado só para mim. Ninguém sabia dessa merda de traição e isso era até um alívio! Mesmo assim, eu precisava pensar em alguma coisa... Precisava muito!

Percebi que deixei algumas lágrimas cair, mas não liguei, nem forças pra parar de chorar eu tinha mais.

Saí do banheiro logo depois, vestindo meu melhor pijama e arrumando meus cabelos. Em meu celular, tinha milhares de chamadas de meu namorado – ou seria ex-namorado? –, revirei os olhos.

Não retornei nenhuma delas. Mandeí uma mensagem aos meus amigos, dizendo a eles de que já estava em casa e estava bem. Nenhum deles respondeu, bom, já era tarde!

Assim que guardei o celular embaixo do travesseiro, minha mãe chegou no quarto com uma bandeja e se sentou em minha frente.

– Se eu fosse uma mãe normal, faria algo espetacular pra você, com carne, legumes e todas essas coisas. Mas como não sou, trouxe tacos, sei que você ama. Fora o suco de manga que não poderia faltar. – Sorri ao ver aquela bandeja maravilhosa.

Aquilo sim era comida! Aquilo sim era mãe! Dei um abraço nela, sem jeito, tomando cuidado com o meu braço.

– Por isso que eu te amo mais que tudo!

– Coma, tudo bem? – Pediu.

– Mas é claro que sim! – Já fui devorar minha maravilhosa refeição e ela puxou poucos assuntos para conversarmos enquanto eu comia.

Senti o celular vibrar direto na cama, mas ignorei. Sabia quem era e não estava com nenhuma vontade de atender. A conversa com minha mãe não foi tão longa, mas ela logo recolheu as coisas para mim e depois de falar mais de mil vezes que me amava, se foi.

Escovei os dentes com rapidez e me joguei na cama macia e cheirosa, toda minha com meu edredom geladinho e aconchegante, roxo, respirando fundo. Dia longo esse, não?

Meu celular tocou de novo e de novo. Se eu não atendesse, não conseguia dormir.

– Alô? – Disse eu ao atender.

– *Cacete, Maria Clara!* – Respondeu Brad, impaciente e aos gritos no telefone.

– Se for pra gritar eu desligo, Brandon. – As palavras saíram rápido de minha boca.

– *Desculpe! É que eu fiquei preocupado! Onde você está?*

– Em casa.

– *Em casa?* – Tinha muita indignação em sua voz, respirei fundo.

– Sim.

– *E porque não me avisou nada?*

– Esqueci, ué. – Falar com ele cansava.

– *Tá tudo bem com você? O que deu os resultados dos exames?*

– Nada.

– *Certeza?*

– Tenho, mas que coisa! – Eu estava a ponto de explodir.

A paciência eu tinha perdido de volta para casa.

– *O que aconteceu?* – Perguntou e eu respirei fundo.

Não poderia de jeito nenhum me exaltar. Para ele, eu esqueci tudo. E tinha que ficar assim por um tempo ainda.

– Nada, só estou cansada. – Menti em partes.

– *Tudo bem. Vou passar aí amanhã pra ver você, ok?*

Soltei um longo, repito, longo suspiro. Ah, não! Agora ia ser isso? Eu teria que aturá-lo? Beijá-lo todos os dias? Sorrir? Só de sequer pensar nele eu já queria chorar! Até quando isso iria durar?

Eu precisava pensar em alguma coisa.

– Tudo bem. – Foi o que eu consegui responder.

– *Tá tudo bem mesmo, amor?*

Amor? Ah, me poupe! Revirei os olhos.

– Ahan. Boa noite.

– *Sonha comigo, eu amo você.* – Esperei e

desliguei.

Soltei um riso sem vida, guardando o celular e logo adormeci em meio as lágrimas.

Sexy e Livre

*“Estou me sentindo sexy e livre,
como se estivesse chovendo glitter em mim.”*

Domino

Maria Clara

Duas semanas passaram tão, mas tão lentas, que eu já estava quase pedindo para Deus me mandar mais um acidente para que eu pudesse ficar inconsciente de novo.

Brandon não fazia ideia de que eu havia recuperado a memória e também não contei, agi como se nada tivesse acontecido, mas fazia sempre o possível para ficar o mínimo ao seu lado.

Fiquei bastante tempo em casa para me recuperar 100%, e ajudei meus amigos a cuidarem de tudo para a festa de aniversário dos dois que era no mesmo dia, 5 de agosto, hoje. Tudo estava a todo vapor.

As aulas haviam voltado fazia uma semana apenas. Não vi Candice e agradei. Tudo parecia normal. Tudo.

Ah, se todos soubessem o que aconteceu nessas férias...

Parada na frente do espelho, eu tinha a certeza de que o segundo semestre do ano iria dar muito o que

falar. Uma nova Maria Clara estava nascendo e eu não poderia fraquejar. Eu não iria! Sorri, observando minha roupa.

Meu vestido era rosa curto e colado, de uma alça só, cheia de brilhos no busto e que mostravam minhas curvas maravilhosamente bem. Minha maquiagem estava forte e chamativa. Meu salto alto – não era tão alto assim, por que ainda tinha medo de machucar minha coluna – de boneca fechado, preto fosco, eu já estava calçada e meus cabelos estavam com um certo volume, por conta dos cachos que eu fiz nas pontas.

Eu estava na mansão de Ansel, no andar de cima, sozinha. A festa tinha começado fazia um tempo e eu fui a última a começar a me arrumar, por isso a demora para descer, bom, foi realmente essa a ideia. Eu estava bem decidida do que iria fazer.

A casa já estava cheia, todos bebendo e rindo. A maioria do pessoal que estava lá, eu conhecia. No jardim e na sala, muita música e risada. O Sr. e Sra. Collins tinham saído, deixando a casa toda para nós.

Meu coração palpitou de emoção, de felicidade

excessiva, ansiedade. Eu estava realmente feliz com essa festa, precisava ficar feliz!

Depois do dia em que lembrei de tudo, só tinha falando com Brandon com nojo, puro nojo! Aquilo doía um absurdo, era surreal acreditar que ele jogou tudo o que tivemos pelo ralo. Mas atuar era o certo, claro. Ele se mostrava o mais fofo, o mais carinhoso e atencioso...

Como mente bem! Eu não acreditada mais em nenhuma vírgula do que ele dizia. Cacete, meus olhos já estavam marejados só de lembrar o quanto eu amava aquele cara!

Eu só precisava esquecer isso...

Respirei fundo, esbarrando meus lábios um no outro para espalhar o batom vermelho sangue. Sorri e saí do quarto, descendo as escadas e sorrindo para as primeiras pessoas que eu vi.

Tocava Domino, da Jessie J e ri, feliz.

Que bom começo!

Olhei o ambiente e quando meus olhos se encontraram com quem eu estava procurando, sorri vitoriosa.

Landon estava maravilhosamente lindo e sorria

PERIGOSAS ACHERON

para mim de volta.

Coloquei meus braços em volta de sua nuca, quando me aproximei dele, que estava ao lado do balcão no canto da sala. Seu cheiro estava muito gostoso. Ao olhar em seus olhos azuis, mordi o lábio.

A música que eu dançava já tinha acabado, e tocava uma outra eletrônica. Todos dançavam como se não houvesse o amanhã. Landon estava maravilhoso! De jeans escuro, camiseta cinza e sua jaqueta de couro macia.

– Fico feliz que tenha vindo.

– Fico feliz que esteja viva. – Zombou ele. – Senti sua falta.

– Vaso ruim não quebra! – Rimos por alguns segundos. – Soube que você foi me visitar, quando... – minha voz sumiu, respirei antes de continuar. – Obrigada pelo apoio. Voltei pra ficar. – Sorri para ele que me apertou em seus braços.

– Vejo que está bem melhor agora...

– Estou ótima, graças a Deus! – Respondi tomando um gole de sua vodca, que estava no balcão.

O líquido desceu rasgando em minha garganta.

– E linda, como sempre. – Falou tímido e eu abri um sorriso.

Conversávamos perto um do outro, aos sussurros, por conta da música. Aquilo era... Sexy. Sorri comigo mesma.

– Você também. – Fiz charme. – Mesmo com tudo isso, eu senti saudades suas.

– Se seu namorado ouvisse isso, ele não iria gostar muito. – Avisou.

Que namorado? Meu namorado não tem moral, Landon, fique tranquilo. Revirei os olhos soltando um riso.

– Eu não tenho namorado. – Respondi séria e firme. Ele franziu a testa, confuso.

– Até ontem você tinha.

– Hoje é um novo dia.

– O que houve? – Perguntou, receoso.

– Problemas, Lan, problemas. – Respondi rápido, sem prolongar muito. Aquilo tudo tinha que sumir de minha cabeça, e logo! Tomei mais um gole rápido de sua vodca. – E você, como está?

– Estou bem. Melhor agora em saber seu estado.

Não sei se ele quis dizer sobre meu estado de saúde ou o estado da minha vida amorosa. Sorri mesmo assim. Aquele garoto era um amor.

Uma outra música começou a tocar e eu sorri, fazendo com que ele me abraçasse de novo e começamos a dançar: *We Can't Stop*, da Miley Cyrus.

Brandon

O esquentão tinha começado cedo, bem antes da maioria dos convidados chegarem. Eu já tinha bebido um pouco de tudo, mas ainda estava em sã consciência. A mansão dos Collins estava bem cheia, com muitos amigos e conhecidos nossos.

Já tinha se passado um tempão quando Maria Clara desceu do quarto, onde tinha se arrumado. Meu coração sorria observando aquela mulher, que dançava toda sorridente e feliz. Como eu sentia saudades de tudo assim, sabe? Tudo ótimo e em bom espírito.

Ia de encontro com ela, quando Dexter me distraiu, falando de algo que eu mal prestei atenção me fazendo perde-la de vista. Foi difícil encontrá-la de novo. Andei por toda a sala com um copo de tequila na mão, procurando, procurando... Até vê-la no balcão de bebidas. Foi um alívio. Um alívio ruim, pois Landon e ela dançavam juntos.

Meu sangue ferveu nas veias. Cacete, não suportava aquele garoto! Não suportava o fato de

ele morrer de amores pela minha namorada, por ele existir, respirar e viver no mesmo mundo que eu.

Inútil!

Maria Clara ria lindamente nos braços daquele imbecil enquanto eles dançavam. Senti o copo ameaçando em minha mão e o joguei no chão com força, pisando firme indo em direção a eles, acabar com aquela cena de circo.

Peguei em seu braço gelado e só assim, ela me viu. Seu olhar endureceu e sua primeira expressão foi séria. Puxei-a, fazendo-os se soltarem.

– Ai, Brad, me solta! – Gritou. – Você está nos atrapalhando!

Eu estou o quê?

Landon permanecia imóvel ao nosso lado.

– Vem, tenho que falar com você.

– Não vou a lugar nenhum com você, estou ocupada, aliás, você está atrapalhando! – Repetiu, me fazendo soltar seu braço, que logo foi parar no pescoço de Landon.

– Maria Clara, eu não vou repetir! – Gritei de novo, a ponto de explodir, puxando-a para longe dele.

Levei-a pelo braço até uma parede próxima, depois do balcão. O ambiente era escuro. A empurrei na parede, com uma certa força. Minha paciência estava esgotada.

– O que foi aquilo? – Perguntei, fitando-a.

Ela estava despreocupada, dançando e sussurrando algumas falas da música, como se tivesse bêbada, mas eu sabia que não estava.

– Uma dança? – Respondeu, irônica.

– E você acha que eu tenho cara de palhaço? Ter que ver você de dancinhas com ele na frente de todo mundo? – Perguntei sabendo que ela não estava me ouvindo. – Hein?

– Quietos, Brad, escuta a Miley... – pediu ela aos sussurros, cantando a música de um jeito engraçado.

– Estou falando com você! – Exclamei, apertando seu braço.

A música foi acabando devagar, dando lugar a outra que começava.

– Brad, chega! – Ela deu um tranco no braço me fazendo soltá-lo de novo. – Me solta! Eu não devo satisfações pra você! – Estranhei sua reação.

– Sou seu namorado, é meio obvio você dever satisfações pra mim. Você sabe que eu odeio suas gracinhas desnecessárias com esse cara! – Gesticulei as mãos no ar.

– A partir do momento em que você se deitou na cama com aquela filha da puta, repito: não devo satisfações pra você! – Gritou e meus olhos se arregalaram involuntariamente. – Por que o espanto? Achou que eu não ia lembrar, Brandon? Desculpa te chatear, mas achou errado.

Abri a boca para falar algo, mas logo a fechei, as palavras tinham sumido.

– Então, licença, que eu não vou deixar você estragar minha noite, como estragou minha vida! – Exclamou e saiu, andando rápido e logo sumindo de minha visão na multidão de gente.

Soquei a parede com força, sem nenhum pinga de paciência.

Eu não acredito nisso!

Maria Clara

Dessa vez, era *Tonight I'm Getting Over You* de Carly Rae Jepsen que tocava bem alto e eu estava mais que feliz. Eu não podia fraquejar, mesmo quase fraquejando.

Brandon não consegue entender o quão estúpido ele é!

A noite passou voando! Os parabéns foram cantados. Eu fiz discurso com palavras bonitas para meus maravilhosos amigos e depois, todos caíram na pista de novo. Beiravam 3h da manhã.

Brandon não tinha vindo mais falar comigo, por mais que eu já soubesse que era isso o que ele queria fazer. Passou a noite toda me encarando e a minha vontade era de ir estrangular a garganta daquele imbecil! A raiva mal cabia em mim.

Dancei e bebi mais com as garotas, com Ansel e principalmente com Landon.

Ai, Landon, eu quero tanto dar o que você sempre quis...

Mas, era só eu ter a oportunidade, que logo a

perdia, por conta daqueles olhos cor de mel que ecoavam em minha mente.

Eu tinha que conseguir, eu precisava, com todas as minhas forças eu precisava fazer o que Brandon mais temia que rolasse. Mas meu coração só sabia chamar por ele, só sabia amar o mauricinho infiel. As coisas precisavam mudar! E iam!

A festa parecia que não ia ter fim, assim como a energia de meu corpo, a bebida que corria em minhas veias e minha felicidade que nasceu de não sei onde. Eu conversava com Landon sobre algo que eu nem sabia exatamente o que era, quando ele sussurrava algo em meu ouvido e eu fazia carinho em seus cabelos louros.

– Amiga, vem aqui um minutinho! – Mel me chamou, pegando minha mão.

Junto dela, estava Sue. Eu fui, mas com meus dedos entrelaçados aos de Landon, que estava mais do que feliz.

Você está iludindo o garoto que ama você, Maria Clara, como consegue?

Meu inconsciente me perturbava.

Poxa, não era assim também... Não é?

– Tá tudo bem com você? – Mel perguntou em meu ouvido.

– Tudo ótimo! Por que, meninas? – Elas me olhavam enciumadas.

Melanie balançou a cabeça.

– O clima entre você e Brandon tá estranho demais, estamos preocupadas... – comentou Sue.

Bufei.

Gente, quem é Brandon?

– Ué, gente, por que a preocupação? – Dei risada.
– Estou ótima, não conseguem ver? – Perguntei e coincidentemente na mesma hora, Landon me abraçou por trás com seus enormes braços.

Hum, o conforto era ótimo.

As duas franziram as testas realmente confusas. Eu não sabia como explicar a elas a situação. O jeito era elas ficarem confusas mesmo.

– E isso... É o que? – Perguntou Sue apontando para Landon e eu abraçados.

Dei graças a Deus por ele não estar entendendo nossa conversa.

– Um casal? – Falei como se fosse óbvio e elas

arregalaram os olhos.

Bebi um gole de tequila do copo de Melanie e devolvi para ela que perguntou:

– Um casal? Não estamos entendendo nada, Clara! Brandon tá muito esquisito, você também. Aconteceu alguma coisa?

– É! – Exclamei. – Fiquem calmas, tudo bem? – Pedi. – Já ouviram aquele ditado: “*chifre trocado não dói*”? Pois bem! – Afirmei e elas ficaram boquiabertas.

Sei que entenderam, mas cada uma a sua maneira.

Ouvi Ansel chamar Melanie, e mesmo com uma expressão surpresa no rosto, ela se foi. Susan me olhou por alguns segundos e depois, a vi engolir em seco.

– Por favor, não faz besteiras. – Pediu e eu não entendi o que ela queria dizer, só abri um sorriso, concordando.

Slow Down de Selena Gomez começou a tocar e eu abri um sorriso enorme a aniversariante, puxando-a pela mão e subindo no balcão com a ajuda de um banco alto. Mil ideias brotavam assim,

PERIGOSAS ACHERON

do nada. Mesmo tímida, ela subiu comigo e começamos a dançar. Nós rimos uma para outra, ao vermos que estávamos atraindo olhares da maioria do pessoal que estava lá.

Principalmente de Brandon, claro, que me olhava com a cara fechada, tomando sem parar um líquido no copo vermelho. Seus olhos estavam vermelhos.

Seu olhar era quente e soltava faíscas. Ele estava puto de raiva, eu sabia. Sorri, satisfeita, desviando meu olhar do dele.

Susan e eu continuamos a dançar e rir de nossas palhaçadas. Rebolei devagar, jogando os cabelos e rezando para não cair do salto. Fechei os olhos jogando os braços para cima e ouvia gritos de todos em nossa volta. Como eu amava ser o centro as atenções!

Minha cabeça rodava, a música entrava em minhas veias como droga, tudo era muito alto e com uma energia ótima. Cantei algumas partes da letra, passando as mãos pelo corpo, principalmente nas pernas, fazendo com que o vestido se levantasse, a medida com que eu me mexia.

Landon estava logo embaixo me fitando

loucamente e mordendo seus lábios que já estavam vermelhos, por conta da força que ele colocava sobre eles.

Que vontade de mordê-los!

Pisquei para ele, que sorriu malicioso para mim.

Susan desceu segundos depois da bancada, com a ajuda de um garoto que estava ali perto, que eu não percebi quem era. Depois, Landon me ajudou a descer e me agarrou pela cintura.

– Amiga, eu amo você! – Gritou ela, ainda rindo.

Ri junto. Outra música já tocava e todos voltaram a dançar, sem nos dar mais atenção. Ah, claro, a não ser, um olhar, que ainda me engolia o quanto podia. E mesmo sem olhar de volta, eu sabia quem era.

– Te amo mais! – Soltei um beijo no ar para minha linda amiga, que estava maravilhosa naquela noite, que era tão especial para ela.

Quando ela sumiu na multidão, olhei Landon, que me fitava intensamente. Coloquei minhas mãos em seu pescoço quente.

– Você está linda, já te disse isso? – Perguntou em meu ouvido.

– Já, mas pode dizer de novo, amo ouvir. –
Brinquei e ficamos nos olhando.

Tão perto, tão... Envolvente.

– Linda, linda, linda!

Landon voltou a morder os lábios.

– Não faz isso. Porque assim, fico morrendo de vontade de morder também. – Assim que disse isso, seu sorriso de alargou.

– E porque não morde? – Senti sua mão fazer carinho em meu cabelo e só tive tempo de tomar ar antes de nossos lábios se roçarem.

Passei minhas unhas com um pouco de força em seu pescoço, meu coração estava palpitando rápido. As mãos de Landon agora me envolviam no abraço pela cintura e...

Ele beijava muito bem!

Senti alguns olhares em cima de nós, mas não liguei, sorrindo entre o beijo, aproveitando aquele momento bom...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Dei uma tragada tão forte e rápida, que tossi depois. Respirei fundo e voltei a tragar por longos minutos, horas, eu acho.

Maria Clara estava impossível! Não conseguia acreditar. Porque ela teve que lembrar? Nós estávamos bem, estávamos ótimos! A merda da memória dela tinha que ter sumido de vez, mas não, eu tinha que me ferrar.

A casa estava cheia demais para ficar dentro, então, estávamos Connor, Caleb e eu ao lado da piscina, depois dos parabéns. A melhor coisa que tinha naquela festa era a maconha, fim de papo.

Decidi voltar lá para dentro e pegar alguma coisa para beber. A madrugada estava longa. Minha garganta estava estranhamente seca e eu estava impaciente. Esfreguei meus olhos ao entrar, pegar tequila com Ansel e ver Maria Clara começar um showzinho nada bonito.

Bom, bonito não... Espetacular! Demais até. Em cima do balcão, ela dançava maravilhosamente bem

com Susan, em meio a risadas e reboladas. Todos ali as observavam, como se fossem duas strippers de uma boate fajuta. Meu sangue fervia nas veias.

Ela me olhava, sorri maliciosamente e eu sabia que ela fazia aquilo de propósito. Sabia como me deixar irritado e usava isso sempre que podia.

Porque eu tinha que amar tanto essa mulher?

Seus cabelos voavam à medida que ela balançava a cabeça. Seu vestido mostrava suas pernas nuas, quase dava para ver sua calcinha.

Ficar distraído para mim, é como algo fatal, como se a cada distração minha, algo acontecesse para me derrubar, para perfurar a minha alma, do jeito mais doloroso e profundo. E foi assim que me senti enquanto observava Clara descer do balcão logo nos braços de Landon.....

Eles se beijaram?

A droga era tanta que eu duvidava. Mas só foi preciso semicerrar os olhos por alguns segundos para ver que... Sim, Maria Clara estava aos beijos com outro cara, ali, na minha frente.

Ouvi o estralo do copo – dessa vez – de vidro, se espatifar no chão e fui de encontro aos dois com o

PERIGOSAS ACHERON

sangue pulsando sem controle nas veias.

Filha da puta!

Ela estava ficando louca? Isso não ia ficar assim!

Meu punho fechado foi de encontro ao rosto de Landon que já estava a todo riso com a minha mulher, cacete, que desgraçado! Metade de seu corpo foi jogado em cima do balcão, que fez com que os copos caíssem e quebrassem. Os murros que eu dava nele eram constantes e rápidos. Eu tentava descontar minha raiva incessável na cara dele, que foi pego tão de surpresa e não conseguia revidar.

Meus dedos doíam de encontro com os ossos dele, daquele inútil que ousou tocar na minha mulher!

Minha!

Mal percebi quando a música foi desligada, Ansel e Connor apareceram atrás de mim, com tentativas falhas de me imobilizar.

Eu não conseguia raciocinar.

– Brad, para, pelo amor de Deus, Brandon! – Ouvi a voz chorosa de Susan, ao meu lado.

Respirei fundo passando a mão na testa. Meu peito subia e descia rapidamente.

PERIGOSAS ACHERON

Todos me observavam, parados onde estavam. Ansel ainda me segurava e Maria Clara estava com seus olhos sombrios e perdidos olhando para mim. Minha respiração ficou fraca.

– Me soltem, cacete! – Gritei para eles, que permaneceram me segurando. – Tá tudo bem. – Avisei, dando um tranco em meus braços e eles me soltaram rapidamente.

Landon estava me olhando com o nariz e o supercílio cortados e sangrando. Ainda não era o bastante, mas desviei meu olhar do dele.

– O que está acontecendo aqui? – Ansel perguntou. – Cacete, Campbell, olha o que você tá fazendo, cara! – Gritou olhando toda a situação.

– Ué, pergunta pro seu amiguinho talarico. – Gritei.

Com a respiração rápida, Landon olhou para Maria Clara, balançando a cabeça e sumindo no meio de todos ali.

– Lan, espera! – Ouvi a voz de Maria Clara, dando dois passos na direção do garoto. – Vou contigo!

– Você não vai. – Disse firme, pegando em seu

PERIGOSAS ACHERON

braço.

– Me solta, Brandon! – Pediu impaciente.

Seus olhos perdidos e indescritíveis olhando os meus.

– Você vem comigo! – Puxei-a, indo em direção as escadas.

– Não! – Ela tentou se debater e todos ainda nos observavam.

Garota teimosa do cacete!

– Ah, vem sim! – Coloquei-a em meu ombro com força.

Maria Clara ficou confusa no primeiro momento, mas no outro, batia em minhas costas aos gritos enquanto eu a levava para o quarto a força.

Maria Clara

Humilhada. Era exatamente assim que eu me sentia. Quem aquele garoto pensa que era para me pegar como um saco de batatas e me jogar nas costas no meio de todo mundo? Filho da puta!

Minha raiva estava sendo dobrada a cada segundo que eu passava ao lado dele. Primeiro foi a maldita traição, depois o acidente, a mentira, seu ciúme possessivo, a surra que ele deu em Landon na frente de todos e agora isso? Chega!

Meu corpo foi jogado na cama com força e depois o vi indo em direção a porta, onde Melanie entrava apressada e preocupada. Arrumei meus cabelos com pressa e vi que estávamos no quarto de Ansel.

— Gente, pelo amor de Deus, o que está acontecendo? — A voz de minha amiga estava desesperada e seu olhar inocente.

— Nada. Por favor, nos dê licença. — Pediu Brandon, tão gentil que nem parecia ele.

— Por favor, Brad, fica calmo... Olha, a festa

ainda tá rolando, desçam, depois vocês conversam...

– Melanie, licença! – Gritou, esgotado. Isso, voltou o Brandon impaciente e ignorante. – Sabe o ditado: “*em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher*”?

Cacete, o que ele tinha na cabeça para falar ditados populares numa hora dessas?

– Até porque seria meio sem sentido eu chegar com uma colher aqui no meio de vocês... – a inocência dela me fez rir.

Como eu amava essa Melanie!

Deitei na cama gargalhando com minhas mãos na barriga. Olha lá o efeito do álcool!

Brandon olhou furioso para ela, dando a entender que não gostou da piadinha.

– Vocês estão todos cheios de ditados hoje. Se matem aí! – Gritou ela irritada antes de sair batendo a porta.

Cessei a risada quando o olhar claro, mas endurecido de Brandon encontrou o meu.

Senti um frio desconfortável na espinha. Engoli em seco.

– Por que você fez isso? – Perguntou me olhando, perto da porta com a sua posse de bad boy.

Ridiculamente lindo.

– Isso o que? – Perguntei levantando a sobrancelha.

Eu já estava apoiada na cama pelos cotovelos, de barriga para cima.

– Para de se fazer de estúpida, garota! Você tá com o que na cabeça pra me trair assim? – Não consegui conter a risada de novo.

Talvez ele tivesse comido a maconha e não fumado. Brandon dizia coisas hilárias!

– Não sei, Campbell, me responde você! – Gritei.
– O que passou em sua mente quando se deixou levar pelo desejo de sentir Candice todinha sua, na sua cama? Foi boa, não foi? Aposto que foi. – Ele fechou os olhos balançando a cabeça. – Ah, a propósito, eu não traí você.

– Traiu! Não lembro do momento em que você terminou comigo.

– Ah, não? Quer que eu diga com todas as letras? Eu digo. – Levantei-me. – Pronto, Brandon, terminamos. A-ca-bou. – Fiz questão de ressaltar
PERIGOSAS ACHERON

cada sílaba da última palavra.

Em fração de segundos, ele deu um murro na porta me fazendo segurar a respiração.

– Ninguém lá embaixo sabe do que aconteceu, Maria Clara. Para todos somos um casal.

– Éramos! – Ressaltei alto, mas ele ignorou.

– Onde eu vou me enfiar agora?

– Agora já foi. – Repuxei o lábio com um riso. Ele quase me engoliu com o olhar. – Hum... – fingi pensar um pouco. – Faz assim, se enfie no mesmo lugar em que você colocou seu pau quando perdeu toda a minha confiança e carinho. – Sorri de novo.

A música tinha voltado lá embaixo. Estava baixa, pelo que eu prestei atenção. Aliás, eu não estava prestando atenção em nada mais. Minha cabeça latejava. Era muita coisa, para pouca noite.

– Você precisa acreditar em mim. – Ouvi sua voz de novo depois de segundos. Ela estava mais baixa, mesmo ele ainda estando bravo. – Você não pode fazer isso comigo.

– Brandon, para de ser tão egoísta! – Gritei. – Você não entende que já chega? Pelo amor de Deus, você despedaçou e jogou fora todos os meus

PERIGOSAS ACHERON

sonhos e esperanças! Você quer sempre ser o dono da razão, faz as coisas ao seu prazer e tá tudo bem. Saiba que as coisas não são assim!

– Não fala assim! – Respondeu, vindo em minha direção. – Sou humano, eu erro! Você tem que me perdoar! – Sua mão tocou meu ombro.

Eu me afastei tirando seus dedos de mim e fui em direção a porta, antes que eu conseguisse colocar a mão na maçaneta, ele me virou bruscamente me fazendo chocar minhas costas na porta fria.

– Você não é assim, caralho, para! Me escuta! – Gritou.

Agora quem estava furiosa era eu!

– Não sou assim? – Fiz uma pausa. – Talvez agora, eu seja assim! A Maria Clara, aquela garotinha ridícula que chorava por você, se mutilava por você, aguentava suas vontades e sofria calada, morreu naquele acidente. Levou com ela o amor que eu sentia por você, Brandon! – Gritei, tentando parecer convincente, mas acho que não deu certo.

Eu estava destruída, não sabia mentir.

Seu olhar ficou mais sombrio e triste, agonizante.

Meu coração estava acelerado demais e eu mal conseguia ficar em pé. Talvez por conta da bebida, o cansaço, a dor de cabeça ou tudo junto. Eu só precisava de um pouco de paz. Só paz.

Ou talvez, morrer e nascer de novo.

Ele suspirou pesado e senti sua mão em meu cabelo. Minha boca estava perto demais da dele, meu pescoço estava ali, exposto e entregue a ele. Ele mordeu os lábios com força.

– Você é minha! – Sussurrou em meu ouvido.

Senti minhas pernas fraquejarem.

– Eu sei que você não vive sem mim. Você me ama. – Ele beijou meu pescoço devagar, com aquela boca molhada.

Ah, aquela boca!

*Pelo amor de Deus, Maria Clara, não fraqueja!
Por favor!*

– Você precisa me perdoar. Por favor. – Brandon continuava a dizer baixinho, beijando minha orelha.

Revirei os olhos. Minhas pernas estavam bambas, eu não conseguia fugir. Estava tão imóvel, que nem as mãos eu conseguia mexer.

– Brandon, por favor... não dá mais. – Tentei falar.

Eu estava a ponto de chorar. Era tudo confuso. Porque as coisas tinham que ser assim?

Seu cheiro era embriagador. Suspirei, afastando-o para longe de mim, antes que fosse tarde demais. Ele me fitou, confuso e triste. Mexi a cabeça de um lado para o outro, mole e fraca. Sai do quarto às pressas antes que ele pudesse ver meu estado mais que deplorável.

Meu coração estava destruído, eu não sabia o que fazer da vida. Não era para eu ter sobrevivido àquele maldito acidente.

Inferno!

Namoro?

*“Eu sei que você tem sua parede envolvida em
torno do seu coração.
Você não precisa ter medo, meu amor.
Mas você não pode voar, a menos que você se
deixe cair.”*

Justin Bieber

Setembro de 2009

Maria Clara

Sim, a vida passa devagar quando você não vive bem. Vive sem rumo, sem objetivo, sem sorrisos. Eu mal sei como é sorrir de verdade.

Conversar com meus pais sobre o fim do namoro foi realmente uma barra e tanto. Nunca que eu contaria sobre a traição. Era esmagador lembrar nisso, então eram só mentiras e mentiras. Os amigos todos sabiam, ou melhor, o colégio e o mundo todo sabia.

A única coisa útil que eu fazia da vida era sempre: os estudos. Ansel e companhia eram maravilhosos como sempre. Landon, nem se fale! Mesmo sabendo do que houve entre Brandon e Candice, ele ter achado que eu o usei do pior jeito possível e termos discutido, ele não me abandonou. O amor dele não deixou que ele o fizesse. Isso ardia meu peito.

Todas as noites eram choros e mais choros, por estar longe da pessoa que eu mais amava na vida e por enganar uma bem... Importante. Eu gostava de

Landon, mas nada era comparado a Brandon.

Brandon era como uma fortaleza para mim. Ele pode ser o que mais me faz sofrer, mas é também o que mais me faz feliz. É essencial, um conforto, um ponto de paz.

Porque tudo tinha que ser tão difícil? Não cansava de me questionar a mesma coisa.

Brandon passou de “o gostoso e popular Campbell” de Thompson High, para “Campbell, o maior fodeador de Los Angeles”. Isso era ridículo. Bem ridículo, aliás. Comia duas por noite e era isso aí. Fechado, afastado do que ele é. Numa máscara de algo fictício do real garoto pelo qual eu me apaixonei. Pelo menos, foi o que eu soube por aí.

Quando era para sair todos juntos, era feita uma votação: ou Maria Clara e Landon, ou Brandon Campbell e seu lanchinho do dia. Mesmo sem ninguém contar, eu sabia que era basicamente assim.

O terceiro bimestre escolar estava a todo o favor, meus amigos mais ainda e a novidade da vez era o tão esperado acampamento de aniversário. Sexta-feira tinha o nosso tão esperado acampamento. Era

sexta-feira 13, então Lauren sugeriu que fossemos acampar, também em comemoração ao aniversário de Dexter dia 15.

Todos concordaram de primeira, confirmando assim com o pai do aniversariante, que levasse todos nós de ônibus para a reserva florestal que ele conhecia bem. Íamos ficar lá de sexta-feira até domingo. Todos já estavam eufóricos!

Apertei forte a mão de Landon enquanto subíamos na pontinha dos pés pelas escadas da minha casa, indo em direção ao meu quarto em silêncio para não acordar meus pais. Eram 22h da noite ainda, mas com certeza eles já tinham ido descansar.

Tranquei a porta do quarto por dentro, ligando as luzes e fui logo até a minha cabeceira, colocar minhas joias lá em cima, enquanto Landon tirava os tênis e os colocava no chão do quarto.

— Gostou do jantar? — Perguntou passando suas mãos em meu rosto me olhando nos olhos.

Tínhamos acabado de sair de um restaurante, perto da casa dele, onde jantamos lasanha, que

PERIGOSAS ACHERON

estava maravilhosa por sinal. Sorri.

– Anei. – Respondi e ele sorriu para mim antes de me beijar.

Sua língua com gosto doce invadia minha boca devagar. O beijo dele era tão único. Tenho sorte por ele me amar. Ainda não tinha me acostumado com tudo isso...

– Quer tomar banho? Pegar alguma coisa na cozinha antes de dormir?– Cortei o beijo sem querer, ele fazia carinho em meu rosto e eu segurava seus braços.

– Não. Quero deitar com você, só isso. – Depositou um selinho em meus lábios. – Pode ser? – Apenas concordei com a cabeça.

Deitei na cama e ele me puxou para junto de si, fazendo com que ficássemos de conchinha. Percebi que ele só estava de cueca. Oh, céus. Acomodei-me na cama e em seus braços. Ele beijou minha orelha e ficamos em silêncio, só ouvindo o barulho do vento lá fora.

Tentei não pensar em nada de ruim, pelo menos, não naquela noite, onde Landon estava comigo.

Mesmo assim, fiquei confortável e relaxada ali,
PERIGOSAS ACHERON

sem medo e sem perigo. Estava quase cochilando, quando ouvi sua voz baixinho.

– Está dormindo?

– Não. – Respondi com um sussurro de volta.

– Posso perguntar uma coisa pra você?

– Claro. – Respondi, virando um pouco a cabeça para ouvi-lo melhor.

– Por que você ainda não me respondeu?

– Respondeu o que?

– A pergunta que eu te fiz há duas semanas... – engoli em seco. Ah, aquela pergunta.

– Landon, ainda está tão cedo para pensarmos em namoro. – Admiti. Estávamos ficando há um mês, é claro que não era cedo, até porque, Brandon e eu começamos a namorar, quando estávamos ficando mais ou menos esse tempo... Bom, é que eu só não queria algo sério agora, com ele...

Droga! Porque eu ainda penso em Brandon?

Odeio esses pensamentos chatos e constantes que me perturbam...

– Ainda é cedo pra você? – Ele me virou, fazendo com que ficássemos de frente um para o outro.

Mesmo tudo escuro, sabia que seus olhos estavam tensos.

– Sim. Me dê mais um tempo, tudo bem? Não quero tudo rápido. – Passei minha mão em seus cabelos. – Estamos tão bem assim... – depusitei um beijo no canto de sua boca.

– Ok. – Consentiu depois de alguns segundos. – Mas saiba que eu... Eu amo você. – Sussurrou e eu sorri fraco, mesmo me sentindo um pouco incomodada.

Um pouco não, bastante incomodada!

Acampamento

*“Quando as pessoas se importam umas com as
outras,
sempre dão um jeito de fazer as coisas darem
certo.”*

Nicholas Sparks

Maria Clara

Quinta-feira, fim de aula: sempre a mesma coisa! Estávamos todos saindo do colégio, quando no estacionamento, observei Landon, reparei nele durante todo o dia. Ele estava bem esquisito.

– Ai, para! – Pedi de saco cheio, parando de andar e ele fez o mesmo, me olhando. Estavam comigo apenas ele e Ansel. – Me conta, o que você tem?

– Nada...

– Como nada? Você tá tão estranho... Diz pra mim. – Fiquei olhando, ele soltou o ar com rapidez.

– Não é nada de mais, é que eu não vou ao acampamento amanhã.

– Que? – Arregalei os olhos.

– Isso mesmo que você ouviu. Minha família precisa ir pra Austrália hoje à noite, voltará só segunda-feira e eu não posso deixar de ir. Minha avó está muito, muito mal.

– Quando você iria me contra isso, Landon? Quando já estivesse lá?

– Não... Estou contando agora, não estou? – Perguntou baixo e revirei os olhos, cruzando os braços. – Não fica chateada, eu queria muito ir.

– E eu também! Quero muito ir! – Exclamei.

– Então vá, linda, pode ir. – Disse gentil.

– Meio chato ir numa viagem de casal e eu, que tenho acompanhante, ir sozinha. – Protestei.

– Ué, você vai estar com os seus amigos também, não tem problema nenhum. – Landon me fitou, depois, olhou para algo além de mim e virei de costas para olhar também. Melanie estava junto de Dexter e Brandon. – Contanto que você tome cuidado. – Pediu ele baixinho.

Sorri com carinho.

– Tudo bem. Tem certeza? – Ele mexeu a cabeça. – Ok então. – Sorri de novo, tentando conter uma felicidade repentina e crescente.

Ansel estava ao nosso lado, distante que só a porra, fixado no celular, mas eu sabia que estava escutando tudo.

– Gente, vou ali falando com a Melanie. Nos vemos depois? – Ansel sorriu e como resposta eu sorri para ele antes que saísse andando.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

– É ruim? – Perguntou Dexter me fazendo desviar o olhar.

– O quê?

– Ver a mulher da sua vida nos braços de outro.

Bufei.

– Desnecessário, hein. – Debochei.

– Imagino que seja. – E você não sabe como!, pensei.

Meu coração só falta ser triturado toda vez que vejo os dois juntos.

– Sem amor, sem dor. – Filosofei e ele riu.

– Para de ser tão babaca, cara! Sou seu amigo, conheço você. Sei que você ainda a ama. Mesmo sendo assim.

– Assim como? – Perguntei já sentindo uma mão delicada no meu ombro, quando olhei, Paige estava me abraçando e se esfregando em mim.

Mais uma.

Sua boca veio de encontro a minha, sugando

meus lábios e me fazendo agarrá-la pela cintura. Ao terminar, ela estava sem fôlego.

– Te vejo amanhã? – Perguntou e eu a soltei, concordando com a cabeça antes de dar um tapa em sua bunda de leve, fazendo-a rir e se afastar.

Passei meus dedos no canto da boca e ouvi a risada alta de Dexter.

– Assim! – Disse ele. – Entendeu agora o que eu quis dizer? – Consenti. – Bela fachada.

– Obrigado amigo, obrigado! – Ironizei e ele riu.

Avistamos Ansel vindo em nossa direção e na mesma hora, Melanie finalizou a ligação com uma amiga, com quem ela estava conversando. Logo abraçou o namorado e deu-lhe um beijo em seus lábios.

Saudades de Maria Clara fazendo a mesma coisa comigo, eternas saudades.

– Estão sabendo da última? – Perguntou Ansel.

– Ihhh, já vi que veio pra fofocar. – Brinquei e ele riu debochado.

– É do seu interesse, se eu fosse você, calava a boca pra ouvir.

Revirei os olhos.

– Conta, fiquei curiosa! – Melanie pediu, ansiosa e Ansel olhou pra trás e quando sua atenção estava em nós de novo, sorriu.

– Landon não irá viajar conosco amanhã. – disse por fim.

– Não? Por que não? – Melanie perguntou rápida.

– Viajará com a família de última hora... – Ansel olhou sorrindo para mim e eu não me aguentei.

Sorri igual uma criança que ganha doce.

– Sério isso? – Perguntei.

– Sério, cara. – Fez uma pausa, ainda sorrindo.

Amigo é assim! Como eu amo esse Ansel!

– Maria Clara vai conosco, ele não deixou que ela ficasse em casa sozinha enquanto todos nós vamos estar lá nos divertindo.

Não conseguia parar de sorrir. Olhei na direção dela, que soltava Landon e depois de trocarem duas palavras, ele foi embora, deixando-a sozinha.

E então, uns mil planos já brotavam na minha cabeça.

– Aí, sua deixa, cara! – Comentou Dex e Melanie

vibrou de felicidade. – Parece que vamos comemorar mais coisas nesse fim de semana!

– exclamou a loira de dedos cruzados e olhos fechados, como se rezasse, e todos nós rimos.

– Não deixa passar essa... – pediu Dex.

Olhei para ele, tentando conter minha felicidade. Todos ali torciam pela mesma coisa que eu. Por isso que eu digo, tenho os melhores amigos do mundo! E é lógico que eu não ia deixar passar. Sorri de novo, com o coração explodindo de esperança.

A ansiedade mal cabia em mim quando cheguei à casa de Dex atrasado na sexta-feira de manhã. Marcavam 9h08 da manhã no visor do celular. Entrei na sala sem bater e todos gritaram quando eu cheguei. Dexter, Lauren, Ansel, Melanie, Paige, Katherine e Caleb. Ri e cumprimentei todos.

– Até que enfim a bela adormecida chegou. Achei que fosse furar com a gente, mané. – Zombou Ansel.

Como eles conseguiam ser tão chatos?

– Sei que você não iria sem mim, meu amor. – disse de braços abertos para ele, que se levantou do sofá com uma cara de prostituta no cio e veio me abraçar.

Apertei-o com força, dando um tapa em sua bunda.

– Ai, amor, na frente deles não! – Falou com uma voz irritante e todos caíram na gargalhada.

Em seguida, joguei-me no sofá, despreocupado.

– E aí, quando saímos? – Perguntei, vendo alguns conversarem.

Paige se aproximou de mim, depositando um selinho em meus lábios e logo sentando ao meu lado com Katherine, que estava pegando o Caleb.

Sim. Acredite se quiser!

– Saímos daqui a pouco. Estamos esperando só Maria Clara chegar. – Respondeu Lau, sorrindo e aquilo me fez sorrir também. – Aliás, Brad, vem aqui! – Pediu, se levantando e indo à cozinha e eu a segui.

Com ela estava Melanie.

– Diga. – Pedi, pegando um iogurte na geladeira.

– Você vai mesmo querer nossa ajuda? –
Perguntou Mel.

Elas pararam perto do balcão enquanto eu estava encostado na geladeira.

– Lógico! – Exclamei, empolgado. – Faz como combinamos ontem, tudo bem?

– Ok. – Respondeu Lauren, acho que até nervosa um pouco. – Você tem certeza de que sabe onde nos encontrar depois?

– Sei, Lauren, eu sei sim. Pelo que o tio disse, iremos pra mesma reserva florestal onde eu ia várias vezes antes. Sei exatamente onde o pessoal acampa e tudo...

– Mesmo? – Mel arqueou a sobrancelha.

– Mesmo! – Fiz uma pausa. – E obrigado, de verdade! – Olhei para cada uma delas. – Acho que se vocês não namorassem amigos meus, eu dava um beijo nessas boquinhas! – Brinquei e elas caíram na gargalhada.

Ri comigo mesmo terminando o iogurte e jogando o potinho no lixo, de costas, ouvi sua voz.

– Oi quengas de esquina. – Gritou ela entrando na cozinha e eu virei, olhando-a devagar.

De short jeans claro, tênis vermelho sangue, uma regata preta lisa e colada, no cabelo, uma tiara de pano vermelha e em suas mãos um Ray-Ban preto, Maria Clara sorria para as garotas. Parou de sorrir ao me ver e eu a engoli com o olhar.

Que garota espetacular...

Percebi que prendia a respiração. Faltava-me o ar.

– Ei, meu pai já está no ônibus, bora? – Gritou Dex e todo mundo gritou um “*uhu!*” e começou a sair da casa aos poucos.

Quando levantei o olhar, Maria Clara olhava para mim, perdida, mesmo as garotas falando com ela. Sai andando até a sala buscar minha mochila e ir para o ônibus com os outros.

Maria Clara

– Clarinha, meu amor! Clarinha, chegamos! – Chamava-me uma voz de longe, bem de longe. Mesmo sem abrir os olhos, me situei de que tínhamos chegado ao acampamento. – Anda, levante! – Pedia Lauren.

Passei a mão nos olhos rapidamente e os abri, depois eu me sentei, vendo todos saindo do ônibus.

Bocejei e vi na mesma hora, Brandon passar, com os dedos entrelaçados aos de Paige. Meu coração ardeu um tantinho, mas respirei fundo quando os olhos dele desfocaram os meus e ele pulou para fora do ônibus.

Respirei fundo de novo, me olhando no espelho retrovisor, vendo que minha pouca, mas bonita maquiagem ainda estava tudo ok. Coloquei meus óculos de novo e parti para fora do ônibus também.

– Bom, gente, estão entregues. – Disse o tio, ainda dentro do ônibus, na porta, olhando-nos. – Querem que eu leve vocês até o lugar certo de acampar?

– Tá de boa, pai. Eu sei onde fica. Já vamos direto pra lá. – Respondeu Dex.

– Tudo bem. Mas prestem bastante atenção: nada de ficarem sozinhos. Tem várias pessoas aqui, quero todos juntos, sempre. Qualquer coisa, me liguem ou em último caso liguem pra polícia. Domingo, às 19h, estarei aqui pra buscar vocês. – Enfim ele se foi.

Reparei no lugar. Uma estrada deserta, com muita mata ao redor. Estávamos todos no acostamento do lado esquerdo. Dexter e Brandon eram os únicos que sabiam onde tínhamos de ir, então foram na frente. Todos os seguiram, com suas malas, poucas barracas, violões... Rindo, fazendo piadinha e fazendo aquele final de semana, já valer a pena.

– Amiga, é sério, fica aqui! – Pediu Melanie, e eu bati o pé de braços cruzados.

Eram 12h20, ela e eu estávamos no meio do nada. Nós já tínhamos encontrado o lugar onde íamos acampar, todos começaram a montar barracas e tudo o mais, quando Mel quis porque quis, usar o banheiro. Nenhuma das outras garotas queriam ir

PERIGOSAS ACHERON

com ela, então, o jeito era eu ir.

Andamos por um tempo, até ficar bem, bem distante dos outros para que ela pudesse fazer xixi. Quando chegamos ao local, que era ao lado de uma enorme pedra, ela parou, lembrando do maldito papel higiênico. Queria porque queria que eu ficasse sozinha esperando-a, para que ela voltasse para buscar, porque sem ele, ela não urinava.

– Você tem aí? – Perguntou.

– Tenho, mas tá no fundo da bolsa, não vou pegar. – Respondi.

Minha bolsa estava comigo ainda, a dela estava com Ansel e com os outros.

– Então vou voltar pra buscar. – Ela fez birra, enquanto fazia um coque em seus cabelos louros.

– Mija mesmo assim, meu! É só xixi! Vai fazer o número dois também?

– Não! Mas você sabe como eu não suporto fazer xixi sem papel. Fica aqui, já volto! – Exclamou e antes que eu falasse algo, ela saiu correndo, em direção, acho eu, onde estavam todos.

Respirei fundo esperando. O Sol alto no céu, lindo demais. As árvores altas e bem verdes. Muito PERIGOSAS ACHERON

mato e folhas secas no chão. Cheirinho de ar puro, hm... Aquilo estava ótimo! Pena que de noite, deve fazer um medo danado!

Fui reparando em tudo por minutos, e nada de Melanie voltar. Olhei no relógio. 12h30, 12h40, depois... 13h05 e ela não voltava.

Gritei seu nome umas duas vezes, e nada. Andei um pouco entre as árvores, pelo mesmo lugar por onde ela foi e nada. Cadê ela? O vento soprou forte e eu me arrepiei. O barulho das plantas era... Assustador.

Peguei o celular para tentar ligar, mas... Estava sem sinal. Bufei. Eu estava sozinha e perdida no meio da mata. Não acredito! Aflita e perdida. Gelei ao ouvir passos atrás de mim.

– Mal chegou e já está perdida, mocinha? – Virei olhando Brandon estupidamente gostoso de regata branca mostrando suas lindas tatuagens, bermuda cinza, tênis preto e boné com a aba para trás da mesma cor, com sua mochila nas costas e encostado na árvore com os grandes braços cruzados.

Prendi a respiração, ainda sem acreditar que

PERIGOSAS ACHERON

estava perdida no meio do nada com ele, sim, Brandon. Não pode ser verdade. Meu coração quase saía pela boca.

Minha mente sorria, meu coração também. *Deus, muito obrigada!*

Sozinhos

*“Saudade: palavra no singular que dói no
plural.”*

Renan Inquérito

Brandon

– O que faz aqui? – Perguntou Maria Clara, imóvel no mesmo lugar desde quando me viu, a longos segundos atrás.

– Ué, eu que te pergunto. – Eu estava a poucos metros dela.

– Me perdi da Melanie. – Sua voz era seca.

– Se perdeu ou ela te deu um perdido? – Arqueei a sobrancelha.

– Ela não faria isso. Aliás, ela já deve estar voltando. – Ela olhou para os lados, depois no celular, que com certeza, estava sem sinal.

Ótimo.

– Ah, vai saber. – Fiz uma pausa. – Sabe o caminho de volta? – Perguntei para ter a certeza. Ela voltou a mexer no celular. – Estamos muito longe dos outros... – esperei ela falar algo, mas não disse nada. – Sabe? – Insisti e ela guardou o celular no bolso com uma certa impaciência.

– E o que isso importa pra você? – Maria Clara veio andando em minha direção, passando por mim

para se sentar ao pé de uma árvore.

– Bom, se você souber, me fala, eu preciso voltar também, e não sei onde eles possam estar.

– E porque eu ajudaria você? – Seu rosto se levantou e seus olhos me fitaram.

– Pessoas ajudam pessoas... – repuxei o lábio. – Fazer caridade é uma das suas qualidades. – Sorri e mesmo sem ver, deduzi que ela revirou os olhos, entendendo o duplo sentido do que eu falei.

– Porque você se perdeu? – Perguntou, depois de longos segundos.

– Fui andar por aí.

– Estranho...

– Sou estranho. Isso me faz diferente e amável. – Ela riu.

– Entendi. Você saiu pra comer mulher. – Começou ela. – Todas as garotas que vieram conosco, você já experimentou, daí saiu por aí pra procurar carne fresca pra matar sua sede incontrolável de sexo. – Suspirei ouvindo suas palavras desnecessárias e cheias de ciúmes. – Aliás, sua Paige não é boa o suficiente?

– Você fala demais, Maria Clara. Poupe o mundo
PERIGOSAS ACHERON

dessas babaquices.

– Todo mundo ama me ouvir falar. Pelo menos, só falo verdades.

– Você fala merda, isso sim. – Retruquei. – Todo mundo pode amar você falar, menos eu. – Fiz uma pausa, vendo-a tirar os óculos e colocá-los pendurados naquele lindo decote. – Aliás, você faz coisas melhores com a boca.

Maria Clara bufou ficando vermelha de vergonha.

– Ainda não entendi porque você ainda está aqui, então, me ouvindo falar...

– Estou esperando você me responder, se sabe ou não o caminho de volta. – Relembrei-a.

– Não, eu não sei. – disse por fim. – Por isso estou esperando por Melanie.

– Então, ficarei para esperar também. – Sentei-me no chão, ao pé da árvore em que eu estava em pé segundos atrás.

Fiquei de frente para ela, a um metro, mais ou menos. Ouvi-a bufar.

– Se arrependimento matasse... – disse ela.

– Você não teria nascido? – Completei a frase e

ela bufou de novo com os olhos revirando.

– Eu não teria vindo pra essa bosta de acampamento. – Fez uma pausa. – Pra ficar perdida e ainda mais com você.

Abri um sorriso.

– Como se ficar com aquele Landon, fosse melhor.

– É melhor. – Disse baixinho.

– Ahan, é. Deve ser o máximo mesmo. Não sei como você aguenta aquele babaca.

– Ele é um garoto incrível. Uma de suas qualidades, é ser fiel. – Maria Clara abriu um sorriso e meu sangue esquentou.

Se tem uma coisa que eu não suporto, é ela me lembrando de coisas desnecessárias do passado.

– Se isso foi algum tipo de indireta, pode socar no cu. – Abri um sorriso.

– De modo algum, Brandon. Porque você fica todo se doendo? – Ela abriu aquele sorriso cínico de novo e eu revirei os olhos.

Garota impossível!

Permaneci em silêncio, olhei o celular, bebi água,

olhei as árvores. Fiz tudo de novo, não necessariamente na mesma ordem, mas ok. Os longos minutos foram passando com uma lentidão, que só Deus! Até eu ver que já eram 14h. Levantei-me. Maria Clara que passou o tempo todo mexendo nas folhas secas do chão, impaciente, me olhou.

– Melanie não vem mais. – Falei.

– Claro que vem!

– Vou sair por aí procurando-os, talvez dê certo.

–Boa sorte, não sei porque ainda não foi. – Retrucou.

Andei dois passos, depois virei nos calcanhares, olhando-a.

– Você vai ficar aí?

– Pra onde eu iria, Brandon? Estou esperando a Melanie, que vai levar uma surra quando chegar.

– Ela não vai voltar, aliás, deve ter se perdido também. – O vento soprou forte. – Se eu fosse você, viria, melhor do que ficar aí sozinha. Sabe- se lá se aparece alguma coisa... – vi seu olhar de medo e depois de alguns segundos, ela se levantou, andando em minha frente.

Segui-a sorrindo. Bom, passar um dia todo

PERIGOSAS ACHERON

perdido com ela, com certeza não seria nada ruim.

Maria Clara

Fazia mais de duas horas que Brandon e eu andávamos daquela enorme floresta procurando pelos outros. Caralho, eu ainda não estava acreditando que Mel tinha feito isso comigo. Juro que estava contando os minutos para quando encontrá-la, esmurrar aquela carinha dela até dizer chega!

O Sol estava muito forte nas nossas cabeças, e eu não queria fazer um coque para não desgrçar meu cabelo. A minha mochila estava começando a pesar e eu estava ficando cansada. Minhas costas estavam bem suadas.

Brandon ia na minha frente, indo para uns caminhos que, dizendo ele, eram os que achava que dava para o acampamento. Eu, sem discussões, o seguia. Se nessas duas horas, nós trocamos cinco palavras, foi muito. Nós tínhamos acabado de parar uns segundos para respirar. Já tínhamos andando bastante e até agora, nada.

Ele respirou fundo, assim como eu, que estava

com as mãos nos joelhos, de cabeça baixa. Quando levantei o olhar, vi seu lindo tanquinho a mostra e perdi o ar. Brandon jogava água no rosto, se refrescando e eu me encostei na árvore, com os olhos cravados dele.

Cacete garoto, que... saúde!

Meu calor aumentou assim, do nada. Senti uma leve tontura.

– Você não cansa de me olhar não? – Perguntou Brandon, me observando e eu revirei os olhos.

Permanecemos alguns segundos em silêncio, tentei desviar o olhar, juro que tentei, mas era inevitável. Ele riu de mim.

– Você comeu hoje? – Franzi a testa para a pergunta estranha. – Você está pálida. – Ele se aproximou de mim.

– Pálida? Não, não estou pálida. – disse com a voz baixa.

Eu estava com fome, sim, muita fome. Mas não era necessariamente de comida. Já fazia duas horas que eu queria outra coisa.

– Está sim. – Retrucou ele, eu me recompus, ficando de pé, um pouco afastada da árvore e passei

a mão na testa.

Ele me olhava diferente. Diferente e preocupado. Logo encostou sua mão gelada no meu rosto e eu fiquei mole, quase caindo em seus braços.

Parecia até cena de teatro. Mas eu jurava para mim mesma que não era.

Aquele garoto me enlouquecia de um jeito...

Na mesma hora em que quase caí, Brandon me segurou, deixando meu corpo encostado na árvore, seus braços em volta de minha cintura.

– Calma, mocinha. – Pediu com uma voz divertida e eu respirei fundo, olhando-o.

Seu corpo coladinho ao meu... *Isso, Brad, isso!*

Olhei sua boca molhada, seus ombros molhados. Que perdição!

– Brandon... – tentei falar e me faltou o ar.

– O que? – Perguntou.

Eu fechei os olhos mordendo os lábios.

– Pedir. – Ordenou.

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

– Você quer que eu beije você?

– Quero!

– Então pede! – Ordenou de novo.

– Me beija, Brandon, por favor! – Implorei e ele sorriu, segundos depois, encostando seus lábios gelados nos meus.

Não conseguia acreditar que depois de tanto tempo aquilo estava acontecendo de novo. Mordi seu lábio com força, fazendo-o sorrir, assim como eu.

O Que Você Quer Dizer?

*“Quer brigar durante o dia e fazer amor a noite
toda.”*

Justin Bieber

Brandon

Terminei o beijo, longos minutos depois, sem fôlego e com o coração na boca. Sem acreditar que aquilo tinha acontecido. Puxei o lábio dela, que gemeu, me empurrando com força com as mãos nos meus ombros e quando abri os olhos, a encarei.

– Você está ficando louco? – Perguntou, com a respiração descompassada como a minha.

Seu peito descia e subia. Seus cabelos estavam levemente bagunçados e sua boca bem rosada devido ao beijo. Vi uma sombra de um sorriso ali, mas que ela não deixava revelar.

Que garota maravilhosa!

– Louco só se for por você! – Aproximei-me, colocando meu braço em sua cintura de novo, depositando selinhos em seus lábios e mesmo confusa, ela deixou por alguns segundos, depois voltou a me empurrar.

– Não, Brandon, não! – Gritou ela passando a mão nos cabelos.

– Você que pediu, não se esqueça disso. – Avisei

e ela bufou de raiva.

– Isso não pode acontecer! Não era pra isso ter acontecido, eu... – ela respirava devagar.

– Se o seu Landon descobrir não irá gostar, é isso?

– Cala a boca! – Gritou.

– Vem cá, você faz isso melhor. – Abri um sorriso irônico. Ela permaneceu séria. – Ai, como você está chata! Vai falar que não gostou agora?

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

– Não vou nem te responder. – Disse ela revirando os olhos.

Aproximei-me de seu corpo.

– Ah, não? Por que não? Pelo fato de que, se dizer que não, estará mentindo e se disser sim, se entregando... Acertei? – Passei meus dedos por seu braço liso, vendo-a estremecer e sua respiração parar um pouco.

Sua blusa estava um pouco molhada, devido ao contado com o meu corpo há minutos, deixando-a sexy.

– E então, Clara, meu amor, diz pra mim... – pedi

com a voz rouca.

Seus olhos rolaram e ela se afastou para bem longe de mim para dizer:

– Pelo amor de Deus, será que dá pra irmos logo achar nossos amigos, por favor? – Pedia, apressada, se afastando de mim e arrumando a mochila nas costas. – Já estou ficando preocupada com eles, daqui a pouco já vai escurecer e, Brandon, vem logo! – Exclamou e eu virei nos calcanhares, seguindo-a.

Um ponto para mim.

Quase três horas andando de novo, TRÊS HORAS. E, antes do ocorrido, nós mal nos falamos, imagina agora! Depois de Maria Clara pedir para irmos logo achar os outros, ela não abriu mais a boca, nem para mim ela olhou.

Era agonizante!

Mesmo assim, eu dava voltas e mais voltas nos mesmo lugares na floresta, que eu conhecia mais ou menos, para pelo menos ficar perto dela e pelo que eu percebi, ela não notava tanta volta sem nenhum

fim.

Vi no relógio, que já eram 19h da noite, já estava escurecendo. Andávamos mais devagar e era tudo um tédio. O que eu mais queria, era falar, era me desculpar, era tê-la para mim a todo o momento, mas eu me segurei, me segurei porque ela não dava nenhuma deixa, parecia me odiar e isso me deixava perdido sobre como agir.

– Brandon, espera um pouco. – Pediu ela.

Parei no mesmo instante, olhando para ela que estava ao meu lado.

– O que?

– Preciso fazer xixi, não estou mais aguentando.

– Admitiu.

Tive vontade de bufar ao ouvir. Achei que ela fosse falar algo mais... Interessante. Fiquei olhando-a.

– E o que eu tenho a ver com isso? – Arqueei a sobrancelha.

Maria Clara bufou antes de olhar para os dois lados. Estávamos no meio da mata, um lugar que eu não recordava muito, mas que era bem fechada, bem escura até.

Ficamos nos olhando por alguns segundos, depois, ela pediu autoritária e sem paciência:

– Fica de costas! – Sua voz demonstrou sua vergonha.

Arqueei a sobrancelha.

– Pra que?

– Como, pra que? Vai, Brandon.

– Por que? – Provoquei. – Já te vi nua, Maria Clara, não precisa disso.

– Brandon, estou falando sério! – Exclamou séria.

– Por favor! – Pedi e, bufando, me virei, colocando meu antebraço apoiado na árvore e minha cabeça.

Fiquei ali por alguns segundos e devagar, virei a cabeça para olhá-la. Maria Clara estava de costas, ao lado de uma árvore um pouco distante. Estava desabotoando os botões dos shorts, depois, devagarzinho e com uma certa dificuldade, ela foi abaixando-o. Tive a visão de sua linda – e enorme – bunda. Meu sangue pulsou nas veias, foi imediato.

Que saudades de tocá-la!

Ao vê-la olhar para trás, para ter a certeza de que eu não estava olhando, virei depressa, me

PERIGOSAS ACHERON

segurando para não ir para cima dela. Mordi o lábio com força, com os olhos fechados, esperei ela terminar. Depois de alguns segundos, ela suspirou.

– Pronto. – Virei.

Percebi que minha mão estava pressionada contra meu sexo.

– Está tudo bem? – Ela me olhou com a testa franzida.

– Agora quem precisa fazer xixi, sou eu. – disse rápido e ela soltou um riso.

Girei o dedo, indicando que era para ela ficar de costas e ela cruzou os braços.

– Já te vi nu, Brandon, não precisa disso. – falou com um sorriso me imitando e eu dei de ombros, abrindo o zíper da calça.

Vi que ela estava com os olhos arregalados, sem ter a certeza de que eu estava fazendo aquilo, então, colocou a mão no rosto quando me viu pronto para esvaziar a bexiga.

Dei risada da sua reação e depois de alguns segundos, fechei a calça.

– Pronto, moça, pronto! – falei e ela abaixou as mãos, pegando uma garrafa d'água no bolso da

PERIGOSAS ACHERON

mochila e molhou as mãos.

Aproximei-me, esticando as minhas. Ela franziu a testa.

– Ué, lava as minhas também. – Pedi e ela ficou me olhando. – É sério. – Pedi de novo e ela abriu um riso involuntário, molhando minhas mãos.

Comecei a esfregá-las, enquanto a água caía sobre elas.

Vi Maria Clara me observar com um sorriso escondido nos lábios, depois, desviei o olhar e olhei para as minhas mãos, sem saber o que fazer. Senti algo gelado na minha barriga e em fração de segundos, vi que ela estava jogando água em mim, me refrescando. Quando a água acabou, levantei um olhar furioso para ela, mesmo querendo rir ao ouvir sua risada.

– Você está muito engraçadinha, não acha? – Perguntei com a testa franzida e ela ria igual uma criança, com a mão na barriga e um pouco afastada de mim.

Permaneci sério, ou melhor, eu tentava, porque era quase impossível.

– Desculpa, foi sem querer. – Mentiu, ainda
PERIGOSAS ACHERON

rindo.

Dei um passo em sua direção e ela olhou divertida, sabendo o que eu ia fazer.

– Sem querer, é? – Dei mais um passo e ela saiu correndo, mata a dentro, soltando a garrafa de plástico no chão.

Corri atrás dela por alguns segundos e parei atrás de uma árvore escura, vendo-a de longe, que parou quando não me viu mais atrás dela. Olhou para os lados e parou de rir de imediato.

Gritou meu nome algumas vezes e como a conheço bem, estava a ponto de chorar de medo. Afinal, ela estava perdida e sozinha numa floresta que agora, estava escura e até perigosa.

Quando percebi a deixa, corri até ela, agarrando-a por trás, que levou um susto e caiu no chão. Virei-a e observei seu olhar de espanto. Seus olhos estavam arregalados e seu coração acelerado. Consegui sentir.

– Filho da puta! – Gritou, respirando fundo e me batendo.

Ri segurando seus pulsos.

– Você tinha que ter visto sua cara! – Exclamei

PERIGOSAS ACHERON

em pausas, rindo ainda.

Maria Clara realmente tinha ficado com medo, mas riu fraco ao me ver rir. Se acalmou um pouco.

– Não teve graça.

– Claro que teve. – Comentei pressionando meu corpo no dela em cima das folhas secas do chão. Ela ficou séria. – Desculpa.

– Não. – Respondeu seca e parei de rir aos poucos.

– Não sabia que você ia ficar assim, com tanto medo. – Ela revirou os olhos. – Nem se eu te der um beijo você me desculpa? – Perguntei com um sorriso no rosto.

Observei em seu rosto que ela sorria também, olhando para o céu.

Meu coração ria feliz ao saber que minha mulher ainda me amava. Me amava com todas as suas maravilhosas forças.

Fui com a minha boca de encontro a sua, que me recepcionou bem, com selinhos e chupões. Segurei-a firme, que se entregava a mim no maravilhoso beijo. Segurei-a para que ela jamais fugisse.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Terminei o beijo minutos depois, com selinhos rápidos e fugi de seus braços, que permaneciam o tempo todo em minha cintura. Respirei fundo para me recuperar de seus lábios enquanto Brandon mordida seus próprios lábios me olhando, com desejo, felicidade...

– O que faremos agora? – Perguntei olhando para os lados.

A mata estava bem fechada, silenciosa e escura. Só a Lua que iluminava tudo de cima, mas os jatos de luz eram poucos.

– Já vai dar 20h da noite e ainda não achamos nossos amigos, Brandon. Estou preocupada e aflita.

– Admiti, pensando no nosso dia que só foi andar, brigar, andar mais e brigar mais um pouco. – Será que nunca mais vamos vê-los? – Ele riu.

– Para de ser tão pessimista. Hoje nós tentamos, não foi? Pois vamos tentar mais um pouco, sei lá. Se não acharmos, podemos parar para dormir e amanhã a gente continua a procurar. – Fez uma

pausa. – Acha que eles também não estão procurando a gente? – Pensei um pouco.

É, sinceramente acho que não, mas tudo bem.

– Ok, e iremos dormir sozinhos, no escuro, nesse perigo no meio dessas árvores assustadoras? – Soltei uma risada nervosa. – Nunca!

– Eu protejo você, docinho. – Brincou e eu não dei ouvidos.

– Vai, vamos logo, que se Deus quiser, vamos achá-los. – Finalizei e Brandon arrumou a própria lanterna, seguindo à minha frente e eu fui indo atrás, com a minha lanterna acesa para facilitar minha visão.

Enquanto andávamos, ouvi barulhos, talvez das árvores, do vento ou os dois. Corri mais para perto de Brandon, que era meu único refúgio ali, e ele segurou minha mão, entrelaçando nossos dedos com força. Estremeci pelo medo e/ou pelo seu toque.

Agradei por estar escuro, ninguém conseguia ver o sorriso que abri naquele instante.

Permanecemos em silêncio por um longo, longo tempo. Ele na frente nos guiando, com sua mão

PERIGOSAS ACHERON

entrelaçada na minha que estava um pouco atrás e nós dois com as lanternas. A cada barulho estranho ou vultos que eu via de relance, apertava sua mão, onde seu dedo me fazia carinho como conforto.

Brandon me deixava mole com um único toque, isso era... Surreal.

– Mentira! – Gritou Brandon surpreso do nada, parando de andar e eu tomei um pequeno susto, olhando pra frente. – Deus é maravilhoso! – Vibrou.

– O que foi? – Perguntei quando nos aproximamos mais e tive a visão de um chalé a poucos metros de nós.

Não era tão grande, mas não era um barraquinho.

Era de tijolos marrons, daqueles pequenos. Uma telha enorme, com uma porta de madeira e uma janela. Na frente, uma pequena escada de entrada e não parecia ser uma casa abandonada. Bom, estava escuro e mal dava para ver direito.

Brandon saiu andando e quando já estava chegando perto da casa, eu o puxei, fazendo-o parar.

– Você não vai entrar aí, né? – Franzi a testa...

Ele baixou a luz de sua lanterna e colocou-a entre nós, para que conseguíssemos enxergar um ao outro.

– Claro que vou, ou melhor, vamos.

– Brandon, está ficando louco?! – Sussurrei. – Vai saber o que tem aí dentro! Será que tem dono? Ou é abandonado e todo sujo com espíritos de moradores?

– Ai, que frescura, Maria Clara! – Zombou ele, rindo.

Odiava o fato de ele sempre me intimidar.

– Se tiver dono, com certeza não está aí, até porque, está tudo escuro. – Explicou. – E mesmo sendo abandonado, é bem melhor dormirmos aí dentro do que aqui fora.

– Mas... E se a porta estiver fechada? Se tiver algo de ruim lá dentro? – Perguntei, cismada.

Onde já se viu, estar perdidos numa mata a noite e, ao achar um chalé abandonado no meio do nada, entrar e dormir lá dentro como se fosse a coisa mais normal?

– Um: se estiver fechada, eu arrombo. Dois: não deve ter nada de tão ruim lá dentro que não

PERIGOSAS ACHERON

podemos ver. – disse ele e voltou a andar.

Ao pisar no primeiro degrau dos quatro que tinha ali em frente, o baixo barulho da madeira rangendo entrou em meus ouvidos e eu estremei.

– Tem certeza que vai entrar aí, Brandon? Eu não quero. – Retruquei e ele respirou fundo.

– Maria Clara, se você não quiser entrar, não precisa! – Respondeu ele, soltando minha mão e subindo as escadas, parando diante da porta, mirou a lanterna em mim de novo. – Dorme aí fora sozinha, que eu fico lá dentro. – Abriu um sorriso fraco de lado e virou para abrir a porta.

Senti-me desconfortável e abracei meus braços com frio.

Sem muita dificuldade, Brandon conseguiu abrir a porta, não sei como, mas conseguiu. Logo ele estava dentro da casa e eu via pela fresta da porta, a luz de sua lanterna. Apoiei meu corpo em um pé só, fiquei batendo o outro no chão, sem parar, olhando para os lados. Não sabia que passar a noite numa floresta era tão ruim assim. Bom, não é que era ruim, mas que minha situação não era a melhor mesmo...

As folhas das árvores batiam e se chacoalhavam à medida que o vento aumentava e aquilo me agoniava. Com o medo que eu estava, só me deixava mais apavorada. Os grilos não paravam de cantar e o céu estava completamente cinza, como se fosse chover.

Ah, não, chuva agora, não, por favor...

Parecia mais coisa de filme. Filme de terror! Suspirei. Ok. Eu entrava ou entrava, porque dormir ali, não ia rolar! Subi as escadas e empurrei a porta, dando dois passos para dentro.

Rapidamente, a luz foi acesa. Fechei os olhos e depois fui abrindo-os devagar, para que eles se adaptassem a luz. Eu estava na cozinha. Brandon olhou para mim como quem diz: *“está com tanto medo de ficar sozinha lá fora que não resistiu?”*, ignorei. Começamos a olhar o pequeno chalé. Tinha uma pia de mármore, um fogão, uma pequena mesa, uma geladeira vermelha pequena e um armário na parede. Tudo era humilde, mas organizado.

Ao lado, tinha uma pequena porta, logo fui até lá, vendo que era um banheiro, com um chuveiro

pequeno, uma cortina de plástico para dividir entre o chuveiro e o vaso sanitário branco, uma pia com um pequeno armário embaixo e um espelho do meio da parede, em minha altura, mais ou menos.

Ao sair do banheiro e passar pela cozinha, tinha o quarto. Um único quarto. Uma cama de madeira alta com um colchão limpo, coberto apenas por um plástico, sem pano. Estranho, mas... Caramba, um colchão. Minhas costas agradecem! Em frente a cama, em um suporte na parede, uma TV de tubo preta, que pelo que parecia, funcionava.

Tinha uma cadeira, um armário bege que estava... Vazio. Deduzi que servia como um guarda-roupas para os donos. Na parede oposta, na qual a cama era encostada, tinha uma pequena janela – estava fechada – e tinha uma cortina clara, com grade do lado de fora. Eu reparei em tudo detalhadamente.

É, era um chalé humilde, com um dono, que eu não sabia qual e que era meio louco por deixar a porta mal fechada. Era bem cuidado, apesar de que, pelo que eu deduzi, fazia alguns dias que não o usava.

Suspirei quando terminei de ver tudo e olhei para

Brandon, que colocava sua mochila em cima da cadeira, começou a abri-la.

– E aí, vai ficar aqui também ou não? – Perguntou, quebrando o silêncio.

– É o jeito. – Dei de ombros, sentindo minhas costas e pernas doerem um pouco e tirei minha mochila pesada das costas.

– Bom, então vou... Ver se o chuveiro funciona e tomar um banho. – falou ele, pegando uma toalha na mochila e, tirando os tênis e a bermuda, deixou-os ali perto.

Quando ele sumiu de minha visão, peguei em minha mochila, um lençol que coloquei ali para que, se fosse útil, eu o usasse e aquela era a hora. Joguei-o em cima do plástico do colchão e o ajeitei do melhor jeito, depois, peguei um macarrão instantâneo que eu tinha trazido e fui para a cozinha tentar prepará-lo.

Meio bizarro levar macarrão instantâneo para um acampamento, mas eu levei, já que Melanie tinha um pequeno forno elétrico, aqueles a base de gás e fósforo e eu o cozinharía ali.

Falando em Melanie... Será que todos eles

PERIGOSAS ACHERON

estavam bem? Eu me perguntava enquanto procurava na cozinha uma panela.

Ouvi o barulho do chuveiro. Brandon já começava o seu banho. Ao achar uma panela e talheres no pequeno armário da cozinha, eu os lavei na pia e comecei a preparar o macarrão instantâneo no fogão com o fogo baixo que tinha ali, bom, menos mal. Agradei a Deus umas vinte vezes mentalmente.

Enquanto meu jantar cozinhava, fui até a porta e vi que Brandon a tinha aberto com um graveto. Aquela fechadura era realmente um lixo. Mas pelo menos conseguimos entrar. Encostei-a e coloquei uma pequena fruteira vazia com um bebedouro de barro que estava em cima dela, na frente, para que ficássemos em segurança. Talvez não iria adiantar, mas... Não custava nada tentar.

Comi o macarrão instantâneo minutos depois em silêncio na mesa, na panela mesmo. O meu dia passando rapidamente em minha cabeça a todo o momento. Nem reparei quando o chuveiro foi desligado e Brandon apareceu na cozinha. Só percebi sua presença quando ouvi sua voz.

– Prepara um pra mim também? Ficarei grato. – Pediu ele e eu parei o garfo a caminho de minha boca e o olhei.

– Sou sua empregada? Acho que não, hein. – Respondi rápido, olhando-o com frieza.

Prendi a respiração analisando seu lindo corpo apenas coberto por uma cueca branca Calvin Klein. Oh, céus!

Brandon ficou sem fala com a minha resposta e eu sem fala por vê-lo daquele jeito. Ficamos alguns segundos nos olhando e eu tentando colocar na cabeça que, sim, eu estava no meio do nada numa casa desconhecida no meio da noite com meu ex-namorado gostoso. Meu coração queimava de excitação. Não aguento, não!

– Só deixa as coisas em cima da pia que eu irei usar então. – Sorriu ironicamente e eu sorri do mesmo jeito de volta.

Bom menino!

Quando terminei de comer, fiz questão de lavar e deixar as coisas que usei na pia. Depois fui até o quarto, onde Brandon estava mexendo no celular e eu me perguntava o que será que ele tanto via ali, já

que não tinha sinal algum. Nem para ligações, quanto mais para internet.

Peguei meu pijama, o mais confortável e o mais novo que eu trouxe na bolsa e minhas coisas, parti para o banheiro, sem nem olhar para aquele maravilhoso cara parado no meio do quarto.

O banho foi rápido. Apenas para tirar o cansaço e o calor de meu corpo. No cabelo eu fiz um coque mal feito para não molhar e escovei os dentes também. A água era fria e, como odeio água fria, foi algo incômodo, mesmo tendo sido bom ter tomando um banho depois do longo dia.

Enquanto estava colocando meu pijama que era um short e blusa de tecido fino da cor vermelha, Brandon entrou no banheiro sem sequer bater à porta de madeira e escovou os dentes na pia, sem olhar para mim e sem falar uma palavra. Mesmo assim, não liguei, tentei ignorá-lo. Ao sair, respirei fundo ajeitando meus cabelos.

Passei pela cozinha que já estava com a luz apagada e cheguei no quarto, olhando-o deitado na cama com os braços sob a cabeça, olhando para o teto todo esticado na cama. Franzi a testa.

– Você acha que vai dormir aí? – Perguntei e ao ouvir minha voz, ele me olhou.

– Claro, onde mais eu dormiria? – Sua voz era fria.

– Não sei, arranja um lugar. Eu sou uma dama, vou dormir na cama e me desculpa, mas eu não vou dormir na mesma cama que você. – Falei firme guardando minha roupa, escova de dentes e sabonete na minha mochila, pegando outro lençol para me cobrir.

– Primeiro que quem achou o chalé fui eu, quem teve a ideia de dormir aqui dentro fui eu e, vou dormir na cama.

– E onde eu vou dormir, Brandon? – Perguntei impaciente.

– Ué, no chão, na pia da cozinha, na mesa, lá fora, onde você quiser. – Revirei os olhos, de saco cheio de suas gracinhas desnecessárias.

– Cadê o seu cavalheirismo?

– Em casa. Ele não coube na mala. – Brandon voltou a sorrir ironicamente e aquilo voltou a me irritar.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, eu já
PERIGOSAS ACHERON

estava a ponto de chorar. Não sei porque, mas era todos os sentimentos juntos e aquilo já me agoniava.

– Aqui cabe nós dois...

– Eu durmo no chão! – Gritei indo para perto da cama e me deitei ao pé dela, em cima de meu lençol.

Respirei fundo tentando me acalmar.

Como alguém consegue aguentar esse cara, que minutos atrás estava a mil amores e agora, frio e arrogante? Não tem como!

Fechei os olhos tentando dormir. Virei de um lado, virei do outro e nada. Aquele chão duro doía minhas costas e por mais que eu tentasse dormir, não conseguia. Poderia sentir tudo naquele momento, menos sono.

– Chega. – Falei me levantando e sacudindo meu lençol. – Desisto. – Sentei-me na cama, depois deitei de um lado, fazendo Brandon ir para o outro e me cobri, de costas para ele.

Senti que ele puxou um pouco do meu lençol para ele ainda. Abusado! Mas não debati, eu estava com raiva demais para isso.

Respirei fundo de novo e relaxei o corpo no colchão macio, pensando um pouco de olhos fechados.

A quem eu estava querendo enganar? Quero tanto esse cara, quero ele, aqui e agora. Porque ele está assim? Porque não me toca, não fala comigo?

Quando dei por mim, já estava chorando, chorando baixinho. De saudade, angustia, carência...

Maria Clara, o que tá dando em você? Engole esse choro! Funguei.

Instantaneamente, senti seu toque em minha cintura, depois em minha barriga e respirei fundo, tentando controlar o choro e a respiração.

– Meu coração quebra ao te ouvir chorar, Maria Clara, para, por favor... – sussurrou ele em meu ouvido, sua respiração chicoteando meu pescoço e depois, seus lábios tocando meu ombro.

Submissa

*“Você é a única que eu quero que me queira.
E se você me quiser, garota, você me tem.
Não há nada que eu não faria só para acordar ao
seu lado.”*

Jason Derulo

Brandon

Maria Clara já estava me deixando impaciente ao chorar e bem ali, do meu lado, como se eu não fosse ouvir. Respirei fundo antes de partir para o ataque. Coloquei minha mão em sua cintura e ela enrijeceu.

– Meu coração quebra ao te ouvir chorar, Maria Clara, para, por favor... – pedi ao pé de seu ouvido, aproximando meu corpo do dela e ela permanecia enrijecida.

Talvez pelo susto ou meus toques.

Ela parou de chorar e eu a puxei, fazendo-a ficar deitada de costas na cama. Olhei seus olhos com a pouca luz do quarto, que era bem fraca.

– Por que você está chorando? – Franzi a testa e ela limpou rápido as lágrimas em seu lindo rosto.

– Nada. – Ela mal olhou para mim.

Peguei seu queixo, fazendo-a me olhar.

– Como nada? Ninguém chora por nada! – Exclamei. – Aquele Landon fez alguma coisa com você? – Perguntei enciumado.

Maria Clara deu uma risada debochada.

– Antes fosse. – falou e bufou depois.

– Então, o que foi? Me fala! – Pedi com paciência.

Ela estava deitada, limpando as lágrimas que não paravam de cair e eu estava deitado ao seu lado, apoiado com a cabeça na mão, suspenso pelo cotovelo.

– É exatamente isso, Brandon! Nada! – Exclamou, impaciente se sentando. – Minha vida está uma confusão sem igual.

– Algum motivo específico? – Levantei, ficando sentado ao lado dela.

– Nenhum. – Ela deu de ombros, nada convincente. – Imagina...

– Você sente a minha falta? – Perguntei com o coração na mão e, depois de muito tempo, ela olhou pra mim.

– Se eu sinto a sua falta? – Ela soltou um riso falso. – É a coisa mais óbvia do mundo, Brandon! Que pergunta! Mas você não liga, dá pra ver, pelo fato de sua vida estar ótima ultimamente. Só comendo mulheres e mais mulheres.

– Como se você não tivesse culpa disso tudo. – falei. – Com todas elas, eu só pensava em você. – Admiti sem pensar. – Só sabia pensar e chamar por você...

– Culpa minha sim. – Ironizou e sorriu. – Você mente bem.

– Sim, sua! – A repreendi com a voz alta. – Você prometeu pra mim que jamais me deixaria, Maria Clara e foi exatamente isso que você fez! – Explodi.

– E você prometeu que jamais me trocaria! – Gritou ela no mesmo tom.

Não acredito que estávamos brigando de novo.

– E foi exatamente isso o que você fez! – Repetiu ela.

Passei a mão na testa respirando fundo. Eu precisava de calma, precisava parar de brigar e fazer amor com aquela manhosa que era a minha mulher.

Ficamos nos fitando por um tempo, eu não sabia o que falar, ela tinha toda razão.

– Você ainda gosta de mim? Eu só preciso que você me quera, só isso.

– Se eu gosto de você? Que pergunta, Brandon Campbell. É claro que sim! – Seus olhos já lacrimejados me fitaram.

Sorri, passando minha mão por seu rosto molhado e fiz carinho com o polegar em seu lábio inferior. Não me aguentei e parti para cima dela, engolindo sua boca, sentindo seu gosto em seus lábios.

De reflexo, Maria Clara segurou meu cabelo com força, puxando-o forte, de um jeito exagerado. Mordi seus lábios com força, sentindo o gosto de sangue na boca, mas ela não ligou, subindo em cima de mim, me fazendo apertar suas coxas quentes e nossos sexos ficarem próximos.

Era enlouquecedor. Meu coração já bombeava sangue fora do normal. Eu precisava dessa garota, aqui e agora. O mais rápido possível!

Tirei seus shorts do pijama, com a ajuda dela que se levantou um pouco e o joguei no chão. Depois foi a vez da blusa, que foi puxada por mim e passou pelos seus braços e sua cabeça rapidamente. Seus seios estavam em minha frente, aqueles enormes e lindos seios.

Que saudades eu estava deles!

Beijei sua boca, que veio de encontro a minha e nossos corpos ficaram o mais colados possível me fazendo estremecer. Fui beijando seus ombros, seu pescoço... Passando dos seios, fui para sua barriga e, num movimento rápido, joguei-a na cama, que sorriu com luxúria e malícia. Nem parecia aquela garota triste que chorava incontrolavelmente há minutos.

Passei minha mão por seu corpo devagar, até a sua linda calcinha de renda preta. Com pressa, rasguei-o com força, fazendo-o virar um trapo e Maria Clara riu, mordendo os lábios.

Minha mulher nua na cama, na mesma que eu e entregue a mim, do melhor jeito, do mais gostoso e aceitável jeito.

Peguei sua calcinha e me aproximei dela, beijando-a e logo coloquei suas mãos para trás, mas ela não ligou, permitindo que eu a amarrasse e deixasse imobilizada, toda entregue a mim. Sorri dando beijos em seus lábios e depois, coloquei-a em meu colo. Maria Clara ria e aquilo era... Maravilhoso.

Segurando seu cabelo com uma mão, apoiei sua cabeça, puxando-a e fazendo-a olhar pra mim. Tomei sua boca mais uma vez e ouvi seu gemido. E então me lembrei de coisas não muito boas.

Nunca tinha sido exatamente assim, nenhuma de nossas transas, mas essa seria. Maria Clara estava submissa a mim e, bom, brincar com ela um pouquinho apenas para descontrair não seria nada ruim...

Maria Clara

Era impossível resistir aos encantos daquele garoto, ou melhor, do meu garoto.

Seus beijos eram os melhores que eu já provei em toda a minha vida. Eu estava com tantas saudades, mas tantas!

Ele era incrível, tudo com ele era incrível! Suas mãos foram ágeis tirando todo o meu pijama em fração de segundos enquanto nos beijávamos e meu coração palpitava descontrolado. Eu precisava muito disso.

Seus olhos ardiam em desejo ao passar seus dedos devagar por cima de minha calcinha de renda, que dei graças a Deus por estar usando. Ele sorriu para mim e eu soube o que ele iria fazer. Sorri de volta quando o barulho da calcinha sendo rasgada foi o único som dentro do quarto. Logo depois, ele se aproximou de mim, passando suas mãos por meus braços e levando minhas duas mãos com força para as minhas costas.

Abri a boca para falar algo, mas me contive,

fechando-a em seguida e observei, ou melhor, senti o que ele estava fazendo. Com o trapo de calcinha, ele amarrou meus pulsos com força e de primeira achei aquilo estranho, depois diferente e, caralho, era excitante e divertido.

Brandon me ajudou a sentar em seu colo de novo, onde ele estava encostando as costas na cabeceira e eu com as pernas abertas, uma de cada lado de sua cintura e eu o fitei. Ele sorriu ao passar seus dedos por todo o meu corpo. Segurei-me para não estremecer, mas era quase impossível!

Uma de suas mãos foi parar no meu cabelo, onde ele o segurou com força, levantando minha cabeça para beijar meus lábios e depois, meu pescoço. Aquilo era tentador e maravilhosamente prazeroso. Sua outra mão, passeou por minha coxa devagar e quando chegou quase em meu sexo, senti um tapa que me fez estremecer.

Cacete!

Abri um sorriso enquanto nos beijávamos e seus dedos fizeram carinho em minha vagina. Primeiro os lábios, depois o clitóris e em seguida, dois de seus longos e maravilhosos dedos, começaram a

penetrar em mim, rodando e rodando em minha vagina já molhada.

Arqueei as costas de leve, sentindo seus dedos dentro de mim, rodando e explorando as paredes de minha vagina com calma e me deixando agonizada, mas me fazendo sentir o gostoso prazer. Seus beijos desceram de meu pescoço, para meus seios, que enrijeceram no mesmo instante que se chocaram com os lábios molhados dele.

Seus dedos permaneciam em mim, por longos, longos minutos e minha vagina começavam a latejar.

– Amor... – tentei falar de novo, mas ele me impediu, chupando meu pescoço devagar e eu não fazia outra coisa a não ser me entregar.

– Você é tão linda, Clara, tão linda... – sussurrava ele e, era sempre bom ouvir isso.

Brandon me tirou de cima dele devagar, pedindo um “espera” e ficou de pé ao lado da cama, tirando a cueca com uma lentidão... Vi sua ereção saltar e meu desejo aumentou, coisa que eu achei que não seria possível. Sorri com malícia para ele, que sorriu de volta, voltando para a cama.

– Espera! – Pedi rápido e ele parou. – Tem camisinha aí? – Brandon franziu a testa.

– Pra que?

– Para usarmos. Faz uns dias que eu não tomo o remédio... – menti, ele me interrompeu.

– Ok, já entendi. – Brandon voltou para a mochila dele, pegou uma camisinha.

Segundos depois, ela já estava no lugar onde tinha que estar. Ele sorriu ao me colocar em seu colo de novo e me encaixei nele.

Gemi quando senti ele todo dentro de mim, enquanto eu estava montada em sua maravilhosa ereção.

– O melhor lugar. – Falou, fazendo com que eu abrisse os olhos. – Aqui, dentro da minha mulher. O lugar mais gostoso do mundo. – Sorriu e eu fiquei feliz por estar ali com ele.

Não teria outro lugar no mundo onde eu queria estar, a não ser ali.

Brandon me beijou e começou a se movimentar, assim como eu, para ficarmos mais colados. Fechei os olhos.

– Abre os olhos. – Pediu ele, firme, assim o fiz. –
PERIGOSAS ACHERON

Quero que você me olhe. – Concordei sem discutir.

Continuei a me movimentar e ele puxou meu braço, fazendo com que eu parasse.

– Fique quieta, tudo bem? Eu comando. – Ordenou Brandon sorrindo e suspirei.

Droga!

Ele fez o que tinha que fazer, me dando prazer do jeito dele, do melhor jeito possível. Com uma mão na minha bunda e a outra no meu cabelo, ele me chupava e me penetrava.

Nós nos completávamos, éramos o que faltava um no outro. Sorri para ele que me fazia carinho. Brandon e eu nos aliviamos juntos, antes dele tirar a camisinha suja e jogou-a no saquinho em poucos segundos, depois deitou ao meu lado.

Brandon

Pela segunda vez naquela silenciosa noite, nós estávamos transando. Ela suspirou e se entregou de novo, deixando com que eu fizesse carinho em cada parte de seu corpo e eu sorri aproveitando, fazendo-a ser uma mulher de verdade. Ah, a minha, só minha.

Beijei sua boca.

— Esses lábios, são meus. — disse, dei uma mordida em sua língua. — Essa língua, é minha. — Beijei seu pescoço. — Esse pescoço, é meu. — Suspirei sentindo seu cheiro, cheiro de Maria Clara, o melhor do mundo. — Você me deixa louco, caralho! — Gemi no seu ouvido e ela gemeu em resposta, se contorcendo embaixo de mim. — Essas belezinhas aqui, são minhas também. — Chupei cada um de seus maravilhosos seios. Maria Clara não parava de gemer. Fui beijando sua barriga, sua virilha, até chegar a sua vagina. Que maravilha! — Isso aqui também. Minha! Ouviu?

— Ahan. — Gemeu de olhos fechados segurando o

lençol e eu com minhas mãos em suas coxas, suadas e grossas.

Comecei a chupar sua vagina, dando mordidas em seus lábios e ela gritava de prazer.

– Minha. – Rosnei.

– Sim, sua. Só sua, Brandon, para sempre. – Se contorcia, quase para explodir de tesão.

E foi isso o que ela exatamente fez nos minutos seguintes, gozando na minha boca. Seu gosto era incrível! Suguei-a até não poder mais.

Depois, puxei seus tornozelos, fazendo-a ficar com seus olhos na altura dos meus. Beije-a com calma, fazendo-a chupar meus lábios devagarzinho, sentindo o próprio gosto. No meio do beijo, era riu.

– Me desculpa?

– Se eu desculpo? – Perguntou e eu não respondi, pelo contrário, sentei na cama com as pernas estiradas e a fiz sentar em cima de mim com as pernas abertas. Ficamos confortáveis um com o outro. – E quando é que eu não desculpo suas burradas? – Ela sorriu, passando suas mãos envolta do meu pescoço.

– É porque você me ama. – falei sorrindo,
PERIGOSAS ACHERON

colocando uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha.

– Amo, é? – Fiz que sim com a cabeça e ela revirou os olhos.

– Fico feliz por estar aqui com você. – Admiti. – Senti saudades.

– Também senti saudades! – Ela fez carinho no meu nariz com o dela. – Muita saudade e...

– Ciúmes? – Terminei a frase por ela, que revirou os olhos, deitando no meu ombro, logo riu.

– Acha mesmo que eu senti ciúmes de você?

– Acho. – Falei firme e ficamos em silêncio por alguns segundos.

– De todas as garotas, qual foi a melhor? – Perguntou ela depois de um longo tempo.

– Por que quer falar disso?

– Não sei. – disse ela dando de ombros e suspirando.

Sempre controladora e detalhista. Louca.

– Você. – Abri um sorriso.

– Eu? – Gargalhou. – Eu, Brad?

– Com toda a certeza. Você é tudo o que importa

pra mim, Maria Clara, sempre. – Falei e ela sorriu me beijando.

Era a melhor coisa do mundo estar com ela. Eu só sabia agradecer a Deus a todo o segundo.

– Você é tudo. – disse ela entre um beijo e outro.
– Durante esse último mês, eu só sabia pensar em você, sonhar com você, desejar você. – Não consegui conter o sorriso exagerado.

– Fico feliz em ouvir isso, meu amor. – Falei e nos beijamos de novo.

E de novo, e de novo.

Chupei seus lábios até dizer chega. Enfim entrei dentro dela de novo, no meio de um dos beijos e ela gemeu baixinho. Gostosa!

– Posso morar aqui? – Perguntei.

– Aqui onde?

– Aqui, dentro de você. – Falei baixinho e ela riu sapeca. – Você me desculpa mesmo?

– Desculpo. – Respondeu, firme. Fiquei olhando-a, sério. – Estou falando sério, Brad.

– Eu amo tanto você... Fui um animal contigo, todo esse tempo, você foi forte em não desistir de

mim, eu... – tentei continuar, mas ela colocou um dedo em meus lábios, fazendo com que eu me calasse.

Depois, me deu um selinho e por fim, sorriu.

– Não estraga essa noite, por favor. – Pediu, sorridente. – Já disse que perdoo tudo, tudo. – falou. – Só Deus sabe como eu sofri, mas... Brad, vamos apagar tudo isso. – Deu-me um beijo rápido de novo.

– Então faz uma coisa? – Olhei para ela, passando seu cabelo para trás da orelha. Ela mexeu a cabeça. – Volta pra mim?

O sorriso no rosto dela sumiu aos poucos e ela abaixou o olhar devagar, vermelha. Franzi a testa levantando seu rosto com os dedos.

– E então?

– Brandon... Querendo ou não, eu já tenho um relacionamento. – Aquilo fez o meu coração esfriar, bufei em resposta. – Ele gosta de mim e eu não quero magoá-lo. A gente não namora, mas mesmo assim... – a voz dela sumiu por alguns segundos. – Será que você pode esperar? – Enquanto ela falava, eu me afastei, saindo de dentro dela e indo até

minha mochila, ela ficou com os ombros encolhidos, sentada na cama.

– Esperar quanto tempo? – Minha impaciência era visível.

– Pouco. Vou conversar com ele quando voltarmos...

– Mesmo? – Perguntei pegando um saquinho plástico na mochila e conferi se o que eu queria estava ali mesmo.

Maria Clara assentiu, depois me chamou com o dedo.

– Agora vem, não quero ficar mais um segundo longe de você! – Exclamou me fazendo sentar na cama.

Estava louco para entrar em ação, ficando a noite toda fodendo e fodendo, mas antes, abri o saquinho que eu segurava em minha mão, na frente de nossos rostos e Maria Clara franziu a testa.

– Brad... – ela repuxou o lábio, desconfortável.

Tirei dois baseados do saquinho, junto com o isqueiro e ela ficou olhando.

– Que foi? – Perguntei.

Ela não respondeu.

Acendi um, dei uma longa tragada e joguei a fumaça no rosto dela, que cerrou os olhos, tossindo.

– Não me olha assim. Fuma comigo. – Pedi e dei uma tragada de novo, quando ia soltar a fumaça de novo, Maria Clara segurou meu rosto, abrindo a boca para que eu soltasse dentro dela.

Que garota incrível por quem eu fui me apaixonar, não?

Espere o Inesperado

*“Você realmente acha que eu poderia ser
substituída?”*

Meghan Trainor

Maria Clara

– No que está pensando? – Perguntou Brandon, fazendo carinho no meu cabelo.

Sua boca bem perto do meu ouvido.

Eu estava sentada entre as pernas dele, enrolada nos lençóis. Ele estava atrás de mim, de pernas abertas e minhas costas estavam apoiadas em seu peito. Em seus dedos, estava o último baseado que ele tinha. Eu tinha fumado dois e ele também.

– Em como amo você. – Relaxei minha cabeça em seu ombro.

Brandon tragou e depois soltou a fumaça para cima.

– Me ama tanto assim?

– Mais do que você imagina. – Admiti e vi um sorriso em seus lábios. – E obrigada. – Falei me virando para que eu ficasse o mais de frente para ele possível.

Continuei beijando-o.

– Pelo que? – Perguntou sem entender.

– Sexo na mata. – Sussurrei contra sua boca e

PERIGOSAS ACHERON

Brandon gargalhou.

Ah, aquela risada!

– Nossa, é mesmo! – disse empolgado, como se tivesse acabado de lembrar de algo importante e divertido. Basicamente, era mesmo. – Mas não valeu, eu não tinha pensado nisso... – continuou falando. Minha fantasia sexual, a qual eu estava realizando com o meu homem. Fantástico! – Vamos de novo pra ser mais gostoso e inesquecível.

Sorriu malicioso, subindo em cima de mim de novo, já devorando meu corpo, brincando com a língua em meus seios e fazendo o fogo se acender de novo e de novo.

Porra, que garoto incrível.

Passamos mais longas horas com muito... Sexo, sexo com amor, muito amor. Assim ficava bem melhor. Só Deus sabe o quanto eu estava completa e feliz. Rezava para que aquilo não acabasse nunca. Tudo o que eu queria, era tê-lo na minha vida, para sempre.

O Sol radiava no quarto, deixando tudo claro e me despertando do maravilhoso sono. Esfreguei os olhos com os dedos e só depois de longos minutos, que os abri. Vi que eu estava apoiada com a cabeça no peito de Brad, que dormia como um anjo.

Nossas pernas estavam entrelaçadas, estávamos completamente nus e colados um ao outro, eu sentindo o cheirinho dele. Seus cabelos bagunçados pós-foda era maravilhoso, suas pálpebras estavam relaxadas, assim como seu corpo. Sua mão grande em meu ombro me segurando para que eu não fosse a lugar nenhum. Esse era um medo e tanto dele, mas eu com certeza, permaneceria ali para sempre.

Sussurrei um “*eu te amo*” dando um beijo em sua tatuagem de coroa e me deitei de novo, fechando os olhos e relaxando mais o corpo por alguns segundos. Sentindo o cheiro de Brad, o cheiro de sexo no quarto... Deveria ser bem tarde, já que tínhamos ido dormir de madrugada. Acabados, detonados e completamente satisfeitos. Uma das nossas melhores noites, sem dúvidas.

Senti sua mão apertar meu ombro e eu suspirei, levantando o olhar.

– Bom dia, meu anjo. – Sussurrou ele com aquela voz rouca que era música para os meus ouvidos.

– Bom dia. – disse levantando o corpo e dando um beijo em seus lábios macios. Ele sorria para mim.

Brandon

– Posso contar uma coisa? – Perguntei a ela, depois de lavar todo o seu corpo, principalmente seus cabelos, que ela agradeceu com gemidos de adoração e sorrisos. Estávamos no banho.

– Pergunte. – Falou ela, fazendo um coque nos cabelos molhados e me ensaboando.

Coloquei minhas mãos em sua cintura fina.

– Você só está aqui agora por que eu combinei com as garotas de te darem um perdido, eu segui vocês o tempo todo. Você se perdeu para passar o dia comigo, para me ouvir e voltarmos. – Minha voz estava baixa e Maria Clara me olhou com os olhos arregalados.

Logo me deu um tapa no braço.

– Cachorro! – Gritou ela enquanto ríamos. – Vou matar você e elas! Eu fiquei realmente com medo de me perder para sempre, cara!

– Relaxa, eu sei o caminho de volta. – Passei minha mão em seu rosto molhado. – Eu acho... – sussurrei e rimos de novo.

– Você é muito idiota, nossa! – Ela estava realmente indignada.

– Vai me dizer que não valeu a pena?

– Valeu, valeu muito a pena. – Admitiu com um sorriso no rosto e eu gemi agarrando seu cabelo perto da nuca e a empurrei na parede, dando beijos rápidos em sua boca.

– Caralho, eu amo você, garota! – Sussurrei contra seus lábios, onde tinha um lindo sorriso.

Maria Clara

Depois do banho, Brandon e eu nos trocamos no quarto e nos ajeitamos. Eu coloquei meu biquíni por baixo da roupa, lembrando de que íamos na cachoeira hoje. Depois, vesti meus shorts jeans, uma blusa branca de pano fino jogada e caída nos ombros, meu tênis vermelho e um coque no cabelo.

Brad estava de boné, bermuda azul mostrando a cueca box preta, sem camisa, mostrando lindamente suas tatuagens.

Ao arrumarmos todo o chalé, apagamos as luzes e saímos. Peguei meu celular e ajeitei a mochila nas costas, assim como Brandon.

— Você sabe pra onde vamos? — Perguntei enquanto descíamos as escadas de entrada.

— Sei, acho que vamos andar uns trinta minutos.

Brandon passou um de seus braços em volta do meu ombro, eu segurei sua mão, do mesmo braço que me abraçava. Começamos a andar, rumo onde ele disse que nossos amigos estaríamos.

— Tive dois sonhos hoje à noite. — falei,

quebrando o silêncio depois de tirarmos uma foto e eu guardar o celular no bolso.

– Quais? – Perguntou ele.

Brandon

– Sonhei com a festa de Halloween que tivemos ano passado em Thompson High. – Ela sorriu e eu sorri junto.

– Maravilhosa noite, maravilhosa festa. – Admiti.

– Foi tão boa, não é? – Ela me olhou e dei um beijo em sua testa, apertando meu braço em volta dela.

– Foi a melhor.

– Ah, já tivemos tantas melhores, não sei qual escolher... – abri um sorriso tímido.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, onde eu voltei a lembrar onde estávamos. É, estávamos perto.

– Você está queimada. – disse, tirando meu boné da cabeça e depois de arrumar os cabelos, coloquei-o na cabeça dela, pegando seus óculos escuros preto. – O Sol não te fez bem ontem. – Passei meu dedo de leve por seu nariz vermelhinho e ela riu, arrumando o meu boné em sua cabeça.

Coloquei seus óculos escuros no meu rosto e

PERIGOSAS ACHERON

voltei a abraçá-la. Dei um selinho em seus lábios antes de voltarmos a andar. Andamos por mais dez minutos em silêncio. Estávamos quase chegando. Bom, esperava.

– Qual foi seu outro sonho? – Quebrei o silêncio.

Ela esperou um pouco para responder.

– Eu sonhei que estava grávida. – disse ela e eu gelei.

Diminui o ritmo dos passos, ela me apertou mais.

– E você está? – Minha voz mal saía de medo.

– Não, Brandon! – Respondeu tentando me passar tranquilidade. – Relaxa. – Ela soltou um riso. – Foi só um sonho... – fez uma pausa. – Era um garotinho, lindo de morrer, parecia o Julian. – Soltou um riso.

– Aliás, Julian quer te ver. – Comentei rápido antes que eu me esquecesse.

– Precisamos vê-lo, então. Estou morrendo de saudades daqueles pequenos! De toda a sua família, aliás... – ela sorriu sincera.

– Ok. – Fiz uma pausa. – E esse sonho foi... Bom?

– Foi. – Ela deu de ombros. – Tudo bem que é muito cedo pra pensar nisso, mas um dia eu quero ter filhos sim...

– Eu não estou pronto pra ser pai. – Sussurrei baixo, mais para mim do que para ela, com uma voz que soava desdém.

– Eu sei! Nem eu pra ser mãe, óbvio! – falou. – Mas na hora certa, você será um pai maravilhoso. – Ela sorriu segurando o lábio com os dentes e eu abaixei a cabeça sorrindo.

Será?

Claro que não.

Maria Clara

Passamos mais ou menos cinco minutos andando, quando avistamos umas barracas e ouvimos pessoas rindo, nos aproximamos mais, vimos que eram nossos amigos, soltei o ar, aliviada. Graças a Deus! Brandon sorriu para mim e nos aproximamos mais deles, que param de rir ou falar e olharam para nós.

Os garotos sem camisa, sentados e bebendo, as garotas conversando enquanto ajeitavam seus biquínis. Eles gritaram e bateram palmas igual umas idiotas quando nos viram. Menos Paige, que revirou os olhos bufando por ver Brad comigo.

Chupa, cachorra!

– Até que enfim! – Gritou Dexter enquanto os outros terminaram de vibrar.

Apertei a mão de Brad.

– Que demora! – Disse Ansel rindo e eu soltei um riso ao ver a reação deles.

As garotas param de rir por alguns segundos, Mel e Lauren se entreolharam. Mel arregalou um pouco

os olhos e Lauren disse:

– Ele foi fazer xixi, deve aparecer já, já! – Lembrou ela mordendo o lábio meio apreensiva e eu franzi a testa sem entender.

Melanie se virou diretamente para mim, assim como todas as garotas e todos ficaram em silêncio por alguns segundos.

– Amiga, desculpa atrapalhar o momento e a felicidade de vocês, mas é que... – ela fez uma pausa. – Hoje de manhã mais cedo... – Vi no relógio que eram 12h46. – Landon apareceu com um amigo dele. Disse que a viagem com a família não deu certo e como não conseguiu ligar, apareceu sem avisar. Um tio dele os trouxeram. – falava ela e eu arregalei os olhos, sentindo todo o meu corpo gelar. – Ele não está muito bem e ficou mais puto ainda por saber que você estava sumida e ainda por cima com o Brad. – Ela repuxou os lábios, eu continuei com os olhos arregalados.

Todos ainda estavam em silêncio enquanto eu permanecia imóvel no mesmo lugar. Ouvi Brandon rir como uma criança ao meu lado, feliz com a situação. Ao contrário de mim, claro. Porque...

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu, como assim?! Fodeu!

PERIGOSAS ACHERON

Cachoeira

*“Há algo na sua essência que me agrada,
me acalma, me diverte.”*

Caio Fernando Abreu

Maria Clara

Senti meu peito gelar só de tentar raciocinar o que falaria para Landon. Por que, bom, eu só pensaria nisso amanhã, quando estivéssemos voltando para casa... Mas, cara, por que ele tinha que aparecer justo agora?

Abri a boca para falar alguma coisa e logo a fechei. As palavras sumiram e mordi o canto do lábio inferior.

Todos até aquele momento, estavam quietos, me olhando apreensivos. Só Brandon que ria, amava rir de situações assim. Até um ou outro soltar um riso, seguindo assim, todos gargalharem de mim. Já tinha entendido tudo!

– Melanie, desgraçada! – Soltei-me de Brad e corri na direção dela, dando tapas sem parar em seus braços enquanto ela se defendia e ria muito.

– Estava só brincando! – Falava ela. – Calma, amiga!

– Você tinha que ter visto sua cara! – Zombou Dex e Brad segurou meus braços, para que eu não

batesse mais em Mel e beijou o topo de minha cabeça por cima do boné.

Bufei.

– Isso não é coisa que se brinque! – Reclamei, soltando um suspiro de alívio.

– Calma, esquentada! – Falou Lauren dessa vez. – Não precisa ficar brava, só queríamos ver sua reação, que foi ótima. – Ela ria e ri junto, sem me aguentar. – Amamos vocês! – Soltou um beijinho no ar e eu balancei a cabeça, jogando a mochila em cima de umas folhas que estavam ali perto e balancei a cabeça.

Ufa!

Para que inimigos quando se tem amigos como eles?

– E aí, mataram as saudades? – Perguntou Dex, enquanto bebia uma garrafinha de suco.

Brandon colocou sua mochila no chão e cumprimentou seus amigos, eu apenas abri um sorriso a eles. Depois de beber um pouco de suco, Brad fez uma careta respondendo “não” para a pergunta de Dexter.

– Como se a noite inteira não bastasse. – disse
PERIGOSAS ACHERON

baixo, pegando algo para comer na bolsa e os garotos riram.

– Brad é um puto, cara! Meu Deus do céu! – falou Ansel, balançando a cabeça.

– Ué, estou falando sério! Não matei toda a saudade. Precisamos de uma vida inteira juntos para eu me cansar dessa garota. – Comentou Brad todo fofo, se sentando no chão e quando olhei para ele, vermelha de vergonha, ele mandou um beijinho no ar.

Soltei um riso quando todas falaram um “own!”.

Passamos as horas seguintes, enchendo a barriga com porcarias para passar a fome, enquanto as garotas me contavam como foi a noite que eles tiveram e os garotos desmontavam as barracas, para deixá-las todas juntas, enquanto íamos à cachoeira. Bom, íamos deixar pelo menos as barracas lá, aliás, ninguém iria roubar...

Arrumamos as bolsas e Lauren me ajudou a passar protetor solar, assim como eu passei em Brandon e todos fomos para cachoeira, que ficava a mais ou menos vinte minutos de onde estávamos,

PERIGOSAS ACHERON

andando. Graças a Deus passou rápido, pelo fato de eu só saber rir das merdas que meus amigos falavam.

A cachoeira era maravilhosa e muito, muito alta. A visão era perfeita! Era bem branquinha e forte. Era difícil acreditar que tinha aquela maravilha no meio de tanto mato. As árvores, o sol e o céu davam uma visão linda do lugar me fazendo pegar o celular para tirar fotos, muitas fotos.

Logo embaixo da queda d'água, tinha um rio verdinho, bem limpinho e com uma água muito, muito gelada. Parecia ser fundo, mas sem correnteza forte. Ao lado tinha algumas pedras, enormes e foi ali que nos sentamos e colocamos nossas bolsas. Os garotos mal esperaram nós chegarmos direito e já pularam na água.

Dei risada das palhaçadas de Dexter com os garotos, fiquei feliz por eles terem se enturmado tão bem. Brandon me entregou o boné e tirou seus tênis, me dando um selinho rápido antes de pular na água.

As garotas e eu ficamos alguns minutos sentadas porque, aliás, o sol estava maravilhoso para eu

pegar uma cor e foi isso que fiz. Ao olhar todos se divertindo a sua melhor maneira, tirei minha regata, arrumando a parte de cima do biquíni e ouvi os assovios de Brad.

– Socorro, que maravilhosa! – Gritou ele e os garotos começaram a bater palmas. As meninas já foram para a água, apenas eu e Melanie permanecemos secas. – Vem ser gostosa assim na minha cama! – falou ele mordendo os lábios.

Apenas me deitei, dando risada ao fechando os olhos e aproveitando o sol. Beirava 15h da tarde.

A hora passou voando naquela tarde! Eu tinha pegado uma cor até. Todos beberam, conversaram e brincaram naquela cachoeira como crianças! Em pouco tempo já ia escurecer, eu presumi.

– Meu, não vale! A Lauren não sabe brincar! – Falou Melanie, por ter perdido na brincadeira que eles estavam fazendo.

Lau em cima de Dex e Mel em cima de Ansel. Eles brincavam de briga de galo e Lauren ganhou trapaceando.

– Cala a boca, Melanie, você não sabe perder! – Respondeu Lau, descendo de Dexter e rindo. – Já ganhei, chega! – Falou e Mel fez biquinho, se fingindo magoada.

Ri da cena.

Eu estava em pé, com Brandon atrás de mim, estávamos perto de uma pedra, ao lado da linda e gelada queda d'água. Ele com as mãos em minha barriga e eu com minhas mãos em cima das dele. Ouvi sua risada, ele ria da mesma coisa que eu e quando parou, me deu um beijo molhado na nuca.

– Você está linda. – Sussurrou ele. – Já te disse isso?

– Sim. – Respondi fechando os olhos, sentindo seus beijos gostosos e rezando para aquilo jamais acabar. Estávamos todos tendo uma maravilhosa tarde. – Eu amo você. – disse me virando para olhar para ele.

Passei minhas mãos em volta de seu pescoço.

Brad fazia carinho em minha bunda e cintura com os dedos, como estava por baixo da superfície da água, não liguei. Ele estava completamente molhado, com os cabelos bagunçados e mais

escuros devido a água. Seu sorriso estava mais lindo do que nunca.

– Está gostando?

– Do que?

– De tudo.

– Estou amando. – Devolvi um sorriso para ele que passou suas mãos em meus cabelos ensopados e ao fazer carinho em minha bochecha, me beijou.

Correspondi aos seus beijos apaixonados, molhados e lentos. Caralho, não existia outro lugar no mundo onde eu queria estar a não ser ali, com ele. O garoto que me deixa forte, feliz e realizada. Porque eu tinha que amá-lo tanto?

Mordi seu lábio perfeito minutos depois, finalizando o beijo com uma certa demora e ao terminar ele me deu selinhos e sussurrou:

– Mais do que a mim?

– Claro que não, Brad. – Admiti e vi seu lindo sorriso estampado no rosto. Depois de me dar mais um selinho colado, ele me afastou, fazendo-nos sair da água. – Pra onde vamos?

– Aqui, vem! – Ele me conduzia por cima das pedras escorregadias me fazendo segurar sua mão

PERIGOSAS ACHERON

com força. – Vamos pular. – Disse por fim, quando estávamos em pé em cima da pedra mais alta que tinha ali.

– Está zoando, não é? – Arregalei os olhos, me afastando da beirada e ele me puxando... – Brad, é muito alto.

– Não é nada! Vem! – Pediu ele, olhando para os lados e para a água, para ver onde mais ou menos onde iríamos cair. Os garotos já tinham pulado dali tantas vezes que parecia ser fácil, mesmo não sendo. Um medo chato percorreu meu sangue. – É só pular, coisa de segundos!

– Brad, sou desastrada, vou escorregar e lá embaixo vou bater a cabeça nessas pedras e morrer. Você vai ficar com culpa na consciência para sempre! – Exclamei tentando ser a mais convincente e dramática possível.

– Nossa, para com isso! – Exclamou ele, eu sabia que no fundo ele ficou com medo dessa situação. – Dramática! Vamos!

Respirei fundo de novo olhando a todos que nos olhavam esperançosos lá embaixo. Brad sussurrou algo como: *“feche os olhos, pulamos juntos no*

três!” e foi isso que eu fiz. Segurei em sua mão com força e quando ouvi sua contagem, na hora certa pulei, junto a ele.

Senti um frio na barriga gostoso enquanto eu estava no ar e logo caímos na água, fazendo um mergulho profundo e subi a superfície, procurando Brad que logo sorriu para mim, passando a mão nos cabelos. Todos soltaram um grito.

Depois daquela maravilhosa tarde, percebemos que já estava escurecendo e fomos embora da cachoeira. Estava começando a esfriar também e pelo que eu me recordo da noite anterior, na floresta fazia muito frio. No caminho de volta para onde estávamos acampados, fomos a maior parte do tempo em silêncio, para guardar as poucas energias para mais tarde.

Já de volta ao acampamento, os garotos trocaram de roupa e montaram as barracas novamente, enquanto as garotas se ajudavam para se trocar também. Depois de me secar bem, passei creme no corpo para minha pele não arder e vesti roupas íntimas limpas, coloquei um short limpo e uma

PERIGOSAS ACHERON

camiseta jogada de lado preta. Meus cabelos estavam molhados e eu apenas os penteei e coloquei meu lenço no alto da cabeça.

As barracas foram montadas em pouco tempo, e bom, eu dormiria na barraca de Brad, já que eu não tinha levado barraca nenhuma. Quando viemos, estava combinado que eu dormiria numa extra, que o Ansel trouxe para mim, mas já que Brad tinha a dele, dormiríamos juntos.

– Ainda tem bebida? – Perguntou Dex para Ansel, que consentiu.

– Tem, bom, pelo menos pra fecharmos a noite tem sim. – Respondeu Ansel.

Brandon, Caleb e Dexter estavam acendendo a fogueira. Já estava bem escuro, vendo o relógio, vi que marcavam 20h25 da noite.

As garotas começaram a preparar uns lanches do lado das barracas para comermos antes de irmos para a fogueira e fui com elas conversar um pouco. Conversar e comer, já que eu estava com muita fome.

Minha mãe saberia muito bem que eu passaria esse fim de semana inteiro sem comer comida de

verdade e esse era um dos motivos que a deixou meio balançada quando me deixou vir ao acampamento.

É, tinha acontecido muita coisa nesse acampamento, e olha que ainda não tinha terminado. Eu estava feliz, bem feliz, sentindo sensações boas que faziam um bom tempo que eu não sentia. Era incrível e bem difícil de acreditar.

– Ei, garotas, venham pra cá! – Gritou Caleb todo gentil quando eles acenderam a fogueira e sentavam em volta.

Melanie levou com ela uma bacia de plástico com alguns sanduíches para os garotos, que os devoraram rapidamente. Lauren levou alguns copos descartáveis e eu levei o saquinho de marshmallows para assarmos.

Sentamos todos em volta da fogueira. Eu ao lado de Brad e ao meu lado Lau, seguido dela, Dex, depois Paige, Katherine, Caleb, Melanie e Ansel que fechava a roda que não estava tão grande.

Vi que Dex estava pegando seu violão dentro de sua cabana e vindo em nossa direção, se sentando.

– E aí, quem começa? – Perguntou Ansel.

– Deixa o Brad começar. – falou Caleb.

Dex consentiu, entregando o violão para Brad, que dava uma afinada nas cordas antes de tocar algumas notas. Os garotos começavam a colocar os *marshmallows* para assar em uns gravetos que mais pareciam palitinhos de churrasco.

– Que música? – Perguntou Brad.

– *Just The Way You Are*. – Sugeriu Kath, empolgada. – Amo essa música.

– Do Mars? – Brad franziu a testa, ela consentiu.

Ficamos esperando até poucos acordes serem tocados por ele e sua voz ser ouvida no silêncio da noite, apenas sendo acompanhada pelo violão. Começou ele a cantar de um jeito que me fez parar. Todos fizeram silêncio para que ele cantasse e eu o observei.

Brad cantava devagar, no ritmo da melodia e eu parei para ouvi-lo. Ele estava de bermuda escura, com uma regata vermelha e os cabelos levemente bagunçados. Um anjo. Ele cantava maravilhosamente bem e tocava também.

Tá, tudo bem que eu já o tinha ouvido cantar e tocar antes, mas... Era sempre assim, apaixonante

PERIGOSAS ACHERON

de se ouvir. Ele olhava para mim ao cantar e eu corei. A letra era linda, era uma de minhas músicas favoritas e ele sabia disso.

Ele continuou cantando as lindas frases, às vezes fechava os olhos para isso, ou então, estava olhando para mim. Eu cantei junto, assim como Kath e Dexter. Quando vi, estávamos todos cantando juntos, estava lindo. Difícil de acreditar como linda estava a noite.

De arrepiar, de verdade. Sorri quando ele me deu selinho ao terminar de cantar e todos aplaudiram, rindo. Assim foi o começo da noite, música e mais música. De Justin Timberlake, passando por Ne-Yo e Michael Jackson, enquanto comíamos marshmallows. Não tinha como explicar o que eu sentira. Ficamos assim por longos, longos minutos.

Aquilo tudo parecia coisa de filme.

Depois, começou Ansel e Caleb a contar histórias de terror, eles se divertiam enquanto Melanie e eu morríamos de medo!

Eu não gosto de terror nem na minha casa, quanto mais numa floresta escura, longe do nada com um bando de idiotas amigos meus, não é? Mas não

tinha o que discutir, a democracia existe para isso.

– Bom, galerinha do mal! – Chamou Dexter depois de algum tempo.

Eram 23h da noite, vi no relógio de pulso de Lauren ao meu lado.

– Vamos fazer algo útil agora?

Coloquei um *marshmallow* na boca, que estava realmente uma delícia. Dex pegou a garrafa de vodca gelada que estava dentro da caixa térmica e logo abriu.

– Lauren, me passa os copos. – Pediu e ela logo o fez.

– Vamos brincar um pouquinho.

– Manda. – Pediu Brandon, esfregando as mãos uma na outra, empolgado.

– *Eu Nunca*, já brincaram? – Perguntou Dex, olhando-nos.

Uns disseram que sim, outros menearam a cabeça negando.

– Como se brinca disso? – Perguntou Paige.

Respirei fundo, deitando minha cabeça no ombro de Brandon que fez carinho na minha cintura, me

dando um beijo na cabeça. Dex junto de Melanie colocam doses nos copos e começaram a distribuir a cada um de nós.

– Assim. – Brad começou a falar dessa vez. – Uma pessoa faz uma revelação e quem já fez a mesma coisa que ela, bebe um gole, entendeu? Usando o “*eu nunca*” no início da frase, tipo uma ironia. – Ela concordou, empolgada. – Só termina quando alguém sair bêbado. Mas tem que ser revelações boas, necessárias e reais.

– Isso! – Confirmou Dexter, terminando de distribuir os copos.

Lauren entregou o meu e o de Brad.

– E aí, bora? – Falou o aniversariante, todos consentiram empolgados.

– Agora a noite vai começar de verdade. – Ansel esfregou as mãos com um olhar malicioso e soltei uma risada, sabendo que a noite ainda estava longe de acabar.

Eu Nunca

*“Sinto ciúmes de tudo o que é meu
e de tudo que eu acho que deveria ser.”*

Bob Marley

Brandon

– Minha vez! – Falou Katherine, alto demais até, por já ter bebido diversas vezes, com revelações do tipo “*já amei duas pessoas ao mesmo tempo*”, “*já senti atração por outro, mesmo namorando*”, “*eu me masturbo desde os meus 13 anos*”, e por aí vai.

– Pode falar. – Respondeu Ansel.

– Então... *Eu nunca* fingi um orgasmo. – Ela falou baixo, depois bebeu um gole.

Assim como ela, Maria Clara bebeu.

– Caralho, Caleb, você está fraco, hein, cara! – Exclamei e todos caíram na gargalhada, uns bem bêbados.

– Maria Clara bebeu também, cala a boca! – Respondeu ele.

– Mas ela não fingiu comigo não, disso tenho certeza! – falei e senti minha doce garota me dando um beijo no pescoço.

Beirava madrugada. Muitas revelações nada a ver já tinham sido ditas.

– Vai, Brandon, sua vez. – Pediu Clara.

Tentei lembrar alguma coisa...

– Hm. – Pensei um pouco.

Não tinha o que falar, sou um santo.

– *Eu nunca...* fui pra cama com duas garotas ao mesmo tempo.

– Bem sua cara. – Zombou Melanie, soltando um riso.

Bebi um gole de minha vodca, assim como Dexter. Sorri convencido.

– Deixa eu falar agora? Rapidinho! – Pediu Ansel. Todos concordaram. – Bom, *eu nunca...* Trai. – falou e não bebeu.

Olhei a todos que ficaram me olhando, então bebi um gole rápido, assim como Maria Clara. Aquela foi uma situação bem constrangedora, mas...

– Minha vez agora. – Maria Clara disse, trazendo toda a atenção para ela. Passando a mão no cabelo, ela respirou fundo ao pensar. – *Eu nunca* fiquei de quatro para um cara.

Abri um sorriso.

– Ok, prestem atenção, minha vez agora. – Lauren disse e eu a olhei, ou melhor, todos a

olharam. – Posso? – Ela olhou para cada um de nós. – Lá vai. – Fez uma pausa. – *Eu nunca* fiquei com uma pessoa do mesmo sexo.

Em questão de segundos, Lauren se aproximou de Maria Clara sem falar nada e franzi a testa olhando sua atitude. Maria Clara não teve outra reação a não ser corresponder ao beijo que Lauren dava em sua boca. Arregalei os olhos sem acreditar que eu estava mesmo vendo aquilo.

Todos olharam, sem graça, assim como eu que não sabia o que fazer, sentindo meu sangue arder de ciúmes.

Aos poucos, depois de longos segundos elas se separaram enquanto Dexter ria. A tensão sumia aos poucos. Lauren piscou para Clara, rindo e bebeu. Maria Clara estava com os olhos arregalados e a respiração um tanto ofegante.

Ao recuperar os sentidos, soltou um riso e deu de ombros, dando um gole em sua vodca. Ansel fez a mesma coisa.

– Ansel? Oi? – Melanie arregalou os olhos para ele, que deu de ombros, bêbado.

– Lembra há dois anos, naquela festa que fomos

na casa do primo de Connor? – Dizia ele, Melanie mexeu a cabeça. – Então, aqueles gayzinhos abusaram de mim... Eu estava bêbado, eu juro. – Falou ele e todos riram.

Menos eu, que mal prestei atenção no que ele falava. Senti Maria Clara deitar sua cabeça em meu ombro e senti raiva, as veias cheias de ciúmes, ficando em pé num pulo. Ou eu saia de lá ou perdia a cabeça.

Como ela teve coragem de beijar outra pessoa na minha frente?

Deixei todos me olhando enquanto eu dei as costas e fui andar ali perto. Ouvi murmúrios atrás de mim e logo a voz de Maria Clara bem próxima.

– Brad? Está tudo bem? – Bufe.

Tudo bem?

– Que? – Perguntei sem olhar, fingindo não ouvi-la.

– O que houve? Porque saiu? – Sua voz era baixa.

– Nada. – Respondi irritado.

– É, estou vendo que não é nada! – Ela colocou suas mãos em meus braços. – Para, vai.

Explodi.

– Sai daqui, Maria Clara! – Bebi o resto de vodca
que descia rasgando minha garganta

Os olhos dela se arregalaram me olhando.

O ciúme consumia todo o meu corpo.

Um Passo de Cada Vez

*“Não há necessidade de correr,
é como aprender a voar, ou se apaixonar
vai acontecer quando tiver que acontecer.”*

Jordin Sparks

Maria Clara

– Eu nunca beijei uma pessoa do mesmo sexo. –
Confessou Lauren, enquanto todos olhávamos para ela.

Não tinha entendido sua intenção, até ela se aproximar rapidamente do meu corpo e selar seus lábios gelados nos meus. Permaneci estática no lugar por alguns segundos, realmente surpresa.

Caralho, uma garota estava me beijando!

Ela pediu passagem com sua língua traiçoeira e eu cedi, fechando os olhos e colocando minha mão em sua coxa. Senti sua mão em meu cabelo e nossas línguas faziam uma batalha entre si. Seu gosto de vodca era bem forte, mas eu não liguei, já que eu deveria estar com o mesmo gosto.

Meu coração estava acelerado e fiquei vermelha só de imaginar todos ali olhando para nós.

Lauren beijava muito bem!

Enfim ela terminou o beijo puxando meu lábio inferior com seus grandes dentes e me soltou, passando a mão nos meus cabelos e se afastando.

Puxei o ar que me faltava, abrindo os olhos e vendo que todos nos observavam. Sussurrei um “uau”, olhando para ela, que piscou pra mim.

Soltei um riso depois de alguns segundos, dando de ombros e bebendo um gole de minha vodca. Eu já tinha beijado uma pessoa do mesmo sexo, então. Dexter ria abraçando Lauren, que deitou em seu ombro.

Encostei em Brandon, que por impulso, se levantou sem olhar para mim e saiu, indo em direção as barracas. Todos se entreolharam sem entender e Lauren me cutucou.

– Quer que eu fale com ele? – Sussurrou ela e eu neguei com a cabeça, me levantando.

– Tudo bem, deixa que eu falo. Podem continuar.
– Falei antes de me afastar e fui até ele, que estava de costas. – Brad? Está tudo bem? – Perguntei.

O ouvi bufar.

– Que? – Ele virou a cabeça, me olhando por cima do ombro por uns dois segundos.

– O que houve? Porque saiu? – Perguntei, mesmo tendo quase a certeza da resposta.

– Nada. – Ele estava irritado. Respirei fundo.

– É, estou vendo que não é nada! – Aproxime-me, colocando minhas mãos em seus braços nus e gelados por conta do vento forte. – Para, vai. – Pedi baixo, não estava com saco para brigar, mas, bom, quem manda amar um cara desses?

– Sai daqui, Maria Clara! – Ele fez um movimento com os braços me fazendo soltá-lo e virou seu copo de vodca, logo jogando-o com força ao longe.

Arregalei os olhos com sua atitude e seu tom de voz.

– Brad, você está irritado por causa daquilo? – Perguntei, começando a me irritar com suas atitudes bobas.

– Me explica, Maria Clara, o que foi aquilo? – Ele se virou, me olhando.

Sua cara não estava das melhores. Respirei fundo, tentando achar as palavras.

– Um beijo, eu acho. – Falei baixo.

Ele riu fraco. Que ótimo, me diminuindo de novo.

– Um beijo, ai, legal, um beijo! – Ele gesticulou as mãos no ar. – Lindo, não é, garota?

– Todo homem comum gosta de ver sua garota

PERIGOSAS ACHERON

beijando outra. – Soltei a voz depois de alguns minutos, com um tom de voz não tão alto e nem tão baixo.

– Eu não sou um homem comum! – Retrucou, quase gritando.

Todos já deveriam estar ouvindo nossa discussãozinha ridícula.

– Você acha que sua atitude foi certa?

– Por que? Existe atitude certa ou errada? – O encarei. – Estamos numa brincadeira, se você não se recorda.

– Você namora, garota! – Ele ainda gritava ao falar. Respirei fundo. – Depois eu que sou infiel. Que ótimo!

– Sim, você é infiel, não eu! – Respondi no mesmo tempo. – Até porque, nem namorado eu tenho. – Ele parou no mesmo instante. – Ou você acha que só porque eu fui pra cama contigo noite passada, nós voltamos? – Brad estava estático me olhando. Não queria ter falado aquilo, mas foi mais forte. Ele não ia me intimidar, não dessa vez. – Você lembra o que eu te disse ontem? Primeiro eu falo com Landon, e depois a gente volta. Baixa a

sua bola!

Brandon soltou um riso, abaixando a cabeça, ridiculamente lindo. Ficamos longos segundos nos olhando sem dizer nada.

– Ele ia amar saber que você fica aí beijando suas amiguinhas as escondidas!

– Suas amiguinhas, vírgula! Não saí beijando todas as mulheres aqui. Foi apenas Lauren que me beijou e eu só retribui. – falei.

– É, eu vi. – Ele revirou os olhos.

Fiquei olhando-o por alguns segundos.

– E não me arrependo. – Disse firme. Ele me fuzilou com os olhos. – Ela beija muito bem! – Abri um sorriso, provocando mesmo.

– Eu sei. – Ele rosnou. – Lauren faz outras coisas ótimas com a boca também! – Sem rodeios, ele disse e senti meu sangue arder.

– Imaginei. – Retruquei e ele abriu um sorriso convencido. – E então, você está bravo porque eu a beijei, Brandon? Quem deveria estar brava sou eu por saber que você fez coisa pior com ela!

– Não importa, não estamos falando de mim! – Explodiu, falando alto de novo. – Estou chateado,
PERIGOSAS ACHERON

tenho que estar. Porra, Clara!

– Brandon! – Exclamei, olhando-o, rezando mentalmente para gente parar de brigar. – Para de ser tão criança! Se fosse outra pessoa no seu lugar, não reagiria assim, com tanta imaturidade!

– Ah, quem no meu lugar? Quem, Clara? Seu namoradinho? – Perguntou e eu engoli em seco. – Não posso fazer nada se ele engole as merdas que você faz! Ou você acha que ele não sabe, que você ainda me ama e me quer? Ele é um idiota, se faz de cego! Ele pode engolir suas burradas, eu não!

– Brandon, cala a boca! – falei, tentando não me mostrar mexida com suas palavras. – Não estamos falando do que rolou conosco, muito menos de Landon e sim do que rolou há poucos minutos! Volto a repetir, foi uma brincadeira!

Ele ficou me olhando com o olhar em brasa. Ponto para mim! Se ele sabia me irritar, eu também sabia irritá-lo. Tudo bem que o que eu falei distorceu todo o foco da conversa, mas eu queria esquecer tudo aquilo.

Vi seus olhos se revirando e então eu respirei fundo por uns segundos.

– Eu estou chateado. – Admitiu ele depois de alguns segundos, olhando para o nada.

– Não fique.

– Como não? Mal posso dar minha opinião sobre sua vida que você já me compara com aquele lixo, que aceita ser usado e feito de idiota. – Ele repetiu baixo. – Não suporto ser comparado.

– Tudo bem, mas...

– Mas nada! – ele disse baixo, como se soltasse um riso. – Eu não gostei do que você fez, de verdade. Muitos podem gostar, mas eu não. Podem me chamar de fresco e o que for, mas eu não gostei, não sou obrigado a gostar.

– Brad, uma coisa é você não gostar, outra é brigar comigo por causa disso. – Falei mais baixo, ele tinha ficado mesmo magoado, não exatamente por eu ter beijado outra pessoa na frente dele e sim, por ter falado todas aquelas coisas de Landon...

Respirei fundo, segurando no braço dele que estava passando ao meu lado, tentando se afastar de mim.

– Desculpa!

– Não, eu que peço desculpas. – Ele disse firme,
PERIGOSAS ACHERON

mesmo com a voz mais calma. – Você tem razão, tem todo o direito de dar sua opinião, comparar quem quiser comigo, beijar quem quiser, eu não tenho nada a ver com isso, nós nem estamos juntos...

– Onde você vai? – Perguntei, quando ele passou pelas barracas, andei atrás dele, já que não me respondeu.

Puxei-o pela mão, fazendo-o encostar numa árvore no escuro e o beijei.

Brandon

Maria Clara sugava meus lábios com força me fazendo enlouquecer e esquecer de tudo de ruim. Ficamos longos minutos nos beijando ali, encostados numa árvore no escuro, só ouvindo o barulho das risadas de nossos amigos e nossas respirações ofegantes.

– Estou tão cansada. – Disse ela, encostando a cabeça em meu peito. – Promete que não vamos mais brigar?

– Prometo. – Fiz carinho em seu cabelo, seus braços estavam aquecidos com a minha blusa de frio. – Prometo. – Sussurrei de novo e senti seu sorriso contra o meu corpo.

– Vamos deitar? – Perguntou ela quando viu que todos já estavam se levantando, indo a suas respectivas barracas.

Consenti, pegando na mão dela e assim seguimos para onde estavam todos.

– Desculpa perguntar, mas... Está tudo bem com vocês? – Lauren olhou para nós.

– Sim, está.

Ajudei os garotos a apagarem a fogueira e pegar todas as coisas para guardarem dentro das barracas. Logo todos se despediram, acabados e cansados do ótimo dia. Melanie e Ansel estavam bêbados, falantes, mas relaxados.

Ao entrar na minha barraca, Maria Clara estava lá, sentada mexendo no celular com uma lanterna ao lado. Sentei-me ao lado dela e fechei a barraca, depois, peguei mais um lençol. Ao todo estávamos com três lençóis para nos cobrirmos. Estava bem frio, mas não tinha como trazer cobertores na mochila.

– Sabe do que eu estou com medo? – Maria Clara perguntou retoricamente. – Da semana que vem.

– Por que? – Conversávamos aos sussurros.

Todos já estavam em silêncio, presumi que a maioria dormia.

– Tem meus pais, o Landon, o colégio, nós... – comentou ela e eu pensei uns segundos sobre.

Tudo ia voltar ao normal, ao nosso normal.

– Vai ficar tudo bem. Tudo ao seu tempo... – tranquilizei-a.

Sorri ao saber que eu ainda a fazia feliz, que eu ainda a fazia sonhar, a protegia, confortava...

– O que você está querendo? – Perguntou ela levantando o olhar.

Percebi que estava fazendo carinho em sua cintura, indo e voltando para a sua bunda.

– O que eu sempre quero, ué. – Aproveitei a oportunidade, beijando-a com urgência.

– Aqui não! Nossos amigos estão aqui do lado! – Dizia de um jeito desesperado e divertido.

– Eles devem estar fazendo a mesma coisa. – Rebatu, esbarrando meu pênis em sua coxa, vendo-a estremecer.

– Todos estão dormindo, Brandon. Vamos fazer o mesmo.

– Cooper! – Gritei, Maria Clara arregalou os olhos. – O que vocês estão fazendo?

– Fodendo! – Respondeu ele com uma voz grogue de sono.

– Valeu! – Respondi por fim e Maria Clara se contorcia para não rir embaixo de meu corpo, dando beijos em meus lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Amor Escondido

*“As mais belas frases de amor
são ditas no silêncio de um olhar.”*

Paulo Coelho

Maria Clara

Landon e eu estávamos na aula de Química fazendo um exercício superchato e tedioso quando meu celular vibrou no bolso. Discretamente o peguei e vi uma mensagem:

“Vem na quadra, estou esperando você! Xx Brad”

– Professora, posso ir ao banheiro? – Perguntei rapidamente.

Ela olhou para mim e concordou, depois, voltou seu olhar para os papéis que ela corrigia. Antes de me levantar, senti um selinho colado de Landon no canto da minha boca. Surpresa, sorri sem graça.

– Já venho. – Avisei e no segundo seguinte, já estava do lado de fora da porta.

Andei pelos corredores vazios e silenciosos, fui até a quadra coberta, onde Brad tinha pedido para eu o encontrar. As luzes estavam apagadas, já que nenhuma sala estava tendo aulas de Educação Física. Apenas a luz do sol passava pelas altas janelas.

Logo senti braços fortes me apertando pela cintura e me virei rapidamente para olhar, senti meu corpo chocar com a parede da arquibancada ao lado. Os lábios gelados do ser humano nos meus de um jeito rápido e tive a certeza de que era Brandon.

Ninguém beijava tão bem como ele.

Correspondi seus beijos puxando seu cabelo, fazendo carinho com as unhas em sua nuca. Sorri entre um beijo e outro.

– Uau... – sussurrei.

– Senti saudades! – Exclamou ele sem fôlego.

– Eu também. – Abri os olhos, ele fez o mesmo. – Como foi na prova?

– Bem. – Respondeu passando seus dedos pela minha cintura, por debaixo da blusa fina azul bebê que eu usava. – E você? – Apenas meneei a cabeça para baixo e para cima.

Há menos de uma hora, havíamos feito prova de História.

– Fico feliz em ter ajudado você.

Era quinta-feira da mesma semana. Na segunda-feira, Brad passou o dia lá em casa, onde dormimos juntos, assistimos a filmes, conversamos e eu o

ajudei com algumas matérias. Ele estava mesmo precisando!

Encostei meus lábios nos dele de novo, sugando o inferior e sorri sentindo borboletas no estômago. Como era boa essa sensação de ficada às escondidas... Mesmo sendo errado.

– Já falou com ele? – Perguntou Brad depois do beijo.

Ainda estávamos abraçados. Eu na ponta do pé com o corpo contra a parede. Uma posição... Confortável.

Meneei a cabeça em negação e ele respirou fundo me olhando.

– Amor, até quando vai isso?

– Não sei... Juro que é só tudo se acalmar que eu falo. Porra, Brad, ele acabou de perder a avó!

Desde segunda-feira à noite, quando Landon me ligou, fiquei sabendo que sua avó tinha falecido e desisti de terminar com ele, aliás, ele estava acabado! Assim como toda a família Simpson. Passei terça e quarta-feira com ele nas aulas e falando com Brad apenas pelo celular durante a noite. No colégio, mal nos olhávamos.

– Ok, mas isso faz tempo, ele já superou! – Retrucou.

– Faz três dias, meu amor! – Exclamei e ele soltou um riso.

– E você pretende esperar até quando pra ele superar e perder você?

– Não sei, mas é sério, logo eu termino... – avisei e ele consentiu, me dando selinhos, até chegar ao meu pescoço, onde fechei os olhos e levantei a cabeça pra deixá-lo tomar conta de mim. – Tudo que é às escondidas é melhor. – Sussurrei quase como um gemido, apreciando o momento.

– Eu sei. – Começou ele, com sua respiração rápida chicoteando minha pele. – Mas eu não aguento mais só ver você quando ele não está por perto, sabe? Eu preciso andar com você de mãos dadas por aí, como antes... – falava enquanto subia os beijos, passando pelo meu maxilar e depois para os lábios de novo.

Não deixei que ele falasse mais nada, só aproveitei estar ali tendo-o para mim, um gostoso amor escondido.

– Precisamos voltar, estamos em aula.

– Aqui está tão bom... – disse ele com uma voz rouca, e que voz!

Aos poucos, o empurrei, me afastando e corri até a porta da quadra, sentindo-o me agarrar e beijar minha nuca aos risos. Ri junto, me virando e depositando selinhos em sua boca, deixando-o com a boca inchada de tantos beijos. Respiramos fundo, recuperando o fôlego.

– Me liga à noite! – Falei e ele consentiu.

Maria Clara

– Eu vou me cuidar, relaxa! – Prometi a Landon, enquanto estávamos na porta de casa. Ele fez carinho na minha cintura com a mão. – Se cuida você também! – disse rápida.

A moto de Landon estava estacionada do outro lado da rua, na esquina.

– Ok. – Ele disse e me deu um beijo.

– Tchau. – falou já na moto e acenei quanto ele foi embora.

Olhei o relógio, eram 21h35 quando peguei minha bolsa, me despedi da Angel e fui até o carro do Brad. Ao entrar, dei um selinho colado em sua boca, onde ele permaneceu imóvel. Sorri olhando-o, que fazia o mesmo, mas sério.

– Oi. – falei empolgada. – Desculpa o atraso, bom, como você viu, Landon foi embora agora...

– Percebi. – Ele deu partida no carro, indo rumo a casa dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Como Anastasia Steele

*“Por um minuto, nós estamos em cima,
mas depois, estamos caindo.”*

Justin Bieber

Brandon

– Que saudade eu estava daqui. – Maria Clara disse, olhando para os lados, onde meu quarto parecia o mesmo, pelo menos para mim. – A última vez foi... – fez uma pausa. – Há um tempão. – Sorriu de lado, sem graça.

– Nossa cama ficou com saudade de você. – Disse, tirando a roupa e colocando tudo em qualquer lugar. – Aliás, o que é uma cama de um rei sem uma rainha? – Ela sorriu boba para mim e eu para ela.

– Nossa, Brad, vai se foder, caralho! – Gritou Maria Clara me dando um empurrão na cama.

Gargalhei.

Estávamos jogando *Blur*, jogo de corrida no Xbox, um contra o outro e mais uma vez, eu tinha ganhado. Beirava 00h20 da noite, minha cama estava uma bagunça de lençóis, pelo fato de termos brigado com travesseiros. Jogávamos rindo e conversando sobre coisas aleatórias, uma noite

completamente... Aproveitada.

Ao terminarmos mais uma rodada, onde eu ganhei pela quinta vez seguida, Maria Clara se jogou nos lençóis, suspirando.

– Cansei. – Falou arrastado, despreocupada.

Entregou-me o controle, que eu logo coloquei na cabeceira e desliguei o aparelho.

– O que você quer? – Perguntei, me deitando com a cabeça apoiada no cotovelo ao lado dela.

– Quero sexo. – Pediu inocente, me olhando.

Observei seu corpo só com suas roupas íntimas deitada na minha cama.

– Ah, quer? – Não deixei com que ela respondesse, pois coleí seus lábios nos meus.

Maria Clara

Brandon tirou sua calça rapidamente, assim como a cueca, jogando no chão. O engoli com o olhar, porque era impossível não olhar para aquele maravilhoso homem na minha frente. Eu sou sortuda para caralho!

Deitei-me na cama, tirando meu sutiã e a calcinha, fechando os olhos ao sentir os beijos dele por todo o meu corpo, principalmente em meus seios, onde ele parou para chupar cada um deles com força e cuidado.

Mordi os lábios para comprimir os gemidos, o prazer era inexplicável! Senti arder minha pele, mas não liguei, aliás, não sabia o que raciocinar! Passei meus dedos por seu cabelo claro, puxando-o com força sem me importar se ele estava sentindo dor.

— Brandon, pelo amor de Deus! — Implorei com a voz entrecortada, completamente perdida, grogue de prazer, sentindo meu corpo cada vez mais quente.

Ele me fazia pirar, do jeito mais maravilhoso, do jeito Brandon Campbell. Ah, ele amava me fazer implorar e não cansava de ser o mais cafajeste! Senti seu sexo duro na minha virilha, me torturando.

– Calma, meu amor. Pra que a pressa? – Brad se afastou, para me olhar enquanto falava. Meu olhar soltava faíscas, enquanto o dele transbordava malícia. Ele se sentou na cama. – Fica de quatro. – Pediu com um sorriso no rosto. Sem perguntas eu me virei. Coloquei minhas mãos na cabeceira da cama, ficando de joelhos, em forma de L. – Que maravilha! – Exclamou se aproximando de mim.

Senti suas mãos em meus cabelos, depois, em minhas costas e por fim em minha bunda. Arrepiei até o último fio de cabelo. Respirei fundo para controlar minhas pernas que estavam bambas, muito bambas.

– Você vai... – ia perguntar, quando senti seus lábios no meu ombro, daí perdi a voz, fechando os olhos.

– Não é isso, relaxa. – Tranquilizou-me.

Relaxe.

– Você é incrível. – Sussurrou no meu ouvido. – Eu nunca vou me cansar de você... – sorri, em êxtase.

Sua mão ainda estava na minha bunda, fazendo carinho e antes de eu conseguir pensar qualquer coisa, senti um tapa.

– Ai! – Gritei, não sei se foi de dor ou prazer.

– Doeu? – Perguntou e antes de eu conseguir responder, senti outro, no mesmo lugar.

Arqueei as costas em reflexo. Esperei ele fazer carinho no lugar agredido antes de respirar fundo e menear a cabeça de um lado para o outro.

– Não é tão ruim assim, é? – Perguntou, me dando mais um tapa e eu gritei de novo.

– Brandon! – Minha voz saiu sem minha permissão.

Suas mãos acariciavam minha bunda de um jeito...

Nossa, como ele conseguia?

– O que? Você quer que eu pare? – Pergunto.

– Quero! – disse sem pensar e ao sentir suas mãos longe de meu corpo, me arrependi. – Não!

Brandon...

– Quer ou não? – E mais uma vez, senti a palma de sua mão em minha bunda.

Por um momento eu me sentia como uma Anastasia Steele, sem saber se sentia dor ou prazer.

Respirei fundo ao sentir as mãos dele me abraçando pela cintura e sua boca em minha orelha. Minha bunda estava dolorida, bem dolorida.

Relaxeí meu corpo para trás, encostando minhas costas no peitoral dele, que foi me virando devagar para olhá-lo. Fiquei em sua frente de joelhos.— Tudo bem? – Perguntou ele fazendo carinho em minhas bochechas com um sorriso enorme no rosto, fiz que sim com a cabeça, com os olhos semicerrados.

Brandon se sentou, eu sentei em cima dele, antes que eu falasse alguma coisa, senti seu pênis entrando centímetro por centímetro em mim, duro e incomparável.

Fechei os olhos me encaixando mais nele, com fogo correndo por minhas veias. Abracei-o com força pelo pescoço, enquanto suas mãos me ajudavam a descer e subir, dando um maravilhoso

prazer para nós dois. Não liguei muito para a dor na bunda pelo menos por alguns segundos, longos segundos.

Brandon gemia no meu ouvido sem parar, fazendo crescer o meu ego. Eu amava dar o melhor dos prazeres para ele, amava ver o meu homem feliz. Mal tive tempo de começar um beijo com ele, quando senti seu líquido me invadir chegando ao ápice.

Continuei me movimentando mais um pouco, com nossos lábios colados um ao outro, eu sentindo sua respiração ofegante e seus braços em volta do meu corpo. Gemi agudo ao pé do ouvido dele, gozando, deitando minha cabeça no seu ombro por longos segundos.

Ficamos assim até nossas respirações se acalmarem. Quando levantei a cabeça, os olhos dele brilhavam como os de uma criança. Sorri, fazendo carinho em seus cabelos bagunçados e suados pós-sexo.

Eu me senti completa.

Brandon e eu estávamos deitados na cama dele,
PERIGOSAS ACHERON

conversando sobre coisas aleatórias, já era bem tarde e precisávamos dormir, na sexta-feira tínhamos aula.

– Quem ensinou você a dirigir? – Perguntei.

– Meu pai. Eu tinha quinze anos, com dezesseis ele me deu um carro.— Contava ele.

– Quero aprender. – Avisei e ele estalou a língua no céu da boca.

– Eu ensino você, um dia, quem sabe? – Sugeriu e eu dei de ombros.

Completamente Confusa

*“Tem coisas que o coração só fala
para quem sabe escutar.”*

Chico Xavier

Brandon

Maria Clara dormia como um anjo ao meu lado, coberta com os lençóis até o pescoço. Com calma e sem fazer tanto barulho, fiquei apoiado com a cabeça no cotovelo, de lado, olhando-a. Tirei os lençóis para observar seu lindo corpo.

Eu observava sua bunda já que ela estava de bruços quando ouvi sua voz:

– Bom dia.

Abri um sorriso vendo seus olhos se abrindo aos poucos.

– Bom dia, meu amor.

– Que horas são? – Perguntou. Olhei o celular antes de dizer:

– 06h06.

Maria Clara levantou as pressas.

– Merda, amor, temos aula!

Maria Clara

Ao nos vestirmos, comemos sanduíches que Belinda tinha preparado para nós e logo saímos da casa dele. Faltavam uns vinte minutos para começar a aula, mais ou menos.

– Vou chamar um táxi. – Falei, ele parou o que estava fazendo e me olhou.

De calça vermelha, tênis branco e uma camisa branca com “*professor do sexo: aulas grátis!*” estampado na frente, o braço todo tatuado de fora e o cabelo no maravilhoso topete, ele estava a coisa mais linda do mundo!

– Não, senhora! – Respondeu enquanto voltava a abrir a porta do carro. – Entra logo, você irá comigo pro colégio hoje!

– Não rola, amor. – Disse baixo, me abaixando para olhá-lo pela janela do passageiro.

Ele já ligara o carro para sair da garagem.

– Se você já tivesse terminado com aquele babaca, podíamos muito bem ir como antes, um casal normal. – Ele deu de ombros e eu não disse

nada. – Entra aí, te deixo um quarteirão antes. – Sugeriu ele e eu consenti, entrando no carro.

Depois de mais ou menos uns cinco minutos, paramos a um quarteirão do melhor colégio da cidade, na rua de trás. Como o destino é uma coisa de louco, Melanie estava passando na calçada na mesma hora.

– Melanie! – Gritei, ela olhou e sorriu pra mim.

Fiz um sinal para que ela esperasse, mas ela voltou alguns passos.

Melanie estava parada na calçada ao nosso lado, de coque mal feito no maravilhoso cabelo, um vestido longo rosa bebê, com uma jaquetinha branca sobreposta e sua mochila nas costas.

Antes que eu saísse do carro, Brandon puxou meu rosto com as mãos me dando um beijo apaixonado e molhado nos lábios. Bom que só ele! Olhei seus olhos de mel.

– Se cuida, Brandon Campbell! – Falei autoritária, colocando a mochila nas costas e saindo do carro, ele estava com um sorriso no rosto.

– Se cuida, Maria Clara. Se cuida! – Disse ele mais autoritário ainda.

– Gente, são os mesmos de sempre. – Avisou Dexter, referindo-se a todos nós, ao responder à pergunta de Melanie. – Isso inclui o Campbell, claro. – Disfarçadamente ele olhou para mim, abriu um meio sorriso sem que Landon visse.

– Ok. E precisa ir como? Tipo, vestida... – perguntou Lauren, colocando uma batatinha frita na boca.

– Vai nua, princesa. – Falou ele, com um sorriso cafajeste no rosto, fazendo-nos rir.

Estávamos no refeitório de Thompson High, no intervalo. Estávamos Landon, Dexter, Lauren, Ansel, Melanie e eu, comendo qualquer coisa enquanto Dex nos convidava para um jantar na casa dele, para comemorarmos os 20 anos de casados dos tios, os Srs. Cooper, na terça-feira da semana seguinte.

– Vão com qualquer roupa, contanto que estejam vestidos... Os amigos dos meus pais do trabalho estarão lá também. – Consentimos, terminando de comer e em poucos segundos, ouvimos o sinal.

Ao nos levantarmos para a próxima aula, passei

PERIGOSAS ACHERON

com todos eles nos armários, cumprimentamos Melanie, que foi para a sala dela. Seguimos o corredor, Lan de mãos dadas comigo e ao nosso lado, os outros, que iam para a sala deles.

Distraída, não reparei na presença dele até ele esbarrar em Landon, e como é bem a cara dele, sabia que era de propósito.

– Olha por onde anda, imbecil! – Retrucou Landon ao olhar para ele.

Parei para olhar também, assim como os outros. A pancada deve ter sido forte para Landon ter respondido daquele jeito, porque, apesar de tudo o que Brandon fez a ele, Landon não perdia seu tempo xingando-o ou falando dele sem necessidade.

– Ué, não posso fazer nada se além de corno você é cego também. – A voz de Brandon estava rouca.

Arregalei os olhos ao ouvir o que ele disse.

Nossos amigos ficaram imóveis no lugar e apertei a mão de Landon, vendo-o enrijecer. Olhei primeiro para Caleb que estava junto, antes de encará-lo que estava parado com os braços cruzados de frente para Landon com sua famosa

postura de bad boy, olhando para mim com um sorriso safado nos lábios.

Senti o medo em minhas veias.

Ficamos alguns segundos encarando um ao outro sem dizer nada. Brandon sorria olhando Landon que permanecia sério, me dando dó. Eu odeio sentir dó, odeio mais ainda em saber que ele é o coitadinho da história por culpa minha.

Oh, inferno!

Ele logo passou seu braço em volta dos meus ombros e eu me aninhei a ele, que sorriu. Brandon olhava a cena sem dizer uma palavra.

– Acho que o título de corno é seu, hein. – Provocou Landon.

– Eu não tenho Simpson de sobrenome. – Rebateu Brandon, suei frio.

Já ouvi boatos por aí, de que há muito tempo, a mãe de Landon traiu o pai dele. Estranho era Brandon saber disso.

– Você não tem mais o que fazer ao invés de cuidar da vida dos outros, não?

– Tenho, tenho sim. – Respondeu Brad ao morder seus lábios rosados olhando para mim.

Eu tinha ficado vermelha, minhas bochechas queimando.

– Não parece. – Landon me apertou mais em seus braços, sorrindo ao olhar para meu rosto, eu estava imóvel. – Agora nos de licença, minha namorada e eu precisamos ir pra aula... – provocou Landon.

Meu coração ardeu. Nós não somos namorados, meu lindo, por favor...

Brandon soltou uma gargalhada forçada, eu sabia que ele não tinha gostado do que ouviu.

Deus, por favor, me ajuda...

– Passa, cara, não estou com suas pernas. – Respondeu Brad, irônico que só ele.

Landon balançou a cabeça.

– Idiota! – Murmurou baixinho e tomei um pequeno susto ao ver Brandon segurar na jaqueta dele por um instante.

– Eu já te bati uma vez, posso bater quantas vezes mais eu quiser. Se ponha no seu lugar, mauricinho! – Exclamou Brad com sua voz autoritária, a mesma que ele usava comigo quando estava bravo.

Nem percebi quando Landon me soltou de seus

braços e seu punho foi na cara de Brandon, fazendo-o virar o rosto rapidamente devido ao belo murro. Senti meu coração acelerar de medo no peito e levei a mão à boca, espantada.

– Se ponha você no seu lugar! – Rosnou Landon.

Caralho, foi muito imprevisível! Quando Brandon voltou seu olhar para nós de novo, estava com a mão no nariz, no lugar onde foi acertado. Seu olhar em brasa, assim como o de Landon, com a respiração descompassada.

– Quem você pensa quem é pra colocar a mão de mim, animal? – Gritou Brad furioso ao se aproximar de Landon novamente e sendo imobilizado por Caleb.

O colégio todo tinha dado aquela paradinha básica para cuidar de nossas vidas e eu estava completamente sem fala, sem reação alguma, só parada olhando tudo.

Esperando alguns segundos, Lan pegou minha mão novamente e me puxou para a sala. Os outros ainda sem fala foram se afastando também. Ao passarmos por Brad, ouvi sua voz no meu ouvido, completamente arrastada e grogue de fúria.

– Só não esquece de avisar pra esse virgem, que foi na minha cama que você dormiu na noite passada.

Meu coração gelou e eu olhei para trás, vendo-o andar a passos firmes pelo corredor. Landon ainda estava desnortado ao meu lado e eu respirando fundo, tentando entender o que tinha acontecido há minutos.

Coloquei um grampo fino para amarrar o coque que fiz de qualquer jeito no meu cabelo limpo. Tinha acabado de tomar um banho quente e colocado meu pijama de calça de bolinhas rosas e camisa de mangas compridas.

Eram por volta das 18h quando resolvi fazer algumas ligações, já que não tive tempo durante o dia.

Ao pegar o celular na mão, o nome de Landon apareceu no visor. Como esse destino é traiçoeiro mesmo! Respirei fundo antes de atender, sentada ereta na beirada da minha cama arrumada.

– Oi. – disse ao atender. – Como você tá?

- *Oi...* – respondeu, gentil e calmo como sempre.
- Bem e você?
- Bem.

Queria mesmo saber como ele estava, já que tinha ficado aflita de medo quando deu o horário da saída da aula, onde fiz questão de leva-lo até a moto para que ele fosse embora para casa com segurança.

Sabia que Brandon queria matá-lo, por tudo.

- *Fico feliz.* – disse ele e suspirou.

O silêncio tomou conta da ligação por alguns instantes.

- *Clara, queria te fazer um convite.*
- Ah, é? Qual? – Perguntou, minha voz soou empolgada.
- *Vamos sair amanhã?* – Pediu ele.
- Pra onde?
- *Surpresa.* – falou ele e eu pensei por alguns segundos, lembrando no lindo sorriso daquele garoto, dos olhos azuis que mais pareciam o oceano...
- Que horas?
- Às 15h, pode?

– Estarei pronta. – Avisei.

Bom, uma boa ideia. Seria amanhã ou nunca, eu falaria com ele. Sim, estava decidido!

Pude até visualizar em minha mente, o sorriso dele.

Landon, eu gosto tanto de você, meu anjo...

Mas era só pensar nos olhos azuis de um, que os olhos mel do outro invadiam minha mente.

Caralho, Maria Clara, você está pior que Elena Gilbert em The Vampire Diaries!

Se toca, isso só acontece em TV!

– Landon, vou ligar para as garotas agora, perguntar se elas podem vir aqui em casa... Conversar e tudo o mais. – Menti, apenas para desligar. – Coisas de garotas. Então, boa noite, a gente se vê amanhã.

– *Ok, linda, boa noite.* – Fez uma pausa. – *Eu te amo.*

– Eu te amo também. – Admiti, abrindo um meio sorriso ao desligar.

Senti-me por uns segundos, aliviada, aliás, eu precisava falar aquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Uma Canção

*“Baby, não é só você que está sofrendo,
eu também estou.”*

Cody Simpson

Maria Clara

Era terça-feira, eu estava me arrumando para ir ao jantar na casa dos Cooper. Coloquei um vestido amarelo, de uma tonalidade bem chamativa mesmo e uma sapatilha preta. Meu cabelo estava com leves cachos nas pontas e eu o deixei assim.

Enquanto fazia uma maquiagem um tanto forte, já que o evento seria de noite, coloquei meu celular para tocar na gravação que Landon tinha feito pra mim.

No dia do nosso encontro, Landon me levou a um parque com o carro do pai dele. Fizemos piquenique e conversamos sobre qualquer coisa, durante umas três horas, mais ou menos. Ao contrário do que eu achei, ele não me pediu em namoro.

A surpresa foi outra! No crepúsculo, ele tocou uma música para mim, no violão. *Not Just You* de Cody Simpson. Meu queixo caiu! Ele tocava perfeitamente bem e cantava também! A letra era linda e sem ele saber, dizia tudo o que estávamos

passando.

A vida da gente costuma nos pregar peças, sempre.

Eu ouvia e chorava de novo, sozinha no meu quarto, praticamente atrasada para sair. Na hora, eu chorei, claro, mesmo me segurando, eu chorei. Era como se... Como se... Caralho, eu não consegui terminar com ele, ali. Eu via nos olhos daquele garoto o quanto eu era importante para ele, eu não podia deixá-lo.

Depois, ele me beijou como se fosse a última coisa que ele fosse fazer na vida, e disse: *“faz o que você achar melhor pra você, tudo bem? Nunca me afastarei de você!”*

Aquilo me deu uma certa paz, fiquei feliz de saber que qualquer que fosse a decisão que eu tomasse, eu não o perderia, mesmo ele me perdendo.

Brandon e eu não nos falamos, durante esses quatro dias, ele estava me evitando, não sei o motivo. Vi que ele estava em ótimas companhias, tanto no colégio quanto no fim de semana, com os meninos e as putas que faziam filas para ter uma

chance com ele.

É, me acostumei. Afinal, eu o tinha conhecido assim, não é? E durante todo esse tempo que passamos separados, ele estava vivendo a vida dele. Quem sou eu para impedi-lo? Não estávamos juntos mesmo, bom, não oficialmente.

E bom, por um breve momento, pensei em fazer besteira e infelizmente fiz. O que evitei em um mês, recompensei hoje. Ah, como dói! É um absurdo de como faz bem, como alivia toda aquela mágoa e confusão no peito.

Senti um alívio por, dessa vez, ninguém saber. Nem mesmo Brandon. Meus pulsos estavam intactos dessa vez!

Terminei de me arrumar, desligando a gravação de Landon e secando os olhos. Sorri na frente do espelho... Eu estava apresentável. Senti meu coração acelerar ao saber que veria Brad essa noite.

E esperava que fosse uma longa, longa noite.

Escritório

*“Tire suas roupas,
estou prestes a dar o que você está pedindo.”*

Maejor Ali

Brandon

A casa de Dex estava cheia, mais do que só a família. Os amigos dos Cooper estavam lá, fora que tinha comida demais, bebida demais e ninguém calava a boca. De amigos, eram só nós mesmos, como ele havia avisado.

Maria Clara já tinha chegado fazia um bocado, ela e aquele gay que ela chama de ficante. Seu vestido caia muito bem em seu maravilhoso corpo, ela estava espetacular. Com um lenço preto no pescoço, ela sorria contente a qualquer um que conversasse com ela. Aliás, eu precisava mesmo falar com ela.

Não, conversar tecnicamente não é a palavra certa...

— Lauren, vem aqui um minutinho. — Pedi, vendo-a vir em minha direção segundos depois.

Estávamos de um lado da sala, Maria Clara com o carrapato e Melanie do outro, só me olhando.

— Preciso da sua ajuda. — Continuei fitando Clara, falando com Lauren ao meu lado.

– Só dizer.

– Preciso ficar a sós com Clara. – Avisei. – E precisa ser agora. Não quero que ninguém saiba, muito menos nos interrompa.

– Tem o escritório do meu pai, se você quiser. Fica no andar de cima. – falou Dex e nós dois o olhamos, ele bebia champanhe, assim como eu.

– Faria isso por mim? – Perguntei empolgado.

– Claro! – Sorriu bebendo um gole da bebida. – Mas assim, ninguém viu, ninguém sabe. Meu pai me mataria se descobrisse que eu deixei um casal de amigos meus, se comendo no escritório dele no meio de sua comemoração de casamento.

Sorri ao menear a cabeça.

– E o que você quer que eu faça, Campbell? – Lauren perguntou.

– Leva a Clara lá pra cima, ué, mas faça com que ela não leve ninguém. – Avisei e ela sorriu.

Enquanto eu estava falando, Ansel apareceu, ouviu tudo e sorriu. Em segundos, se virou, caminhando em direção ao outro lado da sala.

– Simpson, vem cá, preciso te falar umas paradas! – Gritou ele brincalhão.

Maria Clara olhou para mim e eu levantei minha taça como um brinde para ela, que fez o mesmo sem Landon ver e abriu um sorriso enorme. Nossa! Pisquei o olho antes de subir, vendo Lauren ir falar com a minha mulher.

Maria Clara

Ao ter a certeza de que Landon não me via, respirei fundo e subi as escadas discretamente para que ninguém me visse e muito menos me notasse.

Aliás, até meus pais estavam naquela comemoração!

Arrumei meus cabelos enquanto subia e espalhei o resto do batom vermelho nos lábios antes de entrar no escritório do pai de Dexter.

Ao abrir a porta, tentei manter a calma, coisa que era impossível. Brandon estava sentado na cadeira principal atrás da mesa, com os cotovelos apoiados na mesa e a cabeça apoiada nas mãos. Prendi a respiração olhando aquela beldade.

Não podia ser permitido uma pessoa ser tão perfeita assim!

Sorri ao entrar no ambiente e trancar a porta atrás de mim. Ao me ver, ele abriu um sorriso malicioso. Sexo. Só isso que veio em minha mente.

— Srta. Miller, bom te ver aqui. — disse ele formalmente.

Levantei minha taça de novo e depois tomei um gole, ele sorriu.

– Sr. Campbell. – Abri um sorriso, ele se levantou, fazendo-me observar todo o seu maravilhoso corpo, onde ele vestia uma jeans caída, uma camisa branca com uma jaqueta de couro e seu maravilhoso topete no cabelo. – Mandou me chamar? – Perguntei, olhando seu rosto de novo.

– Mandei. – Consentiu, se aproximando em passos pequenos de mim. – Você está... Espetacular.

– Obrigada! – Abri um sorriso, meu coração quase para saltar do peito.

Por que a demora, caralho?! Preciso de você, *dentro de mim!*

Não, Maria Clara, sem pensamentos pervertidos uma hora dessas!

Caralho, seu ficante oficial está no andar de baixo, junto com seus pais e adultos numa festa!

Obrigada, subconsciente.

– E essa carinha? O que houve? Seu namorado não te faz feliz? – Perguntou, cínico que só ele!

– Bom, meu namorado está me dando um gelo

PERIGOSAS ACHERON

faz quase cinco dias, não sei por que. E com isso, está me trocando por todas as mulheres de Los Angeles, acredita? – Perguntei, mais cínica ainda.

– Que pena! Não sabia que Landon Simpson com aquela cara de malcomido, era tão cafajeste assim! – Ele repuxou o lábio, me deixando alucinada.

Caralho, qual a dificuldade de parar de falar e me amar? Eu já estava me sentindo irritada e com calor!

– Você me chamou aqui para falar de Landon? – Arqueei a sobrancelha, olhando para ele.

– Não. Te chamei aqui para conversar, ué. Por que, você não quer? – Brad passou seus dedos pelo meu cabelo devagar, com sua outra mão fazendo carinho em meu braço e eu estremeci!

Cacete, como ele conseguia?!

– Conversar? – Minha voz estava baixa, eu mal tinha controle do que queria falar. – Não quero. – Falei, fazendo biquinho.

Brandon arqueou a sobrancelha, com um leve sorriso nos lábios.

Senti meu ventre se contrair, só com o seu toque e seu cheiro. Porra! Seu cheiro estava radiante e

PERIGOSAS ACHERON

enlouquecedor! Cheiro de Brandon. Coloquei minhas mãos em sua jaqueta, quando Brad chegou com a boca perto de meu ouvido.

– Pensei que íamos só conversar, aliás, seu namorado, aquele que está lá embaixo, não iria gostar de saber que a namoradinha perfeita está dando em cima de outro cara bem em frente a seus olhos... – provocou ele, encostando seu corpo no meu e senti sua maravilhosa ereção.

– Brandon! – chamei-o, quase que desesperada. Eu precisava daquilo.

–Anda, me ame, eu preciso de você! – Pedi, impaciente e ouvi seu riso no meu ouvido.

– Seu pedido é uma ordem, meu amor. – Ele sorriu me fitando enquanto falava e no segundo seguinte, já estava em seus braços, com minhas pernas entrelaçadas a sua cintura.

Meu corpo estava dominado pelo amor, pelo tesão e o medo de nos pegarem ali, fodendo num escritório. *Mais uma primeira vez para nós dois, baby!*

Meu coração batia descompassando, assim como o dele, que eu conseguia sentir, de tão colado que estávamos. Porra, eu o amava tanto...

Somos tão felizes juntos.

Brandon

Sentir aquela mulher era algo tão mágico, tão gostoso e único que era difícil de explicar. O amor dela, o carinho dela... Tudo, absolutamente tudo me faz amá-la a cada dia mais.

Sou grato a Deus todos os dias por ter Maria Clara em minha vida.

– Você fica mais gostosa a cada dia, princesa. – Tomei seus lábios nos meus, sentindo sua língua molhada fazendo carinho na minha. – Quando me perguntarem qual minha comida favorita, vou dizer teu nome.

Ela caiu na gargalhada.

– Você é um idiota, Campbell! – Reclamou manhosa, passando seus braços em volta de meu pescoço.

Fiz carinho em seu rosto com os dedos, depois fui descendo, até suas pernas.

Passei meus dedos por seu vestido e depois por baixo dele.

– Você é perfeita! – Falei olhando para suas

coxas e para o meio delas.

Eu ainda estava dentro de seu corpo, de onde eu não queria sair.

– Eu te amo, eu te amo, eu te amo. – Sussurrou ela no meu ouvido, logo me deu um beijo no pescoço me deixando arrepiado da cabeça aos pés.

Coloquei minhas mãos em suas coxas e fui subindo, antes de chegar até a sua virilha, ela parou minha mão.

– Que foi? – Perguntei, sem entender.

– Nada... – sua voz completamente sem graça chicoteou meu pescoço e eu a olhei.

– Amor, o que você está me escondendo? – Olhei, fazendo-a parar de me dar beijos.

– Não é nada, amor... – ela falou e eu voltei a insistir para subir o vestido dela, que negou novamente.

Respirei fundo e na terceira vez de tentativa, ela não lutou.

Vi cortes no topo de sua perna, centímetros abaixo de sua articulação. Arregalei os olhos por um segundo, perplexo com o que vi. Ela abaixou o vestido, tampando seu pequeno erro. Depois, me

PERIGOSAS ACHERON

apertou soltando o ar enquanto eu tentava sair de dentro dela.

– Não se afasta de mim... – pediu ela quase que choramingando.

Eu não queria brigar, por isso respirei fundo antes de responder.

– Por que você fez isso, de novo?

– Eu não gosto de ver você com outra, Brandon! Minha cabeça está um turbilhão de coisas, não sei o que fazer, o que pensar. Estou com tanta saudade...

– disse rápida demais, atropelando as palavras.

– Você sabe que não precisa mais fazer isso.

Eu estava sem condições de brigar com ela.

– Foi sem querer. – Confessou.

– Ai, meu anjo... – coloquei minhas mãos em seu rosto dando-lhe um beijo completo e encaixado.

Gostoso demais para ser verdade.

– Desculpa. – Pediu ela como se tivesse matado alguém. Respirei fundo. Fiquei chateado, mas ninguém precisa saber. – Tudo bem? – Ela me olhou e consenti com a cabeça.

– Eu te amo, pequena... – Maria Clara abriu um

sorriso lindo antes de me dar um abraço, daqueles apertados e gostosos.

Maria Clara

Ouvimos o barulho de alguém tentando abrir a porta, puxando e batendo a maçaneta e gelei ao ouvir a voz do tio.

– Ai, caramba... – resmungou ele.

Por segundos, agradei a mim mesma por ter trancado a porta. Nós permanecemos em silêncio.

– Oi, pai, o que quer aqui? – Ouvimos Dexter dizer.

– Vim pegar uns papeis pra mostrar a Logan e a porta está trancada... Não lembro de ter a trancado.

– Bom, antes de todos chegarem eu usei seu computador para fazer um trabalho escolar e acabei trancando a porta para que ninguém entrasse aí durante o jantar... Fiz mal?

Dexter, gênio da minha vida! Por isso que eu amo esse cara!

– Tudo bem... Cadê a chave?

– No meu quarto. – Respondeu tão simples que era impossível desconfiar de que ele estava mentindo. – Desce lá que eu vou buscar, pego aqui

os papéis e já levo pro senhor.

– Tudo bem, obrigado. É o envelope azul que está em cima da mesa.

Dexter falou algo como se consentisse e ouvimos os sapatos de tio batendo no chão com força até as escadas. Depois de poucos segundo em silêncio, ele deu uma batida na porta.

– Campbell – Saímos do transe com nosso amigo chamando.

– Aqui! – Brad respondeu.

– Cinco minutos pra saírem, tragam o envelope. – Avisou ele. – Ah, Landon está te procurando, Clarinha.

134

Respondi um “ok”, enquanto Brandon arrumava o amigão dentro da calça, fechava o zíper e arrumava os cabelos. Então, me olhou.

– Vai ficar aí? – Perguntou, fiz uma careta. – Que princesa, meu Deus! – Soltou um riso bobo ao me pegar no colo e depois de me rodar no ar, me colocou no chão.

Ao ficar de pé, arrumei a mesa toda primeiro antes de ir a um pequeno espelho na parede ver

PERIGOSAS ACHERON

minha situação. Meus cabelos estavam uma zona, minha maquiagem toda derretida!

Dei uma pequena ajeitada em meu vestido também e depois peguei o envelope azul. Ao calçar minhas sapatilhas, fui até a porta, ao abrir a mesma, me lembrei de algo que me fez sentir uma idiota de não ter percebido antes.

– Minha calcinha... – murmurei para mim mesma e me virei procurando o pedaço de pano no chão, que não achei.

Senti Brad me pegar pela cintura e me levar para o corredor, para fora do escritório.

– Calma, amor... – antes que eu pudesse falar, ele me deu um beijo, empurrando meu corpo contra a porta já fechada.

Ouvimos passos próximos e antes que pudéssemos finalizar o beijo, ouvimos a voz de Ansel.

– Caralho, foi gostoso assim? – Perguntou, com uma taça de champanhe na mão.

– Você nem tem ideia de como! – Respondeu Brad.

Ansel abaixou a cabeça, rindo, depois olhou para

PERIGOSAS ACHERON

mim.

– Maria Clara, você está acabada!

– Meu Deus está tão na cara assim? – Perguntei, quase desesperada.

– Landon está te procurando. – Meu melhor amigo passou por nós, bebendo um gole grande da bebida. – Vamos, Campbell.

Meu amor me deu um selinho e fiquei tão em choque que permaneci ali, parada por longos segundos só fitando o nada, tentando entender o que tinha acontecido. Ao lembrar da minha calcinha, que eu estava sem, senti um frio na barriga e Landon parou ao meu lado.

– Onde você estava? – Sua voz era preocupada.

Engoli em seco ao ver seus olhos indecifráveis.

– Em vários lugares... – menti, ele arqueou a sobrancelha esperando que eu continuasse. – Primeiro fui conversar com a Lauren, coisa de garota.

– Isso eu sei, mas Lauren desceu minutos depois e disse que você continuava aqui em cima.

– Sim, fui ao banheiro.

– Eu bati na porta. – Provocou ele e engoli em seco de novo.

Caramba, assim ele só dificulta!

– Não ouvi, desculpa. – Abri um sorriso sem mostrar os dentes. – Depois vim aqui no escritório pegar uns papeis que o tio precisa mostrar ao meu pai.

Landon me olhou por longos minutos, ainda desconfiado, mas mesmo assim, abriu um sorriso, consentindo. Respirei fundo, ainda desconfortável. Aliás, eu ainda estava sem calcinha, me sentindo nua.

Meu ficante oficial passou seu braço por minha cintura e fomos até o fim do corredor, seguindo o mesmo percurso de Brandon e Ansel. Ao chegarmos a grade, que ficava ao lado da escada, vimos Lauren subir sorrindo.

– Aí está você, amiga! Que demora! – Disse ela, pegando o envelope da minha mão.

No mesmo momento, peguei sua taça.

– Demorei? – Arqueei a sobancelha, vermelha de vergonha.

Ela sorriu sem graça, vendo o pequeno erro que

PERIGOSAS ACHERON

tinha cometido.

– Não... Mas sabe como é meu sogro, não é? – Ela soltou um riso e soltei junto, antes de tomar um gole grande da boa bebida que continha ali, a mais chique da festa.

No mesmo instante em que Lauren descia as escadas, percebi que Landon olhava para ela despreocupado e aproveitei o momento para olhar Brad, que estava nos fundos da sala com Ansel e meu pai.

Repito: meu pai.

No bolso de Brad estava minha preciosa e desejável calcinha.

Suei frio observando, meus olhos se arregalaram, claro. O pano de renda fino branco, pendurado como um chaveiro em seu bolso da frente na calça caía.

Olhei para o rosto dele depois, que sorriu para mim, mostrando com aqueles dentes impecavelmente brancos, um sorriso feliz e safado. Não tive outra opção, a não ser sorrir de volta.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Você É o Meu Homem

“Serei o primeiro a dizer que eu estava errado.”

Bruno Mars

Brandon

Tinha acabado de sair do banho, já era bem tarde, eu precisava dormir, já que no dia seguinte tinha aula, mas não tinha sono. Nenhum. Só sabia pensar em Maria Clara, como sempre.

Liguei a televisão, colocando num programa que passava vídeo clipes e deixei, deitando na cama com os cabelos úmidos e de cueca. Eu me sentia melhor, bom, como de costume, Maria Clara me fez sorrir com sinceridade durante a noite, aquilo era ótimo.

Peguei o celular e disquei o número dela, que eu já sabia de cor. Esperei apenas uns três toques, ela logo atendeu:

- *Meu amor!* – Sua voz saiu empolgada e doce.
- Oi, meu anjo. – Cutuquei um fiapo do edredom enquanto falava. – Chegou bem?
- *Cheguei e você?*
- Também. – Respondi. – Está fazendo o que?
- *Pensando em você.* – Abri um sorriso. – *Cheguei, comi, claro, depois tomei banho e não*

consigo dormir, culpa sua.

– Fico feliz. – ouvi sua risada. – Queria você aqui. – Admiti. – Minha cama é grande demais sem você.

– *Você é tão lindo, af!* – Zombou. – *Saudade da sua cama, viu?!*

– Não vejo a hora de termos a nossa cama, nossa casa, nossa vida... – disse sem pensar e ela ficou em silêncio por alguns segundos.

– *Apressado.*

– Apaixonado, é diferente. – Respondi e pude visualizar seu sorriso em minha mente.

– *Eu me lembro de quando você me disse o primeiro “eu te amo”.* – começou ela. – *Bom, pelo menos você disse antes de mim.*

– Talvez seja por que, eu me apaixonei primeiro.

– *Nossa, que mentira!* – Protestou ela, com uma voz indignada. – *Me apaixonei quando bati o olhar em você naquele banheiro. Você que ainda curtiu muito até ser meu.*

– Cala a boca! Sou seu desde o dia em que você pisou o pé naquele banheiro, amor. – Ela suspirou.

– *Por isso que eu amo você.* – falou.

– E eu te amo muito mais, muito mesmo. – Senti meu coração se alegrar no peito. Como aquela garota conseguia? – Viu, agora você não precisa mais pedir e cansa de ouvir minhas declarações.

– *Quem disse que eu cansei de suas declarações? Nunca, Brandon!* – Exclamou ela e soltei um riso, olhando a TV.

A música *When I Was Your Man* do Bruno Mars começou a tocar e eu lembrei dela. Ela amava Bruno Mars. Quando ela ia começar a falar alguma coisa, a cortei.

– Ei, calma.

– *Que foi?*

– Fique quieta, irei cantar pra você. – Avisei e ela deu um riso empolgado.

– Tudo bem. – Respirei fundo e depois pigarreei.

No segundo seguinte, comecei a cantar junto com o Mars, com o volume baixo da TV.

Enquanto eu cantava acompanhando a música, Maria Clara ficou em silêncio, só consegui ouvir seus suspiros do outro lado da linha.

– E eu não vou cantar o final. – Falei por fim. – Por que eu não permito e nem quero que outro cara faça todas as coisas para te fazer feliz a não ser eu. – Admiti.

Por um tempo ela riu fraco e de novo ficou em silêncio, sem dizer absolutamente nada. Esforcei-me e saiu muito bem, claro. Ao terminei, vi que a letra era tão...

– Amor? – Chamei por ela.

– *Oi, estou aqui.* – Falou rápida e fungou.

– Está tudo bem? – Perguntei franzindo a testa.

– *Sim, só que... Você me fez chorar, de felicidade dessa vez.* – Soltei o ar dos pulmões aliviado.

– Obrigado, fã, obrigado! – Falei e ela caiu na gargalhada.

Ficamos os dois rindo no telefone.

– *Mas olha, você não foi meu homem, você é meu homem.*

– Sou?

– *Sim!*

– Mas, e o Landon? – perguntei, aquilo incomodava ainda.

– *Falarei com ele ainda essa semana.*

– Ainda?

– *Sim, meu amor. Faltam poucos dias pra semana acabar. Espera, vai.* – pediu, manhosa.

Suspirei alto, consentindo.

– *Me diz, cadê minha calcinha?* – Perguntou ela, mudando de assunto.

Olhei o pano branco de renda jogado em cima do edredom, o peguei.

– Comigo. – Respondi convencido.

– *Quero esmurrar você por aquilo!* – Dizia ela. – *Fiquei desconfortável o fim da noite inteira, envergonhada ao ficar ao lado de qualquer um por saber que estava sem calcinha e achando que alguém fosse notar.*

– Relaxa, pequena. – Soltei um riso. Ficamos alguns segundos em silêncio. – Já estou com saudades...

– *Que bonitinho!* – Exclamou ela. – *Eu estou cansada...*

– Ah, não desliga... – pedi e ela respirou fundo. Eu sabia que ela estava bem cansada e eu também

já começara a ficar com sono. – Deixa eu só falar mais uma coisa.

– *Diz.*

– Eu te amo.

– *Te amo.* – Avisou ela e respirou fundo outra vez. – *Sonha comigo.* – desliguei.

E foi o que eu exatamente fiz minutos depois. Sonhando com escritórios, praias, beira de piscina, tapas, chupões, corpo escultural e uma linda garota de olhos negros e cabelos claros perdidamente apaixonada por mim.

Ele ou Eu

“O amor requer sacrifícios, sempre!”

Nicholas Sparks

Maria Clara

Enquanto eu passava pelo corredor, Brandon me puxou para um beijo e eu recuei de primeira, com medo com que alguém pudesse ver, mas depois permiti, depositando selinhos em seus lábios.

– Você sabe que aqui não podemos ficar perto um do outro, não sabe? – Perguntei me soltando dos seus braços, ele fez biquinho.

– Como estão as coisas? – Perguntou ele e ignorou o que eu disse.

– Normais. – Puxei o canto da boca com os dentes, fazendo carinho no cabelo macio dele.

Era quarta-feira, dia seguinte ao jantar na casa dos Cooper. O frio vinha chegando devagarzinho em Los Angeles.

– Como estão seus irmãos? – Puxei assunto.

Brandon me abraçou pela cintura enquanto meu corpo estava encostado no dele, que estava apoiado nos armários. O meu armário era um daqueles.

– Estão bem, perguntam de você direto quando, Erin liga lá pra casa.

– Sério? – Abri um sorriso. Como eu estava com saudade dos meus pequenos! – Preciso ir vê-los!

– Marcamos um dia. – confirmou e depois molhou os lábios involuntariamente.

Observei seu rosto, seus olhos e sua boca. Já disse que ele parecia um boneco de porcelana, a coisa mais linda do mundo? Pois é. Sorri vendo seu lábio inferior preso nos dentes.

– Ai, para com isso! – Dei um selinho colado nele.

– Isso o que?

– Tenho vontade de morder também. – Fui em direção a sua boca e a mordi devagar.

Aliás, que mal há? Ninguém estava vendo mesmo!

Ao soltar seu lábio, dei beijos em seu pescoço cheiroso e depois dei algumas mordidas, logo ouvi seu riso, o mais lindo de todos. Rouco e safado.

Enquanto estávamos nos beijando, reconheci uma voz me chamando, muito próximo de nós.

– Maria Clara?

Num salto, me soltei de Brandon e fui até meu

armário, tentando a todo custo abri-lo com a chave que estava jogada em meu bolso. No segundo seguinte ele apareceu ao nosso lado. Olhei Brandon que tombou a cabeça para trás enquanto revirava os olhos.

– Estou aqui. – Abri um sorriso falso sem mostrar os dentes a Landon, que me ajudou a abrir o armário.

Droga! Justo agora ele veio aparecer?

– Demorei? – Perguntei como quem não quer nada e ele negou com a cabeça, me dando um beijo no alto da testa ao ver Brad a centímetros de mim.

– Ele está incomodando você? – Landon se referiu a Brad, que já mexia no celular, ou melhor, fingia.

– Não, está tudo bem. – Falei ainda desconfortável. Como alegrias conseguem durar tão pouco?! – Estou só pegando os materiais para a última aula. – Ele consentiu, sorrindo.

No mesmo instante, Brad se desencostou do armário e passou por nós, batendo no ombro de Landon de novo, de propósito. Ai, como eu tenho vontade de arrebentar a cara dele às vezes! Bufei

mentalmente ao olhar Landon se virar para ele e começar a provocar.

– Parece que a palavra “licença” não existe no seu vocabulário, não é?

– Meus pais me ensinaram com quem usar a educação, cara. – Respondeu Brad.

– Que ensinaram pode ser verdade, tudo bem. Só acho que você não sabe usar.

– Oh, você quer um gato? – Perguntou Brandon de braços cruzados.

– Como? – Lan arqueou a sobrancelha.

– É, assim; você cuida das sete vidas dele e deixa a minha em paz. – Respondeu como se explicasse algo para uma criança e o loiro riu da cara dele.

– Tenho coisa melhor pra cuidar, pode ter certeza que é uma gata e tanto! – Ele olhou para mim e piscou. Permaneci imóvel. Sem saber o que fazer, falar, de novo, fiquei só olhando, sabendo que ia dar merda. – Coisa que você não conseguiu fazer.

Dessa vez foi a vez de Brandon rir, riu lindamente debochado. Ele amava ser o maioral.

– Eu não só cuidei, como cuido até hoje. – Falou ele e gelei.

Jesus, faz esse garoto calar a merda da boca!

– Só se for nos seus sonhos, Campbell. – Rebateu o loiro sorridente.

O sentimento de culpa e dó invadiu meu peito.

Putá merda, sou um monstro.

Landon não merece isso! Preciso logo terminar com ele, mas não quero vê-lo triste.

– Seu cu não tem inveja da sua boca, não? Você fala tanta merda! – Brad coçou a nuca.

Como conseguia ficar tão gostoso com um simples gesto?

– Qual o seu problema? – Lan se aproximou dele, de braços cruzados dessa vez. Brandon colocou as mãos para trás franzindo a testa. – Você não cansa de ser esse bad boy mesquinho? Que se acha só porque é filhinho de papai e tem qualquer garota na mão?

– Pelo menos eu posso, não é, cara? Ao contrário de você, que só tem uma e que ainda está com você por caridade.

Senti um frio na espinha, sabia que Lan poderia ser um dos garotos mais fortes que eu já conheci,

mas qualquer coisa relacionada a mim, ele se destruía.

– Parem, vocês dois! – Pedi com a voz alta e fui ignorada.

– Minha mão está coçando para arrebentar sua cara, como naquele dia, acredita?

– Não passe vontade, Simpson. – Brandon deu de ombros.

No segundo seguinte, os dois estavam se atracando. Meu coração batia descompassado no peito de nervosismo. Não gostava nada, nada aquilo tudo. Comecei a gritar para que os dois parassem com o que estavam fazendo, mas eles não me ouviam. Qualquer um a qualquer momento poderia aparecer.

– Ei, vocês, parem, por favor! – Gritava com medo, tentando me aproximar dos dois, coisa que era impossível.

Eram socos, cotoveladas e os caralho entre eles, que rolavam no chão.

Olhei para os lados e vi Ansel se aproximar com Caleb, quando os dois viram o mesmo que eu, vieram em minha direção. Mal reparei que mais

PERIGOSAS ACHERON

umas dez pessoas estavam ali vendo tudo também, boquiabertas.

De onde surgiu toda essa gente?

Caleb segurou Brad e Ansel, o Landon. Com certa dificuldade, um se afastou do outro. Os olhos de ambos em brasa. Lan com o nariz sangrando e Brad com a roupa rasgada e o supercílio machucado.

Meu coração ardeu.

– Vocês estão loucos, seus filhos da puta?! – Gritou Ansel autoritário.

– Ele que começou! – Protestou Brad.

– Vai se foder, moleque, nem vergonha na cara você tem! – Rosnou Lan em resposta.

– Pelo menos você ganhou o que queria, não é, animal? Uma surra! – respondeu Brad. – Como eu já tinha dito, te bati uma vez, bati outra e posso bater quantas vezes for preciso!

– Você não é tudo isso, Campbell, pode ter certeza! – Gritou o loiro.

Estavam os dois gritando um com o outro no meio do corredor, se debatendo para se atracarem de novo.

Já tinha uma pequena multidão ali, olhando os dois fazendo aquele teatrinho.

Porra, eles não entendem que são importantes para mim, que isso não é necessário?

– Caralho, vocês são ridículos! – Gritei impaciente, estava agoniada!

– Maria Clara! – Gritou Landon com a voz perdida atrás de mim.

– Amor, espera... – a voz era de Brad.

Mesmo querendo voltar, pisei forte ao ir para a sala de aula.

Sem saco nenhum para falar com qualquer um dos dois, por um bom tempo.

Brandon

– Nossa, vai apelar na casa do caralho, Brad! – gritou Dexter enquanto eu passava com o meu carro em sua frente, de novo, no vídeo game.

– Calma! – Respondi. – Aceita que dói menos! – Dei risada.

Estávamos Ansel, Dexter e eu na sala da minha casa jogando Xbox na quinta-feira. De moletom, eu estava morrendo de frio sentado no sofá concentrado no jogo. Dex jogava comigo naquele momento, Ansel falava com a namorada no telefone, por longos minutos.

– E você, sai logo desse celular, cacete. – reclamei de brincadeira, ele logo falou algo com Mel e desligou o celular. – Gente apaixonada é fogo! – bufei e Dexter caiu na gargalhada.

Como se eu fosse diferente...

– Pelo menos eu dou valor, não é? – Ansel desviou o olhar do meu.

– O que você quer dizer com isso? – Pausei o jogo olhando para ele, que deu de ombros.

– Você sabe muito bem o que eu estou falando. – Falou ele e eu voltei a jogar, mas continuei prestando atenção no que ele dizia. – A Maria Clara está sofrendo.

– Por que quer.

– Por que quer, cara? Para de ser ridículo!

– Sim, Ansel, sim! Até porque, ela e eu já nos resolvemos, ok? Tudo o que eu fiz pra ela, foi sem querer. Minhas atitudes, a traição, brigas desnecessárias como ela diz... Ela continua com aquele cara, porque ela quer. Quantas vezes eu não já a pedi de volta e ela fez cu doce?

– Ué, talvez esses sejam os motivos por ela não ter voltado com você. – retrucou. – Mulher é um bicho de sete cabeças, cara, você mesmo sabe disso. Ela pode ter dito que te perdoou e não ter perdoado de verdade. Ela pode estar te enrolando porque deve gostar do Landon também, mas tipo, gostar de verdade. – Senti meu peito gelar e pausei o jogo de novo, olhando diretamente para ele.

– Você está tirando com a minha cara, né? – Dexter se irritou comigo.

– Espera, estou conversando! – disse a ele com a

voz alta, apontando para mim e Ansel. Ele bufou e se levantou indo até a cozinha. – A Clara me ama. – Acho que falei isso mais para mim do que pra ele.

Odeio o fato de Ansel falar tão sério as coisas, que me faz realmente acreditar que é verdade.

– É, ama... – falou ele com a voz vacilante. – Eu amo vocês dois juntos, cara. Quero muito que vocês fiquem juntos. Porra, vai fazer dois anos, não é? – perguntou e eu consenti com a cabeça. – Mas você tem que se tocar, a Maria Clara precisa mais de você, sem todas as suas burradas!

– Quais burradas?

– Quer que eu faça uma lista? – *irônico!* – Brad, você a traiu, você come mulher todos os dias desde que terminaram, vocês brigam toda hora, você fuma, que é coisa que ela, mesmo fazendo igual porque você pede, no fundo ela odeia! Entre mil coisas a mais! Acorda, caralho! – Falou ele e fiquei pensativo. – O Landon não faz nada disso. – Bufe.

– Isso, ele é um príncipe, perfeito. É até mais amigo seu do que eu, certinho, Ansel Collins. Vai lá chupar as bolas dele, então!

Ele logo me tacou uma almofada, bufando.

– Não. Você é o meu amigo. – abri um sorriso olhando para baixo. – E ele também não é perfeito. Mas, queria te dar esse toque. – Fez uma pausa, Dex já tinha voltado com um cacho de uvas e estava comendo ao nosso lado, prestando atenção na conversa. – Landon tá enchendo ela de presentes toda hora, leva pra sair... Até música ele dedicou pra ela.

Levantei a cabeça, o encarando com os olhos arregalados.

Que moleque filho da puta! Até nisso ele quer me imitar?

Apenas revirei os olhos antes de dizer:

– Como se eu não fizesse nada disso.

– Você sabe onde eles estão agora? Em um parque de diversões junto com as garotas, no maior amor.

Engoli em seco, sem acreditar. Revirei os olhos. Eu estava sem falar com Maria Clara desde o dia anterior. Depois da briga, à noite, liguei para ela, conversamos numa boa e estávamos bem. Ela não tinha me contado nada disso sobre ele. Não que tinha a obrigação, mas isso contava muitos pontos

para ele.

Ficamos todos em silêncio por alguns segundos, eles me olhando e eu sem saber o que fazer, só pensando. Tudo aquilo, todas aquelas palavras, entraram mesmo em minha cabeça.

– Ok, dá pra parar de moleza e voltar aqui, Brad? Preciso ganhar essa! – exclamou Dex.

Depois de comer algumas uvas, esfreguei o rosto e dei um longo suspiro, só então voltei a jogar, tentando não pensar que eu estava perdendo minha mulher.

– Alô?

– Oi, *meu amor!* – Olhei para a janela, a Lua brilhava linda no céu cinza naquela noite. Eu teria sorrido ao ouvir o que ela falou, se não tivesse tão confuso. – *Tudo bem?* – Perguntou ela ao perceber que eu tinha ficado em silêncio.

– Sim.

– *Que saudades eu estava de você!* – Começou a dizer, toda empolgada e com uma voz linda. – Pensei em te ligar depois da aula, mas...

- Mas você estava com Landon, não é?
- *Estava...* – ela deixou a frase no ar, respirei fundo. Eu precisava ser frio. Eu estava decidido.
- Terminou com ele? Creio que sim...
- *Bom, eu ia terminar. Tipo, saímos, comemos e conversamos. Quando eu ia falar, que era quando estávamos indo embora, não deu...*
- Ah, claro. – bufei. Mais uma vez! – Por que não falou logo?
- *Não é assim.* – Sua voz transbordando mágoa. – *Não são assim as coisas.*
- Pra mim é, Maria Clara. – avisei. – Você me disse que falaria com ele essa semana.
- *E irei falar, meu amor.*
- Olha, eu andei pensando muito e eu estou cansando disso tudo. Você precisa se decidir.
- *Você sabe minha decisão.*
- Não, não sei! – Falei um pouco alto, cortando-a. – Maria Clara, você precisa decidir, é ele ou eu. – Disse rápido, antes que a coragem sumisse.
- *Brandon, para com isso!* – Pediu ela, quase que desesperada, sabia que ela não estava gostando

nada, nada. – *Por favor.*

– Estou falando sério! – Olhei para minha mão em meu colo, a que estava a aliança que eu tinha colocado mais cedo e procurando palavras, continuei: – Você precisa ser feliz e estou vendo que esse cara mexe com você. Então, tome a decisão que o seu coração deseja. Relaxa, vou ficar bem. Te dou um dia para você se decidir e depois disso, se tudo der errado pra mim, vou embora...

– *Brad...* – ouvi sua voz como um choramingo do outro lado da linha e não deixei que ela continuasse.

Sabia que se ela falasse mais alguma coisa eu desistiria do que estava fazendo/falando.

– Escuta! – Pedi, sério. – Quando eu terminar o Ensino Médio, precisarei fazer faculdade no Canadá, morar com meus avós e essas coisas. Se você for viver sua vida ao lado daquele cara, saiba que vou sair mais cedo dos Estados Unidos.

– *Você não pode estar falando sério!*

– Nunca falei tão sério em toda a minha vida. – Respondi e ficamos em silêncio. Ela não disse nada, nem eu. Respirei ao finalizar. – Um dia.

Saiba que eu amo muito você.

– *Por favor, Brad!* – Pediu ela, tão baixinho que mal dava para ouvir. Tive a certeza de que ela estava chorando, meu coração se apertou.

– Eu te amo, Maria Clara. – Desliguei.

Respirei fundo antes de desabar. Eu não estava acreditando que estava fazendo isso, mas... Era a felicidade dela que eu queria, não exatamente a minha.

Joguei o celular contra a parede, o vi cair e seu visor trincar no chão. As lágrimas eu não conseguia mais controlar.

Pedia a Deus todo o momento para que não tirasse meu amor de mim...

Canadá

*“Porque metade de mim é partida,
Mas a outra metade é saudade...”*

Oswaldo Montenegro

Maria Clara

Fazia mais de dez minutos que eu estava na porta da Thompson High com meus fones de ouvido encostada no portão, esperando Brandon. Já iria dar o horário da aula e nem ele, muito menos Landon tinham chegado.

Avistei Caleb e fui falar com ele.

– Caleb? – Ele estava com Katherine a tira colo, os dois me olharam e sorriram. – Você viu o Brad?

– Não. – Respondeu. – O vi ontem, mas ele vem pra aula hoje sim. Deve ter se atrasado.

– Tudo bem, obrigada. – Sorri para ele.

– Maria Clara, hoje vai rolar uma festa na minha casa de noite, você vai? – Ele me perguntou antes que eu fosse embora.

Festas, numa situação dessas? Só por Deus!

– Bom, eu não sei... É que... – de fato eu não sabia o que falar.

– Todos vão. Inclusive seus amorzinhos. – Ele abriu um sorriso bobo e revirei os olhos.

– Apareço por lá. – Respondi e ele assentiu.

Sai andando ao ver Landon aparecer com a moto. Fui para o lado esquerdo do prédio do colégio, como se estivesse escondida esperando que ele entrasse. Eu tinha que falar com ele, mas tinha que falar com o Brad primeiro. Observei-o pegar o celular e logo o meu começou a tocar.

– Lan.

– *Oi. Onde você está?*

– Chegando ainda. E você?

– *No colégio.*

– Eu te encontro na sala, pode ser? – Avisei e vi ele entrar no prédio. Relaxei encostada na parede.

– *Tudo bem, eu te espero.* – Falou e eu desliguei sem responder.

No mesmo instante, vi o carro de Brandon chegar e estacionar em uma vaga próxima. Fui até ele com o coração na mão. Parei ao lado do automóvel no momento em que ele saiu.

– Preciso falar contigo. – Fui logo falando e ele arrumou a mochila nas costas.

De moletom da Adidas todo preto e tênis branco, toca na cabeça, ele estava maravilhoso. Meu coração acelerou no peito.

- Vai voltar pra mim?
- Bom... – ia falar, mas ele me cortou.
- Estou atrasado pra aula. – Avisou, passando por mim e peguei em seu braço.
- Para de ser tão frio! É sério, eu preciso falar com você.
- Será que eu tenho que repetir? Estou atrasado!
- Ele separou as sílabas como se estivesse falando com uma criança.

Respirei fundo lembrando das coisas que ele me disse, as coisas que me fizeram chorar a noite inteira de raiva e desespero. Mas eu precisava mostrar que eu era forte.

- Você está certo do que me disse ontem?
- Sim. – Ele mal olhava para mim.
- Precisa até voltar pro Canadá, Brandon?
- Sim. Se você suporta me ver com outras o problema é seu, eu não sou obrigado a nada, não vou ficar aqui.
- E seus amigos? Sua mãe?
- Eles vivem bem sem mim, até porque, viviam antes. – Fez uma pausa. – Minha mãe já está a par

de tudo.

– E ela deixou você ir embora assim, sem mais nem menos?

– Por que ela não deixaria? – molhei os lábios involuntariamente.

– Você sabe que eu te amo, não sabe?

– Ultimamente não sei mais de nada, Maria Clara. – Senti meu peito arder com aquelas palavras.

– Pensa bem...

– Não, você que pense bem! – Ele me cortou, olhando para o pessoal do colégio que entrava no prédio.

Sabia que aquilo seria motivo de fofoca pelo dia todo.

– Eu sei o que devo fazer. – Ele me olhou com a testa franzida.

– Sabe? – perguntou esperançoso.

– Sei. – Respondi seca. – Agora vai, você está atrasado pra aula. – Dei um sorriso falso para ele e antes dele dar um passo, fitou meus olhos de uma forma tão fria e distante que senti um vazio enorme

PERIGOSAS NACIONAIS

no peito.

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Já era bem tarde quando passei com o carro na frente da casa de Maria Clara só para matar minha curiosidade. Aliás, não sei porque exatamente passei lá, mas passei.

Eu estava indo para a festa de Caleb, sem o menor ânimo. Não tinha falado com a minha princesa desde o começo do dia, no colégio. Ela não me ligou, não olhou na minha cara o dia inteiro e aquilo me deixa mais agoniado do que nunca.

No mesmo instante em que parei o carro do outro lado da rua, um pouco distante da frente da casa, vi Landon chegar arrumado na casa dela com a moto. Sorriu e deu-lhe um beijo ao vê-la e eles ficaram alguns minutos conversando. Ali mesmo na porta.

Ela estava radiante!

Bom, o dia já estava chegando ao fim, o dia que eu tinha dado a ela. Só de saber que Landon ainda estava ali...

Caramba, aquilo me machucava de um jeito...

Respirei fundo enquanto olhava a cena.

Por alguns segundos, o vi tirar um caixinha do bolso, uma caixinha conhecida, eu sabia bem o que tinha lá dentro. Quando Clara viu o objeto, sorriu meio sem graça, mas feliz. Aliás, na situação que eu estava, não sabia mais o que era felicidade.

Eu tinha a certeza de que tudo estava acabado quando eles se beijaram. Sim, eles se beijaram e meu coração apertou, ficando pequeno como uma noz. Era impossível de acreditar em tudo aquilo, de verdade.

Balancei a cabeça completamente perdido enquanto arrancava com o carro rumo a minha casa, sem querer assistir a felicidade dos dois de camarote.

Mas que merda!

Sabe quando o mundo parece desabar embaixo de nossos pés? Sabe quando nos sentimos vazios e ocos? Trocados e humilhados do pior jeito? Sim, era assim que eu me sentia.

Não tinha outra saída, eu precisava ir embora. E ia agora, sem mais nem menos. Estacionei o carro na garagem de casa e ao entrar, subi os degraus de dois e dois até meu quarto.

Ao achar uma mala preta de rodinhas dentro de uma das divisórias do closet, joguei minhas roupas lá dentro em poucos minutos. Peguei tudo que precisava, até meu passaporte e dinheiro. Depois de fechá-la, saí sem fazer barulho.

Minha mãe estava no quarto, assistindo televisão. Eu tinha falado com ela antes de sair, dizendo que estava indo para a festa.

Caramba, mãe, estou indo embora, me desculpe por isso.

Peguei um táxi na esquina da minha casa. Como não estava tão tarde, ainda passava um ou outro na linha e fiquei aliviado por um ter parado para me atender. Sorri para o motorista, pedindo para ir ao aeroporto e ele consentiu.

Tudo estava acontecendo tão rápido e tão surreal que eu lutava para que minha dor sumisse. Mas era uma dor tão... Diferente. Não era como a dor de ver Maria Clara numa cama de hospital. Era a dor de ser trocado, completamente trocado.

Doía demais saber que tudo o que vivi com ela foi em vão, seriam apenas lembranças. As melhores lembranças do mundo para mim.

Talvez Ansel estivesse certo. Talvez minhas burradas que me fizeram perder a minha mulher, a mulher mais maravilhosa que eu já tinha conhecido.

Sentia-me um covarde por estar indo embora e praticamente desistido de nós, mas... Eu acreditaria até meu último suspiro. Só que ir para o Canadá e ficar longe de tudo, ainda era o melhor a ser feito.

Precisei ligar mais de cinco vezes até Connor atender a droga do celular dele. Achei que seria arriscado, mas resolvi ligar, pelo menos para ele. Que me desculpem os outros.

– *Fala aí, bro!* – gritou ele.

A música estava realmente alta.

– Connor, queria te avisar uma coisa. – Comecei logo e ouvi alguém gritando.

– Manda! – Sua voz estava grogue e eu sabia que ele estava bebendo. Estava no Brasil, o fuso horário era outro, mas com certeza ele estava em uma festa fajuta com sua namorada se divertindo horrores!

– Estou indo para o Canadá. – Avisei.

– *O quê? Não estou ouvindo você!* – Gritou ele, me fazendo afastar o celular do ouvido um pouco.

Suspirei. – *Espera um minutinho.*

Esperei longos segundos, até perceber que ele estava em um lugar sem barulho. Num quarto ou algo parecido.

– *Repete o que você disse...*

– Estou indo embora para o Canadá.

– *Embora?* – Perguntou, confuso.

– Sim, para o Canadá. – Respondi e ouvi sua gargalhada.

Connor poderia estar longe, aliás, estava morando no Brasil há quase um ano, mas nos falávamos, ele sabia de tudo o que estava acontecendo.

– *Para de ser ridículo! A maconha estava vencida dessa vez, é isso?*

– Não é brincadeira, Connor, é sério. – Falei tentando procurar calma onde não tinha. – Estou a caminho do aeroporto agora. Vou pegar o próximo voo pro Canadá ainda hoje. Queria que soubesse...

Houve um longo silêncio e Connor soltou um suspiro como se estivesse cansado.

– *Foi ela, não foi?* – Aquelas palavras fizeram as lágrimas brotarem em meus olhos.

– Ficarei bem. – Respondi tão baixo que achei que ele não tinha escutado.

Passei as costas da mão no rosto.

– *Você não pode ir, Campbell. Você ficará bem, mas aí, com todos. Você sabe que Sue e eu já vamos voltar, vamos ser aquela grande família de novo. Por favor. Eu te amo, cara. Você é importante para nós, principalmente pra ela.* – Abri um meio sorriso olhando para minhas pernas.

– Obrigado, mas não dá, de verdade. – Funguei. Eu estava um caco, nunca estive pior. – Não comenta com ninguém, ok? Sinto a sua falta, vê se vai me visitar.

– *Acho ainda que você não deveria ir...*

– Dou notícias assim que possível. – não deixei ele responder e desliguei, guardando o celular no bolso.

Respirei fundo engolindo as lágrimas. Não iria chorar à toa. Não ia mesmo.

Sorri para a aeromoça loira que indicou meu assento no avião. Assim feito, me sentei relaxado,

olhando todos os outros passageiros entrarem e se acomodarem.

Tinha uma chamada perdida de Maria Clara no meu celular e ri vendo sua foto no visor.

Por que ela me ligaria? Que besteira...

Por sorte, tinha conseguido comprar minha passagem, um dos últimos voos do dia e já estava no avião, colocando meu cinto e me preparando para voltar ao lugar de onde eu vim, o lugar de onde eu nunca deveria ter saído.

Olhei para a janela, ouvindo as ordens do comandante e me apertei em minha jaqueta de couro. Estávamos no meio do Outono, a neve não tinha chegado ainda, mas estava bem frio. O céu estava completamente escuro, sem estrelas, sem lua, sem brilho nenhum.

Assim como a minha vida. Se é que eu ainda tinha uma.

A essa hora ela estava feliz nos braços de outro cara, o cara perfeito que a faz feliz de verdade e a ama. A única certeza que eu tinha, era que eu a amava mais que ele, amava-a como nunca amei ninguém e amaria para sempre.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Eu Acredito em Nós

*“Eu sei que você precisa de um pouco de tempo,
para acreditar novamente, para amar de novo.”*

Justin Bieber

Maria Clara

A casa de Caleb estava lotada! Completamente abarrotada de gente e eu ainda não conseguia entender como ele conseguia organizar uma festa em só dois dias! Sorri para Lauren quando ela se aproximou e me deu uma latinha de energético.

Estávamos perto do DJ na sala, se mexendo um pouco acompanhando a música. Eu não parava de olhar de um lado para o outro procurando Brandon, que até agora, nada!

– Vai, me conta! O que aconteceu? – Perguntou Lauren perto do meu ouvido.

Seu hálito de menta era forte.

– Ah, foi normal. Achei que seria pior, mas estou bem. – comecei contando. – Ele foi em casa porque pedi para que ele passasse lá antes de virmos. Levou um anel para me pedir em namoro e tudo. – Lauren arregalou os olhos. – Mas antes mesmo que eu pudesse falar algo ele me beijou. Eu deixei, aquele seria nosso último beijo. Depois, disse que não iria aceitar, porque eu queria dar um tempo.

Minha amiga tomou um gole da vodca dela enquanto ouvindo tudo. Dei uma olhada em meu celular para ver se Brandon tinha retornado minha ligação, mas... Nada.

– Ou melhor, não foi um tempo, eu terminei tudo o que eu tinha com ele de uma vez mesmo! Falei que ele era um ótimo cara, que gostava muito dele. Agradecia por tudo o que vivemos juntos, mas não dava mais. – Continuei. – Landon é tão inteligente que soube de cara que eu ia voltar para Brandon, por que sabe que aquele garoto é a minha vida. Ele ficou um pouco triste, mas... Foi isso.

– E você, como está? – Perguntou ela.

– Agoniada e ansiosa. Não vejo a hora de dar um beijo no meu homem, de estar em seus braços para sempre e gritar para Deus e o mundo que ele é o meu namorado! – Ela riu e abriu um sorriso, completamente empolgada.

Tomei mais uns goles do meu energético, quando Dexter passou por nós e ao nos ver, veio em nossa direção tão aflito que parecia que ele não nos via há anos!

– Nossa, que bom que eu te achei! Onde você se

meteu, caralho? – perguntou para mim.

– Ué, faz vinte minutos que eu cheguei. O que foi?

– Como, o que foi? – Ele estava estranho, comecei a me preocupar. – Você precisa ir atrás dele.

A música estava alta, mas ele estava perto o bastante para que eu conseguisse ouvir. Olhei para ele esperando que continuasse:

– O Campbell, Maria Clara, ele foi embora. Connor me ligou desesperado. – Arregalei os olhos de imediato. Dexter já tinha bebido, era óbvio. Mas ele estava falando sério demais. – Ele deve... Que horas são?

– São 23h28. – respondeu Lau.

– Essa hora ele já deve ter partido. – Meu queixo caiu.

Eu não estava entendendo muito bem aquilo tudo.

– Como partido, Dexter? Por quê? – Perguntei, desesperada.

– Connor não soube falar direito, mas disse que Brandon ligou para ele dizendo que estava indo embora, que não ia suportar viver em Los Angeles

PERIGOSAS ACHERON

pra te ver com outro. Ele é maluco!

Meu coração já estava rasgando meu peito de tanto que batia. Entreguei minha latinha para Lauren que a pegou rapidamente e só tive tempo de falar uma coisa antes de sair.

– Preciso ir ao aeroporto. – Andei entre as pessoas da festa até a rua às pressas. Eu precisava de ar. O casal me seguiu. – Não pode ser, não pode ser, não pode ser! – Murmurava ao pegar o celular, tremendo igual uma vara verde.

– Calma, amiga... – pediu Lauren ao ver meu estado.

– Impossível ter calma! – Gritei, depois coloquei o celular no ouvido.

O celular de Elizabeth deu dois toques até ela atender.

– Alô, Eliza? – Chamei, tentando controlar a voz.

– *Oi, Clara... O que houve?*

Eu acreditava em Dexter, mas queria ter a certeza, a fiel certeza de tudo.

– O Brad, onde está?

– *Bom, achei que estivesse com vocês na festa do*

Caleb. – Respondeu.

– Ele não está aqui. – Respirei. – Por favor, vê se as coisas dele estão no quarto, o carro dele na garagem...

– *Espere.* – Pediu ela com uma voz receosa e esperei, agoniada. Pelo que eu entendi, ela já estava no quarto de Brad. – *Ai, meu Deus!* – exclamou. – *Clara, o closet dele está quase vazio... As chaves do carro estão jogadas em cima da cama.* – Dizia ela, tão espantada quanto eu.

Meu mundo parou. Por um segundo, achei que eu fosse desmaiar.

– *Cadê meu filho?* – gritava ela do outro lado da linha.

– Olha, Eliza, Brad foi para o Canadá. Houve uns problemas e ele fugiu. – tentei explicar.

Cacete, ela também estava desesperada, ela era mãe! *Como eu explicaria que o filho dela abandonou tudo por minha culpa?*

– Vamos atrás dele! Encontro você no aeroporto o mais rápido possível, tudo bem? – Pedi a ela.

– *E seus pais?*

– Liguei para a minha mãe agora mesmo e
PERIGOSAS ACHERON

iremos nós três! – Avisei e ela concordou antes de desligar.

Eu andava de um lado para o outro discando o número de casa, demorou um longo tempo até minha mãe atender. Com uma voz de sono.

– Mãe, sou eu, Clara.

– *O que houve, filha?* – Perguntou ela ao perceber o desespero em minha voz.

Meus olhos já estavam marejados.

– Mãe, preciso urgentemente que você pegue o meu passaporte e vá para o aeroporto, mas é tipo, agora!

Dexter e eu entramos no carro de Lauren para que ela pudesse me levar rumo ao aeroporto.

– *Pra quê? Maria, estou ficando preocupada! Por que isso agora?*

– O Brandon, mãe! Ele foi embora! – gritei, com um nó na garganta. – Sem perguntas, por favor, estou indo para o aeroporto agora com os meus amigos.

Houve um longo silêncio até ela dizer um:

– *Me dê dez minutos, meu amor.* – E desligou, me

deixando aliviada. Eu não deixaria ele partir para sempre de minha vida. Nunca.

O voo que conseguimos pegar as passagens, sairia às 0h45 da noite, ou seja, esperamos mais de uma hora. Eu não sabia o que pensar e só chorava, desesperada ao saber que a essa hora, Brandon já estava em outro país, completamente magoado comigo.

Não sei porque ele foi. Porque o dia que ele tinha me dado ainda não tinha acabado e minha escolha era ele. Sempre foi e sempre será. Não sei se ele viu ou ouviu algo que o fez acreditar que minha escolha seria diferente. Mas isso não importava agora. Eu só precisava do meu garoto de volta.

Minha mãe não podia viajar conosco, pois tinha coisas importantes a serem resolvidas no dia seguinte. Meu pai estava viajando e voltaria semana que vem, nem sabia do que estava acontecendo. Mesmo assim, minha mãe, como um anjo deixou eu ir com Elizabeth para Stratford.

Graças a Deus deu tudo certo e depois de me despedir de meus amigos e minha mãe, respirei

PERIGOSAS ACHERON

fundo entrando no avião com minha sogra, com o coração na mão, rezando para que não ser tarde demais.

Durante a viagem, eu tentava pensar positivo o tempo todo. Eu estava com um pouco de frio, pois estava só com um vestido de festa azul bebê até o meio das coxas com as costas nuas e sem mangas.

Elizabeth e eu só estávamos com o dinheiro e celular e coisas do tipo em mãos. Juntas para pegar nosso anjinho e trazê-lo se volta ao lugar certo.

Mal percebi que tinha adormecido. Eliza me acordou com um “*chegamos, Clara, levante*” e eu despertei num pulo. Já era de madrugada quando pisamos em solo canadense. Eu teria ficado mais feliz de estar ali se não estivesse naquela situação.

– É muito longe daqui? – Perguntei a Eliza, que negou com a cabeça enquanto procurávamos um táxi.

Ela estava um pouco mais calma e por fora eu também estava.

Tínhamos usado o banheiro do aeroporto quando

chegamos. Tive que tirar toda a minha maquiagem e soltar o penteado de meus cabelos, deixando-os soltos, com leves cachos nas pontas. Meu rosto estava limpo, mas um pouco avermelhado e inchado devido ao choro.

Pegamos um táxi e usei esse tempo para tentar ligar para o Brad, mas ele não atendeu. Respirei fundo tentando ficar calma, até porque, eu ia vê-lo em poucos minutos.

Combinei com Eliza enquanto descíamos do táxi na frente da casa dos pais dela, que ela entraria primeiro, falaria com os avós de Brad e com ele, pedindo para que ele fosse me ver do lado de fora.

Mesmo estando frio demais na rua, era melhor conversar lá com ele do que dentro de casa.

Respirei fundo com o coração na boca de tanto nervosismo quando Elizabeth apertava a campainha. Eu nem estava acreditando no que estava acontecendo. Há um segundo eu estava em outro país e agora estou aqui. Percorri quilômetros e quilômetros por ele e percorreria de novo.

Tudo para ter o amor da minha vida comigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Eu tinha chegado na casa dos meus avós fazia um tempo. Acabei acordando-os sem querer e eles ficaram meio em choque ao me ver ali. Contei de meus problemas e eles me deram uma pequena bronca por ter fugido. Até porque, minha mãe não sabia que eu estava lá.

Antes de irmos deitar, meu avô me fez um chá e estávamos tomando sentados no sofá. Cansado pelo dia e pela viagem. Tinha várias chamadas de Clara e minha mãe em meu celular e eu não atendi nenhuma delas.

Mesmo já morto de saudades das mulheres da minha vida.

Ouvimos a campainha tocar e estranhamos. Era 3h22 da manhã de um sábado. Quem poderia ser? Minha avó foi atender e gelei ao ver quem era. Elizabeth estava ali, abraçou seus pais e depois veio em minha direção. Eu estava sentado, estático no sofá.

— Brandon! — Exclamou sentando-se ao meu lado.

– Oi, mãe. – Respondi baixo. – O que você faz aqui?

– Bom, essa pergunta quem faz sou eu, não acha?
– Perguntou ela.

Por incrível que pareça, ela não estava brava. Até estranhei.

Mas eu era maior de idade, já ia fazer 19 anos... Não precisava dar satisfações, precisava?

– Mas não precisa me explicar, eu sei o motivo por você estar aqui e esse motivo está lá fora.

Arregalei os olhos. Era isso mesmo o que eu estava ouvindo? Impossível.

– Você está falando sério? – Perguntei com um nó na garganta.

Minha mãe apontou para a porta com o queixo e levantei quase num pulo e fui até porta. Ao abri-la devagar, vi Maria Clara se virando e ao me ver, correu em minha direção.

– Oh, meu amor. Graças a Deus! – Exclamou.

Ela estava do mesmo jeito desde a última vez que eu a vi mais cedo. De vestido e salto, no frio que estava fazendo naquela madrugada no Canadá. Permaneci estático ao abraço que ela tinha me dado

PERIGOSAS ACHERON

e ela logo se afastou olhando para mim.

Seria uma miragem? *Porra, como Maria Clara estava no Canadá, na rua e no frio às 3h da manhã?*

– O que você faz aqui? – Fiz a mesma pergunta que tinha feito a minha mãe.

– Vim atrás de você. – Sua voz estava rouca, seu rosto rosado e inchado. A coisa mais linda de se ver. – Ou melhor, buscar você.

– Então perdeu seu tempo. Pode voltar de onde você veio.

– Cara, qual o seu problema, hein? – Maria Clara ignorou o que eu disse. – Você só pode estar ficando louco! Sua mãe e eu morremos de preocupação quando descobrimos que você tinha fugido assim, sem mais nem menos! Até nossos amigos, Brad.

Connor filho da puta!

– Não foi sem mais nem menos. O motivo você sabe bem.

– O dia não tinha acabado. – Rebateu ela. – Eu não tinha avisado a você a minha escolha. Você não podia ter me abandonado.

Ela não cansava de ser a garota mais linda do mundo?

– Olha, eu vim aqui para ficar, ok? Aqui é o meu lugar e o seu é nos Estados Unidos, com sua família, seus amigos e seu namorado.

– O meu namorado fugiu para outro país sem dar satisfações nenhuma para mim, acredita?

Revirei os olhos.

– O meu lugar é ao seu lado. – Disse ela. – Brandon, eu fiquei completamente desesperada quando soube... Por que você fez isso? – Seus olhos ficaram marejados. – Não posso perder você.

– Você já me perdeu. – Foi só falar isso que as lágrimas nos olhos dela se derramaram por seu rosto.

Eu não sabia o que falar, muito menos o que fazer.

– A minha escolha foi você. – Falou ela de cabeça baixa e eu levantei meu olhar. Era ótimo ouvir aquilo, mesmo sem acreditar. – Eu não poderia escolher outra pessoa a não ser você. Brandon, você é o único garoto que deixa meu coração louco de tanto bater, é o garoto que me

deixa arrepiada com um único toque, é o único que me faz sorrir igual uma idiota com só um olhar. Quem mais eu poderia escolher pra passar o resto da minha vida ao lado?

– Eu vi quando ele te pediu em namoro na porta da sua casa.

– E daí? Eu não ligo! Até se o Taylor Lautner me pedisse em casamento eu não aceitaria. Você é o que mais importa pra mim... Eu não conseguiria viver mais um minuto sem você comigo.

Não aguentei e chorei. Não queria chorar ali na frente dela, mas estava impossível. Com todas aquelas palavras... Caralho, como não amar uma maravilhosa dessas?

Eu ainda estava sem acreditar em sua atitude. Mas mesmo assim, passaram-se mil coisas em minha cabeça. Eu precisava ser sincero.

– Eu não sou o cara certo pra você. – Limpei suas lágrimas. – Maria Clara, você merece coisa muito melhor. Olha todas as coisas que eu fiz pra você... Eu não me perdoo por isso.

– Não fala assim! Parece que a gente está em um livro dramático em que as pessoas vão enlouquecer

ao ter de nos aturar.

Dei as costas para ela, dando alguns passos e passando as costas das mãos no rosto. O que eu estava fazendo, hein?!

Foi então que ela me respondeu:

– Eu perdoo! Olha, eu perdoo por você e por mim! – Respondeu ela secando as lágrimas. – Você que precisa me perdoar por tudo o que te fiz passar nos últimos dias. Eu te fiz sofrer, me ver com outro e sei como dói. Por favor. – Falou ela e a olhei de novo.

Ela estava linda, perfeita... *Tão minha!*

– Queria tanto te merecer, mas...

– Para de falar isso, pelo amor de Deus! – Respondeu desesperada. – Você é o único que me merece. Meu amor é seu!

Oh, pequena, e o meu é seu... Todo seu.

– Não desiste de mim...

Abri um sorriso fraco de lado, olhando para o céu escuro para impedir que as lágrimas caíssem.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Eu tentava de todos os jeitos convencer Brandon, mas ele estava tão frio... Fisicamente e socialmente.

– Por favor, amor. – Pedi, tentando respirar.

Ele queria, eu conseguia ver. Mas algo o impedia...

– Você precisa ser feliz, Maria Clara. Estou fazendo isso por você! Desculpa... – respondeu ele e virou-se indo em direção a casa para me deixar de verdade.

– Saiba que se você ficar aqui, vai ser por você e não por mim. Por que eu acredito em nós, Brandon! Nunca acreditei em algo como acredito nisso! Se não fosse amor eu não teria voado quilômetros de distância na madrugada para não perder a pessoa mais importante do mundo pra mim! – Eu estava quase gritando, não só por ele estar longe, mas também pelo meu desespero.

Eu estava pouco me lixando para os vizinhos.

– E a minha felicidade vai ficar aqui também. Não vai adiantar nada voltar para os Estados

Unidos sem você comigo. – Ele tinha parado de andar quando comecei a falar e nesse momento, se virou.

Seu olhar estava brilhando pelas lágrimas, assim como o meu.

O meu peito subia e descia de desespero, a respiração estava fraca e descompassada. Tinha a fiel certeza que a qualquer momento eu poderia passar mal. Mas eu precisava ser forte.

– Você é a garota mais forte que eu já conheci.

– Sou forte por você. – Respondi. – Você foi a melhor coisa que já me aconteceu! – Funguei.

Meu rosto completamente molhado e meus olhos ardendo de tanto chorar.

Algumas lágrimas caíam dos olhos lindos dele também.

Deus, por favor, nos ajude...

Respirei fundo, levantando minha mão direita e mostrando minha aliança, a mesma que ele tinha me dado, ele me olhou firme. Vi que em seu dedo, estava a dele.

– Estarei aqui, para amar, cuidar e viver minha vida inteira com você, só com você. Todos os dias

de nossas vidas, meu namorado. – Não sei nem como tinha conseguido falar tudo aquilo e meu coração não parava de bater forte. – Eu te amo como nunca amei ninguém em toda a minha vida!

Sorri como uma idiota ao ver Brandon andar em passos largos e rápidos até nossos corpos colarem e ele colocar suas mãos geladas em meu rosto, perto de minhas orelhas e colar seus lábios gelados e macios devido ao choro nos meus.

Correspondi com urgência ao beijo apaixonado, encaixado e gostoso que ele estava me dando. Coloquei minhas mãos em seus antebraços, apertando-os com força para não deixá-lo fugir nunca mais.

Meu corpo todo ficou elétrico e mole. Eu nunca tinha me sentido tão viva e feliz. Agradecia a Deus mentalmente por cada batimento cardíaco que eu estava tendo. Sorri junto com Brad entre o beijo. Era como o primeiro beijo, o mais lindo e único.

Acreditar é ter a capacidade de agarrar a fé ao motivo que te deixa mais feliz. Lutar te faz mais forte e vencer a cada dia.

Eu me senti a garota mais sortuda, agradecida e

PERIGOSAS NACIONAIS

maravilhada de todo o mundo.

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Na noite passada fizemos amor no meu quarto, na minha cama de solteiro e eu não sentia dor alguma por ter dormido todo apertado com aquela manhosa e espaçosa que era minha mulher.

Seu corpo estava de frente para o meu, meu rosto estava afundado em seu pescoço cheiroso e seus braços em volta de minha cintura.

Fiz carinho em seu rosto sem fazer barulho para que ela não despertasse de seus sonhos. Eram 10h20 da manhã, num sábado ameno. Fiquei olhando – a por longos segundos.

Maria Clara se mexeu por alguns segundos e fiquei estático esperando ela se aquietar de novo. Ao observar seu rosto sem imperfeições novamente, vi um sorriso brotar em sua boca.

– Eu sei que você está me olhando sem parar. – A voz dela estava rouca e grogue de sono.

– Que bom que sabe. – falei em resposta. – É tão bom te ver dormir.

– Vou começar a cobrar. Nem se acostuma!

Soltei uma gargalhada quando ela já estava de olhos abertos. Como conseguia acordar tão linda?

Dei um beijo molhado nela. Eu estava tão apaixonado, tão meloso... Também, quem não ficaria depois de tudo o que ela disse e fez ontem?

– Você me faz o cara mais feliz do mundo! – Mordi seu lábio e ela soltou um gemido gostoso contra a minha boca.

– Talvez esse seja meu dever aqui. – Respondeu ainda contra a minha boca e terminei o beijo estalado que estávamos tendo.

Pensei rápido numas coisas e ao dar um selinho nela, me levantei com cuidado da cama.

Ela continuou lá, esparramada e de olhos fechados.

– Maria Clara? – Chamei.

Parecia até que ela tinha voltado a dormir.

– Hum? – Foi a única coisa que ela murmurou.

– Levanta dessa cama, preciso te levar para conhecer um pouco da minha infância. – Fui até a minha mala que estava jogada no chão e comecei a procurar uma roupa para eu vestir.

– Onde?

– Levanta que você vai saber.

– Mas aqui está tão bom, amor. – Virei-me de costas para olhá-la.

– Anda, Miller! – Puxei seus tornozelos e ela soltou uma risada.

No segundo seguinte, ela levantou. Arrumou os panos da cama sem eu pedir e fez um coque no cabelo.

– E o que eu faço agora? – Perguntou. Peguei uma roupa.

– Agora vamos tomar banho. O banheiro é aqui do lado.

– Brandon, estou só de roupa íntima! Você acha mesmo que vou começar a andar assim no meio da casa dos seus avós?

– Repito: é aqui do lado! – Falei devagar e joguei uma camisa minha para ela, que logo vestiu.

Peguei em sua mão e ao olhar para os lados no corredor, vi que não tinha ninguém. O barulho de vozes vinha do andar de baixo.

Corri com Clara até o banheiro e assim que

PERIGOSAS NACIONAIS

entramos, nossos risos tomaram conta do ambiente.

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Elizabeth tinha me emprestado um vestido um pouco a cima do joelho, bege e com detalhes azuis sem mangas. Ficou bem em mim, fora a sapatilha da mesma cor. Eu me sentia bonita me olhando no espelho do banheiro dez minutos depois do banho.

Ao fazer um coque em meus cabelos úmidos, Brad e eu fomos tomar café da manhã com seus avós. Eles eram incríveis! Avós amorosos, protetores e conversadores. Os adorei logo de cara.

Ao tomarmos o café, Eliza decidiu que iríamos embora só no domingo de manhã e hoje, Brandon me mostraria o bairro onde viveu quando pequeno. Assim feito!

– Vocês vão voltar para o almoço? – Perguntou a avó de Brad tirando a mesa e meu namorado coçou a cabeça, negando.

– Irei comprar nossas passagens agora e depois aproveitar meus pais um pouco. – Elizabeth avisou sorrindo e eu lembrei da minha mãe.

Pedi licença a todos e fui até a sala, liguei para

Clau. Avisei a ela que eu estava bem, que voltaria no dia seguinte e que voltaria namorando oficialmente dessa vez. Ela ficou feliz por mim e me mandou tomar cuidado.

Quando Brandon desceu, estava com um violão dentro da capa nas costas. Sorri ao imaginar o que ele iria fazer e ao nos despedirmos, saímos da casa e fomos andar. Creio eu, sem rumo.

Brandon

Levei Maria Clara por muitos lugares em Stratford, mostrando a ela diversos lugares por onde eu passei a maior parte do tempo quando pequeno. Na igreja, na minha primeira escola, no restaurante e lanchonete, na praça, onde ela fez questão de tomar um sorvete enquanto conversávamos de como estávamos felizes um com o outro, entre outros assuntos aleatórios e desnecessários.

– Ok, agora é sério. Esse aqui é um dos lugares mais importantes. – comecei a falar, apertando seus dedos nos meus enquanto olhávamos para o mesmo lugar, uma quadra enorme.

– Por quê?

– Porque era aqui que eu me divertia com os meus amigos, passava a maior parte do tempo. Era o máximo e me traz boas lembranças.

– Sério? – Franziu a testa enquanto nos sentávamos.

– Sim. – Abri a capa do violão e joguei em

nossos pés.

Sentamos no terceiro degrau de baixo para cima nas arquibancadas vazias.

– Sei bem. Mas você deveria virar cantor, não jornalista. – Comentou ela enquanto eu tirava algumas notas do instrumento. – Ou melhor, esqueça! Cante apenas para mim agora. Eu não suportaria te dividir com garotas de todo o mundo que virariam suas fãs! – Soltei uma risada.

Maria Clara

– Canta pra mim. – Pedi com um sorriso no rosto.

Ele ficou sem graça, mas concordou antes de começar a cantar Justin Bieber, só para mim. A música Swap It Out.

Quando dei por mim, já estava chorando e Brandon riu, aquela risada, a melodia mais linda de todas. Abaixei a cabeça para limpar as lágrimas e ele levantou meu queixo com o dedo.

– Tudo bem? – Depositou um selinho em meus lábios. Mexi a cabeça e sorri.

Gente... Eu tenho o melhor namorado do mundo!

Bati palmas para ele, quando terminou de cantar e dei-lhe um beijo, feliz.

Brandon não só cantou essa como as outras quatro que eu amava ouvir: One Life, Memphis, Hold Tight e Roller Coaster. Sem esquecer do eterno Bruno Mars.

Todas eram perfeitamente apaixonantes e lindas. As letras, a melodia, o jeito que ele cantava... Fez-

PERIGOSAS ACHERON

me realmente chorar, como sempre. Via pelas letras o quanto ele sentia minha falta e como eu me identificava. Sentia tudo como ele também.

Algumas pessoas passavam na rua naquela tarde calma e nem se importavam, apenas sorriam para nós e saíam andando. Era uma coisa ótima, aliás, da nossa vida a gente cuida.

– Para de chorar! – Pediu ele rindo de mim e ri para ele, passando minha mão nos olhos.

Aquelas músicas eram perfeitas... *Ai, meu Deus!*

Tivemos uma ótima tarde. Meu coração só faltava explodir de felicidade. Se eu pudesse, parava no tempo.

Las Vegas

*“Aproveite, pois tudo o que você vê,
pode estar vendo pela última vez...”*

Autor Desconhecido

Maria Clara

Terminei de me arrumar na frente do espelho do banheiro às 9h e descii para tomar café antes de ir. Estava usando um short roxo com uma regata branca e uma trança mal feita nos cabelos. Com o vans preto nos pés e pouca maquiagem.

– Bom dia, querida. – Ouvi a voz de minha mãe ao sentar a bunda na cadeira.

– Bom dia, Sra. Miller. Dormiu bem?

– Dormi. – Ela mordeu um pedaço de bolo em sua mão e me servi de um pouco de salada de frutas e um pedaço de bolo de cenoura também.

Precisava comer rápido para não me atrasar.

– Brad chega que horas? – Perguntou ela.

– Ele não vem. – Coloquei uma colher na boca. – Vou encontrá-lo junto com os outros na casa de Dexter.

Em minutos, a buzina irritante do carro de Lauren soava do outro lado da porta e levantei às pressas dando um beijo na bochecha de Clau e então pegando minha mochila no sofá ouvindo-a dizer:

– Muito juízo nessa viagem, filha. Por favor. –
Bufe mentalmente.

Ela falava como se eu tivesse dez anos de idade!
Até parece que alguém no mundo tem juízo ao
passar um final de semana em Las Vegas.

Era 2 de Novembro, sexta-feira, aniversário de
Brandon. Nós iríamos comemorar em Las Vegas.
Ah, não ia sair boa coisa!

Lauren e eu chegamos na porta da casa de Dexter
para nos encontrarmos com os outros e em
segundos, vi o carro de Brad estacionando trás do
de Lauren, saí às pressas e fui em direção a ele.

Brandon estava de topete alinhado, uma regata
branca, bermuda preta e de óculos. Encostei meu
corpo no dele, que me apertou em seus braços e
depositou um selinho em meus lábios.

– Bom dia, amor. – sussurrei perto de sua boca e
ele respondeu a mesma coisa.

– Nossa, que melosidade! – Exclamou Lau e
parei o beijo para olhá-la.

– Oh, menina, cala a boca. Quem te chamou

aqui?

– Isso polui o mundo, sabia? Todo esse amor e os caralho? Parem com isso! – Mostrei o dedo para ela.

– Recalcada é assim mesmo! Cuidado, muito cuidado com esse seu veneno, vai engasgar! – Brinquei.

Todos soltaram uma longa gargalhada até nos despedirmos dos garotos e Melanie e eu entramos no carro de Lauren. Coloquei meus óculos de sol.

Passamos a viagem de quase quatro horas conversando sobre qualquer coisa e, a maior parte do tempo, cantando/gritando as maravilhosas músicas que tocavam no aparelho de som.

Brandon

Tivemos que parar os carros para abastecer e comprar besteiras na loja de conveniência para comermos na metade da viagem. Estava calor demais para um outono nos Estados Unidos, mas nada do que não podíamos suportar.

Mesmo amando o frio, estava sendo ótimo o calor, até porque, ninguém merece ir a Las Vegas e ver mulheres completamente cobertas.

– Puta merda! – Exclamou Ansel assim que parei o carro na frente do hotel que tínhamos alugado, ou melhor, Dexter que tinha feito a reserva.

Parecia aquele de *Se Beber, Não Case*.

Tiramos as mochilas do porta-malas e depois de Dex falar com o manobrista, esperamos Lauren falar com outro manobrista e as garotas logo apareceram ao nosso lado.

Entramos no hotel com a decoração dourada e branca, bonito e chique, de gente de posse mesmo. Sorri para a recepcionista assim como os outros e

PERIGOSAS ACHERON

entrelacei minha mão na mão de Clara enquanto esperávamos Dex falar com a moça bem vestida.

– Aqui está. Bem-vindos! – A recepcionista entregou o cartão magnético da suíte a meu amigo que agradeceu e logo fomos ao elevador.

Cocei a nuca antes de entrar com todas aquelas pessoas naquele cubículo de lugar.

Clara se encostou em mim enquanto íamos até a suíte. Ao sairmos no corredor, fomos até a última porta e no segundo seguinte estávamos dentro do apartamento de luxo. Olhei tudo devagar ao colocar minha mochila no chão e os olhos das meninas brilhavam.

– Boa escolha, cara! – Mel exclamou para Dexter, que sorriu. – Isso é incrível! – Elas olhavam cada canto do lugar.

Tinha a sala de estar, separada apenas por um muro da cozinha. Tudo lindo e bem arrumado, enorme mesmo. Pelo que vimos, tínhamos investido bem o dinheiro. Logo ao lado, tinha um enorme banheiro e duas portas, que pelo que deduzi, eram os quartos.

– Bom, o lado ruim é que só tem dois quartos

então teremos que revezar. – Começou meu amigo a explicar. – Como passaremos três noites aqui, cada casal terá uma vez para dormir na sala.

Olhei os sofás brancos de couro bem espaçosos e dei de ombros. As meninas começaram a olhar mais a cozinha e depois foram ver os quartos.

– Ei, bora ver a melhor coisa que conseguimos reservar aqui? – Perguntou Ansel e abriu um sorriso sabendo exatamente do que ele estava falando.

Em um minuto, os garotos e eu estávamos prontos e subimos a pequena escada de madeira polida branca que tinha na varanda, que dava aceso ao andar de cima, o terraço.

A vista era perfeita! Alucinante mesmo. Dava para ver boa parte de Las Vegas, a cidade luz que ainda estava apagada, por ser 15h da tarde. Mas era maravilhoso de se ver, cheia de prédios e enormes mansões de luxo. Sorri olhando tudo.

O terraço que conseguimos reservar, – ou melhor, quem reservasse a última suíte do hotel tinha acesso exclusivo e único – tinha espreguiçadeiras e uma enorme piscina. Fora uma enorme geladeira branca com líquidos diversos dentro. É, eu estava

PERIGOSAS NACIONAIS

feito por um fim de semana inteiro.

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Enquanto Ansel ficou conversando qualquer coisa com Brandon, que já estava de mau humor por achar que tínhamos esquecido do aniversário dele, Lauren e eu descemos até a cozinha e pedimos um bolo com velas de “19”, em menos de vinte minutos nosso pedido chegou e subimos para a piscina de novo.

O dia tinha sido maravilhoso! Todos nós conversamos sobre coisas sérias e outras nem tanto. Brincamos na piscina e tiramos fotos na câmera de Brad.

O céu já estava escuro quando subi as escadas atrás de Lau e ao nos ver, os garotos começaram a cantar parabéns para Brandon, que sorriu lindamente.

Ele colocou a mão na testa rindo de cabeça baixa. Ao levantar o rosto novamente, ele se levantou da borda onde estava e veio em nossa direção. Assoprou as velinhas e bateu palmas.

Depois que coloquei os talheres e os pires em

cima da espreguiçadeira, dei um abraço apertado nele, que ainda estava úmido por ter acabado de sair da piscina.

Os meninos saíram logo depois para abraçarem o aniversariante do dia e fui ajudar Lauren a cortar o bolo. Logo Melanie apertou a pequena chama da vela com os dedos, que voltou a se acender, pegando seus dedos.

Lauren colocou o pequeno bolo na espreguiçadeira.

– Que caralhinho pesado, meu Deus! – Disse ela limpando as mãos.

Cortei um pedaço do bolo com cuidado e comi. Era de baunilha com cobertura de chocolate, uma maravilha! Brandon foi até a geladeira e logo voltou com champanhe e começou a nos servir.

– Amor, pega um pedaço pra mim. – Pediu meu namorado e voltei a cortar o bolo e sem querer, como sou o azar em pessoa, cortei a ponta do dedo me fazendo quase pular de susto.

– Porra! – Levei o dedo até a boca e o mordi para estancar o sangue que já começara a sair do pequeno, mas fodido corte.

Aquela merda ardia que era uma beleza! Ao entregar o pedaço de bolo a Brandon com a minha outra mão, ele comeu. Afastei-me alguns passos de onde os outros estavam.

Lauren estava relaxada deitada na borda da piscina enquanto Brad e Dexter comiam e bebiam. Ansel estava com Melanie sentados no chão e ela apertava os dedos com a mão, os que tinham queimado.

Balancei meus dedos rapidamente para que parasse com aquela dorzinha chata provocada pelo corte e Brad chacoalhou os cabelos até vir onde eu estava, encostada no muro.

– Tudo bem? – Perguntou tomando um gole de champanhe no copo e fez biquinho mostrando meu dedo para ele.

Do corte ainda insistia em sair pequenas gotículas de sangue. Ele me deu champanhe na boca e observou meu dedo por alguns segundos. Ouvi do nada a risada de Ansel me fazendo olhar para ele e o ouvi dizer:

– Mulher é um bicho tão estranho, não é? – Começou ele. – Uma não aguenta segurar um bolo

de dois quilos e fala que é pesado. A outra é corajosa o bastante pra tocar numa vela acesa e fraca o bastante pra ficar se remoendo de resmungos por ter queimado os dedos e a outra quase chora por ganhar um cortezinho no dedo. – bufou.

– Mulher é o sexo frágil, pequeno Collins, aprende! – Zombou Dexter colocando bolo na boca.

– Homens são uns babacas que só sabem falar merdas, Dexter, aprende! – Respondeu Lauren com as mãos na cintura.

Brandon já estava ao meu lado encostado no muro e ouvíamos o bate-boca dos amigos.

– Mulheres aguentam tanta coisa... Esse rótulo é ridículo. – Rebateu Mel.

– Concordo com a Mel! – Levantei minha mão.

– Aguentam qualquer coisa que é proposto também?

– Sim. – Respondeu Lauren rapidamente, sem pensar.

Vi um sorriso malicioso no rosto de Dexter e esperei ele começar a falar antes de pensar alguma
PERIGOSAS ACHERON

coisa.

– Que tal desafios?

– Que tipo de desafios? – Lauren se sentou encarando o namorado.

– Cada um de nós diz um desafio pra vocês fazerem, hoje à noite, qualquer coisa. Vocês cumpram para nos provar que têm razão.

– Isso é sério? – Melanie tinha a sobrancelha arqueada e os olhos perplexos.

Os homens do ambiente tinham um sorriso de orelha a orelha. Dexter olhou para Melanie, mexendo a cabeça.

– E aí, topam? Vai ser divertido, eu juro. – Ele virou a garrafa de champanhe na boca. – Se vocês não cumprirem, podemos dar um castigo, bem pior que o desafio depois. – Lauren se levantou, empolgada. – Bom, o que acontece em Vegas, fica em Vegas.

– Fechado! – Sorriu ela e abriu um sorriso sentindo o vento esvoaçar seus cabelos.

Até que Melanie concordou e teve a certeza naquele instante: nossa noite estava só começando.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Todos levaram basicamente uma hora para se arrumar. Nunca tinha visto aquele povo mais lindo! Todos bem vestidos e cheirosos. Meu vestido branco com detalhes em prata tinha ficado bem em meu corpo. Meus cabelos eu deixei soltos mesmo já que tinha alguns cachos e passei muita maquiagem. Senti-me tão... Viva. O salto preto que estava em meus pés era alto e confortável.

Entrelacei meus dedos nos de Brandon enquanto descíamos no elevador, já na porta do hotel, Melanie brinca:

– Bora, gente, a noite é uma criança. Pernas, pra que te quero?! – Gargalhamos em coro ao sair andando quase que sem rumo.

A cidade era exatamente como mostrava nos filmes e seriados. Linda e iluminada. Carros caros passavam na rua diversas vezes fazendo-nos virar o pescoço para olhar. Os prédios eram enormes, não só de largura, mas de tamanho. O céu brilhava repleto de estrelas.

– Precisamos roubar uma viatura. Sempre quis fazer isso aqui em Las Vegas. – Comentou Dex.

– Contanto que o tigre do Mike Tyson não esteja dentro do nosso banheiro de manhã, sem problemas. – Brandon sorriu depois de falar e soltamos uma risada.

Os garotos cantavam e faziam palhaçadas escrotas no meio da rua, fazendo-nos rir. Não tinha nada melhor. Olhei Brandon ao meu lado, que me puxou pela cintura e depositou um beijo rápido em minha boca.

Sorri olhando tudo aquilo, não querendo estar em nenhum lugar a não ser ali. Aliás, era o melhor lugar para estar, e ainda mais com as melhores companhias.

– Ok, e os desafios? – Perguntou Mel virando um copo de vodca garganta adentro.

Fiz a mesma coisa.

– Vocês tão com pressa? – Dex levantou a sobrancelha.

– Estamos curiosas, é diferente. – Retrucou Lau,

agarrada ao pescoço do namorado.

– Bom, quem vai ser a primeira? – Ele nos olhou.

Brandon estava sentado num banco alto do balcão da boate e eu encostada nele.

– Eu! – Lauren levantou as mãos para cima, empolgada. – Manda, baby. – Ela olhou para o namorado.

– Não, eu não mando o desafio pra você.

– Não?

– Lógico que não! Se não seria tudo fácil, não é? Tu achas que o Brad mandaria o que para Maria Clara fazer? Beijar os pés dele e ela faria, porque é fácil.

Soltei uma risada mostrando meu dedo do meio para ele.

– Do mesmo jeito o Collins. Ia mandar a “amorzinha” dele fazer uma posição nova no sexo e mesmo achando um absurdo ela faria, porque é fácil. – Continuei rindo.

Todos nós já estávamos um pouco alterados, por conta da bebida. Estávamos numa boate onde até sexo os casais faziam no canto da parede sem se importar se alguém estava olhando ou não. Era uma

PERIGOSAS ACHERON

música alta e eu já tinha dançado à beça sem me cansar.

Beirava madrugada em Las Vegas e agora começariam os tais desafios. Como Lauren disse, eu estava mesmo curiosa e... Faria qualquer coisa que fosse proposto. Aliás, eu sempre fiz, porque não iria fazer agora?

– Você faz mesmo qualquer coisa? – Ansel perguntou e ela consentiu. Ele fez uma pausa dramática e logo abriu a boca. – Você vai ter que pegar uma garota.

– Só isso? – Disse despreocupada.

– Uma garota que tenha namorado. – Continuou ele. – Acha que consegue?

– Moleza!

– Lauren! – Disse indignada.

Como ela consegue ser assim, velho?

– Ué, que foi? Se eu consegui pegar você que namorava dois na época e um deles é um dos garotos mais foda do colégio, você acha que eu não consigo pegar uma garota aqui? – Gargalhei.

Lauren olhou todos em volta e depois sorriu ao ver uma loira na pista de dança com um gostoso

PERIGOSAS ACHERON

que parecia ser o namorado dela.

– Posso pegar o namorado também? Dois coelhos com uma cajadada só.

Gargalhei do jeito que ela falou e meu melhor amigo olhou Dexter, que bebia.

– Tudo bem, cara? – Perguntou e Dex deu de ombros.

– O desafio foi ela beijar uma mulher, então é só uma mulher que ela vai beijar. – Ordenou ele e Lauren consentiu, indo até a pista de dança.

Brandon

Lauren era igual homem quando se tratava de mulher. Ela escolhia umas que... Nossa senhora! A loira estava bêbada, mas sorria sexy para minha amiga enquanto as duas dançavam e o namorado tinha ido pegar bebidas. Parecia coisa de filme. Todos nós ficamos lá esperando para ver o que ia acontecer.

E sim. Basicamente dez minutos depois, mais ou menos, Lauren estava aos beijos com a loirinha que era toda submissa. Soltei um riso. As garotas e Ansel aplaudiram quando ela terminou o longo beijo e deu um tapa na bunda da garota que ria como se fosse uma criança que tivesse ganhado um doce.

Lauren chegou perto de nós com a mão na boca, sorrindo também.

- Desafio concluído? – Perguntou.
- Sim, senhora. Quem vai ser a próxima?
- Eu! – Mel levantou o braço. – Quem fala pra mim?

– Eu! – Sorri para ela de um jeito brincalhão.

– Ah, Brandon, você não. – Ela fez biquinho e gargalhei.

– Por quê? Juro que você vai gostar.

– Ah, claro, imagino. – Bufou balançando a cabeça.

– Vê lá o que você vai pedir pra minha namorada, cara. – Se intrometeu Ansel, tomei um gole do meu copo cheio de vodca e entreguei a Mel, que pegou.

– Beba, mais tarde você começa o show. – Sorri para ela que fez o mesmo, bebendo.

Minutos depois, Maria Clara puxou-me para a pista de dança e para lá que todos fomos. Mel bebia e eu sabia que em pouco tempo ela ficaria mais alegre e com os sentidos perdidos. Isso ajudaria para que ela ficasse seminua na frente de todos.

As boates de Las Vegas eram bem mais intensas, pelo que eu percebi. Mesmo sem drogas, sentimos o sangue pulsar nas veias de um jeito diferente, só pelo fato da música alta, as risadas e falações, as milhares de luzes por toda parte, o álcool percorrendo o organismo e Maria Clara comigo.

Por pensar nela, que estava perfeita em minha

PERIGOSAS ACHERON

frente, começou a gritar empolgada e se esfregar em mim ao som de *Wake Me Up* de Avicii que começava a tocar. Coloquei minhas mãos em sua cintura fina e segui seu ritmo. Passou-me pela cabeça a primeira vez que dancei com ela e foi um dos motivos por eu ficar tão fixado numa só garota.

Seus cabelos chacoalhavam de um lado para o outro enquanto ela se mexia, assim como seu quadril e ao virar-se para mim, vi um sorriso feliz em seus lábios. Ela começou a cantarolar algumas partes da música e eu fiquei fitando-a por longos e longos segundos. Em nenhum lugar no mundo eu encontraria uma garota como ela.

Minha boca foi de encontro a dela enquanto as luzes do ambiente piscavam no ritmo da nova música que começava a tocar. *Titanium* de David Guetta e Sia. Fechei os olhos ao morder o lábio inferior de Clara que segurou meu cabelo por trás de minha cabeça e o puxou com força. Passei minhas mãos por todo o seu corpo e logo minhas mãos estavam na nuca quente e úmida dela.

Explorei toda a sua boca com gosto de tequila e apertei seu corpo quente contra o meu. Perdi a

noção de quanto tempo eu e ela ficamos nisso, só em toques e beijos. Tempo que aproveitamos todos os segundos possíveis. Se fosse possível, eu fodia com ela ali. Mas preferia deixar para depois.

Ao dançar mais um pouco com ela nos minutos seguintes, vi Melanie bem alegre e sim, ela estava bêbada. Tinha começado a beber desde que chegamos a boate e tinha tomado o enorme copo que eu tinha dado a ela. Mel era bem fraquinha para bebidas.

Avisei Clara de que era a hora do desafio da amiga e ela puxou os outros para mais perto de nós. Estávamos num canto da boate perto de um casal que se comia, mas, ignorei, olhando Melanie.

– Você vai ter que fazer um strip-tease. – Comecei falando.

Ansel arregalou os olhos enquanto ela estava como se não se importasse com o que estava ouvindo.

– Uou! Que maravilha! – Exclamou Dex. – Agora veremos o que Ansel vê todas as noites.

– Vão ver o caralho! – Protestou o namorado ciumento. – Melanie não vai fazer uma coisa

dessas.

– Ué, por que não? – Perguntou Clara, meio alterada. – É o desafio dela, ela precisa fazer! – Sorri ouvindo minha mulher.

– Preciso? – Perguntou inocente.

– Precisa! – Falei. – Ou a razão será nossa, só nossa. – Sorri e vi que ela ficou confusa do que fazer. – Ah, e é ali que você fará seu show. – Apontei para o balcão e ela arregalou os olhos.

Uma nova música começou a tocar.

– Melanie! – Chamou Clara andando até o balcão e abriu um sorriso olhando a cena.

As três foram até o balcão, Melanie ia mesmo fazer o que eu pedi. Peguei o copo que estava na mão de Ansel e bebi.

O ouvi bufar.

– Qual é, Collins, vai ficar bravinho agora? – Perguntei olhando-o. – Desculpa, é o desafio. Não posso fazer nada se você não conhece sua namorada, achando que ela não ia mesmo fazer alguma coisa.

– Eu a conheço, ela não faria isso em sã consciência. Ela está bêbada, Brandon! – Falou
PERIGOSAS ACHERON

irritado e eu sabia que era tudo birra dele, Ansel não ficava tão chato assim por coisas pequenas.

– Mas ela não é o sexo frágil, foi o que ela disse, não foi? Pois então, ela está provando isso ficando nua na frente de todos sem problema nenhum. – Disse e ele balançou a cabeça.

Olhamos as garotas que rebolavam e se soltavam rindo alegremente em cima do balcão ao som *de I Gotta Feeling* do Black Eyed Peas, atraindo olhares de todos os lados. Principalmente dos marmanjos de plantão, que gritavam para elas como se fossem strippers de bordel.

Bom, no caso a stripper era Melanie, que sorria despreocupada enquanto dançava com as garotas e aos poucos foi se soltando mais e mais. Então começou a *tocar Last Friday Night* de Katy Perry. Sem perceber eu estava com um sorriso de lado enquanto Dexter e Ansel estavam ao meu lado, cada um com um copo na mão.

– Pra falar a verdade, Ansel, eu sempre tive vontade de ver o corpo dela. – Disse baixo, achando que eles não ouviriam, mas pelo contrário.

Ele me fuzilou com os olhos.

– Acostume-se, Collins. A bebida entra, a verdade sai.

– Não acredito que estou ouvindo e vendo isso. – Ansel balançou a cabeça, desconfortável passando as mãos nos cabelos.

O vestido dela era vermelho, um pouco acima do joelho, bem colado ao corpo, era de couro e tinha um pequeno decote no busto e, abaixo do mesmo, tinha um zíper dourado, que ia até a borda do vestido, ou seja, levaria segundos para tirá-lo. Parecia até que ela estava adivinhando que ele seria tão útil ao vesti-lo antes de sairmos do hotel.

No segundo seguinte, ela já estava puxando o zíper como prevíamos e o lindo corpo dela estava à mostra para todos. Ela usava um conjunto de lingerie todo preto e pequeno. Ao abrir todo o zíper toda sexy e selvagem, Melanie abaixou as alças do vestido até o meio dos braços e continuou dançando, junto das garotas que estavam uma de cada lado.

Nem parecia a garota que eu conhecia diariamente. Meiga, tímida e inocente. Bom, talvez fosse a bebida, mas... *Jesus amado!* Ela deveria ser

um bicho na cama! *Parabéns ao meu amigo!*

Por fim, Melanie derrubou o vestido no chão, ficando de calcinha, sutiã e salto em cima do balcão, rindo, jogando os cabelos de um lado para o outro junto com as amigas.

Conforme a música foi sendo substituída por outra, que era eletrônica e com a batida rápida, as garotas desceram no balcão. Nós nos aproximamos das três e logo Clara pulou em meus braços, rindo. Ansel pegou o vestido de Melanie das mãos de Lauren e puxou-a com força para se afastarem de nós.

– Se é do Dexter que vem teu desafio, pode ter certeza que vem merda, amiga! – Lauren disse com a voz alta por conta da música.

– Não é merda, você vai amar, Clara, eu juro. – Dex fez biquinho, bêbado que só Deus.

Acho que eu era o que estava mais sã de todos eles. Bom, minha cabeça também rodava, mais eu, ao contrário dos outros, conseguia pensar.

– Ok, meu Deus! Manda logo esse caralho! –

Gritou Clara mexendo nos cabelos enquanto eu virei o último gole de tequila na boca.

Estávamos em um cassino dessa vez. E era como a boate em que estávamos horas atrás: música, pessoas, bebidas e sexo. Só que dessa vez, com jogo e luxo por todos os lados.

– Seu desafio é... – Ele pigarreou, permanecemos em silêncio para ouvir melhor o que ele iria falar, a música era enlouquecedora: – Transar com o Campbell. Ali, naquela mesa de sinuca.

Instantaneamente abri um sorriso com as sobrancelhas arqueadas. Clara olhou dele para mim com os olhos arregalados.

Maria Clara

O cassino onde fomos parar vinte minutos depois de termos saído da boate, era bem perto dali. Era enorme, luxuoso e bem iluminado. Pessoas jogavam como se fossem a última coisa que fossem fazer na vida e se divertiam muito.

Brandon e Dex quiseram logo de cara jogar uma partida de pôquer com uns caras barbudos, que os chamaram de “mauricinhos de Los Angeles”, mas que deixaram e jogaram com eles por umas duas horas, enquanto ficávamos só olhando sem entender nada, só na expectativa.

No fim, Dexter e Brandon ganharam uma boa quantia deles, fazendo- nos assim, vibrar de felicidade enquanto os velhos com as acompanhantes olhavam para nós sem entender.

A noite estava maravilhosa. Essa era a palavra que eu conseguia descrever. Tudo estava exatamente como tinha que ser. Assim, despreocupada e feliz, fazendo besteiras e coisas novas. Até porque, eu nunca imaginaria parar em

Las Vegas num cassino às 4h da manhã, dançar e ficar bêbada, rindo de tudo.

– Se é do Dexter que vem teu desafio, pode ter certeza que vem merda, amiga! – Avisou Lauren depois que pedi ao seu namorado para me dizer o que eu teria que fazer, já que, aliás, só faltava eu.

– Não é merda, você vai amar, Clara, eu juro. – Avisou para mim.

– Ok, meu Deus! Manda logo esse caralho! – Pedi sem paciência e ele respirou fundo antes de falar.

– Seu desafio é... – Pausa dramática e desnecessária. – Transar com o Campbell. Ali, naquela mesa de sinuca.

Por alguns segundos meus olhos se arregalaram e depois soltei uma risada. Gente, é cada uma que me aparece...

– Uau, que excitante! – Exclamou Brad ao meu lado.

– E desde quando isso é um desafio, Dexter? Sexo com o meu namorado é algo ótimo, não um desafio.

– Acho que você não entendeu muito bem. – Ele
PERIGOSAS ACHERON

olhou para cada um de nós.

Estávamos no andar de cima do cassino, onde tinha uma pista de dança para todos aproveitarem. Tinha, mais para o canto da enorme pista, umas mesas de sinuca, onde a mais afastada estava vazia e estávamos perto dela.

– É agora, em público, para vermos vocês. – ele abriu aquele sorriso lindo de cafajeste dele e eu gelei por dentro.

Brandon riu ainda mais, amando a situação e eu permaneci estática. Como assim foder em público, porra? O que o Dexter tinha na cabeça?

– E então, vai ou não? – Perguntou ele e mordeu o canto da boca.

Minha consciência já estava em alerta e fiquei uns segundos parada. *Sacanagem!* Tudo bem que era algo diferente, mas...

– Vocês querem nos ver nus, é isso?

– Talvez. – Lauren sorriu ao falar.

– Por que, tem como fazer sexo de roupa, Maria Clara? – Melanie perguntou.

– Nesse momento eu queria que isso fosse possível.

– Que lenga-lenga, velho! Para com todo o drama e vão logo! Você está de vestido, Clara. Se virem. – Dexter retrucou e bebeu tequila, sentando-se num banco de uma pequena mesa ali perto e Brandon deixou o copo dele com Ansel.

Levantou-se e me puxou com a mão até a mesa de sinuca. Aquilo era tão diferente do meu normal, sabe? Era estranho e, porra, sem cabimento fazer sexo em público! Se eles querem tanto ver sexo, porque não vão assistir filme pornô?

Fiquei parada, apertando a mão de meu namorado que... Ai, gente, estava irresistível! Desde o começo da noite eu estava querendo sexo, sabia que não dormiria naquela noite sem sexo... Mas ali? Ouvi o riso do Dexter.

– Nossa, Maria Clara, se você mesma disse que faria tudo o que fosse proposto não está com cara de que vai aceitar o desafio, é porque a coisa está feia mesmo. Como Ansel disse, mulher é um bicho estranho!

Senti meu sangue ferver e saí andando, puxando Brandon pela mão, que sorriu. Fui até a mesa, ficando bem na ponta, no fundo do salão e os

outros estavam na pequena mesa perto da outra ponta da mesa de sinuca. Onde estávamos era um pouco escuro e, ok, eu conseguia fazer isso.

Coloquei minhas mãos em cima da mesa e respirei fundo sentindo Brandon tirar meus cabelos do pescoço e depositar beijos molhados ali. Fechei os olhos para sentir as sensações boas e também para não ver o público nos olhando.

A maioria dos casais naqueles ambientes, estavam fazendo basicamente a mesma coisa, não prestavam atenção em nós, mas... Eu sabia que aquelas quatro pessoinhas nos observavam fixamente. Resolvi não pensar muito neles, só em Brandon.

Flexionei meu pescoço para o lado direito da cabeça para dar mais abertura do pescoço, onde Brandon beijava, me dando pequenos arrepios.

– Você quer mesmo fazer isso? – Ouvi sua voz em meu ouvido e sua respiração chicoteando meu pescoço.

Sua ereção bem evidente roçando na minha bunda...

Virei-me, passando minhas mãos por sua barriga

e ao chegar no cócs da calça, abri os botões e o zíper. Olhando para o mesmo lugar que eu, Brandon sorriu.

– Estamos em Las Vegas, baby. – Comentei pegando o pênis quente de Brandon com a mão e colocando-o para fora da cueca.

Ouvi seu gemido rouco perto de meu ouvido. É tão gostoso...

No segundo seguinte, eu já estava sentada de pernas abertas em cima da mesa de sinuca e Brandon passou suas mãos rapidamente por minhas coxas, pela parte de dentro delas e em minutos, começou a entrar devagarzinho dentro de mim. Sorri com a cabeça arqueada para trás.

A música maravilhosa tocava nos ensurdecendo de tão alta, com as bombeadas de Brandon, meu corpo soltava faíscas. Aproveitei cada segundo daquele maravilhoso sexo, rapidinha, foda, que seja.

A língua de meu namorado explorava cada pedaço do meu rosto e pescoço, era maravilhoso! Nem me importei de alguém estar nos vendo naquele momento, de tão bom que era. O suor

pingou de meu cabelo enquanto eu tentava puxar o ar, em poucos segundos, o gozo de Brad me invadiu.

Respirei fundo, ainda com ele entre meus braços gemendo no meu ouvido, beijando meu pescoço. Ao terminar, me olhou fundo nos olhos me fazendo abrir um sorriso. Pensei em só uma única coisa, com a cabeça completamente tonta... *Desafio concluído!*

Pior Notícia da Minha Vida

“A vida é um sopro.”

Autor Desconhecido

Maria Clara

Ao estacionar o carro na porta da minha casa, Brandon. As últimas semanas de aula estavam puxadas, entrega de trabalho e provas, tudo para passar de ano. Era estudar ou estudar.

– O que quer fazer? – Olhei Brandon, que mexia no celular.

– Você que sabe. – Deu de ombros. – Podemos fazer o que sempre fazemos: comer, gordinha. – Tombei minha cabeça para o lado, com um sorriso brando no rosto para ele, que não ligou e continuou falando. – Daí podemos assistir filmes, enquanto transamos, depois fazendo tudo de novo só que não necessariamente na mesma ordem.

– Eu não sou gorda! – disse amarrando o cabelo e indo em direção a cozinha, ele me seguiu.

– Ultimamente estou te achando meio cheinha, sabia? – virei-me para dar tapas nos braços dele que se defendeu, rindo. – É brincadeira! Nossa senhora, quanta agressividade! – a voz dele era engraçada, não tinha como não rir.

Ele me abraçou e assim fomos até a cozinha. Lá, olhei para a mesa e por alguns segundos, pensei no que poderíamos comer. Bolo de chocolate. Melhor! Bolo de cenoura com cobertura de chocolate.

– Sério que você vai se aventurar em preparar algo pra gente comer? – Brandon se sentou no alto banco que tinha na bancada da cozinha e me observava pegar os ingredientes no armário.

Farinha de trigo, fermento, leite, chocolate em pó, ovos e o resto. Ele franziu a testa.

– Bolo, ué. – falei. – Fiquei com vontade e farei.

– Você sabe, pelo menos?

– Sei. – disse confiante e ele voltou a franzir a testa. – Bom, não sei. Mas vou já aprender, espere só. – peguei o celular no bolso, já para acessar um site de receitas e ele gargalhou.

Fiquei alguns minutos até achar um site que ensinasse a fazer o bolo e peguei uma travessa.

– Por que você não pede pra Angel fazer isso, Maria Clara?

– Não, ela está ocupada fazendo outras coisas. – avisei.

– Então por que não vamos comprar no mercado,

numa padaria, seja o que for?

– Por que eu mesma quero fazer. Algum problema? – Conversávamos e eu não olhava para ele enquanto falava, peguei um ovo na mão, tentando me concentrar na leitura da receita, senti sua respiração chicoteando meu pescoço.

– Sei lá o que você vai fazer aí, mas saiba que eu não vou comer a gororoba. – provocou.

No impulso, bati com minha mão no ombro de Brad e arregalei os olhos ao perceber que era a mão onde continha o ovo e, nesse momento, ele estava esparramado no tórax de meu namorado, que cerrou os olhos para mim.

– Amor, me desculpa! – Exclamei um pouco sem jeito, mas me segurando para não rir.

A cara que ele estava fazendo era ótima!

– Cê só pode tá ficando louca! – disse irritado e vingativo.

– Foi sem querer, amor! – ao colocar o celular na bancada, procurei um guardanapo para poder limpar o estrago e ao me virar para Brad novamente, senti uma pequena pancada na cabeça e logo o barulhinho da casca de um ovo se

quebrando. – Filho da puta! – Gritei olhando para ele que ria. – Eu não acredito! – Vi gotas da clara nojenta pingando do meu cabelo.

– Foi sem querer, amor. – ele imitou minha voz e senti uma ponta de raiva e divertimento dentro de mim. Logo peguei o pacote de farinha de trigo e ele franziu a testa. – Não faz isso... – pediu, mas foi em vão.

Joguei um pouco da farinha na direção dele que desviou e caiu toda no chão. Arregalei os olhos e ele arregalou os dele, rindo de mim que tinha feito um pequeno estrago no chão da cozinha de casa. Ele ria descontrolado e eu queria matá-lo! Peguei um ovo e taquei na direção dele que já estava do outro lado da bancada e se fez de fodão ao pegar o ovo nas mãos, mas a casca logo se quebrou. Gargalhei e o vi vindo em minha direção.

– Vem cá, amorzinho, deixa eu te dar um abraço, deixa? – Pediu meigo e eu neguei com a cabeça, dando passos para trás.

Num movimento rápido, ele pegou o pacote de farinha de minha mão e não me deu tempo de correr, fui pega em cheio e só deu tempo de

gargalhar de pavor ao sentir a farinha pelo meu rosto.

– Puta merda! – exclamei ao passar as mãos nos olhos para tirar a farinha. Minha blusa estava abarrotada de farinha, como o chão também. – É pecado desperdiçar comida, sabia? – Fui até ele em passos pequenos e não me esqueci de pegar dois ovos.

– Foi você quem começou.

– Minha mãe e a Angel vão nos matar por essa bagunça. – Andávamos ao lado da mesa, sempre distante um do outro.

– Repito: foi você quem começou. – ele me mandou um beijo no ar e peguei mais dois ovos e, com as mãos cheias de ovos, pronta para atacar nele, ficamos nos fitando com divertimento nos olhos. – Sério que você vai querer sujar a casa toda?

– Se você não for homem o bastante, pode correr. Aí teremos que sujar a casa toda, sim. – Minha voz era firme. Ele balançou a cabeça e correu para a sala, corri atrás e fui achá-lo no jardim dos fundos, onde continha a piscina.

Estávamos um olhando para o outro no jardim.

– Vai ficar aí, só me olhando? – Perguntei depois de alguns segundos. Só com nossos olhares, já dava para saber o quanto aquilo estava sendo divertido. – Achei que você quisesse me sujar mais. – Ele deu um passo para mais próximo de mim.

Porque eu fui falar, não é?

– E vou! – No segundo que ele disse, só tive tempo de arremessar dois ovos de uma vez dele, que acertaram em cheio e depois senti a farinha me sujando de novo.

Tentei fugir, mas as mãos de Brandon me agarraram pela cintura, onde o saco de farinha vazio caiu no chão. Tentei me afastar de novo dele, que me levantou do chão me rodando.

Eu só sabia rir, rir e rir. Ele era um bobo, meu Deus do céu! Brad ria junto e aquela risada dominada. Virei-me em direção a ele e esmaguei os dois últimos ovos em seu tórax, sujando-o inteiro e tentei correr de novo, afinal, ele estava completamente sujo. Nós dois estávamos. Minha barriga já estava doendo de tanto rir e me joguei na grama, na parte mais distante da casa. Brandon se

jogou por cima de mim e senti certo nojo. Estávamos fedidos, mas... Felizes. Coloquei a mão na barriga, gargalhando como louca, com ele agora ao meu lado.

Brandon

Clara e eu pegamos uma mangueira no fundo do jardim e começamos a nos molhar, pelo menos para tirar a gosma nojenta que estava colada em nossos corpos para podemos subir e tomar um longo banho decente.

– Amo banhos de mangueira. – Disse ela enquanto ligava o registro e a água começava a sair numa força média. – Tomava muitos quando pequena. – Abri um sorriso para ela que começou a se lavar.

Ela molhou o rosto e os cabelos primeiro, depois foi molhando a roupa que ficou colada e completamente molhada no corpo, definindo seus seios na regata rosa que ela usava... *Meu senhor amado!*

– Você está linda. – Disse depois que ela já estava basicamente limpa.

Ela abriu os olhos e sorriu.

– Não posso dizer o mesmo. – Num impulso rápido, fiz como se fosse dar um abraço nela que

deu um passo para trás. – Brincadeira, amorzinho, estou brincando, eu juro. – Falou rindo e com medo de que eu fosse sujá-la de novo.

Depois ela me entregou a mangueira e tirei minha regata para me lavar. Estávamos completamente sujos e aquilo era bem desagradável. Fechei os olhos jogando água no meu rosto e no meu cabelo. Molhei meu tórax ainda de olhos fechados e ao abri-los, vi Clara com a blusa dobrada até os seios, deixando sua barriga lisa a mostra e com os olhos fixos em mim.

– Te acho tão sexy, Brandon. – Sua voz saiu pervertida de sua boca. – Você é o garoto mais sexy que eu conheço.

– Ah, é?

Um sorriso se formou em meu rosto e comecei a jogar água em meu sexo e pernas, fazendo com que a bermuda de pano que eu vestia ficasse completamente molhada e a cueca também. O volume era visível e logo senti as unhas de Clara em meu braço, cravadas em minhas tatuagens. Sua outra mão foi em minha barriga e ela traçava linhas imaginárias em minha pele.

– Só posso ter nascido com o cu virado pra lua para merecer um homem desses. – Clara disse mais para ela do que para mim e abriu um sorriso antes de nos beijarmos.

Da casa do vizinho, dava para ouvir Show Me Love da The Wanted tocar bem alto. Sorri ao ouvir. Parecia a trilha sonora que tocava num filme enquanto os mocinhos estavam felizes e se amando.

Com a minha mão livre, coloquei-a em sua nuca enquanto as mãos de Clara estavam pousadas em meu peitoral gelado. Correspondi ao beijo gelado e encaixado, com estalinhos e amor. Chupei sua língua com força fazendo-a arfar como sempre. Coloquei a mangueira em cima de nossas cabeças e depois gargalhamos. Os lábios de Clara brincavam com os meus e isso era ótimo. Era inovador.

– Brandon. – Chamava-me ela. – Obrigada por me fazer tão bem. – sussurrou entre meus lábios e sorri feliz com mais um de nossos momentos.

Maria Clara

Depois do banho de mangueira, Brad e eu tomamos um banho decente no banheiro e um ajudou ao outro a se lavar e tirar aquela coisa que estava grudada em nós dois. Depois de vestidos e cheirosos, descemos para a cozinha que já tinha sido limpa por Angelick, minha linda e maravilhosa governanta. Eu vestia meu pijama de mangas longas e short.

Estava uma noite amena, então não vi problema, o tecido era fino. Fiz uma trança em meu cabelo molhado e Brad estava apenas de bermuda preta e touca com seus cabelos baixos, sentado na bancada mexendo no notebook enquanto eu começava a fazer o bolo.

Tudo correu bem e consegui fazer, preparei tudo por uns vinte minutos e conversei com meu namorado nesse meio tempo. Enquanto o bolo assava, ele me ajudou a preparar a cobertura e quase que comemos tudo, mesmo ele não sendo muito fã de chocolate.

Minutos depois, meus pais jantaram e se despediram de nós, já que acordariam cedo no dia seguinte e nós estaríamos dormindo ou já no colégio. Falaram as famosas orientações e coisas de pais.

Brad e eu escolhemos *Colega de Quarto* para assistirmos e logo tiramos o bolo pronto do forno.

Quando o bolo ficou realmente no ponto, o levamos junto com uma garrafa de Coca-Cola gelada para a sala e lá mesmo comemos enquanto assistíamos ao filme.

– Porra, amor, isso está bom mesmo! – Exclamou Brandon falando de boca cheia. – Já dá até pra casar!

Casar? Engoli em seco ao ouvir aquela palavra sair de sua boca... Porra, casar, nunca tínhamos falando sobre isso. Aquela palavra me assustava de certa forma.

– Se você continuar falando de boca cheia pode ter certeza que não vai ser contigo que eu irei casar! – brinquei e ele riu, pegando mais bolo e me deitei em seu peito para assistirmos um de nossos filmes preferidos.

Beirava 0h30 e pouco da manhã e o filme já estava no fim também, quando eu já começava a ficar com sono. Nós tínhamos comido o bolo todo, eu tinha comido mais que ele, eu acho. Bom, eu estava com muita vontade, fazia um tempão que eu não comia aquela maravilha e fiquei feliz com o resultado, eu mal sabia fazer bolo.

– Estou com sono. – Disse de olhos fechados, quase que deitada em cima de Brad que assistia ao filme no sofá.

– Já? – Ele desviou o olhar da TV para mim e consenti. – Verdade, temos aula amanhã. – Murmurou ele.

Cocei meus olhos e ao levantar o rosto, bocejei. Mesmo de olhos fechados, senti a língua de Brandon encostando com delicadeza no meu lábio inferior. Fiz uma careta ao abrir os olhos.

– Credo, Brandon! – Me sentei no sofá, fazendo um coque nos meus cabelos enormes.

– Credo? Chata. – Rebateu.

– Estou bocejando e você...

– E daí? – Cortou-me, se ajeitando no sofá. – Não posso mais beijar você?

– Pode, mas é que eu estava bocejando, caramba.

– E daí? – Repetiu ele e suspirei fundo.

– Você é a chatice em pessoa, sabia disso? – Falei olhando para ele que ficou imóvel. Fui com minha boca em sua direção e o beijei.

Depositei carinho e mordidas em seus lábios rosados e macios. Ele correspondendo ao meu beijo com sua mão em uma de minhas coxas. Minha mão foi parar em sua nuca e ali criamos um ritmo de beijos e estava ótimo, aproveitei cada segundo.

Até sentir meu estômago revirar e no segundo seguinte eu estar correndo para o banheiro mais próximo com as mãos na boca. Só deu tempo de chegar ao e me jogar de joelhos na frente do vaso sanitário e senti quase minhas tripas saindo garganta acima.

Foi tão rápido que eu mal vi. Meu estômago revirava e mandava toda a última refeição para fora. Aquilo era extremamente horrível! Respirei fundo ao me sentar ao lado do vaso. Ouvi a voz de Brad me chamando da porta que estava entreaberta.

– Não entra! – Pedi séria ao dar descarga e esperar minha visão melhorar para olhar Brad, que permaneceu estático na porta.

– Está tudo bem? – Consenti com a cabeça enquanto abria a torneira. – Não, não está! Você está pálida! – Tinha preocupação em sua voz.

Gelei por alguns segundos.

Brandon

Coloquei minhas mãos no rosto branco como papel de Clara e olhei fixo em seus olhos que estavam fundos. Três segundos foi o tempo que ela deixou que eu observasse.

– Espera! – exclamou irritada, se virando para a pia e lavou o rosto.

Encostei-me na parede. *Tinha alguma coisa estranha...* Esperei ela colocar pasta na escova de dente antes de falar alguma coisa.

– O que foi isso? – Cruzei os braços olhando para ela.

– Passei mal. – Disse rápida ao escovar a boca.

– Enjoou do meu beijo? – Franzi a testa e ela mexeu a cabeça.

– Os ingredientes do bolo estavam estragados, eu acho.

– Angelick não tem cara de quem deixa coisas vencidas na despensa. – Pressionei-a.

– Pode ter acontecido, ué. E eu nem notei.

– Então porque eu não passei mal até agora? –
PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara terminou de escovar os dentes, cuspiendo na pia a lavando a boca.

– Não sei. Temos estômagos diferentes. – Deu de ombros.

Não sabia por que de estar fazendo essa pergunta, mas não vi outro jeito de falar e não sabia que pergunta fazer. Esperei uns segundos. Clara secava o rosto e as mãos na toalha.

– Sua menstruação, como está?

– Minha menstruação? – Ela disse meio surpresa. Não sei por que ficar tão perplexa, mas... – Que pergunta é essa, Brandon? – Dei de ombros ao vê-la passar por mim na porta e ir até a sala.

Segui-a.

– Responde. – Minha voz saiu firme.

– Já menstruei esse mês, fica tranquilo, não estou grávida. – Falou ela mal olhando para mim.

Pegou as coisas que estavam na mesinha de centro e levou até a pia da cozinha, no segundo seguinte, já estava na sala de novo, onde desligou a TV.

– Ótimo. – Senti-me aliviado.

Como se um peso enorme tivesse sido tirado de minhas costas.

– Nossa. – Ela levantou as sobrancelhas com o lábio torcido e mostrava-se um pouco confusa e até chateada.

– Que foi? – Perguntei, subindo as escadas até o quarto dela.

Ela esperou entrarmos no quarto para me responder.

– Você, falando esse “ótimo” como se... Sei lá, fiquei até com medo agora.

Bufei como se risse. Ela pegava o edredom.

– Não fique. Só não acho que é hora de sermos pais. – Deitei-me confortável na cama e ela apagou a luz antes de vir até a cama e se deitar. – Como dizem, é clichê...

Clara riu como eu há segundos ao se deitar ao meu lado e nos cobrimos. Segurei-a e a aconcheguei em meus braços. Minha namorada soltou um suspiro e ficamos em silêncio até pegarmos no sono.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

Mais uma semana se passou e minha vida continuou um inferno. Sim, um inferno! Não sei por que, mas desde quinta-feira, quando comi meu maldito bolo, não paro de passar mal. Era só vômito e tontura, vômitos e tonturas. Talvez eu saiba... Sim, era intoxicação alimentar. Não podia comer algo pesado que colocava tudo para fora.

Brandon não sabia, nem contei para que ele não se preocupasse. Seria uma série de conselhos como: *“vá ao médico, amor”, “tome remédio, senão, vai ficar intoxicada pra sempre”, “estou preocupado, melhor ir mesmo ao médico”...*

– *Amiga, o assunto é sério mesmo, então.* – Susan me assustava no telefone.

Já era a segunda vez que eu ligava para ela na mesma semana e o assunto maior era a minha doença.

– Não é nada sério, eu juro. – Falei.

– *Mano, faz uma semana que você está assim! Pelo amor de Deus!* – Exclamava ela. – *Vá ao*

médico!

– Eu não vou a médico nenhum! – Minha voz saiu pausadamente, palavra por palavra para que ela entendesse o que eu falava pela milésima vez.

– *Então compra uma droga de um teste de gravidez!* – Gritou do outro lado da linha e senti uma pontada na boca do estômago.

Soltei uma risada nervosa por longos minutos.

– Não estou grávida, amiga! Impossível estar. – Afirmei. – Tomo remédio, Brandon e eu usamos camisinha às vezes também...

– *Já ficou sem tomar remédio alguma vez?*

– Já, mas...

– *Transaram nesse meio tempo?*

– Sim, mas...

– *Está grávida!* – Respondeu rápida.

– Cala a boca! – Exclamei.

Já estava começando a ficar extremamente irritada. Susan toda escandalosa e empolgada, fico louca! E ainda me cortando, não deixando com que eu terminasse uma frase se quer! Respirei fundo.

– Brandon não gozou dentro de mim.

Eu estava no banheiro feminino, encostada na pia enquanto falava com ela pelo celular. Era fim de aula, último dia de aula para quem não havia pegado nenhuma recuperação. Fazia longos minutos que conversávamos, pelo meu relógio de pulso vi que eram 15h12 da tarde. Era um lindo dia, uma linda sexta-feira.

– *Como você tem certeza? Sei que há dois fins de semana, vocês estavam em Las Vegas. Lauren me contou tudo o que rolou lá... Você estava sem tomar remédio quando foi, acertei?* – Soltei um longo suspiro e ela entendeu. – *Então, Clara...*

– Susan, por favor! – Exclamei falando pausadamente de novo. – Pelo amor de Deus, será que pode me escutar? – Pedi.

– *Ok, me diz!*

– Era eu quem estava transando, então eu sei! Brandon não gozou dentro de mim. – Disse firme. – Tudo bem que eu estava bêbada, mas eu lembro... – minha voz saiu tão inocente que me assustei por não ter percebido a merda que tinha dito.

– *Bom, Clara, eu ainda acho que você deveria comprar um teste de gravidez. Pelo menos pra ter*

certeza... E se não estiver, passa no médico pra melhorar disso aí. Aliás, é sua saúde.

Pensei por alguns segundos e consenti, me desencostando da pia e arrumando a bolsa no ombro. Mordi o canto da boca.

– Eu vejo o que eu faço. – Bufe sem vida. – Obrigada e, não comenta com ninguém, viu?

– *Fica tranquila.* – Pude visualizar seu sorriso em minha mente... Já estava com tanta saudade dela! – *Te amo.*

Finalizei a ligação e logo saí do banheiro e do colégio depois.

Passei despercebida por todos, soltei um suspiro me afastando do colégio a passos rápidos até o meu destino, nervosa e ansiosa.

Vai ficar tudo bem, eu sei que vai. O céu estava maravilhoso, escuro e cinzento do jeitinho que eu gostava. Ia cair chuva!

Com as mãos tremendo, peguei a caixinha nas mãos, sentada na cama lendo todas as instruções, onde muitas delas eram desnecessárias, mas... Tudo

bem, melhor ler mesmo assim.

Quando terminei de fazer tudo o que precisava, sentei-me na cama de novo com o corpo gelado e o dedo em cima do visor do aparelhinho que mostrava a única verdade que eu precisava saber. Sem coragem nenhuma para saber o resultado.

Brandon

Clara estava esquisita, bem esquisita. Não sei o motivo. Estávamos na aula e logo no fim ela subiu dizendo que ia ao banheiro, fui procurá-la, nada de encontrar, ligo no celular e ela foi... Para casa? Sim, para casa sem me avisar, me chamar, nada.

Liguei para ela durante a tarde para conversar e ela não atendeu. Mandeí mensagens e fui surpreendido com respostas curtas e secas, coisa estranha vindo dela, que era tão amorosa.

— Mãe, estou indo na Clara. — Falei assim que descí as escadas, arrumado, por volta das 20h.

Elizabeth me olhou, sentada no sofá e com um meneio de cabeça sorriu.

E dez minutos do horário marcado eu estava lá, na porta da casa de minha princesa, querendo passar um tempão com ela, querendo saber o que tinha acontecido, querendo amor e diálogo. Assim que ela abriu a porta, me puxou para dentro de casa.

De primeira me assustei um pouco, mas foi um susto bom, aliás, Clara estava em meus braços. Vestida com um vestido de pano vermelho na altura dos joelhos e tomara que caia, ela estava linda. Abriu um sorriso meio forçado para mim até, antes de me beijar, com urgência, ela me levava para a mesa da copa, que era ali ao lado.

– Uou, calma, princesa! – minha voz saiu divertida de minha boca, de um jeito rápido ao vê-la abrir meu cinto da calça.

– Faz amor comigo. – pedia em forma de sussurros, de suplica, com sua boca no meu pescoço.

Feliz, eu estava muito feliz! Respirava fundo, bem fundo enquanto meu corpo estava praticamente jogado em cima da mesa por cima de Clara, que permanecia em silêncio. Ela ficou o sexo todo em silêncio, mal gemeu.

Com um movimento, ela se levantou, fazendo com que eu me levantasse também. Coloquei minha roupa logo, já que por intuição, eu sabia que Angel ainda estava em casa.

Clara colocou suas roupas íntimas e logo depois seu vestido. Arrumou o cabelo meio impaciente e estava colocando os chinelos enquanto eu, também terminava de me vestir.

Ela estava tão estranha...

– Amor? – chamei-a. Ela murmurou um “hm?”, indo em direção a sala e eu fui atrás. – Tem alguma coisa chateando você? – vi-a se sentar no sofá e enfim, me olhar nos olhos.

Era a primeira vez que ela me olhava desde quando cheguei.

– Nada. – respondeu fria.

– Eu quero ajudar você! – minha voz transmitiu paciência. – Por favor, dá pra me falar o que houve? – Fiz uma pausa. Eu estava parado no meio da sala olhando para ela. – Olha, você saiu do colégio hoje sem falar com ninguém, o que foi bem estranho. Tentei falar contigo mil vezes durante a tarde e você foi fria e curta, você nunca é assim. E agora... – ela me interrompeu.

– Eu estou grávida, Brandon. Você vai ser pai. – Sua voz saiu de sua boca com firmeza, mas bem baixa, quase não dava para ouvir.

Maria Clara olhava para seus próprios dedos e levei uns segundos para tentar entender o que eu tinha ouvido.

Ao processar as palavras, meus olhos se arregalaram automaticamente e senti meu corpo todo gelar, meus joelhos pareciam gelatinas.

– O quê?! – o grito saiu de minha boca de um jeito desesperado. Retira tudo o que eu deduzi há minutos, sobre estar feliz. Aquela era a pior notícia que eu poderia receber em toda a minha vida.

Confiança

*“Vamos ser honestos com nós mesmos.
Nós realmente chegamos tão longe,
só para ver tudo ir para o ralo?”*

Justin Bieber

Maria Clara

Era agora ou nunca.

Passei a tarde toda chorando depois de ver a droga do resultado do teste. Parecia até mentira, mas eu estava completamente em choque e era só encaixar as coisas para ver que aquilo era possível e sim, eu estava mesmo grávida.

Eu me assustei logo com o primeiro grito de Brandon, sem saber que aquele seria o primeiro de muitos durante a noite. Olhei para ele, sentada no sofá.

– Como?

Caralho, como assim “*como*”? Aprenda a fazer perguntas desnecessárias com: Brandon Campbell.

– Será que vou ter que te explicar como uma mulher engravida? – Arqueei a sobrancelha e ele me fuzilou com o olhar.

– E o remédio, Maria Clara? – Sua voz estava arrastada e senti um nó horrível na garganta.

Todas as palavras haviam sumido.

– Acho que... Foi quando eu não estava tomando

o remédio.

Eu estava completamente perdida, parecendo uma garotinha de cinco anos que acabou de fazer uma besteira e estava ganhando bronca dopai. Não sabia o porquê estava com medo de Brandon, logo dele.

– Caralho! – gritou ele dando um murro na parede e engoli em seco. Brandon estava com muita, muita raiva. – Camisinha, a maldita camisinha! Você só precisava lembrar de uma única coisa! Como você pôde?

– Brandon! – levantei, me sentindo completamente desconfortável. – Foi coisa de momento, estávamos bêbados...

– Não!

Brandon andava de um lado para o outro na sala como se fosse abrir um buraco no chão. Naquele momento eu que queria abrir um buraco para sumir para sempre.

– Eu sei que não é a melhor hora, eu... Ai, meu Deus! – o desespero era visível em minha voz, mas eu tentava de todos os jeitos ficar calma.

Já bastava o Brandon completamente perdido.

– Lógico que não é a melhor hora! Porra, nós mal nos conhecemos... A gente se gosta há tão pouco tempo...

A gente o quê? Se gosta?

Meu coração rasgava a cada segundo.

– Você é minha prioridade, Maria Clara, te faço feliz. Eu sou sua prioridade também, bom, era, não é?! Droga! Agora é só... Oh, meu Deus do céu.

O olhar quente e confuso.

– Cacete, Maria Clara! Por isso que por muito tempo na minha vida eu não queria me envolver com ninguém. Pra não acontecer merdas desse tipo!

Eu ouvi ele chamando nosso filho de merda?

Engoli em seco procurando palavras.

– Por que você foi a única burra de ter deixando isso acontecer!

Senti meus olhos queimando e em poucos segundos as lágrimas caíram sobre meu rosto. Eu nunca o tinha visto daquele jeito... Ele estava com muita raiva, confuso, perdido. Dizia coisas sem pensar e não parecia nada com o garoto por quem eu me apaixonei.

Meu Deus, porque isso foi acontecer?

Tentei respirar, mas parecia que o ar me faltava. Eu tinha uma noz no lugar do coração naquele momento e Brandon, uma pedra. Ficamos longos segundos em silêncio, ele ainda andando de um lado para o outro e eu olhando para meus dedos.

– Vamos dar um jeito... Como eu disse, não acho que seja a hora certa, mas vai ficar tudo bem. – Dizia do jeito mais forte e firme que eu tentei, mas foi em vão, não estava convencendo ninguém.

Estávamos em pânico!

– Como você sabe que vai ficar tudo bem, hein? Como? Porra, eu mal sei cuidar de mim, quanto mais de um... Filho! – Ele dizia fazendo uma cara de nojo que me ardia o peito.

Oh, meu amor... Não fique com medo...

– Você sabe cuidar de mim! Vai ser fácil, eu prometo... – eu e minhas frases inacabadas e vazias.

Brandon esfregou os olhos com força, impaciente e atordoado. Sequei minhas lágrimas que insistiam em cair. Droga! Será que eu nunca vou me cansar de ser tão fraca?

– Quer saber? Foda-se! – Ele fixou seus olhos
PERIGOSAS ACHERON

mais uma vez nos meus antes de sair andando.

Fiquei completamente em choque.

Pelo amor de Deus, amor, não vai embora...

– Onde você vai? – perguntei com o coração na mão.

– Respirar, Maria Clara, respirar. – gritou ele saindo pela porta e eu fui até a janela para vê-lo sair.

Senti meu corpo leve e completamente destruído. Meu Deus! Como minha vida foi mudar assim, em tão pouco tempo? Eu estava completamente desesperada e perdida! Sentei no sofá como um saco de batatas e ali permaneci por minutos, horas... Chorando e chorando.

Brandon

Um filho, porra! Um filho! Aquilo era demais para mim! E me faltou o ar, me deixou sem chão e eu estava completamente desnortado. O carro vagava nas ruas completamente sem rumo e o celular tocando e tocando.

Só passava uma coisa na minha cabeça: um filho! Está tudo errado, está tudo completamente errado!

Estacionei o carro na frente da primeira boate que eu encontrei e entrei depressa. Por ironia do destino – *e que destino filho da puta!* –, Candice estava lá, completamente gostosa com as amigas dela e sorriu ao me ver. Sorri de volta. Logo procurei um copo de bebida. Era só o que eu precisava naquele momento.

Maria Clara

Os barulhos na porta no andar de baixo eram constantes e por uns segundos achei que Angelick fosse abrir, mas fui me tocar depois, de que ela não estava em casa. Esfreguei os olhos e logo estava descendo as escadas para ver quem era.

Eu estava de pijama e morrendo de frio, pelo relógio da sala vi que eram 4h27 da manhã e me preocupei... Porra, quem era uma hora dessas? Devagar fui até a porta e ao olhar o olho mágico, vi Brandon.

Destranquei e no segundo seguinte, meu namorado estava completamente em meus braços. Eu quase caí com seu peso, ele cheirava a álcool.

– Oi, meu amor. – Falou ele, com a voz completamente rouca.

– Onde você estava? – Olhei o carro mal estacionado na vaga dele.

– No mundo, amor, no mundo! – Exclamava ele que estava um chumbo.

Encostei a porta e coloquei um de seus braços

apoiados em meu ombro e fui andando devagar até a escada e depois, subindo-a, completamente atordoada, com medo de cair dali.

– E isso são horas de chegar? – Ele gargalhou com a minha pergunta.

– Estava morrendo de saudades de você! – Brandon mal conseguia falar, enrolando a língua. – Estou louco de saudades! – Senti seu hálito no meu pescoço enquanto estávamos no quarto e revirei os olhos.

– Facilita! – Reclamei, enquanto tentava ajudar.

Com uma certa dificuldade, claro, ao colocá-lo na cama, comecei a tirar sua roupa, que estava completamente amassada.

Dei um beijo no alto de sua cabeça, em cima de seu cabelo completamente suado e bagunçado. Depois, desci as escadas rapidamente.

Vi o carro no mesmo lugar e fui lá desligar o motor e trancá-lo. Não sabia como ele tinha conseguido dirigir naquele estado. Só podia ter sido Deus! Com o corpo dolorido, entrei no carro, sentei no banco do motorista, fechei os vidros, desliguei o som e verifiquei se o freio de mão estava realmente

puxado, por fim, desliguei o motor com a chave.

Ao suspirar, já com o carro desligado, olhei para os lados, verificando se ele não havia esquecido nada lá dentro e meus olhos pararam nos pés do banco do passageiro. Vi algo que me chamou a atenção. Gelei ao pegar um sutiã vermelho nas mãos. Meu corpo todo tremeu e senti minha cabeça zozna.

Não, não, não! Não pode ser!

Aquilo não poderia ter acontecido, de novo!

Brandon

Minha cabeça pesava mais do que uma tonelada quando acordei. Parecia que um caminhão tinha passado em cima do meu corpo. Cocei os olhos antes de olhar onde eu estava. O quarto de Maria Clara estava o mesmo, ela não estava na cama. Sentei-me com dificuldade e esperei uns segundos para me levantar.

Eu estava só de cueca e completamente cansado e enjoado, meu estômago um lixo por ter bebido demais na noite anterior. Fui ao banheiro e fiz minha higiene matinal, lavando bem o rosto para despertar do sono.

– Clara? – comecei a chamá-la ao sair do quarto dela.

A casa estava um silêncio esquisito e ela não estava no andar de cima, em nenhum dos quartos.

Desci as escadas e me encontrei com Angelick na cozinha que abriu um sorriso sem graça por eu estar só de cueca. Ela já tinha me visto mil vezes assim, mas não conseguia se acostumar nunca.

– Angel, você viu a Maria? – Peguei um copo e depois abri a geladeira encontrando uma garrafa de água gelada.

Tomei tudo.

Ressaca era uma coisa horrível mesmo!

– Não, achei que ela estava contigo no quarto... Não está?

– Não. – estranhei. – Tem certeza que não a viu?

– Tenho. – senti um desconforto ao saber disso e suspirei.

– Tudo bem, vou procurá-la.

E assim eu fui procurar na parte debaixo da casa, chamando-a por todos os cômodos e nada. Procurei no jardim e nada dela também. Estava começando a ficar preocupado, afinal, tínhamos brigado ontem a noite eu nem lembrava ao certo como fui parar na cama dela. Peguei o celular e liguei também, ela não atendeu, o celular estava na cabeceira da cama.

Fui até a garagem, por intuição e já estava começando a ficar desesperado por não saber onde estava minha pequena. Eu precisava me desculpar.

Caramba, onde ela se meteu?

Não estava na garagem. Meu carro estava e eu não fazia ideia de como havia colocado ele ali. Estava bem mal estacionado.

Estranhei até ver Maria Clara dentro do carro e por alguns segundos, soltei um suspiro de alívio. Abri a porta do motorista, vendo-a sentada de bruços em cima do volante.

– Meu amor... – disse como um suspiro ao sacudi-la aos poucos e ela despertou num salto. – O que está fazendo aqui? – Passei minhas mãos por seus cabelos bagunçados.

– Não toca em mim! – Pediu séria ao enfim se tocar de onde estava e com quem estava.

Esticou as costas e soltou um gemido de dor.

– Como você veio parar aqui? – Ela me fitou sem falar nada, fazendo um coque no cabelo. – Não vai falar comigo? – Perguntei e não obtive respostas. – Espera, deixa eu ajudar você. – Tentei pegá-la no colo de novo e ela me deu um empurrão com os braços.

– Já disse pra não tocar em mim.

– O que te deu? – Nós nos olhamos por alguns segundos e o olhar dela estava em brasa.

– Eu não dei nada! – Disse impaciente, se levantando do carro com dificuldade, dando-me a entender que ter passado a noite dentro de um carro foi completamente desconfortável. – Ao contrário de outras! – Falou e jogou um sutiã vermelho em minha direção, eu o peguei para que não caísse no chão.

Era o sutiã de Candice. Ela tinha visto.

Porra! Como *aquilo* foi parar *ali*?

Ao fechar a porta do carro, fui atrás dela que já estava subindo as escadas para ir para o quarto.

– Amor, não é nada disso que você está pensando. – Subi as escadas atrás dela e abri a porta que ela tinha batido com força.

– Me poupe de suas ladainhas, Brandon! – Ela estava indo até o closet e começava a escolher algo com impaciência.

Nem parecia que tinha acabado de acordar.

– Não é ladainha, é sério! – Tentei ser o mais firme possível. Eu não ia perdê-la dessa vez, até porque, não tinha motivos para isso. – Olha, eu...

– Já disse que não quero ouvir!

– Vai ouvir querendo ou não! – disse mais sério

PERIGOSAS ACHERON

que ela, que se calou. – Isso aqui é da... Candice. – Minha voz saiu baixa demais, mas ela ouviu e bufou, completamente irritada.

– Sabia! Tinha que ser. Porque eu não estou surpresa?

– Calma! Deixa eu explicar... Ontem, quando eu sai daqui, fui a uma boate. – Continuei falando, esperando que ela estivesse ouvindo, mesmo demonstrando que não estava. – Candice estava lá. Eu bebi e ela se aproveitou disso pra ferrar comigo. Olha, eu não traí você. – Fui logo dizendo. – Quando eu estava vindo embora ela pediu uma carona e eu dei, eu estava bêbado e...

Maria Clara soltou uma risada nervosa.

– Ah, você estava bêbado! Já entendi! – Seu corpo bonito passou por mim e entrou no banheiro, ela empurrou a porta para que eu não entrasse, mas fui mais rápido.

– Sim, eu estava bêbado, mas eu não fiquei com ela! Eu juro!

– Não? – Bufou sem vida. – Se eu posso fazer burradas porque estava bêbada, você também pode, Brandon!

– Mas eu não fiz! – Respondi, firme. Soltei o sutiã que eu segurava no chão, despreocupado. Minha namorada preparava o banho dela. – Ela fez isso pra provocar, você não vê?

– Aquela garota é um lixo e você é pior que ela! – Reclamava.

Não a culpo por estar tão irritada e falando coisas assim, aliás, na noite passada eu a fiz ouvir coisas piores.

– Para! Por favor, acredita em mim! – Pedi. – Prometi que não ia mais fazer isso e não fiz. Eu prometo, eu cumpro, Maria Clara. – Ela ligou o chuveiro e ia começar a se despir quando olhou com o canto do olho para mim.

– Será que você pode me dar licença, eu preciso tomar um banho e você está me atrapalhando. – Reclamou ela como se no banheiro não houvesse nós dois.

Permaneci no mesmo lugar, ela deu de ombros e começou a tirar a roupa.

– Maria Clara, eu não traí você, caralho! – Minha voz saiu pausadamente o que eu estava repetindo. – Por favor, vai... – ela tirava a roupa de costas para

mim, mostrando aquele seu corpo lindo, que estava o mesmo. – Você vai tratar assim o pai do seu filho, é isso? – Aquilo a fez parar e me olhar.

Arqueei a sobrancelha.

Maria Clara por fim soltou um suspiro e entrou debaixo d'água.

– Direitos iguais! Eu não fui tratada muito bem nas últimas horas.

– Desculpa! – pedi logo, quase que gritando de desespero. Minha cabeça ainda latejando.

– Uau, desculpa? Está mesmo se desculpando? Já entregou que fez merda! – Ela começou a se molhar.

– Estou me desculpando pelo que eu te disse ontem antes de sair. – falei rápido. – Foi errado, eu sei... – admiti e ela me ouvia. – Não posso tratar tão mal a mãe do meu filho. – Ela me olhou com um olhar sem graça. – Eu fui um monstro!

– Que bom que sabe. – Vi um sorriso em seus lábios e ela continuou a tomar seu banho, se lavando e sem se importar com minha presença ali.

Observei seu corpo por alguns segundos e vi o que não queria ver. Mil cortes em seu braço. Meu

PERIGOSAS ACHERON

peito ardeu ao saber que, mais uma vez, eu fui o culpado daquilo.

– Agora licença, meu filho e eu queremos tomar banho sozinhos, sem pai bêbado e infiel nos perturbando com palavras vazias a cada dois segundos!

Meu sangue ferveu de raiva e impaciência. Saí do banheiro batendo a porta e me joguei na cama, coberto de culpa por tudo, principalmente por dar valor quando tudo já está praticamente quebrado.

Maria Clara

A minidiscussão logo de manhã, rendeu ao um longo choro no banho, que serviu mais para arder meus cortes. E que cortes! Demorei longos minutos para tomar um banho revigorante que me fez tirar aquela aparência lixo que eu estava.

Ao sair do banheiro só de roupas íntimas e com uma toalha nas mãos, Brandon estava deitado na cama e me olhava fixamente, eu sentia seu olhar queimando em mim.

– Vai ficar chateada comigo até quando? – Não respondi, indo ao closet e pegando uma calça jeans apertada e uma camiseta para vestir. Ao escolher, fiquei penteando os cabelos. – Eu achei que a base de um relacionamento fosse a confiança e isso não tá rolando aqui.

Guardei a escova e o olhei.

– Eu achei que a base de um relacionamento fosse o respeito e isso não tá rolando aqui. – Sorri irônica e eu sabia que aquilo estava irritando ele.

Comecei a me vestir.

- Quero que saiba que estou feliz por ser pai.
- Não foi isso o que você disse ontem. – Minha voz era seca.
- Eu estava fora de mim ontem... Eu tenho medo!
- Medo? – Soltei um riso. – Você com medo de alguma coisa?
- Por que, você não está? – Fiquei longos segundos em silêncio e ao lembrar o motivo maior da briga, meus olhos marejaram.

Eu já estava vestida e de costas para Brandon, coloquei minhas mãos segurando o rosto e depois senti seu corpo atrás de mim, me abraçando.

Eu mal sabia o que eu estava sentindo. Se eu acreditava ou não em Brandon, se eu me abria para ele ou se fugia, entre mil coisas! Com – creio eu – três semanas de gravidez, já dava para estar com os hormônios a flor da pele?

– Vai ficar tudo bem... – sussurrou com seus braços em volta de mim, minha cabeça estava em seu pescoço.

– É tudo culpa minha, tudo! Se eu não tivesse esquecido de nada, isso não estaria dentro de mim agora e a gente não tinha se afastado tanto e aquela

PERIGOSAS ACHERON

garota não teria dado em cima de você e... Ai, Brandon! – Eu soluçava em seus braços.

Ele me levou até a cama.

– Isso, é nosso filho. – Afirmou ele. – E eu sou um estúpido de ter tratado você daquele jeito. Eu te amo e sempre vou estar aqui. – Brandon beijou o topo da minha testa.

– Olha, se você quiser, eu posso... – falei depois de limpar as lágrimas com as mãos e respirar fundo. Afastei meu rosto do corpo dele. – Posso... – Brandon franziu a testa depois fez uma cara de pavor.

– Não, não, não! Para de pensar nisso, velho! Esse foi o melhor presente que você poderia me dar.

Soltei uma risada. *Ele mentia tão bem...*

– Se for preciso, eu aborto. – Por fim, falei e senti seus braços rijos em volta de minha cintura.

Brandon

– Você só pode estar ficando louca! – gritei olhando-a sentada na cama. – Você não pode abortar!

– Por que não? Brandon, você não quer, eu estou completamente perdida e meus pais vão me matar por isso. O único jeito de resolver as coisas é esse!

– Eu quero sim, Maria Clara, eu acabei de falar! – Ela falava como se matar uma criança fosse a coisa mais fácil do mundo. – É meu filho! Como eu não iria gostar?

– Nós descobrimos ontem! Impossível gostar assim, logo de cara!

– Olha. – Respirei fundo. – Passei a noite toda ontem sentado na boate, só bebendo e bebendo, estava quase chorando ao imaginar um gurizinho com os seus olhos correndo pela casa me chamando de pai. Pode ser loucura, mas eu estava. E... Você não vai matar esse presente.

– Presente? Achei que fosse um erro. – Dizia ela, cuspiendo as palavras, tão desesperada quanto eu. –

E um erro meu, aliás! Se eu fiz a cagada, eu que deveria consertar, Brandon!

– Você não fez com o dedo! Lógico que a culpa é de nós dois.

– Não sei por que eu te contei! Não era nem pra ter contado que eu estava grávida! Era pra ter abortado e você não iria saber.

Senti meu sangue gelar só de imaginar essa possibilidade. Maria Clara estava doente para ter ideias assim. Não era possível!

– Maria Clara, você está completamente paranoica! – Exclamei.

Estava gelado até agora, passei as mãos com força nos cabelos.

– Meus pais vão me matar! Seus pais vão me matar...

– Por que eles fariam isso?

– Ai, nossa, não sei! – Falou irônica. – Por que? Vou escrever um pergaminho de motivos pra você! – ela se levantou. – Presta atenção! Eu tenho só dezessete anos, você, dezenove. Vamos começar o último ano agora no colégio em poucos meses. Depois tem faculdade. Impossível cuidar dessa

PERIGOSAS ACHERON

criança! Não temos dinheiro, nossos pais não deixam a gente trabalhar até termos nossas profissões e, onde vamos morar? Como vamos sustentar ele?

Ela pensava em tudo rápido demais. O feto estava dentro dela há menos de um mês e ela já está pesquisando onde a criança iria estudar. Meu Deus, como lidar com ela? Eu estava com medo, mas não assim.

– Tem tanto tempo pra gente pensar nisso... Vamos esperar, vamos ver o que vamos fazer. Deus sabe o que faz.

Ao deitarmos juntos na cama, ela suspirou, virando para olhar para mim.

– Vai ficar tudo bem... – tentei afirmar, para ela e pra mim. – E, olha, sobre a Candi... – seu dedo foi ao meu lábio.

– Eu sei. – ela balançou a cabeça. – Eu confio em você. – abri um sorriso para ela. – Só avisa pra aquela sua amiguinha, não deixar mais as coisas dela por onde passa. Nada do que ela fizer vai separar nós dois. – consenti, dando um selinho colado na boca dela.

Ficamos alguns segundos nos olhando e observei seu rosto, seus olhos estavam com um pouco de culpa e bem inchados. Olhei para seu braço fino de novo.

Fui até o banheiro e ao voltar, eu estava com uma maleta de primeiros socorros na mão. Ela fez biquinho, mostrando-se triste e mesmo eu sabendo que era uma brincadeira, no fundo, ela estava triste de verdade. Sentei-me ajoelhado de frente para a cama e ela estendeu o braço sem ao menos eu pedir.

Ao colocar água oxigenada no algodão, olhei fixamente nos olhos dela, penetrando sua alma com ternura e abaixando a cabeça, dei um beijo em cima de seu pequeno suicídio e os olhos dela brilharam. Abri um sorriso de lado e comecei a limpar os cortes, tirando todas as bactérias dali.

- Isso arde.
- Isso é errado, como você sempre soube.
- Você sempre carinhoso e cuidadoso.
- Por que eu te amo. – Molhei os lábios involuntariamente e depois fiz um curativo em cima dos ferimentos.

– Eu ficaria louca se um dia eu perdesse você.

– Você não vai perder. – Sentei ao lado dela. – Você precisa ser forte. – nossas testas estavam juntas, ela olhava para minha boca e eu fechei os olhos. – Ser forte por você, por mim e por ele... – sussurrei antes de sentir seus lábios colando aos meus com urgência.

– Obrigada pelo presente. – Agradeceu entre um beijo molhado e outro que dava em minha boca.

Sorri aliviado por saber que agora, eu teria uma família.

Onde Eu Deveria Estar?

*“Sei que pensa que estou brincando com você,
mas entenda:
não é assim que eu normalmente me comporto.
não posso evitar esse ciúme.”*

Ciara

Maria Clara

Os dias foram passando, Brandon e eu estávamos bem um com o outro. Para falar a verdade, não falávamos nada sobre bebê algum, era difícil.

Meu namorado e eu decidimos que não contaríamos nada para nossos amigos, porque ainda estava muito cedo, queríamos contar primeiro para nossos pais. O pior era meu medo. Pelo Brandon já teríamos contado, mas eu pedi que esperássemos mais um pouco. Eu estava com, pelas minhas contas, fazendo um mês de gestação.

Era sexta-feira, eu estava na casa de Brandon e nossos amigos estavam lá também. O dia estava lindo, nos jornais diziam que o último dia de sol era aquele, então estávamos na piscina aproveitando como a maioria dos americanos naquele momento.

Brandon estava recepcionando os irmãos que tinham vindo passar uma tarde conosco. Todos estavam na piscina, até Elizabeth estava por lá.

Peguei a câmera de Brad e, em frente ao espelho, tirei uma foto minha, com a câmera ao lado do

rosto. Meus cabelos estavam lisos e eu estava só de biquíni, com uma canga cobrindo a parte de baixo. A foto tinha ficado linda, meu corpo estava diferente, estava até bonito!

– Clarinha, Clarinha! – gritava Julian vindo me abraçar quando eu já estava ao lado da piscina, em pé ouvindo a conversa sem nexos de meus amigos, coisas como: *“a fruta laranja se chama laranja por causa da cor ou a cor laranja se chama laranja por causa da fruta?”* e por aí vai.

– Oi, meu pequeno! – O abracei com força, que estava lindo de macacão, me deu um selinho como de costume e depois sorri para a Molly que correu também ao me ver.

Brandon veio atrás deles, logo pulou na piscina.

Ao me dar um beijo babado na bochecha, Molly pediu que nos sentássemos numa espreguiçadeira e assim o fiz. Ao deitar em uma delas, cada um deles sentou ao meu lado e eu sorri para os dois. A princesinha estava de vestidinho e um rabo de cavalo nos cabelos.

– Clarinha, posso te perguntar uma coisa? – perguntou Molly e eu consenti mexendo a cabeça

com um sorriso no rosto. Na mesma hora, ela e Julian colocavam as mãozinhas em cima da minha barriga e eu paralisei. – É verdade que aqui dentro tem um bebezinho? – Não sei porque, mas na hora em que Molly abriu a boca, todos pararam de falar.

Instantaneamente, Melanie e Lauren olharam para mim com os olhos arregalados.

– Tem?! – perguntaram em coro as duas e engoli em seco.

Molly deu de ombros antes de responder:

– Ué, foi o Brandon que nos disse.

Brandon e eu a olhamos tão surpresos que eu senti a boca do meu estômago gelar. Meu queixo só faltou cair.

Brandon

– De onde você tirou isso, Molly? – Todos estavam olhando para ela.

– Ué, você me contou pelo telefone, acha que eu esqueci?

Nossa, que palhaça! Bocuda!

– Eu contei? – Perguntei como quem não quer nada, Julian confirmou com a cabeça.

– Por isso viemos pra cá, queremos ver o bebê! – Protestava minha irmã.

– Mas, meu anjo, não tem nenhum bebê aqui... – Clara mentia, olhando para as amigas que soltaram um riso sem vida, relaxando ao achar que aquilo era mesmo só uma paranoia de criança.

– Ainda não tem, Molly. Eu disse que um dia ia ter, não que tinha. – Expliquei.

Ela fez uma carinha de choro.

– Então eu quero ir embora. – Cruzou os braços.

Julian ainda fazia carinho na barriga da minha mulher.

Criança é algo de outro planeta, não é possível!

– Embora? Mas você mal chegou! – Clara fez carinho no cabelo dela.

Todos ficaram em silêncio, só ouvindo nossa conversa.

– Eu queria ver o bebê, queria namorar com ele... Mas não tem, então vou embora.

Gargalhei com o que ela disse, assim como todos os outros presentes.

– Com só seis anos de idade, você já quer namorar, pequena? – Mel perguntou.

– Quero, com o filhinho da Clara. – Sua voz era tão inocente.

Meu Deus, que princesinha! Por um momento, imaginei uma garota como a Molly sendo minha filha.

Julian deu um beijo na barriga de Clara e depois veio até a borda da piscina para que eu o pegasse e assim fui de encontro a ele, que era um garoto esperto demais para a idade que tinha.

Tirei o macacão dele, junto com os sapatinhos e o deixei só de cueca e enquanto isso, Clara fazia carinho em Molly que continuava emburrada.

– Não liga pro que o seu irmão diz, meu amor, ele

PERIGOSAS ACHERON

só quer chatear você. – Clara explicava para ela. – E olha, quando aqui dentro tiver um bebê e ele nascer, você não poderá namorar com ele, porque ele será o seu sobrinho e tias não namoram com sobrinhos. – Molly prestava atenção no que era explicado. – Você vai me ajudar a cuidar de ele, não vai? – Ela mexeu a cabecinha, consentindo. Clara deu um beijo na bochecha dela. – Ah, e sabe onde você pode arrumar um namoradinho? No colégio.

Fuzilei Maria Clara com os olhos, que gargalhou assim como Lauren e Melanie.

– Não dá ideia, Maria Clara, não dá ideia! – Revirei os olhos e ela me mandou um beijo no ar.

Minutos depois, Molly já estava feliz de novo, rindo com as garotas que estavam brincando com ela na piscina também. Julian quis ir para os braços de Maria Clara e eu pedi que ela ficasse sentada com ele, aliás, ela não podia pegar nenhum peso sequer.

Belinda trouxe mil coisas para comemos no jardim. Era de dias assim que eu mais gostava, aproveitava e dava o maior valor possível em

minha vida.

No relógio, marcavam 18h e pouco da tarde. Eu estava dentro da piscina com Maria Clara em meus braços. Tínhamos acabado de mergulhar e depois, ficamos abraçados, só conversando sobre profissões e descobri que Lauren queria ser advogada e Dexter professor de inglês.

– E você, ainda com a ideia de ser um jornalista de sucesso? – Clara colocou seus braços em volta de meu pescoço e eu murmurei um “uhun!”, ela sorriu. – Eu vou comprar toda semana pra ler seu trabalho. – Sorri para ela.

– Serei o primeiro a comparecer numa linda exposição de fotografias suas.

– Promete?

– Claro que sim. – Afirmei e ela fez uma careta linda, toda feliz antes de me beijar.

Fiz carinho em sua barriga com os dedos por debaixo da água, passando confiança para ela.

– Licença, desculpa atrapalhar. – Ouvi a voz de Belinda. – Tem telefone para você. – Avisou.

– Pode falar que já estou indo. – Belinda meneou a cabeça e sumiu dentro de casa.

Dei um beijo estalado em Maria Clara que ficou lá na piscina e eu saí com um impulso rápido na borda.

Peguei o telefone sem fio em cima da bancada da cozinha depois de secar as mãos no pano de pratos e coloquei no ouvido.

– Alô?

– *Campbell?* – Sua voz de vadia nata soou do outro lado da linha, era impossível não identificar quem era. – *Sou eu...*

– Sei quem é você. – A cortei. – O que quer?

– *Bom, liguei porque queria saber se você sabe onde Caleb está.*

– Por que você quer saber do Caleb? Achei que você estava namorando o outro primo da família Carter.

– *Tyler quer saber, só estou ajudando ele a procurá-lo.*

– E por que eu ajudaria ele?

– *Para de ser chato! Ele está com você?*

– Não. E mesmo se eu estivesse com ele ou soubesse onde ele estava, não ajudaria o merda do seu namorado.

– *Tudo bem então. Tem mais uma coisa...*

– E mais nada! Candice, eu mato você na próxima vez que ligar aqui em casa de novo! – Cortei-a novamente, olhando para a piscina onde Maria Clara brincava com meus irmãos.

– *Desculpa, só queria saber do Caleb.*

– Pronto, já sabe, agora licença que estou ocupado.

– *Antes de desligar, quero te fazer um convite. – Esperei uns segundos. – Hoje vai ter uma festa aqui em casa, quero que você venha.*

– Vai ficar querendo. – Não sabia por que ainda dava bola para o que ela falava.

– *Por quê? Sua presença é importante.*

– Olha, preciso desligar.

– *Vem, Brad! Vai começar às dez, vai ser divertido.* – Revirei os olhos para a sua insistência e desliguei o telefone sem responder uma palavra sequer.

Saí para o jardim de novo, Molly veio correndo e pulou no meu colo, pedindo que eu fizesse um mergulho com ela e assim eu fiz.

Maria Clara

Precisávamos mesmo sair e curtir a noite, que eu previa ser linda! O dia estava sendo ótimo, e é claro que eu queria que a noite fosse também.

– Qual você acha melhor nós irmos? – Perguntava Ansel, comendo um sanduíche.

– Quem era, amor? – Brandon deu de ombros, saindo de casa e pegando Molly.

– Ninguém importante. – Foi a única coisa que ele respondeu.

– Enfim, onde vamos? – Mel perguntou e Lauren esperou uns segundos pensando um pouco.

– Clara, tira uma foto comigo? – Molly disse com uma máquina fotográfica de brinquedo nas mãos e eu sorri.

– Claro, meu anjo. Mas você não acha melhor numa câmera de verdade? – Ela soltou uma risada, consentindo. – Brandon, pega sua câmera lá pra gente, por favor? – Ele fez uma careta.

– Eu acabei de vim de lá e não vou voltar! – Resmungou ele e eu bufei como resposta, pedindo

que Molly esperasse uns minutos, então saí da piscina e entrei em casa.

Ao entrar, vi Belinda arrumando a estante da sala e sorri para ela que não se importou muito por eu estar molhando o chão. Peguei a máquina de Brandon e ao tentar ligá-la, vi que estava sem bateria. Só Deus sabe onde estava o carregador e nem dava tempo de pôr para carregar, as crianças e eu queríamos as fotos. Bufeí colocando-a no lugar onde estava.

Pensei em pegar o meu celular, mas eu nem sabia onde estava então vi o de Brandon na mesa de centro e logo o peguei. Vi que tinham notificações do Instagram, já que ele e eu tínhamos tirado fotos mais cedo, tinha chamada perdida de um número que eu não conhecia e mensagem do mesmo. Ao abri-las, vi o conteúdo:

“Estou esperando você, é sério! A festa não vai ser a mesma sem sua presença. Vem mesmo, baby! Beijo nessa sua boca linda! haha, xo candi.”

Sabe quando você sente o sangue pulsar nas veias como se você fosse explodir de ódio? Era exatamente assim que eu me sentia. Aquela garota

não tinha medo do perigo não?

Apertei meu lábio inferior com os dentes com impaciência, depois olhei para Belinda.

– Quem tinha ligado para Brandon naquela hora?

– Era uma garota.

– Você sabe o nome? A garota se identificou?

– Sim. – Belinda me olhou rapidamente. – Era a senhorita Sullivan. – Falou inocente e eu consenti, abrindo um sorriso completamente falso.

Respirei fundo e contei até dez para não sair lá fora e quebrar a cara daquele imbecil na frente de todo mundo! Mas antes, tive uma ideia ótima! Aliás, se ele podia ir a festas eu também podia, né? É.

E eu não estava exagerando e nem pensando demais, até porque, é só ligar os fatos. Porque ele não me contou que era ela que tinha ligado? Por que ele a atendeu, para começo de tudo? E, porra, que intimidade nojenta entre os dois! Ele era louco de permitir que ela ficasse mandando mensagem para ele? Bufei mentalmente.

– Vem, meus amores, tirem uma foto comigo. Aqui fora, se não o celular do irmão de vocês vai

PERIGOSAS ACHERON

molhar e ele me mata. – Já cheguei falando ao lado da piscina e me sentei na espreguiçadeira.

Brandon, que estava conversando com os garotos, trouxe os irmãos para mim, que sentaram ao meu lado e eu o observava enquanto isso. Ele conversava com um sorriso no rosto normalmente como se nada tivesse acontecido.

Cretino!

Tirei milhares de fotos junto de Molly e Julian, que sorriam e faziam caretas, amando a situação, assim como eu. Eles eram crianças incríveis!

Ouvi Melanie e Dexter indicando uma boate nova que tinha perto do condomínio dela e todos acharam uma ótima ideia. Até Brandon, mas que olhou para mim pelo canto de olho ao falar, achando que eu não estivesse vendo:

– Eu tinha outros planos pra hoje, ir a outro lugar, mas... Enfim. – Ele riu de novo e só Dexter percebeu a malícia que ele tinha na voz e riu junto.

Eu só queria ver como ele iria à festa de Candice sem que eu soubesse.

Estava empolgada para dançar muito, beber muito e fazer muitas besteiras boas. Aliás, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava nada a fim de ter responsabilidades...

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Colocar Julian e Molly para dormir foi uma luta! Era ótimo tê-los sempre por perto, mas naquele dia eu precisava sair, justo naquele dia eu precisava e eles dormiriam em casa. Bom, pelo menos eu compensei com o dia maravilhoso que passamos todos juntos.

O relógio marcava 23h da noite quando eu saí do banho. Fui até o closet e acabei escolhendo uma calça vermelha, com uma regata preta e uma jaqueta da mesma cor, nos pés um tênis preto. Vesti-me rapidamente e antes de arrumar os cabelos, peguei o celular para ligar para Clara, que só chamava.

Chamava e chamava, até cair na caixa postal. Desliguei e fuzei o celular como o habitual clicando na minha caixa de entrada de mensagens, vendo uma de Candice que ela tinha me mandando na parte da tarde. Li e vi que estava aberta, eu não lembro de ter visto ali antes e pensei por alguns segundos, logo matando a charada.

Clara usou meu celular logo depois da ligação de Candice para mim, na mesma hora em que ela possivelmente mandou a mensagem e minha namorada viu. Óbvio. É esse o motivo por ela não ter se arrumado na minha casa, ter ficado fria o fim da tarde toda e não atender minhas ligações.

Respirei fundo e liguei para Melanie, onde, depois de longas chamadas, ela atendeu num lugar com um barulho muito alto.

– *Alô?* – Sua voz doce respondeu do outro lado.

– Melanie, cadê a Maria Clara? – Perguntei sem mais delongas.

Há essa hora, todos já estavam na tal boate.

– *Maria Clara... Está aqui, onde você está?*

Oh, caralho!

– Ela chegou aí faz muito tempo? – Ignorei sua pergunta indo ao banheiro arrumar meus cabelos.

Em poucos minutos eu precisava sair de casa.

– *Faz... Quase duas horas, mais ou menos. Por quê?*

– Isso tudo?! – Perguntei surpreso.

Um dos motivos por não atender ao bendito

celular! Aposto que deve ter deixado em casa.

– *Sim... E cadê você? Já era pra ter chegado!*

– Eu sei, me atrasei... Olha, ela está aí perto? – O celular estava apoiado entre minha orelha e meu ombro, eu usava as mãos para arrumar os cabelos.

– *Estava ao meu lado há poucos minutos. Foi com Ansel buscar bebidas.*

– O quê? – Gritei quase que desesperado. – Ela tá bebendo?

– Óbvio, Brandon, todo mundo está bebendo, porque ela não estaria? – Passei perfume e lavei as mãos, secando-as em seguida.

– Droga! – Maria Clara é a garota mais criança e complicada que eu conheço! – Quantos copos ela já bebeu?

– *Sei lá, você acha que eu ia contar quantos copos ela bebeu? Que ridículo!* – Mel soltou um riso. Ao perceber que eu realmente queria saber, ela responde: – *Uns três, quatro... Foram os que eu vi.*

Senti uma descarga de adrenalina pelo meu corpo ao ouvir. Eram poucos copos, mas o suficiente para ferrar os miolos dela.

– Pelo amor de Deus, não deixa ela beber mais,
PERIGOSAS ACHERON

Melanie. – Levantei e saí do meu quarto sem ao menos apagar a luz.

Nem me despedi de minha mãe também. Fui em direção a mesinha de centro, pegando as chaves do carro.

– *Brandon, o que tá rolando? Dá pra me contar?*

– Respirei fundo. Não era certo falar assim e nem daquele jeito, mas foi preciso.

– Maria Clara está grávida, Mel. Ela não pode beber, tá chateada comigo e está fazendo isso por birra.

– *Como é que é?*

– Isso mesmo que você ouviu. – Fui rápido, entrando no carro e logo o tirando da garagem. – É sério, segura ela aí que eu já chego!

Desliguei sem nem ao menos ouvir o que ela iria dizer. Parti rumo à boate onde todos estavam. Rezei para que Maria Clara não ferrasse com a nossa vida e muito menos com nossa noite.

Maria Clara

We On The Night da The Wanted tocava. Meus cabelos chacoalhavam de um lado para o outro e eu amava aquela sensação de... Liberdade?

Curti desde o primeiro minuto que entrei naquela boate, que era muito boa por sinal. Todos já estavam lá quando eu cheguei com Lauren e logo fomos beber. Sem perder tempo já fui dançar e perdi a noção do tempo.

– Nossa, velho! Você é uma filha da puta! – Ouvi os gritos de Melanie atrás de mim, me puxando pelo braço quase me fazendo derrubar a garrafinha de energético com vodca que eu estava segurando em mãos.

– Para de ser louca, garota! – Gritei de volta para ela.

– Por que você me escondeu uma coisa dessas? – Ela tentava fazer com que a voz ficasse mais alta do que a música, parecia até que ela estava conseguindo.

Melanie estava bem irritada.

– Que coisa? – Minha cabeça viajava, eu mal pensava.

Aliás, pensar para que?

– Que você está com um filho na barriga! – Parei de dançar de vez, olhando para ela que estava com um olhar duro. – Porra, Maria Clara, obrigada por confiar em mim, de verdade, obrigada mesmo!

– Quem te disse isso? – Perguntei e ela balançou a cabeça, completamente irritada e saiu andando me deixando falar sozinha.

Respirei fundo, não querendo brigar com ninguém. Logo virando o resto do líquido da garrafinha garganta adentro. Já bastava a irritação com o Brandon, agora o surto de Melanie? Lauren apareceu do meu lado no segundo seguinte, chegando perto do meu ouvido para que a ouvisse falar.

– O que houve com ela? – Esperei uns segundos para falar, ouvindo outra música começar a tocar.

– Frescura, eu acho. – Respondi.

Precisava falar daquele jeito comigo só por que eu estava grávida e não contei?

Bufei.

Como se ter um filho na barriga fosse algo tão importante assim!

Dancei sem preocupações com Lauren aproveitei para rir das palhaças da amiga mais louca e sem noção do mundo todo!

Parecia que eu tinha matado alguém. Juro! Sabe quando seus amigos ficam bravos contigo por absolutamente nada? Sim, era assim que todos os meus estavam comigo, por esse motivo: nada. Será que eles não entendiam que se eu não falei para ninguém que estava grávida era porque não queria que ninguém soubesse?

Eles estavam frios. Falando comigo, mas secos. Todos eles, até Lauren, que ouviu Melanie contando para Ansel minutos depois de saber. Não sei como, mas...

Brandon apareceu me fuzilando com os olhos e ao chegar perto de mim, me puxou pela mão até o balcão.

— Ué, o que faz aqui? Achei que estava na festinha fodona da piranha.— Esbravejei logo de cara e ele revirou os olhos.

– Aqui é o único lugar onde eu tenho que estar. Tentando salvar a vida do meu filhinho indefeso. – Zombou ele, irônico.

– Seus amiguinhos estão bravos comigo. – Avisei, olhando a movimentação do ambiente onde eu estava.

– Por quê? Só porque eu contei da sua gravidez? – Não escondi minha surpresa, dando um tapa em seu braço.

– Caralho, Brandon, não era pra contar! – Gritei e ele revirou os olhos.

– Ninguém mandou fazer besteiras.

– O que estou fazendo de mais, meu Deus? – Perguntei, tomandoum gole pequeno do uísque de Brandon que estava em cima do balcão e ele tirou o copo de minha mão às pressas.

– Isso! – Reclamou ele. – São essas idiotices que você está fazendo, Maria Clara. Você está impossível!

Revirei os olhos.

– Para, vai. Não estou bêbada.

Fiz biquinho como se estivesse triste.

Foi então que senti um tapa na minha bunda.

– Seja mais carinhoso com a mãe do seu filho, por favor? – Brinquei e ele sorriu antes de me beijar com vontade.

Ouvi o começo de *Scream*, do Usher começar a tocar e puxei Brandon às pressas para a pista de dança que colocou um sorriso no rosto quando começamos a dançar.

Dançávamos colados um ao outro, eu com as mãos em volta de seu pescoço e ele com as mãos alisando meu corpo. O ritmo era maravilhoso e conseguimos os dois acompanhar. Os olhos e mãos de Brandon estavam fixos em mim. Sorri ao tomar seus lábios, enquanto nós ainda aproveitávamos o ótimo momento juntos.

– Amor, fode comigo. – Sussurrei em seu ouvido enquanto o beijava e mordia e percebi que ele se arrepiava.

Suas mãos estavam em minha bunda.

– Ué, não foi você mesma que acabou de pedir para que eu fosse carinhoso contigo? – Bufe. – Carinhosos fazem amor e não fodem, eu acho.

– Foder, transar, fazer sexo, um amorzinho, tanto

PERIGOSAS ACHERON

faz. Com você, eu faço! – Afirmei com minhas mãos segurando sua jaqueta e sentindo o gostoso cheiro de Brandon enquanto ele gargalhava.

Em segundos ele parou de dançar e saiu do meio da multidão em direção a porta da boate me puxando pela mão, como se estivéssemos indo embora.

– Aonde vamos? – Perguntei, curiosa.

Ao olhar para mim e sorrir, com aqueles dentes completamente brancos e aquela cara de cafajeste, ele avisou:

– Vou te levar pra conhecer um lugar. – Meus olhos se arregalaram e senti a empolgação dominar meu corpo.

Motel

*“O jeito que você reage a mim,
me faz querer algo que você nem imagina.”*

Ciara

Maria Clara

Observando o lugar, tão grande, lindo e aconchegante, soltei uma risada inocente, ao mesmo tempo maliciosa e ansiosa, sem acreditar que Brandon havia me trazido – e conseguimos entrar! – Em um motel.

Aquilo era o paraíso!

As paredes eram brancas, mas a luz era vermelha, então dava uma tonalidade linda ao ambiente. Tinha uma porta que dava acesso ao banheiro, do lado esquerdo e mais ao fundo, uma enorme cama redonda, com um lençol e travesseiros pequenos em forma de coração. Do lado oposto, um poli dance prata e na parede, algemas penduradas numa espécie de suporte e ao lado das mesmas, chaves.

Não conseguia descrever muito, mas aquele lugar era maravilhoso, nunca imaginei que um motel fosse assim. Soltei um suspiro olhando tudo e só percebi a presença de Brandon, quando ele colocou uma de suas mãos em meu ombro, tirando meu cabelo dali e depositou um beijo. Fechei os olhos e

aproveitei seus beijos, até sentir seus dedos procurando o começo do zíper de meu vestido e eu me afastei.

– Calma, apressadinho! – Pedi, com um sorriso no rosto me virando para ele.

– Calma? – Ele franziu a testa. – Estou num motel contigo e você quer calma?

– Claro! – Passei minhas mãos por seu rosto e ele pousou seus braços em minha cintura com cuidado.

– A noite é uma criança! – Ele me beijou, com delicadeza, um beijo molhado e gostoso.

Senti-me viva, empolgada para o que ia acontecer naquela maravilhosa noite. Afastei-me dele devagar.

– Espera, preciso ir ao banheiro. – Um pensamento involuntário, mas preciso, apareceu em minha mente. – Já venho.

– Maria Clara, assim você me broxa, caralho! – Reclamou e não consegui conter a risada me virando para ele ao chegar à porta do banheiro e ele ria, indo em direção a cama e se jogando nela.

– Se fode, Brandon Campbell!

– É isso o que eu estou querendo fazer, mas você
PERIGOSAS ACHERON

tá de palhaçada, caralho, fica difícil! – Reclamou e não consegui me aguentar e ri.

Não tinha pior.

Usei o banheiro rapidamente, me aliviando para não ficar com dor na bexiga depois e ao lavar as mãos, não esqueci de reparar que aquele banheiro era quase o tamanho do meu quarto praticamente, de tão grande! E lindo. Ao sair, caminhei até Brad e pedi o celular. Sem questionar, ele me entregou o aparelho, onde eu fiz rapidamente uma lista de reprodução para tocar enquanto a gente estivesse ali.

E essas eram: *Hold Tight*, *PYD* e *Love Me Like You Do* de Justin Bieber, *My Love* e *Love Sex And Magic* do Justin Timberlake, *Because Of You* do Ne- Yo e uma que não poderia faltar: *Strip*, do Chris Brown.

Sorri, contente com as músicas que escolhi e coloquei play, no aleatório mesmo. Ao colocar o celular em cima da prateleira no volume máximo, ouvi *que Love Sex And Magic* começara a tocar e rebolei devagar sabendo que Brandon olhava para mim.

Ao virar para ele, constatei o que já sabia: ele estava mesmo olhando para mim, com um sorriso no rosto. Com rapidez ele tirou os tênis e quando foi tirar a jaqueta eu fui até ele.

– Ei, eu faço isso! – O repreendi, sentando em seu colo de novo, agora de pernas abertas e sentindo suas mãos em minhas costas.

Começamos um beijo que era rápido até, onde experimentamos com cuidado a boca do outro. Coloquei minhas mãos em sua jaqueta e a tirei com rapidez. Brandon apertava minhas coxas enquanto eu beijava seu pescoço e no segundo seguinte, tirei sua regata.

Passei minhas mãos por suas tatuagens. Ai, meu Deus, é hoje! Levantei-me e ele me ajudou. Ficou só de cueca, sem calça e eu sorri vendo-o sentado quase seminu em minha frente. Quando eu me afastei, ele fez uma careta.

– O que você vai fazer? – coloquei meu dedo na frente da boca, pedindo- o que se calasse e assim ele ficou.

Sorriu para mim ao ver o que eu estava fazendo. Fui até o poli dance e, bom, eu não sabia como

usava aquilo, mas ia tentar.

Coloquei minhas mãos na barra de ferro e comecei a rebolar para Brad, com a bunda virada para ele e olhando para ele também, que sorria. A cueca dele era branca, seus cabelos estavam maravilhosamente arrumados e me senti no paraíso. Continuei dançando.

No ritmo da música, enlacei minhas pernas na barra de ferro e rodopiei, ainda de salto e vestida. Depois, passei minhas mãos por todo o meu corpo, me apalpando, me apertando e sem tirar os olhos de Brad, que estavam fixos em mim. Mordi os lábios com força, balançando os cabelos e empinando a bunda para o poste de ferro ao meu lado. Esfreguei nele devagar, de cima a baixo bem lentamente, com o dedo na boca e vi o volume na cueca box de Brad.

Sorri sabendo o resultado que aquilo estava dando. Ele mordia os lábios com força e senti meu corpo se incendiar por um momento. Devagar, com um jeitinho e outro, fui abaixando o zíper do meu vestido e um segundo depois, a peça estava no chão me deixando só com as roupas íntimas vermelhas.

Agradei mentalmente por estar usando-as. O sutiã era de bojo tomara que caia e deixava meus seios juntos, empinados e bem atraentes. Meu namorado não tirava os olhos dele.

E eu não tirava os olhos da cueca box dele, que estava a ponto de rasgar por conta de sua ereção. E que ereção! Continuei dançando e atijando o tesão de meu namorado, por mais alguns segundos. Com sensualidade, tirei meu sutiã e o joguei na cara dele, que soltou uma risada gostosa. Agarrei o poli dance, passando os lábios e os seios nele, enquanto meu quadril se mexia e os olhos de Brandon soltavam faíscas, ele logo colocou a mão sobre o pênis, completamente louco.

Soltei uma risada, fazendo uma cara de reprovação para ele que entendeu o recado, tirando a mão do meu melhor brinquedo. Quando a música chegou ao fim, joguei meus cabelos e sorri para ele, que sorriu de volta, amando. Antes da próxima música começar, ele se levantou, vindo até onde eu estava e eu o impedi de me tocar.

– Ainda não acabei. – avisei, com uma voz séria e sexy, que eu mesma nunca achei que tinha.

– Não? – ele arqueou a sobrancelha, completamente curioso e safado, eu abri um sorriso, mandando-o voltar para a cama.

– Senta aí e espera, quietinho. Ou eu terei de te algemar. – sorri safada para ele que fez o que eu pedi, jogando-se na cama de um jeito tão...

Nossa!

Deus que me perdoe por todos os pensamentos perversos que estou tendo.

Brandon

Ao sorrir para mim, Maria Clara se apoiou numa barra de ferro que tinha atrás do poli dance e delicada como sempre, abaixou a calcinha, ficando completamente nua a minha frente. Ao perceber o que ela iria fazer, balancei a cabeça. Seus saltos caíram no chão também, fazendo barulho.

– Todos os seus orgasmos de hoje, são meus. – Avisei.

Ela riu, sapeca, abrindo as pernas, me deixando ter uma maravilhosa visão, meu tesão só aumentando.

– Estarei pensando em você, amorzinho. – Sua voz estava sexy e rouca, mais do que o normal.

E então ela começou a se estimular.

Maria Clara estava se superando a cada dia. Mal parecia aquela garotinha de 16 anos, ingênua e virgem que não sabia se masturbar e chorou em sua primeira vez na borda de uma piscina. Agora ela ataçava, era independente e mais gostosa do que nunca. Sorri vendo todo o espetáculo.

Minha mulher mordia os lábios enquanto massageava seu clitóris, estimulava-o ora rápido, ora devagar e soltava alguns gemidos. Aquilo era sem dúvidas melhor do que um filme pornô. Eu não conseguia parar de sorrir. Meu pênis latejava para caralho! Ela continuava lá, se tocando, se sentindo e se dando prazer. Ora ela sussurrava “*oh, Brad*” me deixando perdido, eu me segurava para não correr até ela.

Ela se penetrou com dois dedos depois, explorando sua entrada, sem pudor algum, sem se importar se alguém estivesse vendo ou não. Ao terminar, ela gozou, soltando um gemido baixo e rouco. Depois, sorriu com os dedos na boca.

Sério mesmo que aquela garota existia?

Ao se levantar, ela veio até onde eu estava na cama e a puxei pelos cabelos com força, ela riu gostoso para mim. Falei sacanagens no ouvido dela, enquanto ela beijava e mordia meu pescoço. Tirei minha cueca com rapidez, completamente louco, precisando foder, foder e foder.

– Quero algo diferente. – avisou ela, sentada nas minhas coxas.

– Diferente como? Posição diferente? – perguntei, pensando em alguma coisa.

Ela sorriu.

PYD começou a tocar no meu celular, era o único som no quarto por alguns segundos. Seus olhos brilhavam me olhando.

– Deita. – pediu ela, se levantando por alguns segundos e assim eu fiz, sem questionar.

Maria Clara ficou de costas para mim, depois, colocou uma perna de cada lado de meu corpo e eu não estava acreditando que aquilo estava acontecendo.

– Você quer... 69? – não consegui conter a empolgação na minha voz, ela soltou uma risada safada.

– Dê o seu melhor, amorzinho. – Ao falar isso, ela empinou a bunda, colocando sua vagina no meu rosto e molhei os lábios antes de começar a chupá-la.

Minha namorada esperou uns segundos e eu logo senti seus lábios em meu sexo.

Aquilo era a coisa mais gostosa que eu estava fazendo na vida! Mais uma primeira vez para nós

PERIGOSAS ACHERON

dois! Meu corpo todo estava quente, como se estivesse pegando fogo! Minha mulher era incrível, eu não tinha simplesmente nada a reclamar. Meu pênis estava praticamente todo em sua boca, eu sentia sua língua molhada lambendo-o devagarzinho quase parando, do jeito que ela sabia que eu ficava louco!

Eu não conseguia fazer absolutamente nada a não ser retribuir aquela maravilha na mesma moeda. Passei minha língua por seu clitóris, dando mordidinhas com as pontas dos dentes e eu ouvia seu gemido baixinho como resposta do prazer que eu estava proporcionando a ela.

Maria Clara

Senti a língua do meu namorado me invadindo de uma forma que... Nossa! Eu já estava começando a perder meus sentidos! Em resposta ao ato dele, eu quase o mordi com força. Ele mataria por aquilo – foi o que eu achei –, mas não, ele apenas gemeu, gemeu bonito para que eu ouvisse, segurando minhas coxas.

Meu corpo estava quente, muito quente! Sempre ficava quando eu estava com ele. O calor me dominava de um jeito, que... Molhei meus lábios com a lubrificação de seu sexo antes de chupá-lo mais uma vez, até sentir por baixo de meus lábios, suas veias se engrolassem e ele gozar.

Gozou muito, aliás! Quase engasguei por estar praticamente de ponta cabeça, mas engoli tudo. Feliz ao saber que ele ficaria feliz por isso e meu ego cresceu por dentro. E em falar em orgasmo... O meu estava quase lá... Quase. Brad explorava minha vagina com sua língua mágica de uma forma que... Nossa! Eu nunca pensei em fazer algo

daquele tipo!

Segundos depois de Brad ter chegado ao ápice dele, eu cheguei ao meu, explodindo em sua boca que fez o mesmo que eu, engoliu meu gozo sem reclamar. Caí com o corpo todo por cima dele, tentando recuperar o ar e ficamos assim por poucos minutos.

– Amor? – Ouvi sua voz e me levantei devagar, deitando por cima dele agora com minha cabeça ao lado da dele. – Fala se eu não sou incrível?! – se gabou e soltei uma risada pelo jeito que ele disse.

– Você é perfeito. – disse pausadamente dando selinhos em seus lábios entre cada palavra e ao terminarmos a frase, dei um beijo molhado em seus lábios, onde ele correspondeu passando suas mãos em meus seios, apertando-os com força. – Já acabou? – Perguntei e ele riu.

– Lógico que não. – nunca fiquei tão feliz ao ouvir uma frase como naquele momento. Sorri para ele que se levantou da cama, ficando nu em pé no quarto. Que visão, meu Deus! Não aguento! – Agora é a minha vez de brincar com você... – um sorriso safado estampou sua boca.

Consenti mordendo os lábios.

Observei Brandon indo até as algemas penduradas do outro lado do quarto, onde ele pegou duas delas e uma bolinha prateada que eu não conseguia ver exatamente o que era. Franzi a testa ao olhar para ele.

– Fica de costas. Agora. – Pediu autoritário, de um jeito completamente gostoso de se ouvir.

Strip começava a tocar agora.

Fiquei de costas como foi pedido e ele veio até onde eu estava. Na parede, ali mesmo em cima da cama, tinha a mesma barra de ferro que tinha do lado do poli dance, a mesma barra que eu usei para me sentar e me masturbar. Brandon sorriu ao olhar em meus olhos. Eu tinha a total certeza de que minha maquiagem estava derretida, mas não liguei.

Brandon continuava me amando mesmo assim!

– Junte as mãos e coloque-as aqui, perto da barra de ferro. – ordenou e consenti inocente.

A empolgação cresceu dentro de mim mais uma vez.

Brandon algemou minhas mãos, fazendo com que eu ficasse com as mãos pressas a barra, de braços

PERIGOSAS ACHERON

na cama.

– Agora, empina essa bundinha maravilhosa pra mim. – ordenou ele novamente e assim eu fiz, ficando tipo a Miley Cyrus em *We Can't Stop*. Ri comigo mesma pelo meu pensamento sentindo um tapa que me fez estremecer por dentro. – Fique com os tornozelos juntos, mas com as pernas abertas, o tanto que você conseguir. – Avisava ele e assim eu fiz. – Fique confortável, amor. – pediu e concordei mais uma vez.

Depois, ouvi o barulhinho das algemas e as senti em meus tornozelos, prendendo um ao outro.

– Isso aí é um plugue? – perguntei a ele, sabendo que ele observava o objeto em suas mãos e ouvi seu riso.

– Isso mesmo. Tá preparada?

– Claro! – Foi o que consegui responder, sentindo todo o meu corpo se arrepiar.

Nos segundos que se passaram, Brandon com cuidado ligou o pequeno plugue e o colocou dentro de minha vagina, me fazendo arquear as costas com a boa sensação que eu começara a sentir.

– Se eu te machucar, você me avisa, ok? –

Perguntou gentil que mal parecia ele, tirando o objeto de dentro de mim e eu estremeci.

Reclamei alguma coisa ouvindo sua risada.

Hold Tight começara a tocar, sendo o único barulho no quarto e eu estava completamente louca! Aquilo era coisa do outro mundo, tudo aquilo!

O pênis de meu namorado esbarrou em minha bunda e fez meu corpo todo pegar fogo, totalmente arrepiado e deixando as borboletas frenéticas no estômago. Tentei me mexer, mas eu não conseguia, devido as algemas, que eram geladas em contato com a minha pele. Passei os pés no edredom de um jeito bom, sabendo que Brandon estava ajoelhado ali ao meu lado me estimulando com o vibrador.

Soltei gemidos que estavam presos em minha garganta, completamente roucos e mexia meu corpo de acordo com os movimentos de Brandon. Senti seus lábios molhados roçando minha bunda, minha cintura e depois minhas costas.

Aquela música, os gemidos e a voz de Justin Bieber ecoando pelo quarto faziam com que meu mundo ficasse completamente suspenso a algo tão

bom que eu não conseguia imaginar que estivesse sentindo, com medo de cair. Meus cabelos estavam molhados de suor, assim como o meu rosto e eu tentava puxar o ar.

– Para! – Pedi de uma vez por todas com a voz rasgando a garganta.

Brandon parou tudo o que estava fazendo, perguntando:

– O que foi?

– Anda, eu quero você! – Gritei. Só faltava ele dentro de mim para eu realmente explodir em mais um orgasmo. – Vai, Brad! – Pedi como uma vadia louca e assim ele fez.

Tirou o plugue e se enterrou dentro de mim com rapidez e por alguns instantes eu me senti completa, sentindo-o já no colo do meu útero e soltei um gemido alto assim como ele que começou os movimentos de vai e vem. Eu tentava me mexer mais e mais, mas não conseguia e sentia as algemas me prendendo. Eu estava numa posição tão sexy... Eu sentia isso. Sorria mentalmente.

Segundos depois eu gozei, respirando fundo e prestando atenção na música que estava tocando.

Era Love Me Like You Do.

Foi preciso de mais três bombeadas para Brandon explodir num orgasmo, e eu senti seu gozo. Respiramos ofegantes enquanto seu corpo se afastava do meu. Caí na cama, completamente cansada e acabada.

Ouvi Brandon ir a passos pequenos até as chaves das algemas e depois voltar para abri-las. Quando eu estava completamente solta, me espremi na cama e Brad veio se deitar ao meu lado.

– Se eu soubesse que ia ser tão gostoso assim, teria pedido para me trazer aqui antes! – Comentei, fazendo meu namorado rir e, enquanto me cobria com um edredom, senti o beijo mais doce sendo dado em minha testa.

Brandon

– Te trago aqui quantas vezes quiser agora. –
passei meu braço sobre seu corpo, que estava
deitado meio em cima de mim.

Seus cabelos suados em meu pescoço. Seus seios
completamente unidos ao meu peitoral.

Maria Clara estava com uma das mãos em meu
peito e a outra em sua barriga, coloquei a minha em
cima da dela, fazendo um leve carinho em meu
filho.

É, meu... filho.

– Está tudo bem com ele? – perguntei e ela
fechou os olhos.

Achei por alguns segundos que ela não iria
responder, mas então ela disse:

– Ele está ótimo, nunca esteve mais feliz.

– Responda por ele e não por você. – Comentei.

– Estou falando sério. – avisou ela. – Por ser seu
filho, ele já é umapaixonado por sexo! – ela me
olhou, seus olhos brilhando de felicidade.

– E eu estou apaixonado por você.

O sorriso que ela abriu foi o mais doce e puro da noite inteira. Depois, ela bocejou, cansada. Depositei mais um beijo em sua testa antes de finalizar:

– Durma bem, amor.

Maria Clara dormia tão bem que parecia sonhar com pôneis roxos. Sorri quando abri meus olhos e olhei para ela, que dormia na mesma posição que algumas horas atrás. Um grande milagre! Acho que tínhamos dormido pouco.

– Ei, Ma, meu amor. – Sussurrei perto de sua orelha, dando beijos até seus lábios carnudos. – Acorda! – Pedi e demorou séculos até ela se mexer.

– Só mais cinco minutinhos. – Falou ainda de olhos fechados. – Cinco. – Sua voz estava um tanto engraçada e soltei uma risada.

– Nem mais dois, princesa, acorda. Precisamos ir.

– Não, não quero. – Ela se enrolou mais no lençol. – Vamos ficar aqui...

– Amor, acorda! – Passei minhas mãos por seus braços e suas pernas, tirando o lençol de cima dela.

– Estava num sono tão bom... – avisou ela. – Que horas são?

– É cedo, bem cedo.

– Então não dormimos nada. Fomos dormir tão tarde...

– Eu sei, mas minha mãe vai ficar louca com aqueles dois pestinhas em casa. Acho que ela precisa sair também. – Lembrei dos meus irmãos que nos esperavam em casa.

– Já estou até vendo quando a Jessica nascer. Nunca mais iremos vir a um lugar tão bom como esse, ter momentos tão bons como esse.

– Primeiro: filho nenhum vai nos distanciar, até porque você é minha! – A repreendi e ela abriu um sorriso.

– É sério isso, Brandon? – Ela se ajeitou na enorme cama redonda. – Você não queria que eu engravidasse, porque não queria ser trocado, tipo, nem pelo nosso filho?

– Exato! – Afirmei. – Você é minha, como eu disse. Não irei suportar tocar boas noites de sexo, por noites estressantes onde te vejo amamentando um filho que não para de chorar. – Fiz uma careta e

ela gargalhou.

– Que besteira! – Maria Clara se sentou na cama, ficando de frente para mim. – Isso faz parte da vida e, eu nunca vou deixar de lado uma boa noite de sexo com você!

– Sou irresistível. Eu sei. – Ela gargalhou, me dando um tapa. – Ah, e segundo: não é Jessica, é Jack!

– Não, é Jessica!

– Jack!

– Cala a boca, tá dentro de mim, eu que sei! – Revidou ela com um sorriso no rosto.

– Eu que fiz, é um garoto. Será um bom fodedor!
– Respondi, sorrindo também e ela me deu alguns tapas me fazendo cair na cama de novo.

Ao fixar meu olhar no dela, paramos de gargalhar por um instante.

O olhar dela era como se penetrasse a minha alma. Era um olhar onde, se você olhasse demais, morria afogado. Afogado na paz e na alegria que ele transmitia. Eu amava vê-la feliz, assim, como uma manhã calma, sem brigas, sem reclamações.

Maria Clara começou a cantar.
PERIGOSAS ACHERON

Seu corpo estava em cima do meu, lindo e despojado. Suas pernas no meio das minhas, fazendo carinho em meus pés. Seus seios estavam colados ao meu peitoral, assim como sua barriga quente. Seus cabelos jogados todos para o lado direito da cabeça e seus olhos nos meus.

A música que ela cantava eu tinha reconhecido um pouco, era *Bubbly*, da Colbie Caillat, tinha uma letra linda.

Eu não conseguia para de sorrir ouvindo sua voz rouca e sua habilidade não muito boa de canto, mas que era linda para mim. Passei meus dedos pelos seus cabelos, molhando os lábios involuntariamente.

Ela soltou um riso, esbarrando seus lábios no canto da minha boca e ao fixar seus olhos nos meus mais uma vez, continuou.

Não consegui me contei e coloquei minha mão em sua nuca e ao olhar fixamente para sua boca, morrendo de desejo a beijei. Sem mais delongas, sem se importar se tínhamos escovado os dentes ou não.

Eu só queria que aquilo durasse até o fim da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Desconfiança

*“Se for para perder alguma coisa,
perca o medo e não a esperança,
pois um dia você pode precisar dela.”*

Jufras Menhal

Brandon

– Mas é muito tempo! – Gritava Melanie irritada do outro lado da sala.

– Não, um mês não é tanto tempo assim, cacete!
– Rebatia minha namorada, sentada comportada do meu lado.

A discussãozinha por causa do meu filho já durava muito tempo.

– Amiga, você tem noção do que tá acontecendo?
– Lauren se sentou no sofá. – Você tem um filho na barriga!

– Eu sei! Será que pode parar de me lembrar a cada dois segundos?

– Seus pais vão matar você, ai meu Deus! Ai meu Deus!!! – Lauren colocou o rosto entre as mãos enquanto sussurrava as palavras.

Aquelas amigas da minha mulher estavam mais preocupadas do que a que deveria se preocupar mesmo. Em vez de ajudar, estavam assustando. Passaram de bravas, para desesperadas.

Os garotos estavam meio assim comigo, mas não
PERIGOSAS ACHERON

como elas. Eles reclamaram logo que eu cheguei, com coisas do tipo: *“você vai ser pai e não conta pra ninguém? Nem para nós, que somos seus amigos, Campbell?”*, *“nossa, parabéns pela enorme burrada, cara! Agora vai deixar de viver pra virar pai de família!”* e mil coisas. Era estranho ouvir tudo aquilo, mas eu teria que me acostumar.

Afinal, eu ia ser pai, ia ter uma pessoa com o meu sangue, feito por mim no mundo em poucos meses.

– Quando que você pretende falar para seus pais?
– Perguntou Dexter, deitado em um dos sofás do luxuoso apartamento de Melanie.

– Ah, não sei. – Clara respondeu confusa.

– E o pré-natal? Porra, e a casa? As coisas do bebê, onde vocês vão morar?

– Nas nossas casas atuais, eu acho. – Respondi a Melanie que estava louca por saber que a melhor amiga dela esperava um filho.

– E o dia, marcaram? – Perguntou Ansel.

– Dia de que?

– Do casamento! – Respondeu, sentado no chão tomando refrigerante. – Vai me dizer que vocês

ainda não pensaram nisso...?

Franzi a testa completamente perdido. Lógico que eu não ia casar com 19 anos de idade, de papel passado e tudo... Isso era loucura! Teríamos de arrumar outro jeito de cuidar dessa criança.

Melanie soltou uma risada. Lauren nos olhou apreensiva.

– Gente, é meio obvio que vocês terão de se casar... Fizeram a burrada e agora terão de arcar com tudo.

– Ou desfazer. – Sugeriu Dexter.

Senti meu sangue esquentar por uns segundos.

– Você tem merda na cabeça, caralho? – Gritei com ele. – Nunca que mataríamos um filho, se liga!

– Eu não disse isso. – Ele levantou as mãos na defensiva.

– Disse sim, Dex. – Repreendeu a namorada dele.

Respirei fundo, relevando suas palavras idiotas.

Só estávamos todos desesperados sem saber o que fazer, quanto mais falar.

– Mas então... Ela tá grávida, vocês vão continuar namorando comose nada estivesse acontecendo e

só? – Ansel arqueou as sobrancelhas nos olhando.

– Sim! – Respondi de um jeito óbvio. – Precisou de ajuda pra decifrar isso, cara? – Ele revirou os olhos.

– Gente, é isso. Brad e eu estamos aflitos. – Começou a grávida da casa. – Mas é o nosso filho, não podemos fazer nada a não ser o colocar no mundo, cuidar dele, e... – Ela suspirou com uma voz de choro. Passei meu braço pelos seus ombros. – É isso. Vamos dar tempo ao tempo.

– E é tão fácil encarar as coisas? Assim? – Melanie passou as mãos nos cabelos, ainda confusa.

– Se não é, vamos fingir que é! – Avisou Lauren, mais calma. – Eles são nossos amigos e amigos estão aqui pra isso, ajudar quando tudo tiver ferrado! – Ela dizia como se não estivéssemos lá. – Será que a gente pode acabar com tudo isso de uma vez? – Vi um sorriso no rosto de cada um deles.

– Contanto que eu seja padrinho do garoto! – Começou Ansel.

– Lógico que não! – Rebateu Dex, sério, mas eu sabia que ele só estava tirando uma com a cara do

pequeno Collins. – Eu que serei o padrinho, não começa, cara.

– Ai, não inventem! – Reclamou Melanie, manhosa, fazendo Maria Clara gargalhar.

Maria Clara

Terminei de fazer o enorme rabo de cavalo nos meus cabelos e passei alguns segundos observando minha barriga no espelho, que já começara a crescer.

Pelas minhas contas, ele nasceria em agosto, bem na época de provas escolares. Isso que me deixava preocupada, mas ia tudo correr bem, eu já estava pensando em pedir as provas antes, levar atestados médicos ou afins. Só não ia perder meu ano escolar, não mesmo. Ainda mais o último.

Mais de um mês se passou e eu já conseguia comer sem tanta preocupação, acho que foi só descobrir para meus enjoos diminuírem, agora estavam quase nada.

Mas, infelizmente isso não me deixa mais tranquila, meus pais ainda não sabiam de nada, ainda estremecia só de estar ao lado deles, estava com medo da reação, da descoberta, enfim.

Conseguia sentir que, no fundo, eles já desconfiavam de alguma coisa.

– Vou ao luau com o pessoal amanhã à noite para comemorar a volta de Susan e Connor a Los Angeles, tudo bem pra vocês? – Perguntei com a minha voz baixinho no jantar que eu estava com zero de fome.

– E eles chegaram bem? Vieram pra ficar dessa vez?

– Sim, vão semana que vem se matricular no colégio... – respondi, olhando para o meu prato.

– Tá tudo bem, contigo? – Perguntou meu pai e engoli a saliva.

– Sim. – Abri um sorriso olhando nervosa para eles. – Só estou... Sem fome. – Menti na cara de pau.

– Mesmo? Você tá estranha, princesa, mal mexeu na comida.

– Eu sei, é que realmente não estou com fome. – Ele suspirou, dando de ombros.

– A última vez que sua mãe ficou assim, ela estava grávida de você.

Quase engasguei com suas palavras.

Porra, para que contar isso logo agora?

Que hora inconveniente para se fazer um comentário desses, Logan Miller.

– Sério? – Fingi mostrar interesse no assunto.

– Sim. Espero que não seja a mesma coisa com você. – Ele estava sério, mas soltou um riso humorado.

Soltei uma risada nervosa, minha mãe só olhando tudo, sem dizer uma palavra sequer até então:

– Deus me livre, Logan! Você acha mesmo que uma mulher como eu, maravilhosa desse jeito vai ser avó cedo? – Soltamos uma risada, mas meu coração estava quase me sufocando de tanto bater.

Meu pai balançou a cabeça.

– Você acha que a nossa filha já faz besteiras, Claudiana? Para! Olha pra cara de anjo dela! – Falou meu pai e tentei não rir, mas ele conseguiu essa proeza.

Lógico que meu pai sabia, ele não era bobo, mas gostava de se fingir como tal.

– Para você, Logan! Você criou uma mulher, não uma santa. – Comentou minha mãe.

O silêncio reinou e eu suspirei...

Acho que você se enganou. Estou mais para uma pecadora, mãe.

Fiquei assim até o fim do jantar: só mexendo de um lado para o outro a comida com o garfo.

O relógio marcava 19h01 da noite, quando eu estava arrumada. Bom, foi até rápido. Brandon estava no andar de baixo e eu descii para me encontrar com ele.

Nós estávamos vestidos de branco, já que era a cor do luau.

Eu usava um vestido de mangas longas e com saia solta, nas pernas, meia calça para não sentir tanto frio. O Inverno já estava dando sinal de vida por aqui.

Meus cabelos estavam lisos e soltos com uns cachos lindos nas pontas e a maquiagem era leve por eu estar indo à praia, nada muito elegante.

Brandon sorriu para mim enquanto descia as escadas, ele estava encostado no sofá e mordeu o lábio ao me analisar.

Seu corpo estava maravilhosamente vestido com uma calça bege, mostrando sua cueca azul bebê que combinava com o tênis em seus pés e uma camiseta branca. E não podia faltar as correntes finas de ouro no pescoço, claro.

Ao me aproximar dele, senti seu braço em volta de minha cintura e logo seu corpo próximo ao meu. Respirei fundo sentindo seu cheiro maravilhoso, que era uma mistura de perfume forte masculino e o cheiro que eu mais gostava: cheiro de Brandon. Em seus lábios, um sorriso.

– Você está perfeita! – Sussurrou ele contra meus lábios e eu apenas abri um sorriso.

Era sempre assim: um elogio, um sorriso e sem palavras minhas, já que eu nunca sabia o que falar em situações assim.

– Vamos? – Perguntou ele entrelaçando nossos dedos.

– Sim. – Abri um sorriso antes de sair de casa.

O Amor é Como as Luzes de Neon

*“Quando olharem para o céu
seremos apenas estrelas cadentes.
Estaremos queimando como luzes de neon.”*

Demi Lovato

Brandon

A praia estava cheia de gente, completamente cheia e nem parecia que era domingo. De um lado, uma fogueira enorme com barracas vendendo ponches e marshmallows, do outro o DJ que tocava músicas altas e dançantes para todos.

Era até bonito de se ver, todos vestidos de branco e com sorrisos nos rostos. O mar estava agitado e o vento gostoso, mesmo gelado. Sorri para todos os meus amigos que já estavam juntos: Connor, Dexter, Ansel, Susan, Lauren e Melanie.

– Caralho, que princesa! – Connor exclamou olhando Clara, que o abraçou confortavelmente.

– Obrigada, você está lindo! Senti tanto a sua falta! – Sorriu ela.

– Ai, meu Deus, sua barriguinha, tá redondinha já, que amor! – Os olhos de minha melhor amiga brilharam ao olhar o pequeno volume na barriga de Maria Clara.

É, meu *filho está crescendo!*

– Já se mexe? – Ela passou a mão por cima da

barriga e Clara colocou a mão em cima da dela, negando com a cabeça, com um sorriso no rosto.

– Ele só tem cinco semanas, não tá nem formado direito, maluca! – Elas se abraçaram forte. – Estava com tanta saudade! – Exclamou.

Peguei um copo de ponche da mão de Ansel e dei um gole.

– Licença que a madrinha da criança também quer paparicar! – Gritou Mel ao abraçar Clara, que sorria como boba.

Era ótimo ver o quanto ela estava feliz com os amigos – agora com todos juntos já que Connor e Susan voltaram a morar definitivamente em Los Angeles –, e com o fato de ser mãe. O bebê a fazia feliz.

Olhei para os lados vendo alguns conhecidos do colégio que não tiravam os olhos de nós a maior parte do tempo. Tinha também Candice, Paige e os Carter com os seus outros amigos de má influência.

Let Me Love You do Ne-Yo começou a tocar, ouvi gritos de pessoas próximas e nossos amigos indo dançar e fiz o mesmo, puxando minha namorada comigo.

Sussurrei algumas frases da música no ouvido dela que me penetrava com seus olhos lindos me fazendo sorrir o tempo todo. Seus cabelos balançavam de um lado para o outro enquanto ela ria. A vida não poderia estar melhor.

Maria Clara

Bati palmas para Brad que dançava lindamente ali, para mim, na areia. Ele colocou os braços na altura do rosto de um jeito engraçado e sem se preocupar, dançou para me fazer rir. Ele era lindo em todos os sentidos!

Seus lábios estavam molhados e seus cabelos num perfeito topete, o vento bagunçava levemente os meus cabelos e sorri para ele, assim como as meninas que se aproximaram de mim bebendo e *dançando When Love Takes Over* de Kelly Rowland e David Guetta.

Era como uma bomba de energia.

Dancei balançando meus cabelos e a barra do meu vestido, soltando algumas frases da música e sorrindo à toa.

Eu sentia como se tivesse viva, sabe? Viva duas vezes, onde as emoções vibravam em dobro pelo simples fato de estar grávida e ter amor dentro de mim.

Eu não trocaria nenhum lugar no mundo para

estar a não ser ali, ao lado de quem amo, sendo eu, sendo feliz.

Tomei suco natural que Susan comprou para mim e senti a areia geladinha em meus pés. Queria parar no tempo para ter tudo aquilo para sempre.

– Ah, Brad! Para! – Disse aos gritos em meio a risadas enquanto corria na areia.

– Vem aqui, Maria Clara! – Senti a presença dele perto de mim enquanto corria também para me pegar.

A adrenalina estava a mil no meu corpo, meu coração acelerado por estar correndo.

– Não! Amor, por favor...

– Por favor? Eu também pedi por favor e olha o que você fez comigo! – Parei de correr aos poucos e olhei para trás, tendo a visão de meu namorado com os braços abertos para mim, com um sorriso feliz nos lábios.

– Ah, para de ser chato! – Revirei os olhos sabendo que ele não tinha ficado bravo de verdade.
– Você está maravilhoso!

Estávamos brincando de guerrinha de tinta neon. Os organizadores do luau estavam vendendo pequenas pistolinhas de tinta neon, daquelas próprias para corpo e roupa. Em pouco tempo, a praia ficou completamente colorida! Com todos jogando tinta para todos os lados.

Senti-me em um clipe! Sorri para Brandon segurando minha pistola na frente do rosto como uma policial e ele ria de mim, com a blusa, o rosto e pescoço manchados de roxo.

Parecia uma criança.

Em suas mãos, tinha uma pistola vermelha, que rapidamente foi disparada em minha direção e meu vestido ficou completamente sujo! Não só pela tinta dele e sim pelas tintas de cores diversas que as garotas tinham jogado em mim há minutos.

Gargalhei até minha barriga doer.

Os nossos calçados estavam no carro, assim como qualquer coisa de valor para que nos divertirmos melhor. Já estava tarde, mas não ligamos.

Era tão bom, sabe? Era bom sentir toda a adrenalina no corpo, as cores, as risadas...

Tinha certeza que até meu filho estava se divertindo muito!

Minhas pernas também doíam, já que eu tinha dançado à beça!

Os olhos de Brandon brilhavam olhando os meus. A música *Neon Lights* de Demi Lovato começou a tocar para todos da praia pela segunda vez, Brandon e eu paramos de correr novamente, comecei a jogar os cabelos – que estavam rosas – de um lado para o outro, ele jogou a blusa dele e a pistola na areia.

– Amor, olha como eu deixo Demi Lovato no chinelo! – Avisou com uma voz engraçada por ter bebido um pouco e eu o olhei.

Ele fazia as coreografias – completamente fora do ritmo – como as do clipe da música. Fazia caras e bocas mordendo os lábios e bagunçando os cabelos... O topete já era! Gargalhava dele sem parar.

– Você é um idiota! – Fui até ele para um abraço apertado onde ele me ergueu com força do chão, me rodando.

Meu peito descia e subia com força, pela

PERIGOSAS ACHERON

respiração e o coração saltando de felicidade. Mordi o lábio dele com força, que passou suas mãos devagar pela minha bunda. Puxei seu cabelo com força em resposta. Estávamos um pouco afastados de todos, então, não liguei.

Ouvi ao fundo, a música maravilhosa ainda tocando e as quebras das ondas do mar. Meus cabelos esvoaçaram de novo devido ao vento.

Preciso de mais alguma coisa?

Não, definitivamente, não preciso mais de nada!

Aprender a Lição

*“A gente nunca pode julgar
o que acontece dentro dos outros.”*

Caio Fernando Abreu

Maria Clara

Feliz pelo mês do meu aniversário ter chegado, decidi que iria começar a dirigir e ainda não conseguia parar de rir da minha primeira aula de direção. O táxi parou em frente à minha casa e antes de sair, dei algumas notas ao taxista desejando-lhe boa tarde.

Caminhando em direção a porta, peguei o celular e mandei uma mensagem para Brandon:

“Primeira aula prática concluída. Fui bem (juro), pelo menos todos saíram vivos! Com amor, MC.”

Entrei em casa e caminhei em direção as escadas para ir ao quarto tomar um banho.

– Demorou, hein?! – Ouvi minha mãe dizer e tomei um pequeno susto colocando a mão no peito assim que passei pelo hall que dava acesso a minha sala de estar.

– Oi, mãe, achei que já estivessem em Miami. – Comentei entrando na sala e olhando meus pais sentados no sofá.

Estranhei. Assim que saí pela manhã, os dois estavam se aprontando para uma viagem para Miami a trabalho. Então cheguei e os dois estavam ali, as duas malas prontas ao lado do sofá.

– Aconteceu alguma coisa? – Foi só eu fechar a boca para minha mãe morder o lábio e fungar, segurando um choro silencioso. – Mãe? Está chorando?

– Não posso? – Sua voz soou seca e irônica. Meu pai não havia aberto a boca ainda. – Me responde você, Maria Clara! – senti um frio na espinha. A voz dela continuava irônica. – Não posso estar emocionada ao saber que serei... Avó?

Meu coração deu um salto de mil metros. Como se eu tivesse acabado de cair de surpresa de um penhasco, eu me segurei na parede, na entrada da sala onde eu estava parada. Fiquei completamente gelada.

O olhar de Claudiana era duro, em brasa. Eu nunca a tinha visto assim e precisei de alguns segundos para raciocinar o que ela tinha dito.

Putá que pariu!

– O quê?! – Foi à única coisa que saiu de minha

boca.

– O quê? Digo eu! – Gritou ela me olhando. – Eu não consigo acreditar que isso possa estar acontecendo!

– Mãe, olha... Quem te falou uma coisa dessas? – Minha boca estava seca.

– Isso não importa agora! Maria Clara, como você teve coragem de me esconder uma coisa dessas?

– Quem te contou isso, mãe? – Insisti. – A senhora não pode acreditar em tudo o que dizem por aí.

– E você acha que nem em minha melhor amiga eu posso confiar?

– Ela arqueou a sobrancelha. – Me ligou hoje de manhã desejando muitas felicidades ao meu netinho, me parabenizou por ser avó! – Dizia ela sem acreditar no que falava. – Você tem noção do que é isso?

– E porque a srta. Devis falaria uma coisa dessas pra você? – Minha coluna inteira estava gelada.

Porque a mãe de Melanie tinha alguma coisa com o meu filho?!

– Porque ela ouviu suas amiguinhas falando do novo sobrinho no fim de semana! – Clau gritou, com ódio. – Satisfeita? – Engoli em seco. Ficamos em silêncio por alguns segundos. – Como você teve coragem de esconder uma coisa dessas de mim? – Repetiu a pergunta anterior.

Fiquei olhando para ela sem saber o que falar. Mas eu tinha que falar alguma coisa, era agora ou nunca. Eu estava aflita, afinal, ela estava brava e completamente magoada comigo.

Oh, meu Deus, não era para ser assim...

Instantaneamente, coloquei minha mão no bolso de trás da calça, pegando o celular e discando o número do Brandon.

– Dá pra você guardar essa merda um minuto e me dar explicações? – Ouvi a voz de minha mãe e levantei o olhar.

– Espera! Vou pedir para Brandon... hm, vir pra cá. – Minha voz saía baixa demais, parecia até que estava sendo julgada por ter matado alguém.

– Isso, liga mesmo. – Ouvi a voz firme do meu pai. – Quero conversar com ele.

Putá que pariu! Cacete!

Todos os palavrões possíveis invadiam minha mente naquele momento. Eu só queria que tudo terminasse bem. Ai, não era para eles terem descoberto dessa maneira, eu ia contar!

– Campbell? Tem como você vir aqui em casa agora? Meus pais querem falar conosco, é urgente.
– Pedi em um fôlego só assim que ele atendeu.

– *Chego em um minuto.* – Respondeu antes de desligar, sem fazer perguntas.

Guardei o celular no bolso e corri para o sofá, me sentando nele e esperando a bronca vir em cima de mim.

– Você não vai falar mais nada? – Perguntou minha mãe e eu respirei fundo olhando dela para o meu pai.

Os dois me olhavam sérios, pensativos, decepcionados.

– Eu ia contar... – confessei.

– Ia? Quando? – Minha mãe estava com a testa franzida. – Quando estivesse em trabalho de parto?

– Só estava esperando a hora certa. Olha, mãe... eu...

Pedi totalmente a fala. Não havia nada que eu
PERIGOSAS ACHERON

pudesse falar naquele momento que diminuísse a raiva e a tristeza que os dois estavam sentindo por mim naquele instante.

Pensa, Maria Clara, pensa!

– De quantos meses você está?

– Estou só de cinco semanas...

– Cinco semanas! Maria Clara, não são cinco dias. Você esconde uma gravidez dos seus pais por cinco semanas! Você tem noção da merda que você tá fazendo? – Gritava ela.

– Mãe, calma... – pedi com o choro na garganta, parecia até uma criança de quatro anos de idade.

– Impossível ter calma numa hora dessas!

– Claudiana, gritar não vai resolver nada... – dizia meu pai, mas eu sabia que no fundo ele estava tão irritado quanto ela.

– Nada do que fizermos agora vai resolver, Logan! Então me deixa gritar em paz! – Ela andava de um lado para o outro da sala. – Não é possível... Avó, eu serei avó! – Sussurrava ela para si mesma.

– Desculpa, mãe...

– Eu dizia tanto pra você se prevenir, tanto...

Mesmo brincando eu estava falando sério e achei que você não fosse tão burra a ponto de transar sem camisinha... Onde eu estava com a cabeça em confiar em vocês? Hein? O Brandon é outro! Ai, meu Deus!

– Nós usamos camisinha, mãe... – comecei a mentir. *Não fiz mal, fiz?* – Só que estourou e talvez o remédio... Tenha falhado. – Suspirei.

Abaixei a cabeça por alguns segundos, enterrando-a nas mãos, já que meus cotovelos estavam apoiados nos joelhos. Nenhum dos dois me respondeu, então o silêncio tomou a sala por alguns instantes. Até eu ouvir duas batidas à porta e logo Brandon entrar por ela com um olhar tenso.

– Brandon! – Exclamou minha mãe, fingindo estar empolgada com um sorriso irônico no rosto.

– Clau, Logan... – sussurrou ele e ao cruzar os olhos comigo, o chamei com o dedo rapidamente e ele se sentou ao meu lado. – Sobre o que querem conversar?

– Sobre você ter engravidado minha filha. – A voz de Logan saiu firme e forte de sua garganta.

Senti meu corpo gelado. Meu Deus, quando isso

vai acabar?

Brandon olhou para mim e molhou os lábios involuntariamente, o olhei séria, apertando a mão dele, passando conforto.

– Logan, eu ia contar pra você. – Repetiu ele a mesma coisa que eu.

– Ia? – Gritou meu pai. – Eu confiei tanto em você, cara... – avisou meu pai, meu peito estava a ponto de rasgar. – Existem tantos métodos anticoncepcionais por aí... Por que vocês deixaram que isso acontecesse?

– Foi um erro! – Avisei. – Nós não pensamos na hora...

– Um erro? Como você consegue ser tão vagabunda, garota? – Gritou minha mãe se aproximando de nós e senti meus olhos queimando, marejados.

Vagabunda? Foi isso mesmo que eu ouvi?

– Mãe! Não precise falar assim, eu nunca pensei que... – pedi inocente, humilhada, me sentindo um grão de arroz.

– E eu nunca pensei que criaria uma filha e que com menos de 18 anos de idade, ela engravidasse.

O mundo gira, não é mesmo?

Minhas palavras sumiram. Minha mãe estava irreconhecível.

– Olha, primeiro que o meu filho não foi um erro, se aconteceu foi porque Deus quis assim. – Afirmou Brandon nos fazendo olhar para ele. – Segundo que nós nos prevenimos sim, mas...

– Vocês só queriam curtir e curtir, sem nenhuma responsabilidade, não é? Sem ter a noção de que poderiam ser pais jovens... Isso é ridículo! – Meu pai passou a mão nos cabelos. – Se vocês pensam que é algo fácil, pode ter certeza que não é. E você... – meu pai olhou fixo nos olhos de meu namorado. – Fique sabendo que vai ter o teu sobrenome na certidão dele.

– Calma, Logan! – Pediu Brad, firme. – É lógico que vai ter o meu sobrenome! Eu vou assumir e criar essa criança!

– Ah, vai? – Meu pai soltou um riso irônico. – Com que dinheiro? Com o da Elizabeth ou do Jeremy? A vida é mais que isso, Brandon! Mais do que festas, sexo, mulheres... Saiba disso!

– Sei bem disso, não sou tão burro.

– Ah, está parecendo! – Meu pai andou até o outro lado da sala enquanto Brandon abaixava a cabeça.

– Será que dá pra vocês pararem, por favor? – Pedi, já chorando. – Nós erramos, mas isso não vai mudar... E desculpa não ter contado, estávamos com medo. De reações desse tipo, por exemplo.

– E que reação você queria que nós tivéssemos, minha filha? – Meu pai me olhou. – Fomos ótimos com você a vida toda! Todo mundo vê isso! Você mora na melhor casa, estuda no melhor colégio, tem as melhores roupas, eletrônicos e nossa presença contigo. – Explicava ele. – Mesmo vez ou outra viajando a trabalho, sempre estamos presentes e conversamos tanto sobre tudo... Você parecia tão inteligente, Clara.

– Sou inteligente, pai! – Rebatí.

– Você está falando como se a garota tivesse culpa sozinha, Logan, isso é errado. – Brandon o olhou, os olhos sérios, seu corpo estava rijo ao meu lado. – A criança é o nosso filho, eu vou estar aqui também, para dar as mesmas coisas que você um dia deu a Maria Clara. Tanto coisas materiais como

explicar o mundo a ela.

– Ah, menos mal! Não irá fazer mais do que a sua obrigação! – Rebateu Claudiana, sentada com o corpo relaxando em um sofá próximo.

Apertei a mão de Campbell, seus dedos estavam entrelaçados aos meus.

O silêncio voltou àquela enorme casa. Apenas dava para ouvir o vento batendo na janela naquela tarde de segunda-feira, 14h e pouco. Com aquele clima frio e chuvoso, só deixava as coisas mais pesadas, pelo menos a meu ver. Eu estava bem tensa.

– O pior de tudo, é saber que isso vai ferrar com a carreira de vocês. – Comentou minha mãe, novamente.

– Não, Clau, não vai. – Rebateu meu namorado. Ele sempre pensava em tudo... Agradeço a Deus todos os dias por ele existir. – Olha, a gravidez dela está no começo e assim, nós vamos nos esforçar nos estudos e se for preciso, posso até arrumar emprego, enquanto isso. – Fez uma pausa. – Quando o bebê nascer, já vamos estar quase formados e quando ele estiver grandinho, a Clara

faz uma faculdade.

– Isso é um atraso de vida, Brandon! Você não vê? – Perguntava ela.

– O bebê é um atraso de vida, mãe? – Perguntei séria, eu estava a ponto de desmoronar a qualquer momento.

Tudo que ela falava - mesmo sendo verdade - me parecia um absurdo!

Ela estava realmente chateada.

– Que seja! – Os olhos dela rolaram.

Respirei fundo novamente.

– Olha, Brandon e eu fizemos essa criança, nós que vamos dar um jeito de criar, conciliar os estudos e os trabalhos... – avisei. Era estranho falar algo assim, pois isso era coisa de gente mais velha e não de adolescentes de 17 e 19 anos. Mesmo assim, eu disse, depois soltei um suspiro. – Eu só queria que vocês dois não ficassem chateados comigo.

– Estou com o meu sangue fervendo, Maria Clara, como você quer que fique tudo bem? – Meu pai soltou a voz dessa vez. Não me aguentei, abaixando a cabeça e deixando que as lágrimas

PERIGOSAS ACHERON

saíssem. Apertei com força a mão de Brad que estava em meu colo, ele não se importou com a dor.
– É difícil acreditar que você nos decepcionou.

Meu coração era pisado aos poucos. Era horrível ouvir coisas daquele tipo. Eu só queria que eles me apoiassem. Eu não precisava do dinheiro, nem da ajuda deles, eu só queria apoio... Suspirei mais uma vez.

– Você não pode continuar aqui. – Minha mãe disse séria, depois de enxugar as lágrimas e eu levantei os olhos.

– Mãe, você... – minha voz sumiu, meu namorado permanecia estático ao meu lado. – Você não vai fazer isso, vai?

– Vou. Você teve a liberdade de fazer um filho, nos decepcionar e esconder isso de nós. Então, tenho o direito de te colocar pra fora de casa, afinal, a casa é minha e você já vai fazer 18 anos.

– Mas... Onde eu vou morar?

Mano, que pergunta era aquela que eu estava fazendo?

– Sei lá, na casa do pai do seu filho, quem sabe?

– Ironizou meu pai e senti meu corpo

completamente mole.

– Logan! Claudiana, olha a burrada que vocês estão fazendo! – Gritou Brandon e me assustei com seu tom de voz. – A garota é filha de vocês, nunca errou e desrespeitou vocês e só porque está... Grávida, vocês vão expulsá-la da própria casa?

– Primeiro; abaixa o tom de voz, você não está falando com seus amigos. Segundo; a casa é minha, eu decido o que fazer e terceiro; gravidez não é algo pequeno, não é nada fácil e vocês precisam aprender a lição! – Gritou meu pai em resposta e voltei a chorar baixinho, assim como minha mãe no sofá.

Brandon bufou, irritado ao meu lado e Logan afundou o rosto em suas próprias mãos de novo.

Meu Deus do céu, que cena ridícula!

Suspirei mais uma vez.

Brandon

– Quer saber? – Levantei-me do sofá num pulo. – Vem, amor. – Segurei Clara pela mão, que me olhou sem entender. – Eles querem que você saia da casa deles, então aqui você não fica.

– Mas... – ela tentou falar, se levantando devagar e entrelacei meus dedos nos dela.

– Nada, mas nada! Vamos sair daqui. – Puxei-a, fazendo Claudiana e Logan me olharem perplexos.

Ué, por que a surpresa? Não foram eles mesmos que acabaram de expulsar a própria filha de casa só porque ela engravidou? Pois bem! Naquela casa ela não fica mais!

Ao sair pela porta, nenhum dos dois foi atrás de nós e eu respirei fundo ao abrir a porta do carro estacionado na garagem reservada para mim no jardim dos Miller e olhei Clara.

– Ei, relaxa... – vi sua tensão, ela estava até mole e eu, bem irritado. Tentei manter a calma para ajudar minha grávida. – Estou aqui. – Avisei dando um beijo em seus lábios e colocando-a sentada no

banco do passageiro. Ao fechar a porta, dei a volta no carro e sentei no banco do motorista. – Vamos lá pra casa, está bem? Você precisa comer e descansar. – Maria Clara só meneou a cabeça e eu liguei o motor do carro.

O caminho todo, ninguém disse uma palavra. Maria Clara continuava chorando e eu não pedi que ela parasse, até porque, sabia que ela precisava. Quando estacionei na porta de casa, mal o tranquei e ajudei ela a sair do carro. Entramos em casa e minha mãe estava sentada na sala assistindo a um filme, toda confortável.

– Linda? – Chamei a governanta que apareceu no segundo seguinte ao meu lado. – Pega um copo com açúcar pra Maria Clara, por favor. – Ela consentiu sem perguntar nada e foi fazer o que eu mandei.

– Clara, querida, o que houve? – Perguntou minha mãe, se aproximado de nós e me ajudando a colocar minha namorada sentada no sofá.

Ela estava mole como uma folha de papel. Enxugou as lágrimas, mas não adiantou, já que não

PERIGOSAS ACHERON

parava de chorar um segundo.

– É uma longa história, mãe. – Avisei sentando ao lado de Clara, que respirou fundo. – Ei, fica calma... – passei meus dedos no rosto dela devagar. – Você nunca vai ficar sozinha, estou aqui, amor. – Tentava confortá-la de algum jeito, mas era quase impossível.

– Me conta, por favor. – Eliza tinha um olhar preocupado em minha frente, sentada no mesmo sofá onde estava há minutos.

Respirei fundo, passando a mãos nos cabelos. Belinda chegou com um copo com água e açúcar e entregou a Clara, que agradeceu e tomou sem reclamar.

– Mãe... A Maria Clara está esperando um filho meu. – Revelei sem rodeios e quando olhei para ela, vi seus olhos arregalados e sua mão tampando a boca. – Os pais dela a expulsaram de casa.

– Mas... Como isso foi acontecer?

– Aconteceu, só aconteceu. – Avisei. – Por favor, sem sermões agora, sei que foi errado, que era para termos nos prevenido e que não é fácil ter um filho. Já sei disso tudo. – Andei pela sala. – Só acho que

foi ridículo a atitude dos Miller de ter expulsado a própria filha de casa! Eu não estou mais aguentando! – Explodi.

– Calma, filho. Você precisa me explicar o que está acontecendo...

– Muita coisa, mãe, muita coisa! Eu não posso mais respirar que acontece merda, sabe? É ex-namorada no meu pé, é meus sogros quase arrancando meu pinto fora, namorada grávida... Senhor, eu só quero paz!

– Gritei sem pensar.

Meus cabelos estavam fora do lugar, de tanto que eu passava a mão.

Quando dei por mim, Maria Clara estava tentando não chorar, mas era quase impossível. Sentei-me novamente ao lado dela.

– Desculpa. – Sussurrou ela encostando o rosto no meu peito. – Não queria te causar tanto problema.

– Não precisa se desculpar. – Respirei ofegante. – Eu te amo, você não tem culpa de nada, só quero que fique calma. – Ela consentiu devagar e sequei suas lágrimas.

– Clara... Pequena, olha pra mim. – Pediu Elizabeth, tentando acalmá-la. Respirei fundo olhando as duas, minha mãe estava em choque, mas tentou ajudar minha namorada primeiro, para depois surtar pelo fato de ser avó. – De quantos meses você está?

– Um. – Clara suspirou por alguns segundos, até levantar o olhar, seus olhos estavam um pouco vermelhos e inchados.

– E você já foi ao médico?

– Ainda não.

– Precisamos marcar, não é? Temos que ver como o meu netinho está aí dentro. – Disse doce e minha namorada abriu um sorriso fraco. – Bom, eu não sei o que falar... E quando você descobriu, o que fez?

– Ah, eu senti medo, por tudo, aliás. Mas eu estou tentando me acostumar, Brandon sempre esteve comigo, temos que aprender e entender que seremos pais. – Clara respondia baixinho, mas o suficiente para que escutássemos.

Fiquei aliviado por alguns segundos, por vê-la falando.

– Olha, eu estou... – minha mãe arregalou um pouco os olhos. – Assustada. Não por ser avó, bom, também, mas por saber disso tão cedo...

– Desculpa. – Maria Clara pediu cortando-a.

– Não precisa, de verdade. Está tudo bem... Se precisar de ajuda, estaremos aqui, viu?

– Obrigada, muito obrigada. – Sussurrou ela abraçando minha mãe com força, correspondendo ao ato e passei minha mão nos olhos. – Fique aqui o tempo que precisar, ok? Quer que eu ligue pros seus pais?

– Não, não ligue. – Avisei e elas me olharam. Clara secou as poucas lágrimas. – Só quero que a senhora deixe que ela fique aqui por um tempo... Algum problema?

– Nenhum. – Minha mãe sorriu de lado, pegando o copo de açúcar em cima da mesinha de centro e dando para Clara terminar de beber e assim ela fez.

Sorri para as duas.

As coisas iriam se resolver, aliás, sempre se resolvem.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Noite dos Amigos

“A gente não faz amigos, reconhece-os.”

Vinícius de Moraes

Maria Clara

Lauren, Susan e eu estávamos no apartamento de Melanie uma semana depois de eu ter sido expulsa de casa. A noite estava sendo ótima! Nós quatro estávamos assistindo o DVD de Atividade Paranormal enquanto comíamos besteira.

O meu celular vibrou em cima da mesinha de centro e o peguei, sem ao menos ver o número, atendi.

– *Velho, eu vou matar esses filhos da puta!* – Resmungou Brandon do outro lado da linha.

– Oi, amor, também estou com saudades!

– *O que eles têm na cabeça pra devorarem toda a minha geladeira e ficarem apelando no jogo por mais de três horas?*

– São seus amigos, amor. – Avisei, soltando um riso por ouvir os garotos rindo dele do outro lado da linha.

Estavam todos na casa de meu namorado, iam dormir lá.

– *Sei que são meus amigos, mas eu trocaria todos*

eles pra ter você aqui.

Sorri ao ouvir sua voz.

Ele e eu estávamos longe um do outro fazia apenas 5 ou 6 horas, mas eu já estava com saudades. Durante todo esse tempo estávamos morando juntos, Elizabeth foi em minha casa no mesmo dia que teve toda aquela confusão e pegou meus pertences essenciais, desde então a gente vive juntos 24 horas por dia.

– Vamos nos ver amanhã, para de drama. – Brinquei.

As meninas resmungaram por eu estar falando no celular enquanto elas estavam vidradas e tentando se concentrar no filme.

– *Preciso de você.*

– Eu sempre estarei presente.

– *Você sempre está. Mas preciso de mais.*

– Você terá mais. – Soltei um riso, sua voz de desespero era um tanto engraçada.

– *Ah, eu terei? E você me fala isso agora porque está longe de mim.*

– Como se a base de um namoro fosse só sexo. –

Respondi e ele bufou do outro lado da linha.

– *Não é a base, é essencial e você sabe disso.*

Respirei fundo.

– *Como está tudo aí?*

– Tudo ótimo. Melanie alugou até uns strippers...

– ouvi minhas amigas gargalhando pelo que eu disse.

– Ah, é? Então estamos kits. – Riu ele.

– Engraçadinho.

Soltamos um riso baixo e depois o silêncio tomou conta da ligação, até eu sorrir dizendo:

– É amanhã... – senti um frio na barriga ao lembrar.

– É sim. – O imaginei sorrindo. – *Fique calma, Clara.* – Pediu ele. – *Como está meu filho?*

– Gordo, eu acho. Não parei de comer a noite toda.

– *Ah, nossa!* – Ele soltou uma risada baixa, gostosa de ouvir, como se o que eu tivesse dito fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Estou grávida, eu tenho que comer. – Rebatu. – Por dois ainda.

– *Imagina se você está comendo por três, amor? Gêmeos, que coisa linda!* – Senti um frio na espinha.

– Ah, menos, Brad, bem menos! – Respondi. – Vou ter que desligar, as garotas vão me matar aqui.

– *Divirtam-se, eu te amo.* – Desligamos.

Voltando ao filme, a comida e as garotas, eu só sabia pensar no ultrassom que iria fazer no dia seguinte para ver meu filho pela primeira vez.

Momento Único

“Seja positivo. A vida retribui.”

Caio Fernando Abreu

Maria Clara

– Amor, você tem certeza que pegou o pen drive?
– Perguntei.

– Peguei! Oh, meu Deus do céu! – Resmungou Brandon enquanto eu colocava o cinto.

Elizabeth dava risada no banco de trás.

Faltavam alguns minutos para a consulta que marcamos para mim, o hospital era perto, então não chegaríamos atrasados.

Passei minhas mãos por cima da blusa larga bege que eu usava junto com uma legging preta e uma jaqueta. Estava uma garoa fina em Los Angeles naquela manhã o que deixava o momento ainda mais especial.

Eu estava bem animada, Brandon também, mas não como Elizabeth.

Assim que a olhei pelo retrovisor, sorri. Ela sorriu de volta.

Ah, aquela mulher estava sendo um anjo em minha vida! Estava sendo como uma segunda mãe para mim, sem dúvida.

Bom, já que a primeira mãe não queria saber nem que eu existia. Desde que eu saí, ou melhor, fui expulsa de casa, ela não me procurou. Telefonou-me umas duas vezes, mas antes mesmo que eu pudesse atender, a ligação caía ou ela mesma desligava – creio eu – por ter se arrependido de ligar.

Eu sabia o quanto aquilo era doloroso para ela, tanto quanto era para mim. Estava morrendo de saudades! Da minha casa, das minhas coisas, minha cama, de Angel... Dos carinhos dos meus pais.

Só de imaginar que daqui para frente as coisas iam ser totalmente diferentes, me batia um desespero, uma tristeza, um desconforto. Era tudo desconhecido, o último ano no colégio, estar vivendo em outro lugar, o bebê...

Brandon chamou minha atenção ao colocar sua mão em cima de minha coxa e fez um carinho de leve nela.

– Tudo bem? – Ouvi sua voz e levantei o olhar, sorrindo de lado ao mexer a cabeça para cima e para baixo.

Fui com a minha boca em direção a dele,

PERIGOSAS ACHERON

depositando um selinho antes do farol abrir e ele continuar a dirigir até o hospital.

Brandon

O médico, Sr. Copplen, de avental branco e óculos, nos cumprimentou e nos atendeu muito bem. Fez algumas perguntas para nós, fez a ficha de Maria Clara e alguns exames, tanto de sangue como outros mais simples.

Durante a conversa que estávamos tendo com o doutor, Maria Clara quase explodiu de tão vermelha que ficou, só porque eu perguntei ao médico se fazer sexo poderia influenciar alguma coisa durante a gestação dela e o médico disse um “sem problemas” com um sorriso tímido no rosto. É claro que eu sabia que poderíamos sim, mas não custava nada perguntar.

Agora estávamos indo para uma sala ao lado, para fazermos o ultrassom, onde Clara sorriu para a médica negra e gentil ao nosso lado ao se deitar numa cama ao lado de alguns aparelhos.

- Primeiro filho? – Perguntou a doutora.
- Sim. – Respondi ao me sentar na cadeira ao lado da cama.

Minha mãe estava ao meu lado e eu peguei na mão de minha namorada, que sorriu para mim quando a médica levantou sua blusa, deixando sua barriga a mostra.

– Vamos ver como está essa criança?

Fiquei vendo tudo o que ela fazia detalhadamente, ao pegar um gel, que talvez tenha um nome específico, mas que eu não sabia e aquilo pouco me importava na hora, eu só queria ver meu filho.

Falando assim, parece até que ele estava nascendo, mas não, era só um ultrassom e mesmo assim eu estava feliz. Clara apertou minha mão de leve enquanto a moça espalhava o gel em sua barriga, constatei que aquilo estaria gelado. Suspirei me lembrando do pen drive, na mesma hora em que a médica olhou para pequena tela em sua frente.

– Vão querer registrar algo? – Clara consentiu sorrindo e peguei o pen drive, entregando para ela que colocaria imagens de meu filho ali para nós.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, até a médica passar o pequeno aparelho na barriga de

minha mulher.

Segundos depois, uma pequena sombra branca apareceu de leve no visor do aparelho, me fazendo abrir um sorriso. Devagar, a imagem ficava mais ampla, mais clara, mesmo com os borrões em preto. Clara apertou minha mão.

– Aqui está a cabecinha dele, estão vendo? É bem pequena, já que ele ainda está em formação. – Mostrava a médica, com o dedo apontado para o local e eu sorri mais ainda.

Dava para ver um pouco, mas me deixou tão bem. *Meu Deus, era a cabecinha do meu filho ali!*

A médica continuava a passar o aparelho na barriga de Maria Clara e apontar no visor o corpinho, o minúsculo pé...

Oh, Deus, era tão bonitinho!

Nunca fiquei tão feliz ao ver uma imagem antes.

– Dá para ver o sexo dele? – Perguntei depois de longos minutos.

– Bom... – ela esperou mais uns segundos, registrando algo com uma mão em uma folha, enquanto a outra ainda na barriga de minha mulher segurando o aparelho. Olhou a tela por alguns

segundos. – Ainda é muito cedo, ela está só de sete semanas... Vocês só podem saber com dezesseis ou dezessete semanas, mais ou menos. – Avisou ela com um sorriso no rosto e eu sorri de volta.

A sala ficou um silêncio por um tempo. Queria tanto saber o sexo dele! Mas suspirei, esquecendo desse detalhe por um tempo. Apertei a mão de Clara ao olhar para ela, que também sorria com lágrimas nos olhos para o monitor.

Minha mãe estava tão feliz quanto nós, boba ao nosso lado com lágrimas nos olhos e tudo.

Nunca me imaginei assim.

Aquilo era ótimo, um momento único, exclusivamente único e nosso.

Como da Primeira Vez

*“Amor não é aquilo que queremos sentir
e sim aquilo que sentimos sem querer.”*

Joice Colli

Maria Clara

– Qual o seu sonho? – perguntei para Brandon que estava em minha frente na piscina coberta e aquecida minutos depois de termos entrado e dado uns mergulhos.

– Meu sonho? – Brandon me olhou.

– Sim. – Passei meus braços em volta do pescoço dele, que estava encostado na extremidade da piscina.

– Você. – ele disse. – Você é meu sonho.

– Boa resposta. – Soltei um risinho. – O meu sonho... – fiz uma pausa. – É ter uma família, sabe? Uma boa qualidade de vida, com meu filho, um trabalho, o que eu mais quero, claro e você sendo o meu marido.

– Marido?

– Sim, marido.

– Sério?

– Seríssimo. – Comecei um beijo rápido, não deixando-o responder e ele continuou fazendo carinho em minhas costas.

– Queria te perguntar uma coisa. – Ele se afastou me olhando. Fiquei em silêncio para que ele continuasse: – Você vai querer casar? Só porque teremos um filho?

– Isso é um pedido? – Arqueei as sobrancelhas.

– A menos que você queira que seja.

– Brad, eu não acho uma boa. Pelo menos, não agora... – fui sincera vendo em seus olhos o alívio transbordar.

– Sério? Eu concordo com você. Ainda está tão cedo.

– Uhum. – Resmunguei sorrindo e lhe dando um beijo.

Mordi os lábios dele com força ao apertar minhas pernas em sua cintura, roçando minha intimidade na dele, atijando-o.

Oh, meu Deus!

Ouvi trovões de novo ao longe e depois a chuva caindo no teto de vidro da piscina coberta e eu me arrepiei inteira. Sorri.

Borda da piscina. Sexo.

Fizemos amor como da primeira vez.

Ao cessar a respiração, abracei Brandon ao meu lado, com os olhos fechados e o nariz enterrado em seu peitoral. A chuva estava mais fraca, nossos corpos completamente molhados e gelados.

– Pronto, você ganhou o que queria. – Falei olhando para ele que revirou os olhos fingindo estar bravo e depois nós dois soltamos um riso.

Seus dedos faziam carinho em meu ombro e eu ouvia seu coração bater no ritmo de uma melodia em seu peito. Eu fazia carinho em algumas de suas vinte e sete tatuagens lindas e que eu amava tanto.

– Seu coração está acelerado. – comentei.

– Culpa sua, pequena. – avisou ele. – Você me faz feliz.

– Posso fazer isso pra sempre?

– Você deve! – Falou ele e soltei um riso. Poucos segundos foram o suficiente para ele se levantar num salto me dando um pequeno susto. – Oh, droga!

– O que houve? – levantei-me ao observar ele indo buscar duas toalhas no pequeno armário da

parede ao lado da geladeira.

– Seu corpo está quente por conta da água, você está nesse chão gelado, está frio, amor. E essa chuva... – ele olhava para cima onde a chuva caía no vidro. – Vai te dar uma gripe! – Então abriu uma das toalhas. – Levanta. Você está grávida, pode adoecer. Me mato por isso. – Esperei uns segundos para ficar de pé.

– Mas e as coisas? – Me referi a nossas roupas, uns pratos vazios onde havíamos acabado de comer sanduíches e copos vazios de suco natural que havíamos tomado também.

– Belinda pega pela manhã. – lembrou ele.

Eu me enrolei na toalha e ele tinha enrolado a outra em seu corpo.

Nós dois seguimos para dentro de casa em passos largos, abraçadinhos e em silêncio. Ao secarmos os pés no tapete, Brandon fechou a porta de vidro que dava acesso ao jardim.

Meus dentes batiam uns nos outros por conta do frio.

– Você precisa se aquecer. – Falou Brandon enquanto subíamos as escadas, sua voz e seu olhar

PERIGOSAS ACHERON

eram preocupados.

– Relaxa, amor. – respondi baixo ao fechar a porta do quarto atrás de nós. – Estou bem.

– Não quero te ver doente, por favor, tome um banho quente e se aqueça. Vou preparar um chocolate quente e acender a lareira pra você. – Ele me deu um selinho me passando conforto.

Enquanto Brandon ia até o closet, fiquei paralisada no meio do quarto coberta pela toalha só refletindo sobre o que havia acontecido há minutos. Assim que ele voltou, seco com uma calça e uma blusa de moletom, os cabelos bagunçados e úmidos, me jogou um olhar repreensivo.

– Amor, o banho! – Reclamou para que eu mexesse a cabeça em afirmação e fosse em direção ao banheiro, sorrindo, sentindo uma paz no peito.

Brandon e eu tínhamos 1 ano e 10 meses de namoro, mas parecia que tínhamos acabado de nos conhecer, onde tudo estava cor de rosa, os hormônios a flor da pele, a barriga gelada... Soltei uma risada baixa já dentro do chuveiro tomando um banho quente, agradecendo mentalmente por ser amada

A chuva lá fora não parou e a noite estava prazerosa, quente e longa. Deitamos juntos em uns edredons jogados em frente a lareira enquanto tomávamos chocolate quente e assistíamos seriados de terror no Netflix em meio a beijos gostosos e intermináveis.

Amar é viver.

18 anos de Maria Clara

*“O primeiro a pedir desculpas é o mais corajoso.
O primeiro a perdoar é o mais forte.
E o primeiro a esquecer é o mais feliz.”*

Autor Desconhecido

Maria Clara

Querendo ou não, o mês de dezembro passou voando e eu me dediquei totalmente a aprender a dirigir, ia para as aulas teóricas e práticas da escola de direção, sem contar em todas as tardes em que Brandon me levava a ruas distantes para que eu pudesse praticar mais.

Ah, e deu tão certo! Eu me distraía tanto dirigindo, estava amando, não tinha mais medo, nem ficava nervosa, só ansiosa e contente como uma criança que tinha acabado de ganhar um brinquedo novo.

E por falar em criança...

Era dia 24 de dezembro, véspera de Natal. Jeremy nos convidou para passar a ceia de Natal em sua casa, Elizabeth iria conosco e ia ser ótimo! Não fazia nem uma semana direito que Brandon e eu fomos dar uma passada na casa do meu sogro para dar a notícia do bebê e ele ficou todo feliz, juntos de Erin e as crianças.

Ah, meus cunhados! Molly quase chorou de

felicidade e Julian não desgrudou de minha barriga um minuto sequer. Só de lembrar, meu coração queimava de felicidade no peito!

Só não mais, por sentir saudade do meus pais. Por alguns dias, Brandon me viu chorar de saudade deles e me deu colo, conversou comigo. Queria tanto que tudo pudesse voltar a ser como antes... Onde eu até pudesse ligar!

Queria tanto ligar! Para os dois, para Angelick, contar como meu filho estava crescendo, me deixava com fome e enjoada ao mesmo tempo, contar de Brandon, do ultrassom, ouvir alguma brincadeira de Claudiana que fizesse com que eu me sentisse mais madura. Mas nunca, nunca liguei. Nunca tive coragem.

Para mim, querendo ou não, eu seria a errada da história. Eu os desapontei, os decepcionei muito e não queria que eles passassem por isso nunca mais. Estava tentando deixar de ser criança para enfrentar meus problemas, minhas responsabilidades e minha vida. Meus 18 anos estavam em minha cara e eu precisava enfrentá-los.

Eu estava terminando de colocar um vestido azul

de mangas longas por cima de minha meia calça dentro do closet de Brandon quando meu celular tocou. Achei que fossem meus amigos mudando de ideia e aceitando passar o Natal comigo na casa do meu sogro que fez questão de convidar todos, mas que se recusaram por terem que passar cada um com suas respectivas famílias, mas não, era o nome do meu pai que brilhava no visor.

Com um nó na garganta, atendi colocando o celular no ouvido em seguida:

– *Maria Clara?* – Ouvi a voz de Logan e quase me faltou o ar.

– Olá. – Foi a única coisa que consegui dizer.

– *Como você está?* – Perguntou baixinho do outro lado.

– Bem. – Respondi rápido.

– *Fico feliz.* – Ele soltou o ar pela boca, como se tivesse aliviado. – *Vi em suas redes sociais a foto do meu neto. Ele está tão pequenininho, mas está lindo, minha filha.*

As lágrimas marejaram meus olhos no mesmo instante.

– Obrigada... – respirei fundo para continuar

falando: – É... Então, Jeremy vai dar uma ceia mais tarde lá na casa dele, pediu que eu os convidasse, eu não sei se estariam dispostos a ir, mas é Natal, então ele e Erin gostariam que vocês fossem, então... – parei de falar e respirei fundo mais uma vez.

Merda! Estava tão nervosa, repetindo e até engolindo palavras.

– É isso. – Finalizei e mordi o lábio.

– *E você? Gostaria que fossemos, filha?*

Apertei mais ainda meus dentes no lábio.

Oh, pai, eu ia amar... Ia amar mesmo!

– Se vocês estiverem disponíveis, é uma boa. E no trabalho, como estão as coisas? Tudo muito bem? – Perguntei quase atropelando todas as palavras na pequena frase.

– *Tudo ótimo, tudo ótimo mesmo.* – Respondeu ele. – *Angelick perguntou de você, perguntou também do bebê, e...*

– Mande um grande abraço pra ela. Eu sinto muita falta. – Falei com aperto no peito.

Angel! Sempre tão carinhosa! Ela iria amar me paparicar só por conta do bebê e eu iria amar ser

PERIGOSAS ACHERON

paparicada por ela. Pena que não deu tempo de contar, saber sua reação, receber a sua ajuda...

– *Maria Clara?* – Meu pai me chamou mais uma vez.

– Sim?

– *Se cuida, viu?! Toma cuidado com o frio e com a neve pra não adoecer. Você está se alimentando?*

Pisquei diversas vezes olhando para cima para me livrar das lágrimas e sem saber o que dizer, disse só:

– Tudo bem.

A porta do quarto se abriu e Brandon colocou a cabeça na fresta, quando me olhou no celular, esperou para dizer qualquer coisa.

– Preciso desligar. Estamos atrasados para... a ceia.

– *Então tudo bem.* – Respondeu Logan. – *Se cuida.* – Ele repetiu antes que eu pudesse desligar.

Apertando o celular entre as mãos, suspirei, morta de saudade.

– Quem era? – Foi só Brandon perguntar para uma lágrima escapar de meus olhos.

– Logan. – Respondi antes de fungar.

– Oh, meu amor... – ele entrou no quarto devidamente arrumado para me abraçar forte.

Em seus braços, recebi conforto e funguei.

– Ele disse que o meu filho é lindo. Chamou até de neto. Pediu para que eu tomasse cuidado. – O apertei o mais forte que pude. – Estou com tanta saudade...

– Eu sei, meu amor. – Brandon beijou o topo da minha cabeça. – Eles amam você, amam muito. Você sabe disso, não sabe?

Não respondi, só o apertei forte nos braços antes de me acalmar e terminar de me arrumar para a véspera de Natal.

A noite foi o que tinha que ser: maravilhosa. E gelada, claro.

Chegamos na casa dos Campbell por volta das 20h da noite e a casa estava impecável, fiquei quase uma hora impressionada com a decoração que Erin fez em boa parte da casa. Eram luzes para todos os lados, bolas brilhantes, uma árvore enorme na sala

ao lado da lareira acesa cheia de presentes que colocamos lá assim que chegamos.

Ah, meu Deus, estava tudo lindo.

Conversamos e rimos a noite toda, eu me sentia em uma família, me sentia confortável e protegida com todos eles.

Faltavam poucos minutos para 00h quando eu dei os presentes que havia trazido a todos eles; Erin, Eliza, Jeremy, Julian e Molly.

Fui surpreendida com um presente também. Jeremy me deu um porta-retratos com todos nós juntos, uma foto que tiramos na última vez que Brandon e eu fomos lá, Erin me deu uma coleção de livros românticos e Molly e Julian me fizeram prometer que *iríamos usar o presente deles, que eram respectivamente: uma caneca escrito em letras cor de rosa “a melhor cunhada do mundo”* e um perfume doce, muito gostoso!

E 0h chegou. Jesus Cristo nasceu e eu também. Sorrindo, desejei Feliz Natal a todos e a sala estava só risadas e com boas vibrações. Foi quando Erin perguntou:

– Podemos comer?

– Claro! – Brandon exclamou me fazendo rir.

Ele estava faminto!

– Esperem! – Pediu Eliza. – Faltou o meu presente pra Clara. Está lá em cima, você pode me acompanhar, querida? – Ela me olhou.

– Posso. – Respondi.

– Esperamos vocês. – Erin sorriu. – Vão rapidinho, tudo bem? E, Elizabeth, se for aquele embrulho que você me entregou mais cedo, está no quarto das crianças. – Informou a madrastra do meu namorando enquanto eu subia os degraus até o segundo andar com a minha sogra.

– Aqui, meu amor. – Foi a primeira coisa que ela disse assim que entramos no quarto das crianças, o pacote estava em cima da cama de Julian. – O presente não é exatamente pra você. É para o meu neto. Mas eu espero que goste. – Comentava ela enquanto eu abria o embrulho amarelo.

Sorri quando abri o macacão médio em meu colo, amarelinho, com um cheirinho gostoso, a coisa mais fofa que eu já vi.

– Ah, que amor, Eliza! – Exclamei cheirando-o e imaginando meu filho ali dentro. – Eu amei.

– Mesmo? – Ela sorriu em minha frente.

– Sim! – Olhei com mais calma.

Tinha detalhes de mamadeiras, brinquedos diversos e chupetas pelo macacão todo que não era pequeno, então não precisava ser usado logo quando ele nascesse. Era lindo. Era unissex. Era o primeiro presente do bebê.

– Eu amei, amei mesmo. – Repeti antes de dar um abraço apertado nela que era baixinha como eu.

Foi quando a porta do quarto se abriu devagar.

– Amor? – Brandon me chamou. – E aí, vamos? Eu estou ficando verde de fome, Maria Clara, verde! – Exclamava ele.

Soltei uma risada.

– Vamos sim! – Falei enquanto caminhávamos para sair do quarto. Eliza foi na frente. – Olha que lindo o que ganhei. É pro bebê. – Mostrei para ele que sorriu.

Os olhos brilhando.

– Lindo amor, lindo! – Comentou.

Quando saímos do quarto, ele segurou minha mão.

– Falta meu presente. – Olhei para ele.

– O seu?

– Claro. – Sorriu. – Só, por favor, não vá se assustar, nem desmaiar. Você tá carregando meu filho. – Avisou ele com os olhos sombrios.

– O que você está aprontando, Brandon Campbell? – Perguntei com a sobrancelha arqueada.

Sem responder, ele pegou em minha mão e desceu as escadas comigo, no andar de baixo, caminhou devagar até a sala da lareira e foi quando eu tomei um susto que quase caí para trás.

Observei os rostinhos de todos antes de abrir o maior sorriso que eu consegui, que me deixou até com as bochechas doloridas.

Ah, meu Deus!

Estavam todos ali, Susan, Connor, Melanie, Ansel, Dexter, Lauren e meus pais! Angelick! Nossa! Mordi o lábio com força para comprimir o desejo de chorar, mas não consegui. Todos gritavam alto e em bom som, juntos como um coro ensaiado:

– Surpresa!

E então, cantaram “*parabéns pra você*”. Apertei o braço de Brandon com força enquanto deixava as lágrimas rolarem.

Se minha noite estava ótima, com certeza agora estava perfeita. Sem faltar nada, nadinha! Caramba, todos vieram, em segredo, mas vieram.

Não deixei com que terminassem de cantar e fui abraçando um a um com força, com carinho, agradecendo por estarem ali. Até Angel, que estava com um pequeno bolo branco com detalhes em vermelho em mãos, com as velinhas 18 em cima.

Meu Deus... Obrigada?!

– Estamos perdoados? – Perguntou Claudiana assim que eu a abracei.

Ela estava chorando tanto quanto eu.

– Eu que preciso ser perdoada. – Falei em seu pescoço, entre soluços. – Não queria nunca desapontar vocês, me desculpa.

– Não tem o que pedir desculpas. O erro foi nosso de ter de abandonado no momento mais difícil e especial. – Ela beijou todo o meu rosto, secando minhas lágrimas que com certeza tinham tirado toda a minha maquiagem e sorria feliz de estar ali.

Logan a mesma coisa.

Ah, que lindo!

Eu sentia uma paz enorme ao abraçar todos e conversar, ouvi o rádio sendo ligado em uma música baixa e agitada, enquanto todos desejavam Feliz Natal entre si, davam risada, vinham me dar presentes, cutucar minha barriga.

Erin nos chamou para a ceia e todos se sentaram para comer e conversar mais. Aquela mesa nunca foi tão pequena! E eu, não parava de sorrir agarrada aos meus pais como uma criança de cinco anos que acabou de achar seus pais depois de se perder no mercado.

A noite seguiu assim, tão alegre, tão gelada lá fora e quente dentro de casa, dentro de todos nós, dentro de mim. Foi o melhor aniversário que eu poderia ter tido, e olha que nem havia amanhecido ainda!

– Maria Clara, temos que te entregar o seu presente! – Exclamou meu pai, surpreso se levantando do sofá em frente a lareira onde batia altos papos com Jeremy.

– Oh, sim! – Exclamava minha mãe se

levantando também. – Já estava quase me esquecendo. – E saiu me puxando em direção a porta.

Ao abri-la, fez carinho em minhas costas enquanto olhava uma das poucas coisas que estava na rua naquele instante. Um carro, de última geração, branco, escandalosamente lindo estacionando na frente de casa com um laço gigante em cima do capô, com alguns viscos de neve por cima dele todo.

Soltei uma risada. Meu Deus, eles só podem estar brincando!

– Mãe, pai, é um carro! – Exclamei surpresa.

Eu ia ficar maluca por tantas surpresas em uma noite.

Eles riram até Clau zombar:

– É mesmo?

– Logo você vai tirar a carta, como vai andar por aí? – Perguntou meu pai. – Você vai emprestar seu carro, Brandon?

– Nunca! – Brincou meu namorado ao meu lado, aproveitei para dar uma cotovelada de brincadeira nele, que riu.

– Então aí está, meu amor. Espero que tenha gostado.

Voei no pescoço dos meus amados pais para abraços apertados como agradecimento, pelo presente, pela noite e pela vida.

Parecia até que estava em um livro romântico e clichê.

Mas, quer saber de uma coisa?

A vida é um livro, um enorme e interessante livro. Você só tem que saber quem vai escrever o seu!

Sempre Bons Amigos

*“Abençoado os que tem amigos, os que os têm
sem pedir.*

*Porque amigo não se pede, não se compra, não se
vende.*

Amigo a gente sente...”

Bentitos

Janeiro de 2010

Maria Clara

– Mas, que merda! – exclamou Susan ao meu lado, assistindo *Juntos Pelo Acaso*, filme que passava em um dos canais da TV do quarto dela. – Por que ela não beija logo esse Deus Grego, cacete?

Era fim de tarde, Melanie estava fazendo a minha sobrancelha enquanto eu estava sentada na cama de Susan e ela ao meu lado, comendo sorvete.

Sim, sorvete no frio.

Os garotos estavam jogando basquete na quadra coberta do apartamento de Dexter a algumas ruas dali faziam boas e longas horas.

– Sabe o que eu acho estranho? – Perguntou Melanie. – Terminei, amor. – avisou me fazendo abrir os olhos e olhar minhas sobrancelhas feitas no espelho.

Estavam ótimas. Davam até um alívio para o rosto.

– Estranho? O que? – Perguntou Sue e eu logo roubei o pote de sorvete de flocos que ela tinha em

mãos.

– Nesse filme. – Melanie se acomodou na cama ao nosso lado, passando a mão nos cabelos. – A bebê não é filha de sangue deles, mas continua sendo filha deles... Entendeu? Sei lá, eu ficaria completamente incomodada.

– Ah, para! Isso só acontece em filme. – Comentou Susan.

– Claro que não! Tem muitos casos no mundo assim. – comentei. – E tipo, eles são sim os pais dela, já que eles que dão comida, educação, carinho e todo o resto. – Coloquei uma colher de sorvete na boca. Meu Deus, porque é tão bom? – E ela é muito sortuda, já que tem quatro pais em vez de dois.

– É, faz sentido. – Susan deu de ombros e Melanie tomou o sorvete de minha mão e logo comeu um pouco.

Nós três assistimos por poucos minutos, eu apaixonada pela garotinha menor do filme. Bom, sempre fui. Amo o filme, um de meus favoritos.

– Eca. – Reclamou Melanie. – Esse sorvete está horrível! – protestou.

– Horrível e você está comendo, hein?! – Tomei
PERIGOSAS ACHERON

o pote de sua mão. – Imagina se estivesse bom! – Comentei e Sue gargalhou.

Minha loirinha colocou a mão na barriga e fez uma careta.

– De verdade. – Comentou ela me fazendo olhá-la de novo.

Seu rosto estava pálido.

– Ei, Mel! – Sue olhou-a, percebendo o mesmo que eu. Parei de comer por uns segundos. – Está tudo bem?

– Acho que... Não. – Falou baixinho com uma mão na testa.

– Pelo amor de Deus, não vomite aqui! – Pediu ela e não foi preciso eu piscar, que Melanie estava correndo em direção ao banheiro.

Arregalei os olhos como Susan por conta da situação repentina que havia acabado de acontecer.

– O que a gente faz? – Perguntou a ruiva.

– Vai ver como ela está, vou buscar um copo d'água. – avisei e nós duas saltamos da cama.

Em poucos minutos, voltei para o quarto onde Melanie já estava secando o rosto e respirando

ofegante demais.

– Amiga, você está me assustando! – Comentei ao entregar o copo de água gelada a ela que tomou em poucos goles grandes.

– Minha pressão deve ter baixado, só isso. – Respondeu fazendo um coque no cabelo, meio tonta ainda.

– Quando eu fiquei assim, descobri dias depois que tinha um filho na barriga. – Comentei e vi os olhos arregalados de Susan em cima de mim.

Melanie gargalhou por longos segundos.

– Se toca! Eu sei me prevenir! – Protestou ela nervosa e toda cheia de si.

– Eu também sei, Melanie. Tomo remédios e você não.

– Eu uso camisinha todas as vezes que vou pra cama com o meu namorado, você não. – Rebateu irritada e revirei os olhos.

Ficamos em silêncio mais alguns segundos.

– Está melhor? – Susan perguntou. – Deita amiga, por favor. – Pediu.

Susan e eu ficamos olhando uma para cara da

outra sem dizer nada e eu logo tomei atitude, pegando dinheiro e meu celular em minha bolsa que estava em cima do criado mudo e calcei as botas.

– Vou até a farmácia, um minuto, já volto.

– Pra que, Maria Clara? – irritou-se Melanie. – Sua gravidez está fodendo seu psicológico, velho, você está com umas neuras que olha... Puta merda!

– Você está querendo dizer que ela pode estar grávida? – Susan arqueou as sobrancelhas ao perguntar.

– Tenho total certeza. – abri um sorriso, provocando.

– Vai se foder! Eu não estou grávida! – choramingou Melanie ao me tacar uma almofada.

Soltei um riso.

– Veremos! – Foi a única coisa que disse antes de sair do quarto, rumo a porta de saída e depois, andei nas ruas de Los Angeles até a farmácia mais próxima.

Passei no condomínio de Dexter e tinha entrada permitida, fui até a quadra para dar um alô aos garotos.

Avistei Brandon correndo com uma blusa fina de frio com as mangas levantadas, uma calça de moletom e chuteiras. Cruzei os braços.

Como ele conseguia ser tão lindo?

Talvez no Google eu achasse a resposta.

– Brad! – Gritei, ele nem me ouviu por estar tão concentrado no jogo. – Ei, futuro papai! – Exclamei e só aí ele me olhou.

Fez um sinal para Dex antes de vir falar comigo. Sorri observando-o.

Ele veio andando rápido até onde eu estava na porta. Colocou as duas mãos enormes no meu rosto.

– Oi, meu amor. – sorri para ele que fez o mesmo me empurrando contra a porta que estava logo atrás de mim.

Ele estava todo suado e delicioso.

– Qual o motivo da visita? – Perguntou ele com suas mãos em minha cintura.

Seu peitoral encostado em minha barriga e seu nariz na altura do meu.

– Dois motivos. – Avisei. – O primeiro é que vim

só te dar um beijo. – Mordi o canto da boca ao passar minhas mãos pelos cabelos molhados dele.

– Um beijo? – Ele estava com um sorriso no rosto. – Você me fez parar de jogar para ganhar, apenas pra me dar um beijo?

– É, ué. – Dei de ombros passando meus braços por cima de seus ombros fortes.

– Um é muito pouco. – Ele fez biquinho antes de tomar meus lábios, onde começamos um beijo quente, só ali percebi o hálito de menta da boca dele e uma bala Halls gelada, que com a língua, ele passou para minha boca.

Aproveitei os segundos que estávamos tendo, mordendo os lábios dele lentamente e passando minhas unhas por sua nuca, sentindo suas mãos apertando minha cintura com força. Lembrei que tinha de cuidar de uma amiga grávida e que ele tinha um jogo para comandar com os amigos. Dei selinhos nele aos poucos e depois mordi a bala.

– O outro motivo é só um aviso.

– Hm? – ele arqueou a sobrancelha me olhando.

Os lábios rosados e molhados. Lindos. Seus olhos me fitando.

– Ansel. – Apontei com o queixo na direção do nosso amigo que estava concentrado no jogo. Brad olhou no mesmo lugar que eu e depois, quando seus olhos claros se encontraram com os meus de novo, falei por fim: – Ele está no mesmo barco que você.

Aquilo fez Brandon gargalhar. Ri junto, feliz, afinal.

– Sério? – perguntou empolgado e consenti com a cabeça.

Brandon

Depois da longa partida de futebol, fomos os garotos e eu até a casa de Susan, onde tomamos um banho e Melanie deu a notícia a todos nós de que estava grávida. Ansel ficou extremamente feliz, o que me fez refletir o quanto diferente foi minha reação quando eu descobri que também seria pai.

Cada um aceita de um jeito, afinal.

Ficamos por lá só comendo e conversando até de madrugada.

Maria Clara

Fazia alguns minutos que eu estava na cozinha de Susan preparando chocolate quente para todos.

– Eles querem vodca. Posso com isso? – Ouvi a voz de Ansel atrás de mim.

Já passava das 22h da noite.

– Vodca? Por que não deixam pra tomar no sábado? – Perguntei terminando de mexer a panela.

– Foi o que eu falei. – Ele soltou um riso parando ao meu lado, arrumando os cabelos.

Desliguei o fogo.

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

– Feliz em ser pai? – Perguntei a ele que abriu um sorriso, meneando a cabeça para baixo e para cima.

A reação de Ansel ao saber que seria pai foi completamente diferente de Brad. Ele surtou, beijou Mel e gritou de felicidade quando soube. Eu sabia que os pais, tanto dele quanto de minha melhor amiga, não surtariam com isso, já que os dois teriam futuro garantido nos Estados Unidos e

amavam crianças... Eu estava feliz pelos dois.

Quem diria, hein? Que um garoto que amava sua melhor amiga iria se interessar pela inocente da turma e que sempre foi apaixonada por ele? Deu tão certo que os dois estavam a quase dois anos juntos e seriam papais! O mundo dá voltas mesmo! E a propósito, com toda certeza eu seria a madrinha da criança!

– Vai demorar muito? – perguntou ele. – Melanie disse que está desejando!

– Desejando o quê? O chocolate? Ela está é com frescura no cu, isso sim! Eu falei primeiro que iria fazer e só depois que ela disse que estava com vontade. Deixa só ela sonhando que tudo o que ela pedir eu vou fazer! Não sou empregada dela não! – Brinquei e Ansel gargalhou. – Quem meteu e colocou um filho nela foi você e não eu!

– Idiota! – Zombou ele e melei meu dedo no chocolate e o passei em sua boca, que gargalhou.

Depois levei o meu dedo para a minha boca, limpando-o. Ansel ria e mordeu os lábios para tirar o chocolate. O abracei com força no mesmo instante para que ele não brigasse comigo e ele

correspondeu ao abraço. Eu amava tanto aquele abraço... Com todas as minhas forças.

– Gordinha. – Exclamou ele quando nos afastamos. – Seremos pais, pequena, quem diria, hein? – comentou ele e abri um sorriso olhando para baixo.

– Crescemos rápido demais. – respondi, colocando todo o chocolate em uma travessa, ao terminar, fui lavar as mãos e Ansel raspou uma colher na panela, tirando o excesso. – Daqui a pouco estaremos empregados e com gurizinhos correndo por aí nos chamando de “*papai*” e “*mamãe*”.

– Você será uma mamãe linda! – comentou ele ao colocar a panela na pia e abri um sorriso ao secar as mãos. – Uma mãe gorda e chata, mas linda. – falou e dei alguns tapas em seus braços.

– Se fode, Ansel! – Exclamei rindo e ele me abraçou.

Ri dele, que me fez cocegas.

Demos mais risadas ainda e eu não sei exatamente do que estávamos rindo, mas eu já estava com falta de ar quando ele parou e me

abraçou, um abraço de poucos segundos e eu o fitei. Ele fez o mesmo.

Os olhos de Ansel eram claros, estavam brilhando e, droga! Por quanto tempo eu deixei de olhar esses lindos olhos? Seu lábio inferior estava preso em seus dentes brancos e abri um sorriso observando-os. Por incrível que pareça, eu conseguia sentir o gosto dos lábios dele em minha boca...

Prendi o ar por alguns segundos, observando Ansel fitar meus lábios e depois meus olhos. Percebi que os braços dele ainda estavam em volta de meu corpo, devido ao abraço que estávamos tendo há minutos...

Maria Clara, por favor... Não faz isso nessa altura do campeonato!

Eu precisava de um toque de realidade, mas eu não conseguia pensar em mais nada. Nem ele, que eu tinha a fiel certeza de estar pensando a mesma coisa. Engoli em seco tendo a certeza de que sim, eu iria beijá-lo, não importava as consequências.

Nossas bocas estavam a centímetros de distância, eu conseguia sentir a respiração pesada de Ansel

em meu rosto. Minhas mãos estavam no colarinho de sua blusa fina xadrez.

– Oh, meu Deus, Clarinha! Você foi primeiro fabricar os ingredientes pra depois preparar essa coisa, caralho? – Ouvi a voz de Susan e ela logo parou ao nosso lado.

Como se tivéssemos levado um choque, Ansel e eu nos afastamos de imediato. Enfim, senti ar em meus pulmões. Encarei Susan que olhava para nós com os olhos arregalados.

– Estou atrapalhando alguma coisa?

– Atrapalhando o que, Susan, está louca? – Perguntou Ansel soltando um riso nervoso ao abrir a geladeira e pegar a garrafa de água.

– Vocês dois! Porra... Eu...

– Nós dois nada! Não tem nada de nós dois! – Exclamei fazendo um coque nos cabelos e o sorriso de Brandon ecoou em minha mente. – Nós não fizemos nada... – atrapalhei-me ao me expressar, com a voz trêmula.

– É, eu apareci! – Rebateu ela soltando um riso ao dar de ombros.

– Sim! Fomos salvos pelo gongo, no caso, você!

PERIGOSAS ACHERON

– ele disse segurando os braços dela. – Obrigado.

Soltei um riso assim como ela pelo nervosismo dele. Respirei fundo mais uma vez, agradecendo mentalmente por não ter acontecido absolutamente nada, já que as consequências seriam piores. Meu coração estava quente no peito.

– *Amor?* – ouvi a voz do meu namorado ecoando, ele me chamava da sala.

– Um minuto! – gritei para ele ao pegar a travessa de chocolate quente, meu melhor amigo foi para a sala na frente e vi minha amiga ainda em choque ao pegar os copos e colheres.

Negar suas origens é um tanto difícil, viu?

Nunca Desistir

“Aponta para fé e rema.”

Los Hermanos

Brandon

– Se for demorar mais dois anos é só avisar que eu desisto de ir, Maria Clara! – Gritei da ponta da escada para ela, que terminava de se arrumar no andar de cima.

– Cacete, Brandon! Nem com vontade eu estou de ir, culpa sua! Fica me agoniando que eu desisto de ir definitivamente! – Reclamava ela ao descer as escadas e revirei os olhos para suas reclamações.

Estávamos atrasados para a festa que eu imaginava ser a festa do ano! Caleb tinha marcado às 21h e pediu para que eu fosse para lá nesse horário, eu não fui, esperando a dondoca da minha mulher se arrumar, que passou anos e anos para isso.

Maria Clara estava bem vestida como sempre, usando uma calça legging não tão apertado de cintura baixa, já que a barriga dela crescia mais e mais a cada dia e com uma blusa de pano leve bege com o símbolo do infinito estampado na frente. Seu rosto estava maquiado e seus cabelos cheios de

cachinhos.

– Que cara é essa? – Perguntei quando entramos no carro.

Todos já estavam na festa, menos nós. Em meu relógio de ouro no pulso, vi que beirava 22h45 da noite.

– A única que eu tenho. – resmungou ela sem olhar para mim enquanto mexia no celular.

Respirei fundo para não perder a cabeça, apenas tirei o aparelho da mão dela que me fuzilou com o olhar.

– Que cara é essa, Maria Clara? – repeti sério, a encarando.

Ela respirou fundo antes de responder:

– Não é nada.

– Como nada? Caramba, você estava tão empolgada dias atrás para essa festa e agora fica assim?

– Você que está empolgado. Você que está louco pra beber e ficar chapado com os seus amigos, não eu. – Engoli em seco, ainda a fitando.

– Ah, então é por isso que você está assim? Por

que você acha que eu irei ficar chapado? Nós não já conversamos sobre isso?

– Eu não acho, eu tenho certeza que você vai ficar. Mas está tudo bem, até porque a grávida aqui sou eu. – Resmungou ela e eu relaxei os ombros, fitando a rua por alguns segundos.

– É a gravidez que está chateando você?

– Que seja, Brandon. – Ela deu de ombros com uma expressão de cansada.

– Que seja nada, para com isso. – Pedi. – Você está cansada ou chateada? Se você quiser a gente fica em casa, você sabe o quanto você é importante pra mim.

– Seus amigos são importantes pra você. – Resmungou ela de novo.

Porra, eu mereço mesmo isso?

Agora eu estava vendo que gravidez tem seus lados ruins. As mulheres viram um bicho de mil cabeças, fazem a Terceira Guerra Mundial por absolutamente nada.

– Para de ser boba, meu amor. – Pedi, calmo e gentil. Gritar com ela só iria chateá-la mais e complicar as coisas. – Me diz, por que você não

quer ir?

– Ah, Brandon! – ela bufou baixo. – Minha barriga já está doendo por conta da gravidez e eu sei que lá eu não vou poder beber absolutamente nada, está um friozinho tão chato... – desabafava ela em um fôlego só e eu respirei fundo puxando seu queixo para que ela olhasse para mim.

– Primeiro; você precisa ficar calma. – disse, estávamos um olhando para o outro. – Segundo; as dores são normais, irão passar. Terceiro; não é só bebendo que você pode se divertir em uma festa, você sabe disso e aliás, tá precisando.

– Tudo me estressa! – Ela passou as mãos no cabelo com força antes de pousá-las nas coxas. – Não quero chatear você, desculpa. – Maria Clara fungou com o dedo no canto do olho e eu sabia que ela queria chorar.

Oh meu Deus... O que se faz numa situação dessa?!

Cocei a nuca antes de me ajeitar no banco, fazendo-a olhar para mim de novo, por fim entrelacei nossos dedos.

– Você quer ficar em casa? Não tem problema.

Eu ligo pra eles avisando que não vou, fico com você aqui, conversamos, vemos alguma coisa, o que você quiser...

Ela meneou a cabeça de um lado para o outro, fungando. Os olhos brilhando.

– Se ficarmos em casa é pior, eu só vou ficar chorando no seu colo.

– Não me importo. – avisei.

– Não, amor. – Ela apertou meus dedos. – Você precisa sair, se divertir e eu vou com você. – Disse baixinho. – É sério.

– Você tem certeza? Clara...

– Sério! – Exclamou colocando uma de suas mãos em meu rosto ao aproximar seus lábios dos meus para um beijo molhado e simples, onde explorou minha boca e eu correspondi, colocando minha mão em sua nuca e segurando seus cabelos por alguns segundos, até finalizarmos com selinhos.

Ela logo passou seus dedos pelos meus lábios, devido ao batom.

– Está tudo bem mesmo? – Perguntei continuando com o carinho em sua nuca, nossas
PERIGOSAS ACHERON

testas estavam coladas e ela abriu um sorriso, o primeiro sorriso durante todo o dia. – Pensa bem, se você quiser, nós... – ela me interrompeu me dando um selinho e ao se afastar, se ajeitou no banco do carro.

– Brandon, é pra festa que você quer ir, é para a festa que precisamos ir e é pra festa que nós vamos. – Falava confiante ao olhar sua maquiagem no retrovisor. – E anda logo que estamos atrasados. – Sorriu pra mim e eu concordei ligando o motor.

– Você que manda, pequena. – movi o volante e ela ligou o som do carro, como sempre.

– Como todas as festas são, essa não será diferente; ela promete! – exclamou ela e me empolguei, voando pelas ruas de Los Angeles rumo a casa de Carter.

Maria Clara

A festa de Caleb estava completamente lotada, sim, a casa dele estava abarrotada de gente, cruzei com mil pessoas que eu nunca tinha visto na vida. Sorri aos conhecidos e estava ao lado dos meus eternos e maravilhosos amigos. A música era alta, a alegria e a maconha era a energia daquele povo.

Brandon bebia pouco com todos onde Melanie e eu só ficávamos olhando com nossas latinhas de energético.

— Não vai nenhum aí não, Campbell? — Perguntou Caleb chegando onde nós estávamos com sua marca registrada em mãos.

Brandon fez uma careta, os olhos brilhando para pegar a maconha bolada na mão do amigo, mas como eu estava do lado, ele não soube exatamente o que responder.

Eu apenas mexi a cabeça para cima e para baixo fazendo-o sorrir de orelha a orelha e começar a tragar o baseado.

Estávamos todos na porta da casa de Caleb.

Poucas pessoas estavam lá e a porta era enorme, eles transitavam por ali. Bom, pelo menos eles estavam mais dentro do que fora da casa e eu conseguia ficar à vontade. Já tinha que me preocupar com os pequenos saltos que eu usava, não estava com saco para aturar todo aquele empurra-empurra com essa minha barriga.

Atrás da casa de Caleb Carter, tinha um pequeno lago, já que ele morava meio afastado de onde todos nós morávamos e eu achei o máximo aquilo. Por isso estávamos por lá. Os garotos tinham ido buscar bebidas fazia minutos e até agora não tinham voltado.

Ri e dancei do jeito que eu consegui naquela primeira noite de sábado do ano. Tudo bem que às vezes eu sentia um pouco de dor nas costas, mas tentei esquecer. Sabia que Brandon também estava se divertindo.

— Maria Clara... — ouvi sua voz e olhei para trás.

Landon sorriu, bem vestido com suas roupas claras e bonitas.

— Oi. — Sorri para ele que retribuiu, não só para

PERIGOSAS ACHERON

mim, mas também para as garotas.

– Quanto tempo... Você continua linda. – elogiou ele e corei, olhando para baixo por alguns segundos com uma latinha de energético em mãos.

– Preciso de mais bebidas... Vem comigo, Sue! – Pediu Lauren meio desconfortável puxando Melanie junto para dentro da casa que continuava cheia e com muito barulho.

Bom, eu não sei porque o desconforto de todas para até terem me abandonado, mas tudo bem.

– Como você está? – perguntei puxando assunto com o loiro ao meu lado.

Fazia um tempão mesmo que não nos falávamos. Depois de nosso término, trocamos poucas mensagens, acho que nada mais que isso.

– Estou bem, eu acho. – Ele deu de ombros e eu sabia, no fundo, que algo o incomodava, ele estava meio nervoso, sabia que se eu perguntasse, ele não iria falar. – Vejo que você está ótima. – Olhou para a minha barriga.

– Sim. – Sorri feliz.

Passei a mão de leve em meu filho.

– Você é feliz com ele? – Perguntou rapidamente
PERIGOSAS ACHERON

e eu estranhei a pergunta, franzindo a testa por alguns segundos.

– Nunca fui mais feliz. – Admiti.

Ele abriu um sorriso de lado, um sorriso amargo, quase doído.

– Então... Felicidades? – Ele arqueou a sobrancelha. – Pros três, eu acho.

– Igualmente, Landon. Você merece toda a felicidade do mundo. – Respondi.

Nós dois olhávamos o lago...

Ele não tinha respondido, eu não sabia mais o que falar...

Respirei fundo e no mesmo instante, o celular de Landon apitou no bolso dele, que o pegou, viu algo na tela e logo o guardou soltando suspiros.

– Bom, preciso ir.

Como sempre. Era ele vendo algo no celular e saindo. Apenas sorri enquanto ele veio com seu corpo próximo ao meu e deu um beijo em minha bochecha com seus lábios gelados. Com sua respiração, senti que ele tinha bebido.

– Se cuida.

Tomei os únicos goles restantes da latinha de energético em minhas mãos e a joguei no chão mesmo. Queria saber onde estava Brad ou as meninas, que não voltavam de jeito nenhum.

Respirei fundo ao sentir um desconforto momentâneo e olhei o meu relógio de pulso, foi apenas o tempo que levei para ver que eram 2h47, quando senti um cano gelado no começo de minha espinha, nas costas.

Prendi o ar, alguém com um perfume reconhecível atrás de mim suspirou perto de meus cabelos e eu já pensava no pior. Meu sangue gelou de um segundo para o outro.

– Não dê um pio. Anda pro carro ali na rua à esquerda, normalmente. – ele depositou um beijo em meu ombro. – Se não, já sabe, não é, amor? – Senti a pequena pressão que ele fez com a arma em minha pele.

Sua voz estava tão diabólica que era impossível acreditar que o mesmo garoto estava falando comigo há poucos segundos. Eu não estava acreditando que Landon Simpson estava fazendo aquilo, eu não estava acreditando que aquilo estava

acontecimento comigo, afinal.

Eu precisava falar alguma coisa, mas minha voz havia sumido completamente.

– Landon. – Sussurrei e ele começou a andar e me empurrava em direção ao carro do pai dele.

– Anda! – resmungou, com sua mão livre me abraçando pela cintura.

Quem visse, acharia que estávamos juntos ou éramos um casal. O pior é que ninguém aparecia naquela merda!

Andei na frente dele, em passos leves e pequenos, tentando não fraquejar e não consegui pensar em algum jeito de fugir. Até porque, tinha uma arma apontada para mim!

Quando já estávamos do lado do carro, mas antes mesmo de entrar, vi as meninas se aproximando. Elas estavam rindo e ao olhar para nós dois, pararam no mesmo instante.

– Clarinha? – Perguntou Lauren olhando nós dois sem entender.

Eu teria que falar alguma coisa?

– Amiga, o Brandon disse que já está vindo pra cá, eles estão demorando porque Caleb os chamou para conversar... – a voz dela sumiu.

Senti os lábios de Landon em meu ombro outra vez e ele sussurrou um “*shiu*” em meu ouvido, me deixando gelada.

– Ok. – Foi apenas isso o que saiu de minha boca enquanto eu abria um sorriso forçado.

Meus olhos um tanto arregalados olhando para elas que ainda estavam sem entender.

– Vamos, Clara, por favor. – pediu Landon com uma voz alta fazendo com que as garotas também ouvissem.

Engoli em seco de novo, fitando minhas amigas com os olhos arregalados, implorando ajuda e eu não sei se elas entenderam ou não o que eu estava tentando transmitir, mas apenas sorriram para nós dois e se afastaram.

Landon esperou elas se afastarem e logo entramos no carro. Ele me empurrou para dentro antes de dar a volta no automóvel escuro e entrar na porta do motorista. Suei frio.

– O que está acontecendo? – Perguntei com uma

PERIGOSAS ACHERON

voz trêmula, mas simples, sem demonstrar o quão mexida eu estava. – Você não é mau, Landon, por favor!

Ele permanecia em silêncio e acelerou o carro nas ruas escuras de Los Angeles, indo para lados que eu pouco conhecia.

Oh, meu Deus, porque tudo isso?

– Landon! – O chamei. – Você não é mau! – repeti. – Tem alguém por trás disso, não tem?

– Cala a boca! – Gritou ele, sem olhar para mim. – Você mal me conhece, Maria Clara! Aliás, teve todo o tempo do mundo para isso, mas preferiu viver com o seu ex as escondidas, não é? – arregalei os olhos um tanto confusa.

Porra, como ele sabia?!

– Por favor, me desculpe! – Pedi. – Não faça nada comigo... Aliás, pra onde está me levando?

– Pro lugar onde você deve estar. – avisou ele.

– Me deixe ir embora... Olha, eu sei que errei, mas não precisa tanto! – comecei a me desesperar quando percebi que ele entrava em uma mata fechada. – Tem alguma coisa errada, Landon, você não é assim. Me diz pelo menos quem está por trás

disso tudo...

– Clara, fica quieta, se você abrir a boca mais uma vez eu juro que vou precisar fazer algo bem pior... – o celular dele começou a tocar e ele logo o atendeu, colocando no viva voz.

– *Ei, Simpson, vai demorar muito, porra? Tenho hora!* – ouvi a voz rouca e bem nítida de Tyler do outro lado da linha.

Eu sabia! Eu sabia que tinha esse merda por trás disso!

– Já estou chegando. – Respondeu. – Como está minha irmã?

– Ótima, eu acho. – Tyler soltou uma risada. Eu fiquei em silêncio o tempo todo, eu não sabia mais nem o que era falar! – *Só não sei se vai ficar por muito tempo...*

– Carter, é sério! Não toca na minha irmã! Cara, você prometeu que não iria tocar nela.

– *Relaxa, até agora estou sendo um homem de palavra.* – Tyler riu. – *Mas é minha Maria Clara ou a pequena Simpson, que aliás, é uma maravilha de garota, hein? Meus parabéns!*

Vi Landon travar o maxilar por alguns segundos

PERIGOSAS ACHERON

e mesmo prestando atenção na estrada, estava tenso com a ligação. Meu Deus, era bem mais complicado do que eu pensava! Talvez Landon não esteja fazendo isso porque estava chateado comigo, estava fazendo isso para salvar sua irmã mais nova.

Ela nunca gostou de mim e os dois nunca se entendiam, mas a vida dela estava em jogo, Tyler era capaz de qualquer coisa e eu entendia o lado de Landon, pois apesar de tudo, ela era sua irmã! Ele estava encurralado, mas eu tentava pensar em alguma coisa para aquilo se resolver.

– *Meia hora, Simpson, meia hora!* – Gritou Tyler autoritário do outro lado da linha e logo a ligação caiu.

Landon bateu com as mãos no volante, com força. Meu sangue gelou.

– Você sabe que não precisa fazer isso, não sabe?

– Como assim, eu não preciso? Se eu não levar você até ele, ele mata minha irmã, Maria Clara! Desculpa, mas é minha irmã, eu...

– Mesmo assim, fora isso você continua chateado comigo? Quem te contou aquelas besteiras? – ele bufou revirando os olhos.

– Pouco importa agora.

– Ah, me desculpe... – pedi com o choro entalado na garganta. Depois de tanto tempo, eu conseguia sentir a mágoa na voz dele, conseguia ver o quanto ele gostava de mim. – De verdade, desculpe. – Eu não sabia falar outra coisa.

– Chega, isso não importa mais! – Falou ele, nervoso e impaciente. – Saiba que não estou fazendo isso por ódio a você e sim porque sou obrigado.

– Obrigado? Desde quando você é pau mandando de Tyler Carter?

– Pau mandado? – Perguntou ofendido. – Que parte do “*ele vai matar a minha irmã*” que você não entendeu?

– Podemos dar um jeito! Olha se você quiser eu ligo pro Brandon e ele fala com a polícia ou alguém que possa buscar sua irmã. Aí eu não irei para lá e vai ficar tudo bem...

– As coisas não são tão fáceis como parece, Maria Clara! Seu namorado me odeia e nunca iria me ajudar! Além do mais ele deve estar querendo me matar nesse exato momento!

– Vai ficar tudo bem, eu falo com ele. – Avisei.

Landon negou com a cabeça, ele estava decidido no que iria fazer e nada mudaria sua cabeça. Respirei fundo, procurando um pouco de ar, parecia que eu estava sem respirar há longas horas.

Só naquele momento eu reparei que estávamos parando aos poucos na rua, onde era tudo mato e tudo bem escuro. Só no acostamento, um pouco distante, estava uma casa, bem grande e bem feita, não com tantos detalhes como casas comuns, mas era uma moradia.

Nunca tinha ido ali ou passei por ali na vida. Eu não fazia ideia de onde eu estava e um medo repentino cresceu em meu peito. Landon parou o carro e me fitou sério.

– Todos esses vidros são blindados, mesmo se você tentar, você não vai conseguir sair. Não faça nenhuma besteira, eu volto em minutos. – Ele estava nervoso e eu mal pisquei e ele já estava fora do carro, acionando as travas com o alarme.

Tinha até pensado em escapar, mas não deu certo.

Esperei ele ir em direção a casa, que ficava um pouco mais a frente e olhei todo o ambiente onde

eu estava até pegar meu celular no bolso de trás de minha calça. Agradei mentalmente umas mil vezes por ter aquele maravilhoso e pequeno aparelho comigo naquele dia.

O sinal estava muito, muito fraco, mas a primeira coisa que eu fiz foi ligar para meu namorado com as mãos trêmulas. Era difícil acreditar, mas meu filho e eu estávamos correndo perigo de vida naquele momento. Eu não tinha mais nada para fazer a não ser pedir socorro.

Brandon

O Caleb era um dos garotos mais ridículos que eu já tinha conhecido na vida! Ele falava tanta merda que acabava sendo divertido. Enquanto eu o ouvia, tomei o último gole de tequila em meu copo. Eu tinha fumado um cigarro na noite, foi pouco, mas pelo menos eu tinha fumado. Confesso, senti saudades. Muitas saudades. Fora que eu bebi poucos goles de vodca, eu nem fazia ideia de quanto tempo eu estava lá.

Soltei uma risada sentindo logo mãos macias me puxando pelo braço e vi que era Lauren com as garotas que estavam com umas caras de assustadas. Disse um “espera” aos caras e as segui para fora da casa, levando minutos para chegar até a porta daquela enorme casa e com aquilo tudo de gente.

— Meu Deus, o que foi? — Perguntei rápido, já conseguindo ouvir minha própria voz com clareza e Melanie estava tremendo.

Tinha poucas pessoas ali na parte da frente da casa.

– Até que enfim achamos você! – Começou Lauren a reclamar. – Mas... Aconteceu alguma coisa, Campbell. A Maria Clara, ela... Saiu daqui de carro com o Simpson há alguns minutos.

– O quê?! – só isso que saiu de minha boca de primeira. – Como... Como assim?

– Isso que nós não entendemos... Brandon, ele estava estranho, abraçado com ela que estava fria e muito estranha também. – Aquilo era completamente estranho.

– Estou com um pressentimento ruim, Brandon, por favor, precisamos fazer alguma coisa! – Exclamou Mel choramingando.

Putá merda!

Tinha mesmo algo errado e eu não ia deixar nada barato. Só de pensar no que aquele garoto poderia fazer com a minha mulher... Grrh! Não é possível que isso possa estar acontecendo!

Peguei meu celular e liguei para ela. Andei de um lado para o outro entrando em desespero, só caía na caixa postal.

– Droga! Droga! Droga! – exclamei e as duas garotas na minha frente me olhavam apreensivas. –

Vocês não fazem ideia para onde eles foram?

– Não! – respondeu Melanie, histérica.

– Eles entraram dentro de um carro e saíram para lá. – Ela apontou para o lado oposto da rua onde estávamos.

– Oh, meu Deus...

– Brandon, liga pra polícia... Qualquer coisa, por favor... – pediu Lau, entrando em desespero assim como eu.

Era isso mesmo o que eu estava vivendo? A minha mulher grávida estava sendo sequestrada pelo ex dela em plena madrugada? Não pode ser!

Disquei o número da polícia que atendeu imediatamente. Tentei manter a calma ao dizer ao policial que me atendia, que minha mulher – descrevi-a fisicamente – tinha sido sequestrada. Disse o nome dela e daquele merda também, pedi para que eles a encontrassem, disse que ela estava grávida e que o sequestro não fazia muito tempo. Eles me ligariam se fosse preciso.

Pode ter sido precipitado demais, mas... Porra! Precipitado o caralho! Eu precisava da minha mulher, eu precisava dela! Respirei fundo, andando

PERIGOSAS ACHERON

de um lado para o outro quando os garotos apareceram ao nosso lado. As garotas explicaram a eles o que estava acontecendo e eu tentei ligar mais uma vez para ela.

Meu Deus, oh, meu Deus! Qual a dificuldade de um celular chamar e ela atender?

Enquanto todos tentavam pensar algo para tentar ajudar a encontrá-la, respirei fundo estalando os dedos.

– Vou procurá-la.

– Agora? Aonde? – Perguntou Connor. – Pelo amor de Deus! Impossível!

– Mas aqui é que eu não vou ficar, porra! – Gritei impaciente com ele. – A minha mulher e meu filho estão correndo perigo com um imbecil a essa hora da noite, você tem noção de como a situação é delicada?

– Brandon, calma! – Pediu Dex ao segurar meus ombros.

– Calma o caralho, Dexter! Não tem essa de calma! – Meu coração sufocava minha respiração de tanto que batia. – Queria que você estivesse no meu lugar pra ver se ia conseguir ficar calmo!

Todos ficaram em silêncio, no mesmo instante o meu celular começou a tocar e senti meu corpo leve, o atendendo sem pensar duas vezes.

– *Amor?* – A voz doce de minha mulher soou do outro lado da linha.

– Maria Clara, onde você está? – perguntei quase gritando. O desespero era enorme. Ela choramingou.

– *Estou no carro de Landon, ele saiu e eu resolvi ligar, só tive esse momento pra isso... Brandon, eu te amo tanto, me ajuda!*

– O que você está fazendo aí com ele, meu amor?
– Perguntei, minha voz ficou baixa de uma hora para a outra. – Eu sempre disse que ele era um lixo! Você nunca confiou em mim!

– *Vai querer brigar comigo agora? Logo agora? Isso, briga e me deixa aqui, morrer nas mãos dele!*
– todas aquelas palavras me deram um frio enorme na espinha.

– Onde vocês estão?

– *Eu... Eu não sei.* – ela começou a chorar e meu peito se rasgou. – *Me desculpa, amor, me desculpa.*

– Pedi ela, acho que pelo que eu tinha dito há
PERIGOSAS ACHERON

segundos.

Senti um vazio imenso.

– Fica calma, esquece isso. – Pedi. – Por favor, me diz se está tudo bem com você.

– *Ele está com uma arma, amor, foi um pedido do Tyler.* – Avisava ela, mesmo com seus soluços eu conseguia entender. A raiva explodiu no meu corpo como uma bomba ao ouvir o nome daquele lixo. Não existe outra pessoa no mundo que odeie tanto Tyler Carter do que eu. – *Me ajuda, estou com tanto, tanto medo...* – pedia ela e eu me sentia destruído.

– Você precisa ser forte! Me diz onde você está, pelo amor de Deus! Vou até você, agora, nesse instante! Mas, me diz...

– *É perto de uma casa, um lugar escuro, eu...* – do outro lado da linha, Clara soltou um grito de pavor e bem agudo, a ligação caiu.

– Não! – Gritei, olhando todos me fitando em silêncio esperando que eu falasse alguma coisa. – Clara, amor? – Chamei mais uma vez e, sim, a ligação tinha caído.

Minha mulher estava correndo perigo. Meu filho

PERIGOSAS ACHERON

estava correndo perigo e meu desespero não parava de aumentar.

Eu nunca tinha sentido tanto medo em toda a minha vida.

Morto?

“O amor faz isso mesmo. Ele muda a gente.”

The Vampire Diaries

Brandon

Eu não fazia ideia de quanto tempo todos estavam fazendo ligações para pessoas conhecidas para tentar saber onde Clara estava. Ouvi Melanie falando com os pais de minha namorada, explicando toda a situação a eles e infelizmente teve que falar que Clara estava com o garoto que um dia a estuprou. Imagino que deve ter sido um choque para eles.

– Disse a polícia a descrição do lugar onde ela possa estar? – Perguntou Connor.

– Avisei mil vezes para que eles entendessem. O que eu tenho total certeza, é que eles não estão tão preocupados.

– Claro que estão, mesmo que as buscas oficiais só comecem depois de 24 horas que a pessoa sumiu, eles estão fazendo alguma coisa. – falou Lauren.

– Mas eles têm que entender que ela foi sequestrada! – Exclamei a última palavra separando as sílabas nitidamente. – É apenas um segundo,

para algo de ruim acontecer com ela, caralho! – Gritava.

Passava mil coisas em minha cabeça naquele momento. Maria Clara, grávida, estava com o ex que descobriu que foi chifrado, ou seja, ele podia muito bem estar com raiva e fazer algo a ela, segundo que ela também estava com Tyler, um garoto que já a estuprou e que me odeia, que estava doido para se vingar de mim, mas não pôde e então, vai descontar tudo dela.

Ela pode estar sendo usada de gato e sapato e eu aqui, sem saber o que fazer. Detalhe: já se passaram mais ou menos QUATRO HORAS. Até chorar eu já chorei nesse meio tempo.

– Me dá aqui essa merda, deixa eu ligar de novo.
– Resmungou Lauren, aflita ao pegar o celular de minha mão e ligar para a polícia novamente.

– Você não tem ideia de onde ela possa estar, Brandon? Nenhuma ideia? – Perguntou Dex ao meu lado.

Porra, todos estavam em pânico! Eu só ia sossegar quando estivesse com a minha pequena em meus braços.

– Não, caralho, nenhuma ideia! – Respondi.

Deu-me um branco total, não vinha nenhum lugar conhecido que ela poderia estar. Apertei minhas mãos em minha cabeça para tentar alguma coisa, mas... Nada.

– Talvez... No lugar em que menos pensamos, ué.
– Connor deu de ombros.

Lauren parou ao meu lado e me jogou um olhar de conforto. Minutos atrás ela gritava com os policiais no telefone.

– Em que lugar? – perguntei. – Pode ser em casas abandonadas, becos, outro bairro, que seja! Eu não sei nenhum específico e aquela rua dá acesso a mil lugares! – Apontei para onde as garotas tinham me dito que eles tinham ido. – Eu me sinto inútil por não fazer nada... Meu filho está correndo perigo... Porra, o Tyler vai matá-la se eu não fizer alguma coisa. – Choringuei com ódio, pensando no pior.

– Por favor, Brandon, não pensa assim! – Pediu Susan com os olhos cheios d'água ao meu lado. – Vai ficar tudo bem, eu prometo. – Ela me deu um abraço carinhoso e confortante.

Correspondi segurando sua cintura por alguns

PERIGOSAS ACHERON

segundos e depois, passei as costas da mão nos olhos, de costas para todos eles.

– E se eu disser pra vocês, que estou com uma intuição um tanto boba, mas que pode ser útil? – Dex falou. – Vai saber se Carter não está com a Clara na casa dele?

– Cala a boca! – Bufou Lauren irritada.

Mesmo sendo clichê, fazia sentido.

– Sim! Sim, caralho! O Tyler pode se fazer de esperto, mas é o garoto mais burro que eu conheço! – Avisei, com a voz um pouco empolgada.

Se eu tivesse em um desenho animado, com certeza apareceria uma lâmpada no alto de minha cabeça naquele momento.

– E vocês acham que a vida é assim? Fácil? – Perguntou Collins. – Se fosse realmente fácil, se chamaria puta e não vida. Impossível acontecer algo desse tipo, na boa. Que imbecil sequestra alguém e leva a vítima pra própria casa?

– Tyler Carter! – Respondi. – Tudo bem que Maria Clara entrou no carro com Landon, mas eu tenho certeza que quem organizou tudo foi o rei dos *otárioslândia*. – Eu estava aos poucos me PERIGOSAS ACHERON

empolgando e sentindo que eu não era tão inútil assim.

– Só tem um problema. – Comentou Connor. – O Tyler se mudou.

– Se mudou? – quase gritei.

– Sim, faz poucos dias. Se mudou sozinho. Ninguém sabe onde ele mora, a não ser ele, Candice ou os melhores amigos. – Comentou ele. – E o pior é que eu tenho quase certeza de que isso tudo foi bem armado. Primeiro que eles pararam de encher o saco de vocês por um tempão, segundo que essa festa aqui é de Caleb, primo dele.

Ah, então era isso? Eles estavam querendo fazer um sequestro de cinema? Só para comer minha namorada e se vingar de mim? Cacete, qual a dificuldade de virem até minha casa, que seja, para acertar qualquer conta pendente?

O sangue subiu para minha cabeça. A raiva consumia todo o meu corpo.

Peguei a primeira coisa que vi na frente, no caso, uma garrafa de vodca vazia e joguei contra a parede para cessar a raiva.

– Bom, o único jeito agora, é irmos atrás de
PERIGOSAS ACHERON

alguém que saiba onde esse filho da puta mora. – falou Susan.

– E se ele não estiver lá, nem Clara, nem ninguém? – Perguntou Collins.

– Para de pensar o pior! – Gritou a ruiva sem querer se desesperar.– Se eles não estiverem lá, procuramos em outro lugar! Vamos tentando!

– Isso. – Falei, checando se as chaves do carro e meu celular estavam dentro do bolso, no mesmo momento, Dex falou:

– Caleb Carter. Isso! Ele sabe onde o primo está, pergunte a ele! – Nem deixei meu amigo terminar de falar e eu já estava entrando novamente na festa quase vazia dessa vez, atrás do dono da casa.

Maria Clara

O cheiro era horrível. Sim, horrível, um dos piores que eu já havia sentido. Meu corpo estava dolorido demais para uma noite com sonhos bonitos e cama bem feita, mas... Espera, eu não estava tendo sonhos bonitos e muito menos em uma cama bem feita!

Eu estava no chão de um lugar fedido, frio e escuro. Abri minhas pálpebras um tanto pesadas bem devagar e vi uma loira alta e um musculoso em minha frente, sorrindo para mim. Quando meus olhos abriram completamente, eu pedia para que aquilo fosse um pesadelo, ou algo do tipo.

Mas não era.

Sentei-me no chão, encostando minhas costas na parede gelada atrás de mim com as pernas dobradas e percebi que meus pulsos estavam amarrados um no outro com uma corda marrom e bem, bem forte.

— Até que enfim, caralho! Achei que teria de esperar o Papai Noel chegar para você acordar! — Ouvi sua voz áspera e me assustei, olhando em seu

rosto feliz.

Tyler Carter estava bem vestido como sempre, com suas jeans claras, All Star e uma camisa azul escura. Candice ao seu lado, sorria, com uma regata escura, jeans apertada, botas e um pequeno casaquinho jeans.

– O que vocês querem comigo? – Minha voz saiu falhada, como se eu tivesse há anos sem usá-la.

– O que nós queremos com você? – Perguntou Tyler, se sentando de pernas abertas do lado errado de uma cadeira em minha frente. – Mas que pergunta! – Ele riu.

Olhei para o ambiente minúsculo, vazio e dava até eco, onde só tinha uma pequena luz no teto que não iluminava porra nenhuma. E claro, muita poeira!

O que mais me chamou atenção foi que, ao meu lado, tinham tufo de cabelo, e... Eram os *meus* cabelos?

Não, não pode ser! Meus cabelos... Estavam cortados... Não acredito! Eles estavam na altura de minha coluna lombar, enormes, antes mesmo de eu apagar e agora... Nos meus ombros! Senti o choro

na garganta.

– Que foi, Clarinha? Não gostou? – Reparei enfim a tesoura que Candice segurava nos dedos. Aquela puta tinha cortados meus cabelos? *Oh, não...* – Aliás, oi!

– Sua desgraçada! – estiquei minhas pernas, aos gritos as palavras saíram de minha boca. – Olha o que você fez! – As lágrimas começaram a cair sobre meu rosto.

– Ué, não gostou? – voltei a ouvir a mesma pergunta, mas agora de Tyler, que sorria. – Eu amei, amor.

Sério mesmo que aquilo só era o começo da tortura? *Meu Deus, por favor, não!*

– Aliás, eu fico feliz em ver você. Como sempre, você está o máximo! – Ele se levantou, depois, ao se virar para colocar a cadeira em outro lugar, vi o volume da arma presa no cós da calça dele. Meu coração quase saltou da boca. – Juro que de todas que eu já experimentei, você foi a melhor! – Sua voz saiu arrastada de sua boca. – Precisava repetir a dose, estava morrendo de saudades! – admitiu ele. – Por isso você está aqui.

– Amor! – A loira gritou incrédula para o nojento e musculoso garoto a minha frente.

– Desculpa, Cand, meu amor, mas Maria Clara, é Maria Clara! – idolatrou-me ele e vi o corpo de Candice enrijecer, ela ficou realmente brava.

Tyler abriu um sorriso safado para mim, que não escondia o que ele estava querendo. Minha barriga gelou.

– Está vendo? – Candice chegou perto de mim, flexionando os joelhos e ficando com seu rosto próximo ao meu. – Por isso que eu não suporto você! – reclamava ela. – Quando você está perto, nem meu namorado gosta mais de mim! É só Maria Clara, Maria Clara e Maria Clara. – Resmungava ela, me olhando.

– Não posso fazer nada se você não se garante. – Rebatu inocente e Tyler gargalhou.

Gargalhou alto, fazendo meu ego crescer um pouquinho. Não foi preciso esperar mais, para eu sentir um tapa estalado e de mão aberta de Candice em meu rosto me fazendo virar o pescoço com o impacto.

Aquela vadia estava com algum tipo de

problema! Não é possível!

Tentei me debater chutando um de seus joelhos e ela caiu sentada no chão e voltou a me bater. Seus tapas me acertaram no rosto, cabeça, braços e pernas, que eu usava para proteger minha barriga, proteger o meu filho.

Eu não acredito que depois de tanto tempo, ali estou eu, apanhando de Candice Sullivan.

Eu estava completamente fraca, indefesa e dolorida. Soltei um gemido de dor quando a nojenta puxou meus cabelos. Um grito saiu alto e involuntariamente de minha boca, por conta das dores e então Tyler disse firme:

– Chega! Candice, eu disse chega! – Repetiu ele e a garota parou, com a respiração ofegante.

Tyler logo a puxou pelo braço, que se levantou, vermelha pela raiva e com a respiração ofegante, bamba de tanto ódio.

– Você deve ser daquelas filhinhas de mamãe, que nunca sofreu e nunca apanhou da vida! – Gritava ela me olhando séria. Eu a observava com lágrimas nos olhos de raiva, dor e medo, sentindo tonturas a cada minuto, por conta da gravidez. –

Espero que você aprenda dessa vez! Ridícula! Um péssimo dia pra você, Miller! – E ela bateu a única porta de madeira que tinha no ambiente, deixando desespero e silêncio.

Afundi minha cabeça entre minhas pernas, chorando de soluçar, sem me importar com Tyler em minha frente, parado e me olhando. O único som produzido naquele cubículo de lugar, era o som de meu sofrimento, que eu tinha a certeza que não ia acabar ali.

Só passava em minha cabeça meu namorado e meu filho, meus pais... Meus amigos que deveriam estar tão preocupados!

Merda! Para que tudo isso? Eu merecia viver tudo isso mesmo?

– Pois bem, princesa. – O vilãozinho chamou minha atenção me fazendo passar as costas das mãos nos olhos e no rosto, secando as lágrimas que eu tentava cessar.

Minha maquiagem - que estava completamente borrada, eu presumi - estava irritando meus olhos um pouco. Respirei fundo.

– Vamos logo pro que interessa, não é? – Tyler

PERIGOSAS ACHERON

sorriu, diabólico.

Fiquei olhando-o séria e com o coração na boca, tentando me

encolher ao máximo. Ele tirou os tênis, jogando-os para qualquer lugar, depois sorriu mais uma vez. Aliás, ele não parava de sorrir.

Tirou em seguida, sua camiseta me mostrando o quão definido seu corpo era. *Nojo, era só nojo que eu sentia.* Rezei a Deus mais uma vez, mentalmente.

E então, Tyler em passos calmos se aproximou de mim, com o lábio entre os dentes.

Brandon

— Caleb, preciso da sua ajuda. — Falei rapidamente.

O próprio estava daquele jeito, bêbado, chapado, louco mesmo! Seria impossível tirar informações dele naquele momento. Mas, não custava tentar.

— Bro, que bom te ver aqui! — ele sorriu para mim, estendendo seu baseado em minha direção, como se me oferecesse.

— Por favor, será que você pode me ajudar? — Perguntei novamente, ele deu uma longa tragada antes de falar.

— Ajuda? — riu. — Pra quê? E isso é horas de se pedir ajuda? — Os meus amigos estavam ao meu lado, ouvindo o mesmo que eu. — Senta aí, relaxa, cara.

Eu ia perder a cabeça a qualquer momento.

— Não dá agora, é sério. — Falei rápido antes que me irritasse. — Preciso que você me diga onde fica a nova casa do seu primo, onde ele está morando agora.

– Ué, mas ele mudou de casa? Eu nem sabia. – Respondeu ele, a voz completamente despreocupada, ria de tudo, literalmente.

– Caralho, Carter! – Resmungou Connor me dando apoio. – Lógico que você sabe onde o Tyler mora, nos diga. É algo muito sério

– Mas, como irei falar algo que eu não sei? – Tragou a maconha. – Podemos falar do quanto de prostitutas gostosas têm aqui... Nossa! – ria ele.

Eu seria preso se desse uns murros naquele filho da puta?

– Caralho, assim fica difícil! – Gritou Ansel. – Ei, você! – Chamou um cara que estava ao lado no mesmo estado que Caleb, bolando um baseado ao lado de outro cara bem alto e quieto. – Você sabe onde o Tyler está morando?

– Não, nem olhem pra mim, não tenho nada a ver. – ele já foi tirando o dele da reta e eu não conseguia ficar calmo.

– Mas, o que tanto vocês querem com o Tyler? – Perguntou Caleb. – Deu pra gostar de pau agora, foi, Campbell? Atrás de macho... Coisa feia! – riu ele. – Faz anos que eu não vejo o Carter. Chamei

ele pra vir hoje aqui e... Nada! Ele deve estar comendo umas vadias por aí, é só isso que ele sabe fazer mesmo.

Aquilo consumiu todo o meu corpo, seja pelas palavras dele ou pelos pensamentos que surgiram em minha cabeça. Ou os dois.

Putá merda!

Por impulso, voei para cima dele, colocando minhas mãos no colarinho de sua jaqueta, erguendo-o um pouco do chão, ali mesmo perto da parede onde ele estava encostado todo despojado.

– Qual a dificuldade de me dizer onde o merda do seu primo mora, porra?! – Gritei, fitando seus olhos perdidos e vermelhos.

Queria arrebentar ele, merda!

Eu estava perdendo toda a minha paciência e esperança.

– Campbell, porra! Tá louco?! – Dexter me tirou de cima do maconheiro inútil. Dei as costas para Caleb que ficou tão perdido que só ficou quieto, não reagiu nem nada. – Assim não se ganha as coisas!

– E ganha como então, cacete? – Gritei em

PERIGOSAS ACHERON

respostas, mesmo sem me importar, sabia que as pessoas próximas estavam nos olhando. – Minha mulher nesse momento pode estar morta! Ah, e o meu filho também! As duas pessoas mais importantes da minha vida, sofrendo nas mãos de um estuprador que só sabe me odiar, como se eu tivesse feito algo de errado com ele. E eu estou aqui, me sentindo inútil sem poder fazer porra nenhuma! Parece que vocês não estão entendendo a situação! – Desabafei aos gritos e passei as mãos nervosamente pelo cabelo.

– Estamos entendendo sim, lógico que estamos entendendo! – Gritou meu melhor amigo. – Só que sua impaciência não te leva a nada! Não é quebrando a cara do moleque que você vai ganhar alguma coisa! – Eu sabia que nem ele e muito menos os outros sabiam o que dizer.

Bufei impaciente ao dar as costas a todos e passar pela multidão de gente daquela festa lixosa onde eu estava. A minha respiração estava tão ofegante que chegava a doer o peito.

– Campbell? – Ouvi uma voz desconhecida me gritar e virei, olhando um dos maconheiros se

aproximar de meus amigos e eu. Era o quieto e alto. Assim que eu o olhei, ele disse: – Tyler Carter comprou aquela mansão dos Kennedy, no acostamento daquela Reserva Florestal. Fica bem perto se for de carro. E rápido. Sua mulher corre perigo. – Avisou ele e abri um sorriso empolgado.

Isso, porra, isso!

Ele estava sendo muito útil. Mesmo chapado, ele sabia pensar! O fitei por alguns segundos e ele abriu um sorriso de volta para mim.

– Espero ter ajudado alguma coisa e espero também que fique tudo bem com a sua mulher.

– Valeu cara, valeu mesmo! – Gritei indo a caminho do meu carro que deixei estacionado ali ao lado.

Vi os meus casais de amigos entrarem nos seus respectivos carros com celulares em mãos e eu sabia que todos iam para o mesmo lugar que eu. O mais rápido possível.

Pulei para dentro do carro em poucos segundos, sentindo a empolgação em meu peito, voei pelas ruas sentido a Reserva Florestal, uma mata fechada e escura.

Só rezava a Deus para que ele cuidasse da minha pequena antes que eu chegasse.

Aliás, a esperança é a última que morre.

E Tyler Carter o primeiro.

Maria Clara

– Porra, eu estou grávida! – Gritei, meus olhos ardendo por conta das lágrimas.

– E daí? – Tyler riu e sua respiração chicoteou meu pescoço.

Os beijos que ele dava em minha pele eram quentes. Seu sorriso era diabólico e me dava medo.

Fazia minutos que estávamos nisso. Ele beijando meu corpo, enquanto eu chorava e me debatia. Dessa vez ele não foi rápido como da outra, dessa vez ele queria que eu sofresse em dobro, me torturando e me dando náuseas.

Minha blusa tinha virado um trapo! Jogada em qualquer lugar que eu não vi. Meus olhos ardendo tanto, mas tanto... Deveriam estar bem vermelhos. Eu chorava de soluçar, gritava com tanta dor... Meu Deus, será que isso nunca vai acabar?

Tyler estava só de cueca, em cima de mim. Eu, de sutiã e calça rasgados, completamente rasgados.

– Por favor, Tyler, não faz nada comigo... Caralho, estou com filho na barriga.

– Estou vendo! – Exclamou ele, sorrindo ao olhar minha barriga. – Aliás, agradece seu filhinho por mim, ele te deixou muito, muito gostosa! – Seus dentes deram algumas mordidinhas em minha coxa e eu estremeci de nojo. – Você era gostosa da outra vez, sabe? Mas é que agora está mais!

Eu só queria sair dali, só queria que tudo aquilo parasse. *Era pedir demais?*

Rocei meus pulsos um no outro, tentando me livrar daquelas cordas inúteis que me apertavam tanto, oh merda! Com muito esforço, consegui acertar um tapa com a pouca força que restava em mim, direto em seu rosto, onde ele sentiu e parou tudo o que estava fazendo.

Achei por um segundo que tudo tivesse chegado ao fim, mas me enganei quando o vi tirar a arma que estava no cós de sua calça e apontar diretamente em meu rosto, sentia a ponta do cano gelado em minha bochecha.

– Olha aqui, princesinha! – Rosnou ele no meu ouvido me dando medo e um susto sufocante. – Já te disse isso uma vez e terei de repetir: eu nunca quis te machucar, mas você é impossível! – Falava

ele com uma voz rouca e raivosa. Senti minha cabeça rodar. – Não me interessa se você está grávida ou não, não me interessa se você quer ou não. Eu quero! Então, se eu quero, eu posso!

– Tyler... Calma. – Pedi baixinho, as lágrimas molhando meu rosto por inteiro.

Senti enjoos e desconfortos momentâneos.

Eu o vi se levantar e com força abaixar minhas calças. Meu corpo todo estava tremendo de desespero, engoli em seco, sentindo sede e tontura.

Ouvi barulhos próximos, Tyler já não estava com suas mãos em mim e meu corpo estava gelado, completamente gelado. Havia mais pessoas além de nós dois naquele pequeno e quente lugar.

– *Filho da puta!* – Gritou uma voz que soava surpresa e eu reconheci de imediato.

Brandon, meu amor, Brandon!

Eu precisava tanto dele.

Sentia tanta, mas tanta dor. Parecia que toda a minha vida passava como filminhos em minha mente, eu não queria morrer, eu não queria morrer!

Ouvi aquele famoso barulho que a arma faz quando o gatilho é ativado, depois, socos, pontapés,
PERIGOSAS ACHERON

murros e os dois se atracando bem na minha frente. Tentei gritar, queria tanto gritar para Brandon tomar cuidado, mas... Da minha boca não saía som nenhum. Minha cabeça se encostou por completo no chão empoeirado e frio.

Eu ia perdendo meus sentidos mais e mais, meus olhos se fechando devagarzinho...

Não...

Ouvi apenas o barulho alto e forte de um tiro sendo disparado, antes de tudo apagar.

Meu Pior Pesadelo

*“Melhor queimar de uma vez,
do que se apagar aos poucos.”*

Kurt Cobain

Maria Clara

Era um dia ensolarado, lindo por sinal e eu estava feliz. Realizada e com bom humor. Minha saúde estava ótima, minha vida estava ótima e nenhum raio maldito no mundo mudaria aquilo.

Passei minhas mãos preguiçosamente pelo vestido florido rosa que eu usava, feliz por estar usando-o – o calor estava insuportável. Joguei os meus longos cabelos – com cachos nas pontas – para trás da cabeça, passando algumas mexas para trás da orelha esquerda.

Depois de passar perfume, fui até a porta e a abri devagar, que rangeu. Parecia que tudo estava estranho. Ou melhor, parecia não, estava tudo estranho! Aquela ali, não era a minha casa, muito menos a casa de Brad.

Aliás, cadê ele?

As paredes eram altas, elegantes e com móveis antigos de madeira, mas bem limpos e decorados. As janelas enormes davam bom acesso para o ar circular, aquilo era ótimo, vinha um ventinho de

fora, que pelo que eu conseguia enxergar ao horizonte da janela, era apenas mato, gramas verdes.

Aliás, que horas eram?

Eu estava em um corredor, com muitas portas e bem comprido. Meus pés faziam um certo barulho em contato com o chão de madeira, era até bom de se ouvir, mas me dava desconforto. Não sei, acho que tudo estava me dando desconforto por ali.

– Oh, princesa. – Ouvi uma voz ecoar e olhei Melanie parada ao meu lado.

Junto dela, estava Susan, as duas com vestidos pretos e bem arrumadas. Então me deram um abraço em conjunto.

– Você por aqui, Sue? Que saudades... – falei sorrindo. – Você nem avisou que viria!

– Claro que eu estaria aqui hoje, Maria Clara, sempre estou contigo. Assim que eu soube... – ela engoliu o choro que se formou na garganta dela. – Vai ficar tudo bem.

– Vai? – Perguntei enquanto ela me abraçava de novo.

– Vai! – Confirmou com um sorriso de lado.

Só ali percebi que tinha mais pessoas no andar de baixo. Então me aproximei da grade da escada, onde já estávamos.

O que estava acontecendo?

Todos estavam conversando baixo, uns tomando chá com suas pequenas xícaras e vestidos de preto. Até Jeremy, Erin e as crianças estavam lá. Aliás, eu já iria cumprimentá-los! Olhares tristes pousaram sobre mim enquanto eu descia as escadas, avistando Ansel, Connor, Lauren e seu namorado Dexter. Ah, Caleb e Katherine estavam ali. Caramba, até Paige!

Mas o que levava todos a estarem ali?

Meus pais vieram me dar um abraço apertado, que eu correspondi mesmo sem entender.

Aliás, cadê o meu namorado? Droga!

– Pai, cadê o Brad? – Perguntei, olhando para os lados e nada dele.

– Oh, filha... Fica calma, ele estará pra sempre em nossos corações, era tão querido por todos... Você irá ficar bem.

– Pai! – Chamei sua atenção, mal ouvindo suas palavras. – Me diz onde está meu namorado, por

favor! – Pedi e ele ficou em silêncio.

Olhei para minhas amigas que estavam todas juntas, chorando e olhando para mim. Fitei todas, com a intenção de que elas me falassem onde Brandon estava e nenhuma delas abriu a boca. Eu já começava a me desesperar.

– Vai ficar tudo bem, Clarinha, me prometa que ficará forte. – Pedia minha mãe.

– Prometo, mãe. – Respondi automaticamente e sem pensar antes de questionar pela milésima vez: – A senhora viu o Brandon?

Eu queria tanto sentir o abraço dele, sentir seus lábios quentes nos meus e olhar seus lindos olhos claros. Eu sentia saudades.

Eu sentia muitas, muitas saudades.

Mas ninguém abria a porra da boca para me falar onde ele estava!

– É melhor deixarmos com que ela veja antes de fecharmos, aliás, já está dando a hora. – Ouvi a voz de Belinda ali perto e Elizabeth estava chorando ao lado dela.

Meus pais instantaneamente, saíram de minha frente e eu consegui ver, no fundo da sala, um
PERIGOSAS ACHERON

caixão preto, com coroas de flores na parede.

Caramba! Era um velório! Por isso todos estavam tristes...

Mas... Velório de quem? Eu não lembrava de nenhuma morte próxima... Ninguém falava nada.

Se Brad estivesse aqui, me contaria! Ultimamente, ele era o que mais estava comigo, o que mais me apoiava e o que mais me amava.

Oh, meu amor...

Caminhei em direção ao caixão, com o coração na boca de nervoso. Eu odiava velórios, nem sabia que morto que estava ali dentro e era meio estranho ficar perto demais.

Ao lado, tinha uma pequena placa, com um letreiro e uma foto que me fizeram parar.

A fotografia, era de um garoto lindo de 19 anos, com cabelos castanhos claros, puxados para o loiro, de pele branquinha e olhos da mesma cor. Caramba, como eu amava aqueles olhos! Em sua boca, um sorriso, um sorriso que eu conhecia bem e que amava muito também! O melhor sorriso do mundo.

As palavras ao lado, fizeram com que as
PERIGOSAS ACHERON

lágrimas quentes que já brotavam em meus olhos, escorressem sobre meu rosto que estava quente também:

“Em memória de Brandon Drew Campbell.
Com amor: família, amigos, seu filho e noiva,
Maria Clara Miller.

Eternamente em nossos corações.”

Olhei para o caixão, que tinha diversas flores brancas ao redor dele todo e, ao meio, Brad. Sim, Brandon, gelado, de olhos fechados, dedos das mãos entrelaçados junto ao peito e...

Morto.

Minhas pernas ficaram tão bambas que a única coisa que eu fiz foi abrir a boca para gritar de desespero, mesmo que o som não saísse...

– NÃO! NÃO! NÃO! – Eu conseguia ouvir nitidamente minha voz, mas foi só quando consegui abrir os meus olhos.

Meu corpo quente, completamente suado e pesado, meu rosto molhado por lágrimas e minha garganta dolorida de tanto gritar.

– Calma, Clara, está tudo bem, meu amor... Fique calma! – Ouvi aquela voz, aquela linda voz que me acalmava e um garoto completamente machucado vindo me abraçar.

Meu garoto, meu lindo garoto... Oh, meu Deus!

Meu coração descompassado no peito... O susto foi muito, muito grande, eu não conseguia me tranquilizar. Enfim me apertei em seus braços.

– Fique calma, por favor! Foi só um pesadelo... – pedia ele baixinho ao beijar minha cabeça, seus braços em volta de mim.

– Brandon... Eu sonhei... – soluzei. – Eu sonhei que você tinha morrido, sonhei que você tinha me abandonado! – Eu não conseguia parar de chorar, meu corpo tremendo.

– Estou aqui, meu amor, fique calma, princesa... Está tudo bem! – Sua voz me acalmava um pouco, eu tentava respirar fundo.

Foi o pior pesadelo da minha vida.

A Vida Nem Sempre é Um Mar de Rosas

*“Vem sempre que puder, que quiser, que
precisar.*

*Vem que eu te escuto, te protejo,
te cuido, te mimo, te amo.”*

Caio Fernando Abreu

Maria Clara

Fazia poucos minutos que eu tinha acordado com aquele pesadelo horrível e Brandon me acalmava aos poucos.

Foi então que percebi onde estava. Um hospital, mais uma vez. Era sempre assim depois de um capítulo com Tyler Carter. Suspirei, meu corpo dolorido, deitado na cama, observei meu corpo com aquele avental branco horrível.

Uma de minhas mãos estava furada e uma enfermeira havia aparecido, me fez meia dúzia de perguntas e verificou o soro que eu estava recebendo. Antes de sair, nos avisou que o médico iria aparecer em poucos segundos.

Quando só estava Brandon e eu dentro da sala, ele se sentou ao meu lado. O sol estava quente lá fora, deu para ver da janela aberta, onde não vinha vento nenhum.

Respirei fundo, com o corpo levemente suado, fitando meu namorado em minha frente, que estava com roupas simples, mas limpas, não com as do dia

anterior. Seus cabelos estavam levemente bagunçados, sem o famoso topete e eu deduzi que ele não tinha se importado com o cabelo, já que estava preocupado comigo.

Cabelo...

Lembrei-me do meu no mesmo instante, mas permaneci olhando para ele, sem tocar nos meus ou tentar olhá-los, seria chocante para mim. Parecia besteira, mas para mim, com certeza não era.

Fitei meu namorado mais uma vez, só para ter a certeza de que ele estava mesmo vivo. Senti um aperto no coração pelo maldito pesadelo.

Oh, merda!

– Por quanto tempo eu dormi? – Perguntei, colocando a mão sobre a barriga.

O rosto dele estava machucado. O olho roxo, o maxilar e o supercílio cortados, os olhos tristes...

– São 15h27 da tarde. Você acordou cedo dessa vez. – Avisou ele e passei minhas mãos em seu rosto devagar.

– Senti tanto sua falta... – murmurei baixinho, com o choro na garganta me lembrando da noite passada. Ele estava tão para baixo. – E medo

PERIGOSAS ACHERON

também.

– Me conta o que aconteceu antes de eu chegar. – Pediu ele e engoli em seco, fazendo esforço para lembrar.

Por incrível que pareça, eu me lembrava de pouca coisa.

– Estava com as garotas perto do lago onde você tinha nos deixando e Landon apareceu, apenas para me cumprimentar, pelo menos foi o que eu achei. – Comecei falando, com calma. – As garotas nos deixaram sozinhos, eu não sei exatamente o motivo... – limpei a garganta. – Depois ele se despediu de mim normalmente e antes que eu pudesse andar, senti a arma dele em minhas costas, me ameaçando e pedindo que eu fosse com ele diretamente para o carro.

Vi o maxilar de Brandon travado, ele com certeza não estava gostando do que ouvia. Coloquei minha mão em cima da dele, que estava ao lado de meu corpo na cama.

– Denunciei esse merda pra polícia.

– Brandon! – O repreendi baixinho. – Por quê fez isso? Ele não teve culpa...

– Não teve culpa, Maria Clara? – Perguntou ele ao se afastar e levantar. – Merda! – Resmungou, gesticulando as mãos no ar. – Ele apontou uma arma pra você, te sequestrou e você continua defendendo o cara? – Sua voz era pura indignação.

– Dá pra você esperar e ouvir o que tenho pra dizer? – Pedi séria, sem querer brigas. Sabia que iríamos acabar brigando e achei melhor explicar.

Ele bufou e depois me olhou, continuei falando: – Landon foi ameaçado. Tyler estava com a irmã dele. – Brad arregalou os olhos por alguns segundos. – Tyler a sequestrou e só iria soltá-la, se Landon me levasse pra ele.

– E ele não viu que você está grávida? Que fora a sua vida, outra também estava em risco?

– A vida da irmã dele também estava em risco! Porra, amor, eu sei que foi errado o que ele fez, não estou defendendo-o, mas também, não vamos ser egoísta! A irmã dele estava correndo risco! – Repeti. – Você não iria gostar se Molly estivesse nas mãos de um imbecil que quisesse estuprá-la e depois matá-la. – Falei sem pensar e Brandon ficou rijo, me olhando sério e, com certeza imaginado

uma possibilidade absurda dessas.

– Por que ele não pediu ajuda pra alguém? Sei lá, pra mim? Eu o ajudaria!

– Foi o que eu disse, mas ele estava nervoso e acho que se ele envolvesse mais alguém, poderia acontecer algo pior. Ele estava com medo assim como você. – Avisei. – Você sabe onde ele está agora?

– Na cadeia.

– Na cadeia? – Quase gritei.

– Por favor, não grita! – Falou ele. Eu ainda estava em choque. – Você não pode se desesperar e eu tenho muitas bombas pra te jogar ainda hoje. – Engoli em seco com suas palavras. – Continue contando o que houve. – Pediu ele.

Respirei tentando me acalmar mais uma vez. Bom, ele tinha razão.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, eu pensando no que falar, pensando no que tinha rolado e Brandon ficou me olhando e esperando.

– Ao chegarmos na casa de Tyler, Landon saiu do carro, me deixando sozinha por alguns instantes e foi quando eu te liguei. Quando a ligação caiu, foi o

PERIGOSAS ACHERON

meu celular que tinha literalmente caído de minhas mãos por ter sentido uma dor absurda no braço. Eu estava tão concentrada na nossa conversa que não percebi ele voltar para o carro e ele estava com uma seringa, injetou em meu corpo alguma coisa e eu adormeci.

Brandon rolou os olhos ao apertar os dedos na borda da cama, com raiva.

– Só isso que você se lembra? – Neguei com a cabeça.

– Quando eu acordei, estava dentro do... Sótão da casa, Landon e sua irmã não estavam lá. Estavam apenas Tyler e Candice. Meus pulsos estavam amarrados um ao outro e... – Passei meus dedos em um de meus pulsos, que estavam quase roxos de tão forte que as cordas estavam amarradas neles horas atrás. – Os meus cabelos estavam cortados, Candice cortou. – Conteí esse detalhe também e Brandon me fitava, com calma, passou as mãos pelos meus cabelos soltos, gelei, o choro na garganta. Apenas não deixei com que ele me tocasse, comentando: – Devem estar uma porcaria, aliás, sua ex- namorada é puta e não cabeleireira.

– Você está linda. – Falou ele tocando meu rosto devagar.

Abaixei o olhar. Droga!

Por que eu estava chorando? Eu realmente não queria que ele me visse assim.

Funguei e continuei a contar o que passei:

– Depois, ela me bateu. Se vingou, me xingando e me machucando de todos os jeitos possíveis. Ela me humilhou tanto, eu estava com medo de fazer algum mal pro nosso filho... – admiti. – Quando eu achei que tudo tinha acabado, Tyler começou com suas insinuações. – Continuei falando e ele ouvindo atentamente. – Ele queria ser pior do que da outra vez, ele me falava coisas tão absurdas... Me enojava tanto... – disse baixinho, sem olhar para ele.

Eu sentia vergonha.

– Amor, para de pensar, tudo bem? Já acabou. – Falou ele, me tranquilizando. Só pelo meu jeito ele deveria saber que eu estava revivendo tudo aquilo. – Acho que dessa vez acabou de verdade mesmo.

Aquela frase me fez levantar o olhar para ele.

O que ele estava querendo dizer com isso?

– Calma, vou explicar. – Ele foi rápido, estava um pouco nervoso pelo que eu conhecia dele. – Agora é a minha versão. Quando você saiu, as meninas vieram imediatamente me falar e eu liguei imediatamente para a polícia. Eles não deveriam estar fazendo absolutamente nada! Porque depois que você me ligou, passamos mais de quatro horas sem notícias nenhuma e fizemos mil deduções para saber onde você poderia estar e até que conseguimos alguma informação decente com um dos amigos de Caleb. Fomos atrás de você sem pensar duas vezes, apavorados e desesperados.

– Eu estava bem tonta e quase desmaiando quando vi você chegar, vi você aos murros com Tyler e só ouvi um tiro quando tudo apagou... O que aconteceu? – Senti meu coração levemente alterado.

– Se o tiro não pegou em você e muito menos em mim, só poderia ter pego no...

– Tyler. – o interrompi. – O que aconteceu? – Pedi mais uma vez, já esperando o pior.

Sem acreditar que aquilo pudesse estar acontecendo.

Brandon soltou um longo suspiro, se levantou da cama e andou por poucos segundos de um lado para o outro, sem dizer absolutamente nada. Eu já estava começando a me agoniar.

– Quando as pessoas dizem que o amor é cego, elas estão completamente certas. – Começou ele e permaneci em silêncio olhando-o, que aos poucos e com um certo receio, olhou para mim ao falar. – Eu nunca pensei que um dia fosse fazer algo do tipo. Mesmo eu querendo que tudo acabasse, eu não queria que tudo tivesse acabado assim, dessa maneira.

– Amor... – minha voz saiu baixa demais, ele não deixou com que eu falasse.

– Eu não sei nem o que falar, não sei o que fazer, não sei o que pensar. – Ele soltou um suspiro pesado. – Tyler Carter está no andar de baixo desse hospital, numa maca, quase morrendo por minha culpa.

Aquilo fez meu mundo parar.

Era isso mesmo que eu estava ouvindo?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

– Você está falando sério? – Clara perguntou, calma, um pouco surpresa.

– Sim. – Senti o desconforto e o choro na garganta, engoli. – Eu não queria fazer isso, bom, ele merecia uma lição, mas não algo do tipo...

– Se ele morrer, você... Você vai ser preso? – Os olhos de Clara se encheram d'água.

– Eu não sei. – O silêncio tomou conta por alguns instantes. – Por favor, não se desespere, vamos resolver as coisas. Minha mãe está a par de tudo. Depois do ocorrido, liguei para a polícia que já estava a caminho. Os garotos estavam comigo na hora, ligaram para a ambulância que trouxeram vocês dois pra cá. Seus pais estão sabendo, já estão aqui também, lá fora. – Lembrei-me deles.

– O estado dele é grave?

– Muito. – admiti.

Merda, porque as coisas teriam de acontecer assim?

– E o nosso filho? Bom, ele nunca se mexeu,

então eu não sei se...

– Por favor, não fala nada! – A interrompi. – Nosso filho está bem. – Falei, mesmo sem saber. – Precisa estar tudo bem com ele. – Sentei-me ao lado dela de novo.

Eu não sei quantas vezes já fiz isso hoje.

– Onde o tiro pegou?

– Próximo ao estômago. – Falei o que os médicos tinham me avisado pela manhã.

Era óbvio que eu tinha ido atrás, saber como ele estava.

Em outra vida, eu juro que ninguém acreditaria, mas... Sim, eu estava preocupado com a saúde de Tyler Carter.

– O que você vai fazer a respeito? – Ela queria saber de todos os detalhes.

Eu não a culpo, era preciso que ela soubesse mesmo. Com ela, eu conseguia me abrir.

– Como a polícia sabia a respeito do sequestro, do estupro e das tentativas de estupro... Ele irá pra cadeia se não morrer. Minha mãe já está à procura de um advogado para mim. Eu não tive culpa! Eu estava protegendo você, protegendo nosso filho e

PERIGOSAS ACHERON

protegendo a mim! Foi em legítima defesa!

– Você não pode ser preso.

– Eu não serei preso! – Disse rápido e sério, tentando convencer a mim e a ela, que consentiu em silêncio. – Vai dar tudo certo.

– Sim, vai! – Ela consentiu e ficamos em silêncio, suspirei fundo. – Por falar em cadeia, eu queria te pedir uma coisa. – Começou ela, segurando minhas duas mãos com força.

– Pode falar.

– Quero que você tire a acusação de Landon. Ele não teve culpa, é uma vítima como nós dois. Eu sei que se ninguém tivesse o obrigando, ele não teria feito mal a mim, não teria feito mal a nós dois... Por favor. Ele não merece ficar atrás das grades por causa disso.

Ficamos em silêncio por alguns segundos, eu fitando os olhos dela e ela os meus. Ok, talvez ela tivesse razão.

Quem merecia era Tyler e Candice, não ele.

– Tudo bem. Amanhã cedo irei lá, pedir que o soltem.

– Ótimo. – Ouvi seu suspiro de alívio e ela me

PERIGOSAS ACHERON

puxou para um abraço.

O abraço foi muito apertado, confortável, inovador e gostoso. Eu amava o abraço dela, a calma que ela me passava era mágica.

Eu não me arrependia de nada que fiz. Mesmo sendo muitas coisas erradas, eu faria de novo e de novo.

Sabe qual o motivo de um pensamento assim? Amor. O amor.

Maria Clara foi a única pessoa por quem eu me apaixonei de verdade, nada do que sinto por ela eu senti por outro alguém. Ela é a garota mais inteligente, companheira e forte que eu conheci. O coração dela é puro, é rico, é... Sensacional. Eu tinha a fiel certeza de que Deus tinha me enviado, para me tornar um bom homem, um homem amado, feliz e realizado.

Eu salvaria a vida dela quantas vezes fosse preciso. Do melhor ou do pior jeito.

Ao desfazermos o abraço, ela me olhou com um certo receio e esperei que ela perguntasse o que queria:

– E... Candice, onde está?

– Sumiu. Evaporou do mapa. – Falei. – Ela não estava na casa de Tyler quando eu cheguei, a polícia já foi em alguns dos lugares em que ela poderia estar, mas... Nada dela. – Fiz carinho em seu rosto. – Espero que fique longe por muito tempo.

Ela consentiu com um meneio de cabeça e eu fixei meu olhar em sua boca, que estava rosada... Selei nossos lábios no segundo seguinte, que foi bem correspondido. Ela me recepcionou bem, mordiscando meus lábios e chupando-os devagar. Nosso beijo fazia estalinhos e aquilo era bem gostoso e fazia um bem danado para meu corpo e para minha alma.

Caramba! Porque eu tinha que amá-la tanto?

Eu não existiria sem essa garota.

O beijo foi interrompido por Clau e Logan que adentraram a sala devagar e fez minha namorada abrir um sorriso fraco de lado para os pais.

– Srta. Miller. Sr. Campbell... Tenho que dar uma notícia a vocês. – Avisou ele. – Por favor, sentem-se. – ele olhou para mim e cruzei meu olhar

PERIGOSAS ACHERON

confuso com o de minha namorada antes de se sentar ao seu lado, onde ela se sentou também e segurou em minha mão.

– Tem algo a ver com o nosso filho, doutor? – Maria Clara perguntou.

– Exatamente. – Respondeu com uma cara nada boa.

Em suas mãos, milhares de papéis. Maria Clara imediatamente colocou a mão em cima da barriga e eu não sei o motivo, mas... Meu coração veio na boca.

Maria Clara

Engoli um pequeno nó horrível que se formou em minha garganta.

– Pode falar. – Pedi, sem saber o que pensar.

– Bom, hoje pela manhã, assim que você deu entrada aqui, nós te demos todos os medicamentos necessários e fizemos os exames necessários também. – Fez uma pausa agonizante. – Vocês quase perderam o bebê.

Soltei um suspiro tão, mas tão alto que foi ouvido pelos chineses, eu juro. Brandon estava sério e rijo ao meu lado.

– E ele está bem? – Perguntou meu namorado.

– Bom, eu tenho duas coisas para falar. Uma boa e uma ruim. Qual eu devo falar primeiro?

Oh, merda! Ainda tinha essa?! Porque ele não falava as duas de uma vez?

– Primeiro a ruim. – Pediu Brad.

– Com os exames que fizemos, inclusive o ultrassom, percebemos que o bebê corre riscos.

Caramba, meu filho...

– É tudo minha culpa? É por eu viver com todas essas turbulências, não é? – Perguntei, desnorteada, sentindo as lágrimas em meus olhos.

– Brandon, por favor, sente-se. – pedia o médico, tentando acalmar nós dois, que não sabíamos o que dizer. – Vocês precisam ficar calmos! Srta. Miller, você não tem culpa. O que peço, é que você tire no mínimo, uma semana de repouso absoluto!

– Repouso absoluto?

– Você precisa de um tempo. Se não, as coisas só irão piorar. – Informou o médico.

Eu estava a ponto de chorar e coloquei minhas mãos sobre meus olhos, ele ia falar algo, mas se calou. Senti Brandon com suas mãos em cima de minha cabeça e sussurrando um “shhh”, como se fosse adiantar.

– Amor, por favor. – Pedia meu namorado. – Tenha calma, vai ficar tudo bem.

– Está tudo bem! – Avisou o médico, eu levantei a cabeça, um pouco tonta e limpei as poucas lágrimas. – Não se exalte. O importante é que ele está vivo e irei fazer o possível para que continue assim. Você também? – No rosto do médico tinha

um sorriso pequeno, os olhos dele eram penetrantes enquanto olhava para mim e Brad.

Processei todas aquelas palavras que ele estava falando para nós. Sorri fraco de volta.

– Eu também. – Falei, passando a mão em minha barriga de leve.

Eu faria o possível e o impossível para tudo ficar bem com ele. Com o meu filho, o meu anjo, o melhor presente que o homem da minha vida poderia me dar. Olhei para ele ao meu lado, que abria um sorriso fraco, mais relaxado.

– E então, querem saber a boa notícia? – Perguntou o doutor.

Eu tinha quase me esquecido.

– Conta, pelo amor de Deus! Me dê um motivo para sorrir.

– No ultrassom, não conseguimos ver o sexo do bebê, por que você está apenas de dez semanas. Mas, precocemente, seu exame de sangue nos informou. – A mão do papai ao meu lado apertou a minha. – A criança que vocês esperam é um menino, um forte e pequeno menino.

– Jack! Caralho! – Gritou Brandon bem alto com
PERIGOSAS ACHERON

um sorriso enorme no rosto.

Putá merda, que maravilha! Sorri junto. O médico sorria para nós.

– Não acredito! – Gargalhava de felicidade. – Meu filho... Um garoto! Nossa! – Ele não conseguia segurar a empolgação, ria como um bobo e eu sorri por ele.

– Parabéns para vocês dois! – O médico sorriu, arrumando os papéis em suas mãos. – Hoje você passa a noite aqui, tudo bem, Maria Clara? Você vai embora pela manhã e levando todas as receitas necessárias com informações para seu repouso...

– Ok. – Falei feliz, sem me importar de passar mais uma noite no hospital. – Obrigada, doutor. – Ele sorriu.

Assim que o médico deixou a sala, eu deitei meu corpo confortavelmente na cama antes de Brandon segurar meu rosto com força entre suas mãos enormes e dizer:

– Eu amo tanto você! – Então se aproximou e selou nossos lábios.

Senti meu corpo todo se arrepiar pela emoção, pelos beijos e pelos toques dele em meu corpo.

Suas mãos faziam carinho em meus braços e minhas coxas. Com meus dois braços livres, envolvi seu pescoço, puxando seus cabelos com as pontas dos dedos. A língua dele brincava com a minha e aquilo era realmente bom, me fazia esquecer de todos os problemas.

Brandon começou a beijar meu maxilar, depois desceu os lábios pelo meu pescoço e eu ri quando ele começou a falar, uma palavra entre cada beijo:

– Obrigado pelo presente! – vibrou ele me fazendo rir.

– Eu amo você! – fitei seus olhos claros, que brilhavam de felicidade.— Amo muito você, meu amor!

– Você é maravilhosa!

Por incrível que pareça, tivemos um fim de tarde e um começo de noite bem... Normal. Sem Tyler, sem Candice, nem estupro, nem brigas, muito menos lágrimas e sofrimento. Só risadas, sonhos e objetivos sendo imaginados e postos no papel. Quem diria, hein?!

Eu era uma garota de sorte imensa. *Putá merda!*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Mato e Morro

“Perdoem. Mas não esqueçam!”

Nelson Mandela

Brandon

Era 13h da tarde, pelo menos era isso o que marcava no meu relógio. Eu tinha acordado cedo naquela manhã, já tinha feito muitas coisas desde então. Passei na delegacia para fazer o que Clara tinha pedido.

Esfreguei minhas mãos uma na outra depois de arrumar o meu topete no retrovisor do carro. Peguei o buquê de flores que eu tinha comprado e entrei no hospital, passando rapidamente pela recepção e em seguida para o quarto de Maria Clara.

Abri a porta, encontrando ela passando as mãos nos cabelos curtos e fechei a porta atrás de mim. Clara vestia uma saia branca de pano fino, uma regata preta e um colete preto por cima. Nos pés, uma sapatinha preta. Dei um selinho colado em seus lábios assim que me aproximei lhe entregando o buquê.

– Oi, meu amor. – Sorriu.

Uma mulher nova, forte e linda.

– São lindas. – Ela observava as flores.

– Como você. – Sorri aproximando minha boca dos lábios dela.

– Obrigada. – Seus braços se envolveram em volta de meu pescoço e ela depositou selinhos com seus lábios gelados nos meus.

Assim que pegamos seus pertences que os pais dela haviam levado no dia anterior, fomos nos despedir do médico, que nos passou informações sobre o repouso e alguns medicamentos que Maria Clara poderia tomar.

De mãos dadas, nós descemos para o primeiro andar e sorrindo aliviados, passamos pela sala de espera do hospital, quando vi o Sr. Carter chorando sentado em uma das poltronas.

Antes mesmo de eu pensar em passarmos despercebidos, ele nos parou, limpando as lágrimas e olhando para Maria Clara, que não disse nada, esperou que ele falasse.

– Maria Clara, eu queria te pedir desculpas. – O homem a nossa frente falou. Fiquei rijo ao lado dela, com minha mão em sua cintura. Ela segurava o buquê com força nas mãos. – Te pedir desculpas pelo que o meu filho fez com você. Eu descobri

tudo ontem quando ele veio parar aqui no hospital e eu... Bom, ele nunca faria isso, então eu faço por ele; mil desculpas. Para você também, Campbell. – Ele olhou para mim, os olhos tristes e medonhos. Era a cara de Tyler, só que mais musculoso e mais velho. – Reconheci o erro do meu filho, estou decepcionado até agora, eu...

– O senhor não teve culpa nenhuma. – Clara falou. – Mesmo assim, espero que fique tudo bem com ele.

– E eu espero que Deus abra a porta do céu pra ele, coisa que acho meio difícil. – Eu juro por tudo que é mais sagrado que eu teria rido do que ele disse se não tivéssemos numa situação daquelas. Só ali me toquei no que ele estava falando. – Tyler tinha um coração bom, no fundo... Mas, com milhares de acontecimentos na vida dele, acabou usando essas drogas malditas e achou que só por que ele sofria, outras pessoas tinham que sofrer também.

Engoli em seco.

– O senhor quer dizer que...?

– Pedi para que desligassem os aparelhos. – Ele

cortou Maria Clara. – Eu sabia que ele não iria resistir mesmo, então... – fez uma pausa. – Brandon, eu conversarei com a justiça, se eu tivesse no seu lugar, eu faria a mesma coisa para salvar quem eu amo. – Sr. Carter olhou para mim e eu apenas consenti com a cabeça, sem reação.

Tyler Carter estava morto.

– E porque você não salvou o seu filho? – Perguntei, quase aos gritos. – Ele poderia viver, sabia? Eu não queria ter matado ninguém! – Defendi-me.

– Eu sei disso, mas... – e a voz dele falhou, consegui perceber que ele queria chorar de novo. – Talvez fosse melhor assim. Eu conhecia o meu filho, ele teve o mundo todo para viver e viveu. Tanto coisas boas como ruins e eu sei que em outra vida ele possa ser um garoto melhor do que ele foi um dia aqui. Pelo menos ele não vai sofrer.

O silêncio se instalou na sala de estar, meu peito descia e subia um tanto descompassado demais.

Merda! Eu não conseguia acreditar!

– Posso te fazer um pedido? – O pai de Tyler segurou em uma das mãos de Clara, que ficou

imóvel, apenas assentiu com a cabeça. – Amanhã eu irei fazer uma cerimônia de despedida para ele, com apenas eu, os avós e os poucos amigos que ele tem... Pode parecer estúpido, mas... Você poderia ir?

– Ela precisará ficar de repouso por uma semana, se não é o meu filho que irá morrer. – Intervi, olhando pra ele.

– Bom, então...

– Eu irei. – Avisou Maria Clara me fazendo olhá-la. – Darei um jeito, estarei lá. Tudo bem? De verdade, meus pêsames pelo seu filho... – ela deu um abraço nele que abriu um sorriso triste para nós dois em seguida e deixou a sala.

Maria Clara me puxou pela mão e seguimos em silêncio até o carro. Meu coração a mil, minha cabeça tentando raciocinar.

Maria Clara

Brandon abriu a porta do carro para mim e eu entrei, ele deu a volta e bateu a porta ao entrar, jogando minha bolsa no banco de trás.

– Ei, fica calmo! – pedi.

– Não dá, amor...

– Eu só irei lá amanhã, pelo Sr. Carter, não pelo Tyler. – Fiz uma pausa. – Ele parece ser um cara tão bom, e na minha opinião, não merecia o filho que tinha.

– Eu matei alguém. – Falou Brandon ao meu lado e eu sabia que ele tinha ficado indignado com a notícia. – Maria Clara, eu matei uma pessoa! – Gritou ele, perdido. – Eu... Ah, droga! Era para ser um dia bom, você vai pra casa, ia ficar tudo bem. – Ele passou a mão nos olhos.

– Fica calmo... Você não matou ninguém porque quis, só se defendeu. – respondi tentando resolver as coisas.

– Mesmo assim! Como você disse, aquele homem é bom demais para ser pai daquele merda

que era o Tyler. Ele disse que vai até falar com a polícia! – Brandon soltou um suspiro pesado.

Por um lado, eu sabia que ele tinha ficado realmente mal, querendo ou não, quem deu o tiro foi ele.

Por um segundo, eu fiquei tão, mas tão aliviada que se eu pudesse, soltaria fogos de artifícios no céu. Até porque, nem eu e muito menos o meu filho correríamos perigo nas mãos de um estuprador.

– Agora já foi, amor. Você precisa ser um pouco mais frio... Tyler nunca fez bem a nenhum de nós dois. Pelo menos agora, vai ficar tudo bem.

– Eu não sou um assassino em série, Clara, como você quer que eu me sinta?

– Antes Tyler Carter do que Jack Campbell, não acha? – Aquilo fez com que ele olhasse para mim. – Por favor, não fica assim. Olha pra mim, estou bem. – Apontei para mim mesma, ele me olhava ainda. – Ele também está. – Coloquei a mão na barriga e Brandon abriu um sorriso de lado, um sorriso fraco, mas que demonstrava que ele estava começando a se acalmar.

Fui com a minha boca para perto da sua e

PERIGOSAS ACHERON

iniciamos um beijo rápido e doce que tirou toda a tensão que preenchia o carro.

– Obrigado por não desistir de mim.

– Por que eu desistiria de você? Você é como uma metade. Aliás, nós dois só funcionamos se estivermos juntos. – Falei. Minhas mãos estavam em volta de seu pescoço, o buquê em meu colo e uma de suas mãos em meu cabelo. – Eu faria o mesmo por você, quantas vezes fosse preciso.

– Meu justiceiro favorito. – Sorri, dando um beijo colado nele, que soltou um gemido.

– Agora eu posso falar de boca cheia o famoso ditado, não é? – Começou falando. – Eu mato e morro por você.

Aquilo fez meu corpo todo se arrepiar e me dar a certeza mais uma vez que eu poderia morrer e nascer mil vezes, em todas as minhas vidas eu pertenceria a Brandon Campbell.

– Espera. – Pediu meu namorado ao sair do carro, deu a volta e abriu a porta para mim, sorri em resposta.

Saí ainda com o buquê nas mãos, eu estava apaixonada por aquele buquê, não queria soltá-lo de jeito nenhum.

– Que foi? Que cara é essa? – Perguntei, ele tinha estacionado o carro na garagem reservada para ele na minha casa e tinha acabado de me dar a mão, onde entrelacei nossos dedos.

Brandon estava risonho demais para o meu gosto.

– Tenho uma surpresa pra você.

– Surpresa? – Perguntei feliz.

– Sim. – Sorri para ele, fiquei empolgada.

Não perguntei, aliás, ele não iria contar e só continuei andando até a porta, meus pés começando a doer por estarem inchados e eu usar sapatilhas. Não via a hora de jogar os pés para cima num sofá geladinho.

Assim que Brandon abriu a porta, ouvi milhares de vozes em coro com “*surpresa!*” me fazendo abrir um sorriso enorme. Todos os meus amigos estavam lá, até Landon no canto da sala. Caramba!

Por um segundo me lembrei do pesadelo, da parte boa, claro, onde todos estavam reunidos. Sorri olhando detalhadamente para cada um deles e senti

PERIGOSAS ACHERON

meus olhos se encherem de lágrimas. Brandon me apertou num abraço de lado e eu olhei para o homem da minha vida, que sorria para mim.

Eu me sentia feliz. Depois de longos e cansativos dias, eu me sentia feliz.

Abracei cada um que estava naquela sala, sorrindo para todos, que faziam piadinhas e estavam felizes por eu estar ali. Definitivamente, todos preferiram esquecer do que tinha acontecido, assim como eu.

Fui em direção ao sofá da sala, sentando, relaxando meu corpo.

Todos conversavam e riam em volta da mesa ao se servir para o almoço. Eu nem acreditava que aquilo estava acontecendo. Estava tudo maravilhoso! Connor junto de Susan estavam ao meu lado me contando o quanto estavam felizes por saberem que o bebê estava bem, que eu estava bem também, me fazendo rir como uma mãe toda bobona.

— Amor! Faz meu prato e traz aqui pra mim, por favor. — Pedi, olhando para ele que se servia na

PERIGOSAS ACHERON

mesa.

Dava para ver todos sentados e comendo, a copa ficava ali ao lado.

– Quem é paga pra te dar as coisas na mão é a Angel, amor! – Respondeu ele, fazendo pirraça.

– Mas o filho que eu carrego na barriga é seu e ele está morrendo de fome. – Rebatu, ele revirou os olhos segurando um prato limpo e começou a colocar meu almoço.

– Vocês já sabem o sexo do bebê? – Perguntou Dexter assim que me soltou do abraço.

– Sim. Achei que Brad já tivesse avisado para vocês.

– Não, eu não avisei, esse almoço é pra isso, Maria Clara. – Gritou ele vindo em minha direção, onde eu coloquei uma almoçada no colo e o prato em cima.

– Achei que fosse de “*bem-vinda de volta*” pra mim. – avisei.

– Bom, acho melhor vocês falarem logo, estamos curiosos! – Jeremy falou.

Eu estava morrendo de fome! Brandon estalou a língua no céu da boca, voltando para a mesa.

– Anda, fale logo! Quero saber se vou ter um namoradinho ou não! – perguntou Molly, dei uma gargalhada.

– Você nunca vai ter um namoradinho, Molly, se toca! – Exclamou ele ao dar um pequeno tapa na cabeça da irmã, brincando.

Todos estavam em silêncio, olhei para o meu namorado fazendo-o sorrir e por fim dizer:

– É um garoto. – Falou ele e todos começaram a vibrar, assim como eu, que dei risada. – É um Brandon mirim. Imagina o quanto de mulher que esse garoto vai pegar!

Os olhos dele até brilhavam!

– Começando pela Molly! – Gritou Connor fazendo todos gargalharem e Brad mostrar o dedo para ele.

A pequena Molly se levantou da cadeira e veio correndo em minha direção.

– Oi, meu amor, eu Molly, sua namorada, te espera aqui fora ansiosa, tá? Te amo, tchau! – Disse ela olhando para a minha barriga, de um jeito fofo e engraçado que me fez sorrir.

Ela depositou um beijo em minha barriga por

PERIGOSAS ACHERON

cima de minha blusa e voltou correndo para a mesa para terminar de almoçar, coisa que me fez rir.

Os garotos conversavam, comiam, meus pais e meus sogros conversavam, comiam também, meus cunhados me paparicavam durante a tarde toda. Comemos sobremesa e ganhei presentes para o bebê da maioria das pessoas que estavam lá. Era uma tarde abençoada, sem dúvidas! Que foi muito bem registrada por fotos e lembranças felizes.

Eu me sentia muito bem espiritualmente. Não tinha nenhum rancor e nenhuma briga, sabe? Não teve magoa e nem intrigas. Não teve ninguém falando de Tyler morto, sequestro... Nada disso. Meus pais me paparicaram muito também, felizes por ser avós e eu dava boas gargalhadas com as palhaçadas de Clau.

Caramba, que saudades de tudo!

Depois que meus sogros e cunhados foram embora, meus amigos continuaram lá! Assistimos a filmes e era tudo gostoso de se viver, era paz, só paz. Landon estava ali também, o que me deixou bem, pois eu gostava da amizade e da presença dele, mesmo depois de tudo o que aconteceu.

Ele ficava mais perto de Ansel, Brandon não falou com ele, mas ele conversava com todos, que não viraram a cara pra ele – o que me fez deduzir que eles já sabiam que o garoto não tinha culpa do que tinha acontecido.

– Clara. – ouvi a voz dele e o olhei.

Eu estava deitada no sofá, onde Brandon estava sentado aos meus pés fazendo massagem neles. Sorri quando ele se sentou na poltrona mais próxima de mim. Ele estava bem vestido, mas parecia um pouco receoso naquele momento.

Talvez porque Brandon estava perto e ele quisesse falar comigo... O pior é que Brandon não me deixava sozinha um minuto sequer e eu fiquei a maior parte do tempo sentada no sofá, todos que iriam até mim. E eu ouviria o que Landon tinha para falar, sem problema nenhum.

– Oi. Como está sua irmã? – já fui puxando assunto, para deixá-lo mais relaxado.

Todos os meus amigos tinham ido jogar cartas na copa.

– Está bem. Chateada e traumatizada, mas bem.

– Não houve nada de ruim com ela, não é?

– Graças a Deus não. – Falou ele.

– Fico feliz.

Ele se levantou por alguns segundos, pegando algo no bolso e voltou a se sentar. Era o meu celular.

– Acho que isso é seu. – Ele me entregou e eu peguei e vi que estava inteiro, apenas desligado. – Queria te pedir desculpas mais uma vez.

– Esquece isso, já passou.

– Obrigado por me deixar passar essa tarde com todos, eu amei, de verdade. Queria que vocês dois soubessem que eu quero muito a felicidade de vocês. – Brandon parou tudo o que estava fazendo para olhar para o loiro na minha frente. – Com tudo isso que aconteceu, meu pai resolveu que iremos voltar para Austrália essa semana.

– O quê? – Aquilo tinha me assustado um pouco. – Não! Landon, você não pode deixar seus estudos e seus amigos pelo que aconteceu... Está tudo bem agora.

– Eu sei que está, mas minha irmã ficou mesmo tensa com tudo isso e a maior parte da minha família está lá, eu já teria de fazer faculdade lá,
PERIGOSAS ACHERON

então vamos de uma vez. – Avisou ele e fiquei sem reação. – Odeio despedidas e acho que não tem toda essa necessidade. Como eu já disse, espero que vocês dois sejam felizes e que Deus dê muita saúde pra essa criança. – Brandon prestava atenção, sem expressão, assim como eu. – Pode parecer idiotice, Brandon, mas eu admiro você. – Landon olhou para ele dessa vez e eu não conseguia acreditar que os dois estavam assim, tão próximos e sem se atracar. – Por um tempo eu senti inveja de você, sério mesmo. Todos sentem, aliás. Você é um garoto muito sortudo e vejo que é merecedor. Você e a Clara são bons juntos, um casal muito bonito. Ela é uma garota incrível e eu vejo o quanto você a ama e a cuida. Quero de verdade desejar toda a felicidade do mundo pra vocês e me desculpar por qualquer burrada que eu fiz desde entrei na vida de vocês.

Houve um silêncio esquisito na sala por alguns segundos, nenhum dos dois disse nada.

Caramba, era isso mesmo o que eu estava vendo?

Brandon abriu um sorriso a Landon, que estendeu a mão para um cumprimento e meu namorado

correspondeu.

Glorificando de pé em um, dois, três...

– Obrigado, se é que eu deva falar isso. – Respondeu Brad com a testa franzida e eu sorri para os dois.

– Não agradeça. – Sorriu Landon. – Bom, preciso ir. Resolver umas coisas da viagem que ainda estão pendentes e é isso. – Landon olhou para mim novamente. – Obrigado por hoje, Clara. – Ele estava bem mais aliviado. – Obrigado por tudo, aliás. O ano passado foi um dos melhores anos da minha vida... Graças a você. – E então me abraçou e eu correspondi.

Seria o nosso último abraço. Era estranho pensar assim, eu não estava acreditando que ele iria mesmo embora.

– Eu ainda acho que você não deveria ir. – Falei.

Só Deus sabe quando iríamos nos ver de novo.

– É melhor assim. – Se levantou. – Você tem meu número... Quero sua amizade, me ligue quando possível. – Consenti. – E me mande fotos do pequeno. – ele tocou minha barriga devagar. – Espero que ele não fique chateado comigo quando

PERIGOSAS ACHERON

crescer.

Dei uma última olhada para ele enquanto se despedia de todos os meus amigos, dizendo que precisava ir para casa resolver umas coisas e depois se foi – mal sabe eles de que nunca mais veriam Landon Simpson novamente.

Merda!

O choro veio na garganta.

Ao fechar a porta depois que Landon saiu, Brandon voltou para o mesmo lugar onde estava e me sentei em seu colo, sem dizer nada, só me alinhei ao seu corpo e fiquei feliz por ele não ter surtado com Landon junto de nós durante a tarde e durante esse tempo que conversamos.

No fundo, eu sabia que foi ele, o próprio Brandon que o chamou para passar a tarde conosco.

– Ele é um bom garoto. – Murmurei com minha cabeça no pescoço de meu namorado, sentindo o perfume dele e as poucas gotas de lágrimas que queriam escapar de meus olhos. – Eu o amo. – era estranho, mas sim, eu estava dizendo para o meu namorado que eu amava Landon Simpson, na cara dele.

– Eu sei. – Falou Brandon, acariciando meu cabelo com uma mão e envolvendo a outra em minha cintura. No fundo, eu sabia que ele tinha visto o mesmo que eu; a tristeza e a mágoa que Landon tinha nos olhos e que levaria para o resto da vida com ele. – Eu sei. – Repetiu e eu chorei em seu colo, baixinho.

Ele não se importou.

Bom, talvez fosse melhor assim. Tudo estava começando a se encaixar. Cada um no lugar onde deveria estar. A vida seguida, de um jeito ou de outro.

Adeus

*“Se algumas pessoas se afastarem de você,
não fique triste, isso é resposta da oração
“livrai-me de todo mal, amém.”*

Caio Fernando Abreu

Brandon

– Você tem certeza de que quer ir? Você sabe que não precisa. – Falou Claudiana e eu concordava plenamente com ela. – O médico disse repouso absoluto!

– Eu sei, mãe, mas é melhor eu ir.

Maria Clara esbarrou os lábios um no outro, olhando-se no espelho que tinha perto da estante da sala e jogou um beijo no ar para a mãe dela, que estava sentada no sofá lendo um livro.

Nós dois saímos de casa e entramos no carro. Eu usava uma bermuda preta, uma camisa preta, um boné preto, óculos escuros e tênis da mesma cor. Já Clara, estava com um short jeans, camiseta escura e uma jaqueta preta por cima, maquiada e de botas. Os cabelos presos em um coque.

– Eu prometi pro senhor Carter, amor, por isso estou indo. – Falou ela. – Se quiser, pode ficar e eu vou sozinha.

– Nunca que eu te deixo sozinha, Maria Clara, nunca mais! – Avisei saindo com o carro da

garagem e senti os lábios dela me dando um leve beijo na bochecha.

Era dia do velório/enterro de Tyler. Era meio estranho tudo aquilo, não era? Era até difícil se acostumar.

O relógio marcava 10h06 da manhã e eu respirei fundo ao procurar uma vaga no acostamento da rua de entrada do cemitério. Estávamos atrasados. Pelo o que eu soube, estava marcado o velório para às 9h e o enterro para as 10h30. Pelo menos nós ficaríamos pouco tempo lá. Nenhum de meus verdadeiros amigos iriam, a não ser Dexter.

Ao entrarmos, vi os túmulos e poucas pessoas andando entre eles. Ao fundo, Sr. Carter vestido de preto junto com um casal de idosos, onde presumi serem os avós de Tyler. Fora eles, umas pessoas que eu não conhecia, Dexter, Caleb e os maconheiros do fim da festa.

Clara e eu nos aproximamos cautelosamente.

– Você é um assassino! – Gritou a avó de Tyler, vindo em minha direção e eu parei, imóvel em sua frente. – Olha o que você fez com ele! Garoto, você vai queimar no inferno, se Deus quiser! – Ela não

parava de gritar.

Arregalei os olhos sentindo Maria Clara apertar minha mão.

– Mãe, por favor... Mãe! – Chamava o Sr. Carter.

A senhora apontava o dedo em meu rosto, completamente triste e raivosa. Eu não sabia o que falar, me senti um lixo! Ela me olhava decepcionada... Tudo porque o neto morreu, e a culpa é de quem?

Isso mesmo. Minha.

– Para de defender esse imbecil, Jeff! – Gritava a velha. – Ele tirou a vida do meu menino! Independentemente do que aconteceu, ele não tinha esse direito! Deus deu a vida ao meu pequeno Tyler e só Ele poderia tirar! Agora, por uma rebeldia dele, meu neto morreu à custa de nada! Nada! – Eu ouvia ela gritar, se afastando ao ser puxada por Jeff.

Permaneci em silêncio, assim como Clara.

– Desculpa, Campbell. – Pediu o Sr. Carter quando afastou sua mãe para longe de mim. – Ela era como uma mãe pra ele desde quando Michelle faleceu há treze anos. – Explicava ele e engoli em seco antes de consentir. Michelle Carter, mãe de

Tyler. – Agradeço por terem vindo...

Enfim, saiu de perto de nós e foi falar com o padre que se aproximava e Dex veio falar comigo, me cumprimentou e depois cumprimentou Clara.

Depois, Clara deitou sua cabeça preguiçosamente sobre meu ombro enquanto Dexter perguntava se eu estava bem e eu apenas consenti com a cabeça, sem saber o que falar. Digo e repito; era muito estranho estar ali, afinal, eu era o assassino da pessoa que estava dentro daquele caixão e porque raios eu viria ao enterro dele?

Dois coveiros se aproximaram de nós, assim como o padre que chamou toda a atenção para ele. Fiquei em silêncio ao observar Candice ao fundo, atrás do padre, olhando tudo sem dizer uma palavra. Seus cabelos soltos brilhando ao olhar a cena e os óculos de sol me impossibilitavam de ver seus olhos. Vestida toda de preto como todos os outros.

Como ela teve essa cara de pau?

Tudo bem que ela era namorada do garoto que está morto, mas ela era fugitiva da polícia!

Respirei fundo, olhando de longe para ela e

PERIGOSAS ACHERON

discretamente, peguei meu celular no bolso, pensando exatamente no que fazer, esperando que aquilo desse certo. Clara não tinha visto o mesmo que eu e dei graças a Deus por isso, pelo menos ela não iria surtar.

Por uns segundos, reparei no caixão, que estava ali há algum tempo. Tyler nunca tinha se vestido tão bem! Ele vestia terno no momento e só ali me lembrei de que nunca tinha o visto assim, de terno. Observei ele por poucos segundos, logo desviando o olhar por sentir pena e náuseas.

Depois de duas chamadas, atenderam do outro lado da linha. Afastei-me de todos um pouco, com o coração na boca.

Precisa dar certo, tem que dar certo!

– Alô? Queria avisar e pedir que venham com uma viatura urgentemente para o Cemitério Local de Los Angeles. Candice Sullivan está aqui, precisa que venham imediatamente! – Implorei, falando baixo para que ninguém ao lado ouvisse e abri um sorriso quando o policial do outro lado da linha disse: “estamos a caminho”.

Voltei para o lado de Maria Clara, que me olhou

sem entender e eu só apertei firme sua mão, dando conforto, que não disse nada e não tinha visto nada até então. Sorri por dentro ao imaginar Candice sendo presa e minha mulher oficialmente livre de tudo que a faz mal.

O caixão foi fechado minutos depois, quando o padre terminou de dar as preces e todos ficaram em silêncio, olhando para o caixão sendo abaixado. Apenas o Sr. Carter e a mãe dele que choravam. Bom, Candice também. Era engraçado, porque ninguém ali notou sua presença a não ser eu. Ela estava do lado oposto do meu, do lado onde é basicamente a entrada do cemitério e isso facilitava a vinda dos policiais.

Aliás, cadê eles?

Maria Clara

A avó de Tyler não parava de chorar um só minuto. O caixão foi abaixado e todos fizemos um minuto de silêncio pelo morto e ela chorava... Dava até dó. Mesmo com o escândalo que ela tinha dado há pouco com o meu namorado, eu entendia o lado dela, não devia ser nada fácil perder alguém que ama.

A pequena cerimônia tinha acabado e poucas pessoas foram se afastando devagar. Olhei Brandon que estava um tanto agitado por dentro, deu para perceber, eu o conhecia. Apertei sua mão, que estava pendurada no meu ombro por seu braço estar em volta de meu pescoço e ele apertou de volta, sem olhar para mim. Ele olhava para o horizonte e eu olhei junto.

Ao fundo no cemitério, nem tão longe e nem tão perto, estava Candice, chorando, encolhida e de braços cruzados olhando Tyler dentro da cova. Senti meu coração apertar.

Merda!

O que aquela garota estava fazendo ali?

Desviei meu olhar assim que ela me viu e molhei os lábios involuntariamente antes de olhar para baixo. Eu tinha ficado desconfortável com tudo aquilo... Saco! Era para eu estar realmente em casa e não aqui! Aliás, meus pés estavam doendo de novo, estavam inchados desde o dia anterior e esse sol todo me dava tonturas.

Como um movimento involuntário, olhei em sua direção de novo e atrás dela vinha um policial negro, andando ereto e sério. Ao lado dele, um outro, careca e forte, mas que desviou o caminho, passando pelas covas ao lado.

– Desculpa atrapalharmos o momento, mas vim com um mandado de prisão para uma fugitiva da polícia. – O policial disse.

Com um movimento rápido, ela tentou correr.

Todos ali, olharam para o policial correndo atrás dela, que estava desesperada. Todos estavam sem entender de primeira, mas depois, reconheceram Candice e sabiam que ela estava junto de Tyler quando tudo aconteceu.

Bom, a fuga da nojenta não deu muito certo,
PERIGOSAS ACHERON

porque ela foi surpreendida pelo policial careca que a segurou pelos braços com força, enquanto o negro se aproximava andando dessa vez, com uma voz séria disse:

– Polícia de Los Angeles. Candice Sullivan, a senhorita está presa por cúmplice de sequestro e agressão. – Eu abri um sorriso tão grande, mas tão grande que só faltou minha boca rasgar.

Brandon riu ao meu lado vendo o mesmo que eu. Candice já sem os óculos, descabelada e ofegante, sendo algemada e levada pelos policiais até a viatura fora do cemitério. Seu olhar cruzou com o meu uma vez e eu sabia que ela tinha ficado destruída ao ver meu sorriso.

Meu Deus, era um sonho?

Todos estavam espantados, sem saber o que falar. Antes de ir, os policiais olharam feio para Brandon, mas não disseram nada. Meu namorado me puxou com a mão, passando pelo Sr. Carter e falando:

– Meus pêsames mais uma vez pelo seu filho, Jeff.

O dia já tinha começado bem e com boas emoções. Sim, uma morte e uma prisão, naquele

momento para mim e Brandon, nos enchia de alívio.

Agora sim o ano começara de verdade.

Cantando Pra Você

*“Quando se ama não é preciso entender
o que se passa lá fora,
pois tudo passa a acontecer dentro de nós.”*

Clarice Lispector

Fevereiro de 2010

Maria Clara

Se alguém chegasse enquanto eu estivesse chorando naquela madrugada de domingo, dizendo que minha vida seria incrivelmente feliz dias depois, eu desacreditaria.

Um mês se passou depois de tudo o que aconteceu, eu estava realmente uma verdadeira mulher. Uma mulher nova e feliz, acima de tudo.

Aquela semana de repouso absoluto nem foi tão ruim assim. Até porque, depois do enterro de Tyler, meus amigos foram lá para casa, onde conversamos, jogamos videogame, cartas, assistimos a filmes... Aproveitamos as últimas semanas de férias. E foram boas, muito boas. Deu para colocar o emocional no lugar, para superar e erguer a cabeça de verdade.

E eu sempre grata aos meus amigos. Eu os amaria até o fim de minha vida.

Poucos dias antes do mês acabar, as garotas me deram um dia de beleza, levando alguns profissionais lá para casa. Fiz a sobrancelha, as

unhas dos pés e das mãos, tive de cortar todas e me acostumar desde já com unhas pequenas para cuidar do bebê que estava a caminho. Até do cabelo eu cuidei. E foi um alívio! O corte de Candice havia estragado todo o meu cabelo e os cabeleireiros deram um trato! Fiquei tão feliz com o resultado, ganhei até hidratação. Meu corpo e meu emocional agradeceram todo o carinho.

E então, as aulas começaram, o temido último ano do Ensino Médio começou e claro, em Thompson High não se falava de outra coisa nos primeiros dias. Era de Maria Clara que quase foi estuprada de novo e, nossa, ela carregava um bebê! De como Brandon Campbell mudou e agora não passa de um assassino herói. De Tyler Carter que agora estava morto e assombrava tudo e todos. E, claro, não podia faltar a rainha da “vadiaplândia”, Candice. Todos diziam que ela havia pagado fiança e deixado Los Angeles, outros diziam que ela havia se matado na cadeia e outros... Bom, que ela já estaria voltando para infundir nossas vidas novamente. Ninguém sabia a verdade.

Não foi tão difícil arcar com todos os

comentários, só bastava fechar os ouvidos e focar nos estudos. Aliás, aquilo tudo era passado e ia continuar lá, no passado!

Tinha acabado de arrumar o meu pequeno mural no quarto, quando Brandon entrou sorrindo ao olhar para mim, me deu um selinho e olhou as fotos na parede que eu tinha colado. Era uma foto minha, uma minha com ele, uma com os meus pais, uma de todos os meus amigos juntos, uma de Jack na minha barriga e logo embaixo, três fotos minhas basicamente iguais.

É que nesses três meses, eu tirei uma foto de biquíni sempre na mesma posição para mostrar o quanto ela tinha crescido. Daí a cada mês eu ia tirando e colocando na parede. Uma ideia louca, mas de uma mãe boba e fotógrafa apaixonada.

– Como foi hoje? – Perguntei ao meu namorado que tirava a roupa e jogava em qualquer lugar no quarto.

Brandon tinha acabado de chegar da Real Smile, uma instituição de crianças órfãs onde ele teria de fazer serviço comunitário duas vezes por semana na parte da tarde, por um semestre inteiro. Isso que

resultou pela morte de Tyler.

– Foi ótimo. Lisa disse pra mim hoje que não vê a hora de Thed nascer para namorar com ele. – Eu gargalhei com o que ele disse.

Lisa era uma das garotinhas que moravam na instituição, me conheceu no começo da semana quando eu fui deixar Brandon e ver como funcionavam as coisas por lá. Ela ficou toda boba comigo por eu estar grávida e disse que já era apaixonada pelo meu filho que ainda nem nasceu!

– Meu filho já está conquistando todas, vai ser a febre no colégio! – Comentou orgulhoso antes de entrar no banheiro para tomar um banho.

Brandon estava tão feliz em relação a gravidez, ele era um amor. Protetor, preocupado, carinhoso, engraçado...

Ele era um maravilhoso homem.

Então, sem sombra de dúvidas, seria um pai incrível.

Nós nem brigávamos como antigamente e eu dava graças a Deus por isso. Bom, eu não disse que minha vida estava ótima? Pois bem! Ah, e até apelido ele tinha dado ao filho; Thed, por Theodore

ser o seu nome do meio.

No meu celular, marcava 20h03 da noite de quarta-feira. Liguei a TV para ver o que estava passando e... Nada. Nada de bom estava passando, a não ser vídeo clipes num canal que eu não prestei atenção. No momento, *passava Give Your Heart A Break* de Demi Lovato e eu aumentei o volume, fazendo com que a música ficasse mais alta do que o chuveiro e comecei a dançar pelo quarto, completamente despreocupada.

Segundos depois, Angel entrou no quarto me vendo dançar e riu. Ri para ela, que segurava uma bandeja com um prato enorme cheio de tacos recheados de frango desfiado e dois copos grandes de suco de laranja natural.

– Sempre salvando, hein, Angel? Te amo, preciosa! – Dei um beijo em sua bochecha e ela soltou um riso tímido.

Eu já estava morrendo de fome mesmo, fazia boas horas que eu tinha tomando meu café da tarde.

– Esse guri precisa comer bem para crescer forte!
– Falou ela olhando para a minha barriga antes de sair.

Olhei para a comida, engolindo com os olhos primeiro, esperando que Brandon saísse do banho para que nós dois pudéssemos comer. Aliás, aquele seria o nosso jantar de hoje, eu não queria comer nada pesado.

Enquanto eu dançava mais um pouco da música – e cantava também –, ele saiu do banheiro de cueca azul bebê Calvin Klein e com os cabelos úmidos, a toalha das mãos.

Ele cantarolava comigo o trecho mais lindo da música e sorri, parando tudo o que eu estava fazendo para olhar para ele que tinha aquela voz rouca e atraente.

Ele cantava enquanto arrumava o cabelo no espelho e eu achava aquilo lindo, não parava de sorrir. Quando a música parou, ele olhou para mim, percebendo que eu o observava e riu, achando graça da minha cara de encantada.

Comi e ri a maior parte do tempo com suas palhaçadas no resto da noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Fazia horas que Clara e eu estávamos na cama conversando, ouvindo as músicas que passavam na TV e comendo.

Angel chegou para pegar a bandeja no quarto por volta das 23h da noite, onde começou a tocar *Mirrors* de Justin Timberlake na TV e Clara e eu começamos a cantarolar. Era relaxante e bem engraçado.

Na hora do refrão, ela parou de cantar, olhando e me ouvindo cantar sozinho. Ela amava me ouvir cantar.

Pigarreei antes de continuar o refrão e olhar no fundo dos olhos dela, que me olhavam com uma intensidade excessiva. Eu estava cantando do fundo do coração, deixando com que a música dissesse por si só e ela estava amando.

Quando a música foi acabando aos poucos, ela subiu um pouco em cima de mim e começou a beijar meus lábios.

Eu correspondi, claro, saboreando o gosto de sua

boca e aquilo era maravilhoso. Sempre era, aliás. Passei minhas mãos por suas coxas devagar, Maria Clara estava de joelhos em minha frente, eu sentia sua barriga em cima de meu peitoral e apertei suas coxas devagar.

Os beijos começaram a ficar quentes quando ouvi a voz da Beyoncé vinda da TV e terminei o beijo com selinhos, mas ouvi Clara começar a cantar o refrão da música contra meus lábios. Aquilo era tão engraçado que só pousei minhas mãos em suas coxas e a ouvi cantar.

Balancei a cabeça de um lado para o outro no ritmo da música e Clara fez o mesmo, mexendo as mãos e cantando a letra da música. Sorriamos. Eu levava a letra da música para o lado pessoal, acho que essa era a intenção dela mesmo.

Ela era tão linda que me assustava. Não era possível ser tão linda assim! Ainda mais agora, sentada em cima de mim, cantando essas coisas que...

Meu Deus, eu tenho a melhor namorada do mundo!

Rimos mais um pouco e ela voltou a me beijar,

correspondi por apenas alguns segundos e senti que seu corpo já estava quente, assim como meu corpo se arrepiava a cada carinho. Resolvi brincar um pouco.

– Espera. – Pedi sério, fazendo-a sair de cima de mim e comecei a olhar para a TV, onde a maravilhosa Beyoncé dançava toda linda e sexy.

Vi pelo canto do olho outro que Clara me observava espantada e com uma sombra de sorriso em seu rosto.

– Você está me trocando pela Beyoncé, Brandon?
– Perguntou ela, indignada e eu assoviei alguns trechos da música.

– Ah, que drama! – Falei indiferente, não queria rir, acabaria com a graça. – *Come on, baby...* – disse junto com a Bey da TV. – Olha aquilo, amor!
– Exclamei empolgado, revirei os olhos como se sentisse prazer. – Aquela mulher! Puta merda, o Jay Z tem muita sorte! – Exclamei de novo e mordi os lábios.

– É, tem. – Respondeu ela dando de ombros, indiferente.

– Ela é perfeita, não é? – Perguntei, agora

olhando para a cara pasma de Clara, que estava irritada e excitada ao meu lado.

Eu não podia rir, não podia, mas era inevitável, deixei escapar um sorriso.

– Eu não acho. – Clara deu de ombros, respondendo a minha pergunta anterior e colocou uma de suas mãos no meu rosto enquanto beijava minha bochecha, indo em direção a minha boca. – Eu me acho mais perfeita que ela.

– Será, amor? – Provoquei mais, Maria Clara parou tudo o que estava fazendo, olhando irritada para mim e bufou pulando da cama. – Ei, pra onde você vai?

Ela não respondeu, pelo contrário, colocou os chinelos e bufou mais uma vez antes de ir em direção a porta.

– Amor? – Fui atrás dela, rindo muito.

Abri a porta que ela tinha acabado de bater e coloquei primeiro a cabeça para fora, vendo-a descer as escadas, irritada, muito irritada.

– Fica aí com a sua Beyoncé, Brandon.

Fui atrás de Clara que ao chegar perto dos sofás, me tacou uma almofada. Eu não conseguia parar de

PERIGOSAS ACHERON

rir.

– Só estou brincando, amorzinho. – Falei manhoso, me aproximando dela que ia em direção a cozinha.

– Para de me seguir! – Esbravejou.

Ela era maravilhosa brava, meu Deus!

Minha barriga já estava doendo de tanto rir. Ela foi até o balcão e eu me aproximei, ela olhava alguns copos ali em cima, sem saber o que fazer, foi o que eu reparei.

– Quero fazer amor com você.

– Ah, você quer, Brandon? Pau no seu cu! – Exclamou ela e balancei a cabeça, colocando minhas mãos em sua cintura com força, colando meu peitoral em suas costas que estava coberta apenas por uma blusa minha de moletom preta.

– Só estou provocando você, marrenta! – Falei em seu ouvido, tirando seus cabelos de sua orelha e mordendo com força.

– Você sabe que eu odeio essas gracinhas.

– Ah, é? – Sussurrei, beijando sua orelha. – Não me importo.

– Mas eu me importo! – Ela empinou a enorme bunda para trás, raspando no meu pau, como se aquilo fosse me afastar dela, pelo contrário... Só me deixou mais louco. Presei seu corpo no balcão, puxando seu rosto em direção ao meu, seus cabelos em meu punho. Agora com minha boca próxima a sua. – Você é ridículo! – Sussurrou ela, quase gritando por um beijo que eu me recusava a dar.

– Apreendi com você! – Apertei sua coxa junto a minha perna e ela arfou.

Maria Clara

Transamos na cozinha, no chão e na sala. Muito.

Senti meu corpo todo mole e quente, minha respiração estava ofegante enquanto ele me dava beijos. Minhas pálpebras já estavam pesadas quando o vi vestir sua cueca em pé a minha frente.

– Amor? – Chamou e abri os olhos devagar...

– Hm? – murmurei.

O sono estava tão bom! Brandon colocava delicadamente minha calcinha, subindo-a pelas pernas.

– Vamos para o quarto, pequena. – Olhei seu rosto suado e feliz. Neguei com a cabeça.

– Vem dormir comigo. – O chamei com o dedo.

Por quanto tempo eu dormi? Eu só fechei os olhos, porra!

– Você está acabada, amor. – murmurou Brandon deitando atrás de mim.

– Te amo. – Dei um selinho nele antes de deitar minha cabeça em seu braço.

Brandon riu baixinho, passando sua mão em

PERIGOSAS ACHERON

minha barriga devagar. Peguei no sono com a temperatura quente do corpo do meu amor colado ao meu. Sonhando com gurizinhos correndo em minha direção com olhos cor de mel gritando “*mamãe!*”.

Chutes, Sorrisos e Presentes

*“A felicidade é um bem
que se multiplica ao ser dividido.”*

Marxwell Maltz

Maria Clara

Meus pés estavam inchados e minha barriga doendo de tanto comer. Eu tinha comido muito durante a tarde, bom, para falar a verdade, durante todos esses meses.

A Primavera estava tão quente, parecia até Verão. Então, aproveitamos para ir à praia naquele sábado abafado de abril.

Jeremy, Brandon e Ansel estavam junto das crianças na água enquanto eu tomava um Sol naquele fim de tarde com as garotas, Erin e Melanie na areia. A praia não estava tão cheia, deu para aproveitar bastante.

Como eu estava com saudades do mar!

– Sabe do que eu mais tenho medo? – Começou Melanie a puxar outro assunto, sentada ao meu lado com os dedos sobre a barriga, com dois meses e meio de gestação.

– Do que? – Erin perguntou.

– De não conseguir segurar essa criança.

– Por que acha que não vai segurar? – Erin a

fitava séria.

– Minhas tias, bom, a maioria delas não conseguem segurar seus filhos na barriga, é genético e é horrível. Eu sei que estou muito nova, mas eu quero muito essa criança. Quero que Ansel se sinta realizado, em uma família de verdade.

– E ele vai, querida. – Respondeu Erin tocando seu braço com carinho. – Você ainda é nova, tem tanta saúde, muitas vezes esses problemas genéticos pulam uma geração, talvez seja a sua, certo?! Não se precipite.

– Concordo plenamente. – Falei e minha melhor amiga me olhou séria. – Tenha pensamentos positivos, você não está fazendo nada de errado e essa criança vai nascer em alguns meses, linda e cheia de saúde.

Melanie sorriu. O que me fez sorrir também.

– Mas preste bem atenção, querida. – Erin começou de novo. – Nessa vida, temos que esperar de tudo. Fique ciente de que tudo pode acontecer e Deus sabe exatamente o que tirar e colocar em nossas vidas em determinados momentos. Só seja forte, encare e não desanime. – Fez uma pausa. –

Antes de conhecer Jeremy, eu tive um namorado, bom, namoramos por uns três ou quatro anos e eu engravidei. Mas, na gestação infelizmente surgiram algumas complicações e eu perdi o bebê. Fiquei arrasada, claro, era meu filho! Mas não demorou dois anos depois e eu já estava casada e esperando um casal de gêmeos, que são meus tesouros e meu orgulho até hoje. E não sei o que seria de mim se aquela criança ainda estivesse viva. Acho que eu não seria tão forte como sou hoje se tudo aquilo não tivesse acontecido.

Melanie sorriu mais uma vez antes de dar um abraço forte em Erin. Sorri olhando as duas e digerindo as palavras que ouvi. Sim, era sempre bom levar exemplos daqueles consigo.

Molly chamou nossa atenção minutos depois ao voltar correndo da água com a minha câmera a prova d'água que ela estava usando com os irmãos e ela ria feliz, me mostrando algumas fotos divertidas que haviam tirado.

Eu observei todas as fotografias com carinho, antes de arquear o corpo – onde eu estava deitada de bruços apoiando os cotovelos na areia minutos

antes – e segurar o rosto de minha cunhada linda de sete aninhos para dar-lhe um beijo. Foi quando senti uma pontada em minha barriga.

De primeira senti um certo medo, apoiando minha mão instantaneamente no local, mas senti mais uma vez e abri um sorriso. As garotas me observaram assim que gritei:

– Amor! – Acenei com a mão em direção a Brandon. Não estávamos tão longe deles, talvez ele ouvisse, então gritei de novo: – Brandon, corre aqui!

– Tá tudo bem, amiga? – Perguntou Melanie e eu apenas mexi a cabeça para cima e para baixo.

– Chama o seu irmão pra mim, Molly! – Pedi e ela se levantou num salto gritando por ele.

Em segundos ele notou e veio correndo sem entender.

Os chutes ainda continuavam e eu ainda estava assustada. Mas eram sustos bons.

Caramba, Jack estava bem, bem acordado!

Brandon se aproximou de nós todo molhado e com a respiração ofegante.

– O que houve, meu amor? – Perguntou

preocupado e eu fiz uma careta, chamando-o para perto de mim e ele se ajoelhou ao meu lado. Abri um sorriso ao colocar a mão molhada dele em cima da minha barriga do lado esquerdo, onde ele sentiu o filho dele chutar. – Oh, meu Deus! – Brandon abriu o sorriso mais lindo do mundo. – Meu amor, ele...

– Sim, ele está chutando! – Confirmei sorrindo. Vi as meninas e Molly comemorando ao nosso lado. – Seu filho está chutando, amor.

Brandon não parava de sorrir e Jack não parava de chutar. Era um momento importante. Era mais um momento único. Brandon, babão como sempre, logo começou a depositar beijinhos estalados na minha barriga fazendo barulho com a boca e eu gargalhei.

Enfim seus lábios encontraram os meus e eu correspondi ao beijo salgado, molhado e apaixonado dele, sentindo o quanto ele estava feliz e ainda mais agora, com o nosso filho dando sinal de vida pela primeira vez em minha barriga depois de cinco meses de existência.

Envolvi meu braço em seu pescoço, fazendo

carinho em seus cabelos macios e molhados, feliz,
feliz e feliz, ouvindo suspiros ao meu lado.

Maria Clara

– Mel, seu bebê é menino ou menina? – Perguntou Lauren enquanto babávamos por roupinhas de bebê em uma loja no shopping na semana seguinte em que fomos à praia.

– Meu filho não está nem formado ainda, Lauren. Eu não faço a mínima ideia. – Respondeu Melanie olhando com carinho os macacões.

Era a primeira vez que saíamos para fazer compras que não fossem para nós mesmas. Eram nesses momentos que eu estava sentindo que as coisas estavam mudando, e muito! Aliás, rápidas demais.

– E sua intuição de mãe? – Susan perguntou.

– Não tenho essas coisas ainda! – Mel soltou um riso.

– Você tem? – A ruiva me olhou.

– Não. – soltei um riso. – Eu não sentia que era garoto até o médico dizer.

– Tudo bem. – Lauren deu de ombros. – Mesmo assim, escolham o que quiserem e o quanto

quiserem.

– A gente paga! – Completou Susan me fazendo rir.

Sim, as duas iriam pagar nossas compras de bebê como um presente de madrinhas – dizendo elas. E nós fizemos as compras, claro! Sem medo e sem reclamar.

– Amiga, olha pra isso! – Exclamava Melanie vez ou outra me mostrando algum macacão ou um sapatinho diferente, todos lindos, uma graça!

A tarde foi um tanto engraçada e eu gostei bastante de passar um bom tempo com elas, que não perdiam o bom humor por nada e me ajudaram a escolher as coisinhas de Jack para comprar. De roupas até chupetas!

Até que não era tão ruim ser mãe.

Do mesmo jeito que Melanie me ajudava, eu ajudava ela, que comprou macacões mais neutros, cores que não puxassem muito nem para um sexo e nem para o outro, mas que poderiam ser usados pelos dois.

Conversamos sobre o futuro, faculdade e profissões.

Melanie seria modelo. Ela sempre teve vontade, nunca se imaginou fazendo outra coisa. Desde pequena sempre fez desfiles e books. Iria pegar firme na carreira assim que seu filho permitisse.

Lauren seria advogada e Susan pediatra.

Quando me perguntaram sobre o meu futuro eu sentia um medo gelado que eu evitava sentir desde que iniciei o Ensino Médio. Eu não queria falar sobre isso, pelo menos não agora.

Merda! Como eu queria tardar essa conversa só para não ter que lembrar da faculdade!

Mas informei que fotografia sempre seria minha maior paixão e eu iria seguir minha profissão assim que o meu filho permitisse também.

Esquecendo essa ideia e desejando que o ano não acabasse nunca, nós seguimos para o caixa, conversando qualquer outra baboseira e assim que fiquei desligada, senti duas mãos enormes por cima dos meus olhos.

– Adivinha só quem veio te buscar?! – Brandon falou próximo ao meu ouvido.

– Brandon. – Respondi enquanto ele tirava as mãos dos meus olhos e me dava um beijo carinhoso

no rosto. – Já chegou?

– Claro! Amor, já passam das 20h. – comentou ele. – Saí de *Real Smile* faz tempo, mas sabia que você não iria perceber. Você estava nas compras.

Soltei uma risada.

– E como foi por lá?

– Foi ótimo. – Ele sorriu para mim depois de cumprimentar as garotas. – Passei no tatuador e fiz mais uma pra coleção.

– Oh, sério? – Observei seu corpo todo vestido tentando achar uma tatuagem diferente e não encontrei.

Foi quando ele levantou a mão esquerda e dobrou todos dedos, menos o dedo anelar e eu sorri ao observar a linda palavra ali escrita em preto, delicada e pequena.

“*Jack*” estava escrito em seu dedo, demonstrando todo o seu amor pelo seu primeiro filho que ainda nem nasceu.

Abri um sorriso enorme ao elogiar a tatuagem. Tinha ficado extremamente bonita. Só não mais bonita do que o gesto.

– Eu quero uma igualzinha. – Comentei.

Brandon sorriu, surpreso, antes de confirmar e nos ajudar com as sacolas para irmos para casa.

O Sol Nasce Para Todos

*“A verdade é uma coisa bela e terrível
por isso deve ser tratada com grande cautela.”*

Dumbledore

Brandon

– Está me ouvindo?! – Perguntou Maria Clara me dando um empurrão de leve e eu a olhei.

– Estava só terminando essa maldita atividade! – Exclamei. – Fala.

– Então... – Maria Clara tampou a caneta e colocou junto com as outras canetas e lápis em cima da minha carteira. Estávamos na aula de História. – Você não vai rir?

– Por que eu riria?

– Estou com desejo. – Comentou baixinho.

– Agora? Desejo de quê?

– Sim. – ela olhava toda hora para mim e para a carteira. – Promete que não vai rir?

– Prometo.

– Borracha. – Murmurou ela. – Brandon estou com uma puta vontade de comer borracha! – Exclamou ela passando os dedos pelas raspas da borracha em cima da carteira.

– Você tá ficando louca? – Gargalhei.

– Para de rir! Você prometeu que não iria rir! – PERIGOSAS ACHERON

Ela me deu um tapa no braço, rindo junto.

– Algum problema, Sr. Campbell? – Perguntou o professor com os olhos sérios para nós.

Maria Clara parou de rir no mesmo segundo.

– Nenhum, desculpa. – Respondi tentando cessar a risada e ele fez uma careta brava enquanto voltava a ler uns papéis em sua mesa. – Você tá falando sério, amor?

– Sim. – Respondeu ela. – Só de olhar para essas raspas me deu água na boca! – Franzi a testa fitando-a. – Ué, é sério.

– Não vou deixar você matar meu filho comendo borracha. Se fosse qualquer tipo de comida, tudo bem, eu sairia dessa sala em dois tempos, mas... Borracha? – Meneei a cabeça de um lado para o outro.

– Ah, Brandon! Por favor! É só um pouquinho... Só pra eu sentir o gosto na boca. – Os olhos dela brilhavam.

Eu não estava acreditando naquilo.

– Maria Clara... – murmurei fazendo uma careta, ela mordeu o canto da boca, passando os dedos em cima das raspas da borracha.

Logo joguei as raspas no chão, limpando a mesa com as mãos.

– Amor! – Repreendeu-me. – Eu queria comer.

– Come limpa, pelo menos. – Avisei, já que as que estavam na mesa, estavam sujas de grafite.

Peguei meu caderno e numa folha limpa, passei a borracha com força, fazendo sair mais raspas. Quando já tinha uma boa quantidade, Clara as pegou nas mãos com os olhos brilhando.

Observei Maria Clara colocar um pouco de raspas de borracha na boca e comer, comer mesmo, mastigando e tudo. Logo engoliu e fez uma cara de prazer.

Ri mais uma vez. *Meu Deus, inacreditável.*

– Caralho, é tão bom! – exclamou ela.

Dei graças a Deus de ninguém estar olhando para nós.

– Bom? – Resmunguei e ela respondeu apenas mexendo a cabeça para cima e para baixo.

Revirei os olhos e revisei rapidamente nossa atividade de História antes de entregá-la.

– Quer? – ofereceu ela, como se eu fosse mesmo

querer comer borracha.

Neguei com a cabeça e ela soltou um riso, enquanto terminava de comer as poucas raspas que faltavam.

– Pelo menos meu filho não vai nascer com cara de borracha, não é?

– Exatamente. – Maria Clara sorriu para mim como uma criança que ganha presentes.

Maria Clara

Estava guardando meus materiais enquanto Brandon entregava nosso trabalho em dupla ao professor, quando ouvi do nada um grito de Melanie ao meu lado e só deu tempo para eu olhar para ela e a ver levantar da cadeira e sair correndo da sala. Franzi a testa assim como a maioria dos alunos. Ninguém entendeu nada.

Automaticamente, olhei a cadeira branca onde Melanie estava sentada segundos atrás e então entendi o motivo do seu desespero. Meu peito se apertou de desespero.

Tinha sangue manchando toda a sua cadeira e algumas gotas no chão.

Em fração de segundos, levantei de minha cadeira e corri para fora da sala, seguindo o caminho em direção ao banheiro mais próximo, pensando em só uma coisa:

Não pode ser!

Bati com a mão fechada no primeiro reservado do banheiro feminino, onde a porta estava fechada e eu

ouvia o choro alto de minha amiga lá dentro.

– Amiga, pelo amor de Deus, o que houve? Abre essa porta! – Pedi, tão desesperada quanto ela. – Por favor! Abre a porta!

– Maria Clara... – choramingou ela, cortando meu coração. Sua voz mostrava o quanto ela estava perdida, confusa e com medo. – Avisa... – Melanie mal conseguia falar, um nó se formou em minha garganta. – Avisa pro Ansel que estou perdendo o nosso filho, amiga... – arregalei os olhos. – Me ajude, pelo amor de Deus!

Brandon

Fazia longos minutos de que estávamos na sala de espera aquele hospital que parecia ser a minha segunda casa. Eu não saía dali.

Melanie estava na sala de cirurgia fazendo a curetagem. Ansel chorava ao nosso lado, sentado numa cadeira branca. A noite já havia caído em Los Angeles naquele dia que perdeu total cor no início da tarde.

Claro, todos os nossos amigos estavam ali, junto dos pais de Ansel e Melanie.

— Será que ela está bem? — Perguntou Maria Clara pela milésima vez.

— Sim. Fica calma, amor. — Pedi e ela se jogou em meus braços chorando baixinho. — Eu não quero perder o nosso bebê também, não quero... — sussurrava enquanto eu afagava seus cabelos.

No caso, eu não sabia a quem recorrer. Eu tinha que consolar duas pessoas ao mesmo tempo e me sentia perdido. Com as palavras de Maria Clara, Ansel chorou ainda mais e aquilo me destruía.

Nunca que eu queria estar no lugar dele.

Tudo bem que ele ainda não tinha se apegado tanto quanto eu me apeguei com o Jack, mas ele estava feliz por ser pai e, caramba, o filho dele morreu. Eu nem tinha a total noção do que ele estava sentindo.

Eu só queria que ele ficasse bem, independentemente de qualquer coisa que aconteceu, foi porque Deus quis e ninguém muda a vontade Dele.

Assim que Clara parou de chorar, me sentei ao lado de Ansel para falar mais alguma coisa, mas as palavras me fugiram.

Foi quando o médico apareceu e abriu um sorriso de lado para nós.

– Doutor? Como ela está? – Perguntou Katherine.

– Agora está bem. – Ele olhou para Ansel que saltou da cadeira assim que o viu. – Eu peço para que você tome conta dela, ela irá ficar no máximo dez dias de repouso absoluto, o corpo está passando por algumas transformações. – Explicou. Ansel soltou um suspiro pesado. – Em seis meses vocês poderão tentar de novo.

– Ah, tentar de novo? – Ansel gritou. – Pra que? Pra ir pro lixo como esse? Desculpa, vai ser difícil!

– Ele passou as mãos nos cabelos de nervoso, andando pela sala.

O médico não respondeu.

– E eu posso vê-la? – Perguntou Clara.

– Sim. A Srta. Devis disse que queria ver a senhorita.

– Não! Eu preciso vê-la, por favor, doutor! – Protestou meu amigo.

– Perdão, mas sua companheira pediu que a Srta. Miller entrasse primeiro e sozinha.

– Ansel, eu saio em alguns minutos e depois você entra, tudo bem? – pediu ela.

Ansel mordeu o lábio inferior.

– Clara, diz pra ela que eu não estou chateado, não com ela, não mesmo. Vai ficar tudo bem. Diz que com o tempo, dou centenas de filhos pra ela... Eu juro. Quantos ela quiser. – A voz trêmula de Ansel era tão arrastada e dolorida que comovia todos naquela sala.

Os pais de Melanie não diziam nada, ainda em choque, tristes. Os de Ansel então...

Clara apenas consentiu antes de seguir o médico e nos deixar ali na sala de espera, onde eu segurava um amigo triste e perdido nos braços em um abraço longo e apertado, deixando-o molhar toda a minha camisa.

Maria Clara

Abri um sorriso de lado para Melanie que estava deitada naquela cama branca de hospital. Ela vestia um avental branco, estava sem maquiagem, sem nenhum equipamento, apenas tomando um comprimido que a enfermeira tinha acabado de dar para ela.

– Oi, amor. – Disse me sentando ao lado dela. – Como se sente?

Houve um longo silêncio antes dela olhar para a janela ao nosso lado e uma lágrima escorrer de um de seus olhos, fazendo-os brilharem.

– Oca.

– Não fale assim. – pedi.

Eu estava realmente mal, mas não podia chorar na frente dela, precisava ser forte para ela ser também.

– Eu não tenho capacidade nem de segurar um filho, que tipo de mulher eu sou?

– Oh, princesa. – A puxei para um abraço, onde ela me apertou e eu dei força o quanto eu pude,

fazendo carinho em seus cabelos lisos e macios.

– Isso foi a vontade de Deus... Você não pode ficar assim.

– Se Ele não queria que eu fosse mãe, porque deixou que eu ficasse com o bebê tempo demais para me apegar?

Eu não sabia nem o que falar.

– Vai ficar tudo bem, amor. – Desfiz o abraço, olhando em seus olhos. – Você é forte, muito forte! Deus sabe exatamente o que faz e vai te enviar filhos lindos! Deixa tudo na mão Dele.

– Eu tenho medo agora... Só de imaginar...

– Você vai superar, Melanie. Você sempre supera! Eu quero você sorrindo por aí.

– O Ansel vai me matar. Eu perdi o nosso filho!

– Ele não vai, não! – Avisei. – Ele me disse agorinha que você não teve culpa de nada. Ele sempre vai estar com você!

– Eu quero tanto a felicidade dele. – Lamentava em minha frente segurando minhas mãos.

Meus olhos já estavam marejados.

– Eu sei, meu amor. E você também precisa ser

feliz. Agora você precisa levantar essa cabeça e viver, tudo bem?

Melanie consentiu meio sem jeito e ficou alguns segundos em silêncio, depois limpou as poucas lágrimas.

– Será que era um menininho ou uma menininha?
– Perguntou-me, manhosa e sonhadora.

– Não sei. Você queria que fosse o que?
– Ansel e eu queríamos uma menina. Claro que poderia ser um garoto... Não me importo, mas é que se fosse menina, iria namorar com o Jack.

Abri um sorriso com o que ela disse e limpei uma pequena lágrima que escorria na minha bochecha.

– Então era uma menininha, uma linda menina que agora virou um anjinho. Farei questão de contar ao Jack que uma de suas namoradinhas é um anjinho que estará cuidando dele lá de cima. – Aquilo a fez sorrir e fiquei mais aliviada. – E sorria, viu? Seja sempre aquela garotinha linda e animada que eu conheço. Logo, logo o seu afilhado vai estar em seus braços, você precisa ser forte para me ajudar a criá-lo, não é?

– Sim. – ela fez biquinho limpando as lágrimas e
PERIGOSAS ACHERON

me abraçou mais uma vez.

Em poucos minutos, Ansel entrou na sala, eles se abraçaram, trocaram palavras bonitas e ele deu total apoio para ela, dizendo o quanto a amava, o quanto era forte e que ia ficar tudo bem. Sorri vendo o amor dos dois. Eles se mereciam muito e juntos precisavam ser felizes.

Aliás, o sol nasce para todos, cedo ou tarde.

Uma Vida

*“Desejo que o ‘doce amor’ dos filhos,
seja a recompensa da vitória
para todos os pais do mundo.”*

Regina Cury

Maria Clara

Como já era hábito, antes de me deitar, mas já com o meu pijama e com os cabelos e dentes escovados, fui até o quarto ao lado do nosso e abri a porta devagar, vendo um dos quartos mais lindos do mundo. Sorri.

Ao entrar, fechei a porta com o pé e observei devagar cada canto. Brandon e eu tínhamos feito um belo trabalho no quarto de nosso filho. Contratamos pintores para reformar todo o quarto, montadores para desmontar os móveis antigos e colocar os novos no lugar.

O quarto era branco com maravilhosos detalhes em azul bebê, como o teto, que era um céu cheio de nuvens, como eu tanto queria. Os móveis eram das mesmas cores. As roupinhas que nós já tínhamos, que era uma quantidade boa para cuidar de Jack por alguns meses, já estavam no guarda-roupas.

Na janela tinha uma cortina clara enfeitada com pequenos carrinhos, combinava com a decoração e eu fiquei feliz em ver o resultado. Tinha uma paz

ali, sabe? Eu já conseguia imaginar Brandon e eu colocando Jack para dormir no bercinho de madeira com o enxoval azul que as avós deram de presente e que já estava posto no lugar, assim como o mosqueteiro, para que não entrasse inseto algum. Já tinha um cheirinho de lugar novo.

E vida nova também.

Demoramos dois meses aproximadamente para arrumar tudo, que convenhamos, não era muita coisa. E ficou lindo, eu realmente amei e sempre vinha durante a noite olhar. Passei as mãos delicadamente pelo mosqueteiro e olhei um ursinho de coelhinho lilás que Molly tinha dado de presente e colocou dentro do berço.

Senti a mão de Brandon em minha cintura e levei um pequeno susto, por nem ter reparado quando ele entrou no quarto. Deu-me um beijo em meu ombro antes de encaixar seu corpo atrás do meu, me dando um abraço enquanto olhava o berço junto comigo. Ele estava de meias, calça de moletom azul escura e sem blusa.

Agosto já tinha chegado em poucos dias e o outono estava um tanto rigoroso. Eu contava os

dias. Faltavam apenas um mês para o bebê nascer e a ansiedade tomava conta de toda a nossa família.

Jack nasceria em setembro, então, como estávamos na reta final, eu não poderia fazer muita coisa a não ser ir para a aula. O segundo semestre havia começado e eu ia sempre para manter minhas boas notas.

Minha barriga estava enorme e meus pés também. Eu não senti nem enjoos e nem tonturas, mas minhas costas e seios doíam bastante. Eu tinha de tomar bastante água e comer só comida saudável, se não seria um problema para a minha saúde e para a dele.

– Ansiosa? – Perguntou Brad com sua boca perto do meu ouvido e eu meneei a cabeça, sorrindo ao sentir seu corpo colado ao meu, suas mãos atrevidas.

Pobre Brandon! Uma das coisas que era quase impossível de fazer era sexo. Por conta da minha barriga e da minha disposição zero, a gente não transava há mais de um mês. Às vezes rolavam até umas preliminares, mas só isso.

Soltamos uma risada ao sentir Jack chutar, Brad

mordia minha orelha devagar enquanto subia meu pijama com os dedos e eu arfava vez ou outra, então rimos.

– Jack, se aquieta, por favor, deixa eu curtir sua mãe! – Resmungou Brad me fazendo rir e me virar para olhá-lo.

Seu rosto era cansado, mas seu sorriso lindo continuava ali, seus cabelos bagunçados me faziam sorrir.

O beije por alguns segundos e suas mãos fizeram carinho em meus braços, enquanto seus dedos entrelaçavam o meu cabelo devagar. Sorri entre um selinho e outro, sentindo as famosas borboletas no estômago.

Mesmo depois de tanto tempo, era impossível não ficar boba com os beijos e carinhos de Brandon, por quem eu ficaria eternamente apaixonada.

Brandon

– Não aguento mais! – Resmungava Clara de novo, rolando na cama, me fazendo levantar e ir acender a luz.

No relógio eram 3h e pouco da manhã e ela resmungava desde quando deitamos para dormir.

Maria Clara me enchia a paciência por noites seguidas dizendo o quando Jack estava se mexendo e o quanto ela sentia dor.

Os hormônios dela estavam a flor da pele também. Mas eu a ajudava o quanto podia. Naquela noite, ela estava demais! Não sossegou um minuto desde deitamos, há quatro horas.

– Amor, o que houve?

– O Jack não entende que eu preciso dormir, Brandon! Ele não para um minuto! – Resmungou ela. – Estou morrendo de calor e minha cabeça está doendo.

– Calma, amor, entende... Faltam só algumas semanas pra ele sair daí. – Tentei acalmá-la. – Quer água?

– Não. Só quero que ele pare um minutinho para eu dormir! – Pedia ela fazendo biquinho e eu soltei um riso.

Ela passou a mão nos olhos devagar e depois fez um coque nos cabelos longos, que já tinham crescido bastante desde então.

– Você reclama demais.

– Não é você quem tem um filho na barriga, cala a boca! – Ela respirou fundo.

– Quer que eu abra a janela? – Perguntei indo em direção a janela e ela consentiu.

Abri um pouco, o vento pôde circular no quarto. Cocei a nuca em seguida.

– Me traz água? – Pediu quando eu estava quase deitando.

Eu a metralhei com os olhos.

– Você disse há segundos que não queria água, Maria Clara. – Resmunguei.

– Agora eu quero. Vai saber se o motivo do Jack não dormir, seja por estar com sede? – Ela abriu um sorrisinho, que me deixava irritado, mas consenti. Enquanto eu ia em direção a porta, ela se ajeitou para se sentar na cama e só foi eu colocar a mão na

PERIGOSAS ACHERON

maçaneta, ouvi um grito. – Oh, meu Deus! – Clara gritou de susto e eu me virei para olhá-la.

Ela estava com uma das mãos entre as pernas e a nossa cama estava cheia de... Água?

Oh meu Deus de novo!

Franzi a testa olhando para ela, que estava branca, com uma mão na barriga e sem voz.

– O que é isso?

Vi Maria Clara abrir a boca em choque. Estava tão em choque quanto eu e eu já imaginada o que poderia ser.

– Merda! Minha bolsa estourou. – Ela falava tão perplexa, que nem ela mesma acreditava em suas próprias palavras. – O Jack está nascendo, Brandon! – E soltou mais um grito de dor, me deixando completamente perdido e desesperado.

Brandon

Fiz as coisas tão rápido que até me assustei. Calcei meus tênis preto, que era exatamente como a cor da calça de moletom que eu usava. Coloquei um moletom fechado branco, mesmo sem camisa por baixo, só o joguei no corpo e fui pegar a água para Clara, que mesmo com a bolsa estourada e entrando em trabalho de parto, estava morta de sede.

Enquanto ela tomava água, fui atrás de minha mãe que estava dormindo maravilhosamente na cama dela, tinha trabalhado muito durante o dia e estava bem cansada. Mesmo assim, fui chamá-la. Eu não faria aquilo sozinho, de jeito nenhum.

— Mãe, minha rainha, acorde. — Pedi sacudindo-a aos poucos. — Por favor, acorde. — Ela resmungou um pouco e depois de alguns segundos abriu os olhos.

— O que houve, Brandon?

— É a Clara... — comecei dizendo, ela esfregou os olhos enquanto prestava atenção. — A bolsa dela

estourou, mãe, precisamos ir ao médico agora. – No mesmo instante, minha mãe pulou da cama. – Desculpa atrapalhar seu sono.

– Sem problemas, filho, é óbvio que você tinha que me chamar. – Ela calçava os chinelos e em seguida foi a caminho do closet. – Faz muito tempo?

– Não, há minutos. – Avisei, logo minha mãe saiu do closet abotoando uma calça jeans e começou a amarrar os cabelos com um elástico.

Nem parecia que tinha acabado de acordar.

– Leva ela para o carro enquanto eu pego os documentos.

Esperei uns segundos parado no meio do quarto ainda, eu estava em choque. Ouvimos um grito de Maria Clara vindo do quarto e eu corri até lá. Entrei pela porta vendo-a com uma de suas mãos na barriga.

– O que houve?

– Nada, Brandon, não houve nada! Só estou a ponto de parir. – Reclamou ela.

– Minha mãe já acordou, vamos pro hospital. – Avisei me aproximando da cama e levantando as

PERIGOSAS ACHERON

mangas da blusa.

Devagarzinho, Maria Clara colocou os dois pés enormes no chão e respirou fundo antes de me dar a mão.

O toque de sua mão delicada e forte tocando a minha foi como um choque. Eu respirei fundo, tentando me acalmar.

Ia ficar tudo bem, claro que ia ficar tudo bem. Tínhamos que passar por isso mesmo...

Mas, que merda!

Minha mulher estava quase para parir, eu teria o meu filho nos braços em poucas horas, como se ficava calmo numa hora dessas?

Delicadamente, Maria Clara se levantou da cama e apoiou um de seus braços em volta de meus ombros, foi colocando os chinelos devagar.

– Quer que eu te carregue no colo? – Perguntei.

– Estou pesando mais de mil toneladas, Brandon, vai ser impossível você me segurar no colo! – Reclamou ela e eu consenti sem reclamar, deixando com que ela se apoiasse o tanto que precisasse em mim até irmos para as escadas, onde foi um sufoco só para descermos com calma e ela arfava de dor.

Era terrível vê-la assim, me agoniava muito.

Ela ficou em silêncio até chegarmos no carro que estava na garagem. Minha mãe pegou a chave para mim, abriu o portão, abriu as portas do carro com rapidez e eu ajudei Clara a se sentar no banco do passageiro, Eliza se sentou no banco de trás e eu no motorista.

Liguei o carro e partimos rumo ao hospital. Eu com o coração na boca de nervoso.

– Merda! – Murmurei olhando Clara que vez ou outra fazia caretas. – Você está de pijama!

Maria Clara vestia um pijama tipo vestido, bege com detalhes em amarelo, de alcinha e enorme por conta da barriga. Nos pés, chinelos e nada mais que isso.

– E daí, Brandon? Você acha que estou me importando com a roupa que estou vestindo? Eu só preciso tomar alguma coisa pra isso passar.

– Isso o que?

– A dor, amor, a dor! – Respondeu ela de um modo rápido e alto. – Minhas costas estão ardendo de tanta dor.

Minha mãe estava no telefone, tinha a certeza de

PERIGOSAS ACHERON

que ela falava com Clau, Logan ou com o médico. Respirei fundo, me irritando com os milhares de faróis vermelhos que eu encontrava em minha frente.

Fazia longos e intermináveis minutos onde Clara e nem minha mãe falavam alguma coisa. Minha mãe só estava ouvindo a outra pessoa do outro lado da linha.

– Está tudo bem? – Perguntei, olhando Clara, já que um dos faróis estava fechado.

– Eu pareço bem? – Me olhou séria, os olhos com medo e sua voz transbordava impaciência. – Pelo amor de Deus, Brandon!

– De quanto em quanto tempo está vindo as contrações, Clara? – Minha mãe perguntou do banco de trás.

– De quatro ou de cinco em cinco minutos, sei lá!
– Respondeu Clara e minha mãe repetiu a mesma coisa para a pessoa no telefone.

O médico, eu acho. Logo desligou.

– Você precisa manter a calma, ouviu? O médico já está nos esperando lá. – Avisou minha mãe a Maria Clara que gemeu de novo, baixinho dessa

vez por estar tendo outra contração.

Respirei fundo, arrancando com o carro pelas ruas e passando sim por faróis vermelhos que insistiam em aparecer numa hora daquelas. Eu pouco me importava com multas, eu estava nervoso e precisava levar minha mulher o mais rápido possível para o hospital.

– Amor. – Chamei olhando pelo canto do olho para ela que mesmo fazendo caretas e estando inchada, continuava linda. – Está tudo bem?

– Droga, Brad! – Murmurou. – Se você me perguntar mais uma vez a mesma coisa, vou te mandar tomar no olho do cu!

Minha mãe riu, eu fiquei em silêncio.

É, ela estava mesmo parindo um filho e continuava a mesma Maria Clara de sempre.

– Brandon, a Srta. Miller já está entrando em trabalho de parto. – Um enfermeiro veio me avisar poucos minutos depois que chegamos ao hospital e Maria Clara foi levada pelo médico.

– Mas já? – Arregalei os olhos. – A bolsa dela

estourou não faz nem meia hora, ela já tem toda a dilatação?

– Não, mas o médico sabe o que fazer.

– Onde ela está agora?

– Na sala de parto.

– Ah, merda! – Cocei a nuca. – Eu não posso mais vê-la?

– Não, a menos que você queira assistir ao parto.

– Não, isso não. – Respondi. – Não tenho toda essa coragem! – Andei de um lado para o outro na sala.

– E você sabe... você sabe se o Jack corre algum risco? Não é época pra ele nascer ainda.

O enfermeiro ficou em silêncio me olhando com cautela, depois respirou fundo e finalizou:

– Faremos o possível para dar certo, para que o parto seja um sucesso e corra tudo bem. Espere por aqui, certo? Vamos voltar com notícias assim que possível.

– Ah, caralho! – Reclamei nervoso e senti minha mãe me abraçar.

Apertei-a em meus braços, ela me dava conforto.

O enfermeiro nos deixou sozinhos na sala de espera.

– Fique calmo, meu filho. – Pediu ela, chorosa e receosa. Pelo que eu soube, Claudiana e Logan já estavam a caminho. – Você lembra o que ela te disse antes de entrar na sala? Que era forte por ele, por você e por ela. Ia fazer o possível para que tudo ficasse bem.

Desabei em seus braços, deixando algumas lágrimas molharem seu pequeno ombro.

– Estou com medo. – Admiti, sentindo meu corpo pesado.

– Vai ficar tudo bem, meu filho, fica calmo. – Ela afagava meus cabelos devagar.

Fazia horas. Sim, horas que eu não recebia nenhuma notícia de Maria Clara e muito menos do meu filho. Eu não sabia ao certo que horas eram, mas o sol já estava nascendo.

Já tinha parado de chorar e só tinha engolido poucos goles de café que Clau tinha trazido para mim minutos atrás e a quentura ainda estava em

minha boca. Eu não conseguia falar, não conseguia dormir, não conseguia informações e mal conseguia ficar sentado. Era terrível.

– Parece que seu herdeiro chegou pra ficar. – Ouvi a voz do médico ecoar pela sala de espera e eu levantei minha cabeça.

– Como está minha filha, doutor? E meu neto? – Perguntou Logan rapidamente.

– Maria Clara foi uma guerreira, do começo ao fim e lutou muito pelo filho. Perdeu muito sangue, está no soro e nos medicamentos, mas passa bem!

Sorri para ele, meus sogros e minha mãe suspiraram aliviados.

– Ah, graças a Deus! – Exclamou Clau, abraçando Logan.

– E Jack, como está? – Perguntou minha mãe.

– Ele está ótimo! – o médico sorriu e mais um peso saiu de minhas costas. – Não sofreu nada com o parto e nasceu sorrindo.

– Oh, meu Deus! – Vibrou minha mãe, todos sorriram para mim e eu abri um sorriso leve.

– Posso vê-lo? – Pedi e o médico concordou indo até o berçário e tanto minha mãe quanto meus

sogros, disseram que o veriam depois, já que aquele momento era meu, exclusivamente meu.

No berçário, haviam milhares de bebês recém-nascidos assim como o meu Jack, que o médico logo me mostrou. Sorri ao me aproximar do pequeno berço onde ele estava deitado, já limpo, de fralda, com uma pulseirinha no pequeno braço e coberto por uma manta azul clara.

Ele era pequenininho, tinha as bochechas rosadas e os cabelos castanhos claros como os meus e branquinho. Estava de olhos fechados ainda dormindo e eu estava tremendo ao olhá-lo.

Cacete, eu tinha um filho!

Ele era a minha cara, não dava para negar! Tinha o nariz da Clara, alguns traços que lembravam ela também... Definitivamente dois em um. Era a melhor coisa que eu já fiz. Era o bebê mais lindo do mundo.

– Eu posso pegá-lo? – Perguntei.

– Mas é claro.

– Não vou quebrá-lo, não é? Ele é tão pequeno...

– murmurei e ele soltou uma risada baixa.

– Claro que não. Ele é muito forte para ter

nascido semanas antes do tempo previsto. Acho que depois dos exames ele até vai poder ir pra casa.

– Comentou o médico colocando meu filho no colo.

– Meu Deus, ele é lindo, caramba! – Murmurei baixinho

Eu era eternamente abençoado.

– Posso levá-lo para a mãe dele conhecer?

– Pode sim! Me acompanhe. – Pediu o médico e eu o segui pelo corredor andando com cuidado com meu bebê no colo.

Ao entrarmos no quarto, meus sogros e minha mãe estavam ao lado de minha mulher que estava de avental e um cobertor cobrindo as pernas, a mão furada e meio sentada na cama inclinada.

Os pés ainda inchados, o rosto também, mas linda, linda! Os cabelos soltos com algumas mechas sobre os ombros. Aproximei-me devagar com o bebê no colo até ela.

Por que eu ainda estava tremendo?

Droga, estava tudo bem, eu precisava me acalmar!

Maria Clara abriu um sorriso lindo para mim quando me aproximei cautelosamente da cama

sorrindo também. Todos se afastaram, dando espaço para que ela e eu aproveitássemos o momento.

– Oh, meu Deus! – murmurou, olhando o bebê em meus braços.

Sentei-me devagar na borda da cama ao lado de seu corpo.

– Diz oi para a mamãe, Jack Theodore, futuro fodedor e conquistador de mulheres. – Sussurrei perto de seu ouvido enquanto colocava o bebê quentinho e pequeno nos braços dela que já estava com os olhos marejados.

– Ele é lindo, amor!

– Sim, minha cara, lógico que é lindo!

Todos no quarto riram.

Ela observou o bebê assim como eu e ficamos em silêncio, logo nossos olhares se cruzaram e eu limpei uma pequena lágrima que escorria por sua bochecha. Molhei meus lábios com a língua.

– Deus é maravilhoso, Brandon, olha o presente que Ele nos deu... – comentou ela, feliz. Sorriu. – Obrigada!

– Eu que agradeço!

A felicidade estava estampada no meu rosto. Maria Clara depositou selinhos colados e carinhosos em meus lábios.

– Sinceramente, se eu soubesse que uma entrada no banheiro errado iria resultar nisso, eu teria entrado bem antes.

Zona de Guerra

“Eu tenho que aprender a dizer adeus agora.”

The Wanted

Maria Clara

– Você já percebeu que o formato do coração que nós conhecemos, é de dois corações juntos? – Perguntou Brandon assim que terminei de enviar a última atividade escolar por e-mail para meu professor.

– Não, nunca percebi. – Respondi ao deixar o notebook aberto em cima da mesa, caminhar em direção a cama e me sentar confortável ao lado de Jack que engolia as mãozinhas brancas e olhava para todo o quarto com os olhos enormes, iguais aos da mamãe.

– Olha. – Brandon começou a desenhar, devagar e bem grande um coração com uma caneta em um caderno que estava ao lado da cama. – Desse lado, é você. – Uma parte do coração estava feita e dentro dela ele escreveu “*Ma*”. – E desse lado, sou eu. – Ele fez a outra metade do coração, completando o desenho e dentro, continuando a palavra, fez “*ndon*”, que resultou “*Mandon*”. – Viu?

– O que significa Mandon? – Arqueei as sobancelhas.

– Nosso nome shipper, sua insensível.

– Sério? – Gargalhei.

– Sério. Pode ser *Braria* se você quiser.

– Braria? – Gargalhei. – Que criativo! – Fiz uma pausa. – E com relação ao coração, meus parabéns, você é bem inteligente.

Abri um sorriso para ele me virando de barriga para cima, já que eu estava de bruços e ele sorriu, colocando o papel e a caneta no lugar onde estava e molhou os lábios involuntariamente.

– Vi no Twitter. – Ele deu de ombros e eu balancei a cabeça dando risada. – Mas faz sentido. – Finalizou ele antes de selar nossos lábios.

O beijei com carinho, enquanto ele apertava meu corpo todo devagar com a mão. Minha coxa, minha cintura, meu braço, meu seio... Arfei.

Meu corpo ainda estava sensível, meu filho tinha apenas uma semana de vida, mas eu já estava me recuperando bem do parto normal e torturante que eu tive. Felizmente, valeu a pena toda a dor.

– O Jack está olhando. – Murmurei baixinho
PERIGOSAS ACHERON

contra seus lábios.

– Ué, deixa ele olhar. Assim ele aprende... – aquilo me fez gargalhar quando senti a mão gelada de Brandon por debaixo de minha blusa.

Logo ele subiu em cima de mim e eu queria recuar, mas seus carinhos e seu corpo quente me enlouqueciam! Quando minha blusa já estava no chão, Brandon começou a morder e chupar meu seio ainda com o sutiã azul. Eu tentava controlar minha pulsação em êxtase, quando ouvimos o choro de Jack ao nosso lado.

– Ai, caralho, não pode ser! – Resmungou meu namorado com raiva. Nosso filho berrava de fome. – Jack Theodore, eu vou bater em você! – Reclamou de um jeito pausado e bem engraçado olhando para o pequeno, que me fez rir.

– Sai, maníaco insaciável, deixa eu amamentar essa criança antes que ele estoure meus tímpanos. – Brandon saiu de cima de meu corpo reclamando enquanto eu me sentava na cama, apoiando as costas em um travesseiro e pegando Jack no colo. – Calma, meu amor. – Pedi baixinho para ele enquanto soltava o fecho do sutiã na frente e o fazia

segurar o bico do peito com os pequenos lábios e as gengivas fortes.

Arfei com a pequena dorzinha dele apertando o bico de meu peito ao morder com as gengivas e sugar com força. Ele estava realmente com fome! Fiz carinho com os dedos na bundinha dele, com o braço que eu estava segurando- o confortavelmente.

Jack vestia um macacãozinho branco, com detalhes em verde, com um sapatinho de pano na mesma cor e os cabelos penteados, perfumado e tudo. Por baixo do macacão eu tinha colocado uma calça e um body de mangas longas por conta do frio. Eu tinha dado banho nele há pouco tempo, ele estava bem arrumadinho e aquecido, esperando meus pais que chegariam em pouco tempo para jantar.

Era quinta-feira, Elizabeth chamou os Miller para um jantar e eles chegariam em menos de uma hora. Eu precisava tomar um banho e me arrumar. Brandon, que quando levantou da cama foi para o closet, voltou sem nada nas mãos. Deveria ter ido escolher que roupa vestir e acabou não escolhendo nada.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Fazia uns minutos que Jack estava mamando e logo dormiu no colo de Clara. Eu estava mexendo em minhas redes sociais ao esperar ela colocá-lo no berço e logo me lembrei do que ela poderia estar fazendo no quarto dele, já que demorou uns minutos para voltar.

Ela estava cobrindo-o por conta do frio que estava vindo com mais intensidade com o passar dos dias e estava apoiando a cabeça no peito do nosso filho para ouvir o coraçãozinho dele bater. Só assim ela ficava relaxada. Era rotina, toda vez que ele dormia ela fazia a mesma coisa.

Maria Clara era a melhor mulher para ser a mãe do meu filho. Não tenho dúvida nenhuma disso.

Logo ouvi sua voz no corredor, ela deveria estar no topo da escada.

— Sogra? — Gritou ela para a minha mãe que estava ajudando Belinda com o jantar. — O Jack tá dormindo, Brandon e eu vamos tomar banho, olha ele pra mim, por favor?

– Claro, querida. – Respondeu a vovó babona.

No banheiro, os beijos começaram cedo, mas bem rápidos.

– Não se empolga demais, você não vai ganhar muita coisa. – Comentou Maria Clara mordendo meu pescoço.

– Só cale a boca e me beija. – Pedi desesperado fazendo carinho em todo o seu corpo, excitado e com saudade.

A comida estava realmente uma delícia e eu estava realmente com fome! Pelo relógio, vi que eram 22h e pouco da noite. Minha mulher, minha mãe, meus sogros e eu estávamos jantando frango grelhado, saladas e verduras diversas.

Fazia horas que eles tinham chegado e nós conversamos, Jack acabou acordando e os avós brincaram com o neto por um bom tempo até o pequeno dormir de novo e nós termos sossego para jantarmos.

Mesmo tão pequeno, Jack era como um relâmpago dentro daquela casa. Era uma luz que

trazia felicidade para nós. Por isso que nós todos o amávamos tanto.

– Sua avó ligou hoje de manhã, querida. – Começou Logan.

– Ligou, é?

– Sim. – dessa vez foi Claudiana que falou. – Para dizer que sua matrícula está feita e que a passagem já está comprada.

– Como? – Maria Clara ficou de uma hora para outra completamente desconfortável e corada. – Mas eu nem fiz as provas finais ainda, mãe.

– Você sabe como é sua avó, não é? Ela não via a hora de você estar a dois meses de terminar o ensino médio para te matricular naquela maravilha de faculdade.

Não sei o porquê, mas eu senti um completo desconforto naquele momento. Comecei a pensar mil coisas de uma vez.

– Mas, ela sabe de Jack, não sabe?

– Claro que sabe. – Logan sorriu, feliz e orgulhoso. – Disse que é o bisneto mais lindo que ela e papai poderiam ter. – sorriu de novo.

Logan estava falando dos pais dele, que moravam
PERIGOSAS ACHERON

na Austrália, eram avós de Maria Clara.

– E isso resulta em quê? – Perguntou Maria, remexendo a comida e mal olhando para mim.

Travei o maxilar, sem vontade nenhuma de continuar comendo.

– Isso resulta em... – Clau perdeu a fala. – Ah, minha filha, eu não sei. – Deu de ombros. – Só sei que sua passagem já está comprada para o dia 20 de dezembro e seus avós estarão no aeroporto internacional esperando você e o Jack também...

– Mãe! – gritou Maria Clara, quase que desesperada.

Mas já era tarde demais e eu já tinha entendido tudo.

Dia 20 seria o dia seguinte de nossa formatura e Maria Clara iria para a Austrália com o meu filho em poucos meses fazer faculdade e não me disse absolutamente nada? Era exatamente isso mesmo que eu estava ouvindo?

Sim, era a mais pura verdade.

Meus olhos cruzaram com os dela que estavam desesperados e surpresos. Os meus eu juro que estavam pegando fogo. Travei o maxilar tentando

PERIGOSAS ACHERON

controlar o desconforto e a raiva de ter sido idiota esse tempo todo diante de todos e bati os punhos na mesa, querendo sair dali o mais rápido possível antes que alguma merda fosse feita.

– Filho? – Perguntou minha mãe sem entender quando afastei a cadeira com força.

– Perdi a fome. – Foi a única coisa que eu disse antes de sair da mesa e sair de casa também, batendo a porta com força e querendo sumir.

Ou simplesmente, cortar Maria Clara em pedacinhos.

Droga!

Maria Clara

Eu queria explodir! Respirei fundo mais uma vez, olhando de minha mãe para meu pai por alguns segundos.

– Que foi? – Claudiana se fez de desentendida.

– Como, o que foi? Caramba, mãe! – Gritei, sem me preocupar com nada.

– Desculpa, filha, eu achei que vocês já tinham tido essa conversa.

– Nós não tivemos! – Gritei de novo enquanto me levantava da cadeira.

– Fala direito com sua mãe, Maria Clara! – Pediu meu pai bem sério.

Só não mandei ele tomar no cu dele porque Elizabeth estava presente. Em vez disso, saí da copa e fui atrás de Brandon que já deveria estar longe.

Tentei controlar minha respiração por alguns segundos, enquanto saía a passos rápidos de casa, vendo-o andar no fim da rua escura. Fui atrás dele ouvindo o barulho do meu pequeno salto rosa bater contra o asfalto.

Meus cabelos voavam com o vento gelado e eu abracei meu sobretudo de couro preto, já que eu estava apenas com ele e com um vestido de pano fino da mesma cor por baixo. Estava bem frio naquela noite. Engoli em seco antes de gritar para Brandon que andava na minha frente.

– Brandon, por favor! Espere, deixa eu falar com você! – Gritei e ele não me dava atenção, então apressei os passos. – Me ouve! – Toquei em seu braço.

– Eu preciso ficar sozinho, Maria Clara, por

PERIGOSAS ACHERON

favor, volta pra casa! – Pediu ele parando e olhando para mim. Seu olhar ficou fixo no meu por alguns segundos. – Aproveita pra arrumar suas malas. – Sua voz era firme e senti uma pontada de mágoa também.

– Não! Amor, você precisa me ouvir! – Falei séria, as pernas tremendo, tanto de frio como de nervoso. Eu queria adiar tanto essa conversa... E foi logo rolar assim, por impulso e com ele bravo. Eu me senti em uma zona de guerra. – Por favor! – pedi percebendo que ele iria se afastar, apertei seu braço cheio de tatuagem.

Brandon estava maravilhosamente vestido para aquela noite. De tênis cano alto azul, uma camisa listrada na vertical preta e branca, com uma jaqueta jeans aberta, as mangas dobradas para cima e uma calça de couro preta bem colada.

Ele estava uma perdição!

Fixei meu olhar em seu cabelo que estava penteado em um topete, quase dourado com a pouca luz que refletia do poste. Ele não estava a fim de falar comigo, mas tínhamos de conversar. Agora ou agora.

Discutir talvez seja a palavra certa, não exatamente conversar... Respirei fundo mais uma vez.

– Eu ia te contar. – Comecei falando, com a voz falha, ele deu um passo para trás, não queria mesmo ficar perto de mim, mas não andou.

– Ia? Quando? Quando estivesse a caminho do aeroporto?

– Não. Só estava esperando o momento certo. – Minha voz estava baixa, eu não queria gritar.

Meus vizinhos já estavam todos dormindo àquela hora e a rua toda estava escura, exceto pelas poucas luzes dos postes.

– Que momento certo, Maria Clara? – Gritou ele.
– Até quando você ia me esconder que vai embora?

– Eu estava pensando num jeito de te falar! – Gritei. Era só gritando para ele me ouvir. – Isso já está planejado antes mesmo de você aparecer, amor. Meu pai é australiano, como você bem sabe e sempre foi o sonho dos meus avós que eu fizesse minha faculdade lá na Austrália. Minha avó é dona de uma faculdade, uma das melhores do país, então sempre foi certo eu ter que ir. Só que eu cresci, o

ensino médio começou e você apareceu e... – Parei de falar por simplesmente não conseguir mais.

O choro já estava engasgado na garganta.

– Só espero que você não esteja indo pra lá por causa do seu amiguinho. – Começou ele. – E nossa vida vai ser a mais clichê possível! Ele com você e o meu filho, uma família feliz, como nos filmes. E eu aqui, tomando no cu, não é? Porque ele sempre foi o mocinho da história mesmo!

– Para com isso! Meu Deus amado, Brad! – Gritei. – Não é nada disso! Acorda! É o sonho dos meus avós... – repeti.

– E o seu sonho, Maria Clara? Qual é o seu sonho? – Ele gesticulava as mãos no ar ao falar e eu sentia minha respiração pesada, por conta do desespero e do frio.

– Você sabe muito bem qual é o meu sonho, meu amor.

– Ah, não está parecendo! Porque você está querendo ir embora e me deixar aqui. E pode ficar ciente de que o meu filho você não leva!

Aquilo fez meu coração se quebrar de um jeito que... Meu Deus! Meu desespero aumentou na
PERIGOSAS ACHERON

hora.

– A gente vai precisar ver isso. – Falei. Ele bufou.
– Como eu disse, esse plano é antigo e não tinha você e muito menos Jack na minha vida. Eu vou precisar falar com os meus avós, eles irão entender... – esperei uns segundos. – Ou você pode ir comigo! – Minha voz saiu empolgada. – Isso, amor! Vamos comigo! Vai Jack, você e eu e lá a gente se vira pra viver.

– Você só pode tá delirando! – Gritou ele me fazendo encará-lo. – Do mesmo jeito que seus avós tem sonhos e planos pra você, os meus também têm e eu não vou decepcioná-los por sua causa.

Parei até de respirar nessa hora. Senti meu corpo completamente mole.

Merda! Foi isso mesmo o que ele disse?

Eu estava realmente em choque.

– Bom... – ele engoliu em seco. – Eu não posso ir contigo. É o sonho dos meus avós também.

– Você... Você vai para o Canadá?

– Vou. – sua voz ficou baixa por ele ter abaixado a cabeça e eu já imaginava um futuro ruim para mim por saber que não teria Brandon nele. – Você

sabe muito bem disso, te contei faz tempo. – Avisou ele.

Ok, eu sabia mesmo disso.

Do nada, todas as coisas vieram à tona...

Droga!

Lágrimas já escapavam de meu rosto quando Brandon levantou o olhar. Estávamos a centímetros de distância e eu estava a ponto de desabar. Eu realmente não estava acreditando.

– O que a gente faz? – Minha voz saiu baixa, mas o suficiente para ele ouvir.

Vi seu peito descer e subir por conta da respiração e a fumaça por conta do frio, sair por seus lábios entreabertos.

Lábios que eu queria morrer beijando. Lábios que eram os melhores que eu já tinha beijado na vida. Lábios que me pertenciam para todo o sempre e que naquele momento estavam rosados.

Oh, Deus... Lindos.

– Eu não quero que você vá embora, Maria Clara.

– Eu também não quero ir.

– Então por que você não avisa para todos,

caralho?! – gritou ele e funguei por conta do choro. – É só você falar que não precisa de faculdade nenhuma agora. Precisamos criar um filho primeiro! Eu tento fazer o mesmo, a gente fica junto...

– Eu não posso! As coisas não são tão fáceis como parece, entende, por favor. – Solucei depois de falar e limpei as lágrimas com as mangas da roupa rapidamente.

Eu me sentia inútil por não poder falar simplesmente que não queria ir e pronto.

– E entenda que com o meu filho você não vai! – Gritou ele e se aproximou de mim, colocando as mãos no meu rosto. Olhou fixo nos meus olhos antes de continuar falando: – Maria Clara, as coisas mudaram e eu amo você. Consegue entender isso? – Perguntava ele e eu não sabia o que falar. – Foda-se que antes era só você. Agora somos você, ele e eu! As coisas não vão terminar assim!

Desabei a chorar de novo e antes que eu o tocasse, ele se afastou. Como areia que escapa de nossos dedos.

– Não se afasta de mim... – sussurrei.

Brandon meneou a cabeça.

– Eu preciso pensar. – Avisou ele, enquanto dava passos para trás.

– Só não esquece que eu amo você. – Gritei, ainda com lágrimas nos olhos e funguei logo em seguida.

Só tive a certeza segundos depois de que aquilo estava muito longe de acabar.

Deixando Pra Lá

*“Não deixe pra amanhã
o que você pode deixar pra lá.”*

Autor Desconhecido

Brandon

O dia custou a clarear me fazendo voltar para casa e tomar um bom banho para tirar o sono e o cansaço de ter passado a noite vagando sem rumo pelas ruas de Los Angeles, pensando em alguma solução para toda aquela situação.

Se eu achei? Isso mesmo, não. Nenhuma.

De banho tomado e com roupa limpa, estava arrumando minha mochila para mais um dia de aula quando ouvi o choro do Jack no quarto ao lado.

– Ei, Maria, acorde. – Chamei, ela resmungou preguiçosa na cama. – Você tem um filho pra amamentar, anda!

– Já vou, já ouvi! – Ela esfregou os olhos antes de abri-los e me observar. – Aonde vai? – Perguntou se sentando e fazendo um coque nos longos cabelos.

– Estudar, eu acho. – Peguei minha mochila e saí do quarto socando o celular no bolso.

– Onde você passou a noite? – Maria Clara falava atrás de mim enquanto me aproximava do berço de

Jack já em seu quarto para dar-lhe um beijo, seus olhinhos estavam esbugalhados. – Brandon, estou falando com você! Precisamos conversar.

– Sem conversa. – Respondi saindo do quarto.

– Mas eu achei... – ela começou, mas eu a cortei descendo as escadas vendo seu corpo parado no alto, me olhando irritada.

– Achou errado. Você tem sua matrícula feita, já eu tenho que estudar pra ser alguém.

– Brad, não começa de novo, por favor! – Pediu com uma voz que soou manhosa e dramática.

– Sem choro, sem discussão. Alimente direitinho meu filho.

E então passei pela sala, pelo hall e saí de casa indo em direção ao carro em passos firmes.

Engoli o choro que estava entalado na garganta por ter visto um dos olhares mais tristes do mundo na pessoa que eu tanto amo. Da mesma pessoa para quem eu teria que dizer adeus em menos de quatro meses.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Maria Clara

O sol já estava se pondo do lado de fora e eu ainda conversava com Melanie, bom, há quase meia hora.

– *Mas, por que merda você não conversou com ele sobre isso antes? Tenho certeza de que ele iria entender, sem ter sido pego de surpresa, você sabe como Brandon é.*

– Sim, eu sei, mas não queria adiantar o assunto, não queria pensar, sabe? Aliás, tentaria reverter a situação sem que ele soubesse.

– *Mas você sabe que não iria acontecer.*

– É. – suspirei olhando na janela. – Não iria mesmo.

– *E agora? O que você vai fazer?*

– Não faço a mínima ideia. – Respondi e olhei para Jack dormindo preguiçosamente no carrinho no meio da sala de estar vazia.

Elizabeth estava trabalhando, Belinda fazendo algo em algum canto da casa. E Brandon ainda não havia chegado.

– Como ele estava na aula hoje?

– *Normal.* – Respondeu Melanie. – *Quieto demais, mas estava normal.*

– Ele ainda não chegou. – Olhei o relógio, já havia se passado quase duas horas do fim da aula.

– *Deve ter ido para algum lugar.*

– Que lugar? – Suspirei. – Ele vai ficar fugindo até quando? – Perguntei retoricamente.

– *Amiga, vai ficar tudo bem.* – Melanie me reconfortou e no instante seguinte, Jack gemeu no carrinho.

– Obrigada, amiga. – Respondi. – Preciso desligar, Jack está acordado.

– *Me deixe informada.* – Pediu antes de finalizar nossa ligação.

Fui de encontro ao meu filho que estava esfregando os olhinhos enormes e logo os abriu.

– Oi, meu amor. – Sorri fazendo carinho em suas bochechas.

Jack sorriu docemente para mim. Fiquei admirando aquele pequeno grande bebê no carrinho, era a cara de Brandon, igualzinho, só que

uma miniatura.

Jack era um mini Brandon.

Nossa, só de olhar para ele meu coração se enchia de alegria.

– Mas será que ele já acordou? Ele precisa estar acordado pra ver o presentinho que eu trouxe pra ele! – Ouvi a voz de Molly vindo da porta e sorri olhando meus cunhados junto com Brandon.

– Oi, Clarinha! – Exclamou Julian correndo em minha direção e eu o abracei com carinho.

– Olá, Julian. Como você está? – Perguntei.

– Estou muito bem! Brad foi nos buscar, vamos passar o final de semana por aqui, tudo bem?

– Claro que sim! – Sorri aliviada. – Jack vai adorar.

– Oi, Jack! – Molly veio correndo fazer carinho no sobrinho, sorridente.

Brandon veio logo atrás jogando a mochila no pé do sofá. Olhei para ele com cautela.

– Fiquei preocupada, você não me avisou que iria buscá-los.

– Por que? Será que tenho que te pedir permissão

pra trazer meus irmãos pra minha casa? Somos casados?

Arregalei os olhos, chocada com suas palavras.

Caralho!

Olhei as crianças entretidas com o bebê e nem ouviram o que o irmão havia dito.

– Precisa falar assim?! Eu só fiz uma pergunta, Brandon.

– Ótimo, e eu respondi. – Ele deu de ombros. – Molly, cuida do seu sobrinho, vou pedir pra Linda preparar um bolo de cenoura com chocolate, vocês esperam?

– Eba! – Julian vibrou. – Vamos comer bolo de cenoura com chocolate o final de semana inteiro, Jack, isso não é muito maneiro?!

– Eu espero, Brad, mas pede pra ela ir rápido, já estou morrendo de fome. E o Jack também, não é Jack? – Molly brincou com meu filho, fazendo-o rir.

Brandon apenas soltou um riso e saiu da sala, fui atrás dele.

– Linda, prepara um bolo para as crianças. O de sempre. Elas vão passar o final de semana aqui.

Belinda, que estava organizando um armário, apenas sorriu e disse:

– Claro, querido.

E então Brandon saiu da cozinha rapidamente.

– Até quando você vai ficar fugindo? – Perguntei seguindo-o onde quer que ele fosse. – Precisamos conversar sobre isso e você sabe disso.

– Ah, é? Precisamos? Até ontem parece que esse assunto nunca existiu e agora quer conversar?

– Brandon, por favor! – Resmunguei irritada.

– Olha, Maria Clara, não é só você que está irritada, com medo ou confusa, ok?! Então me deixa em paz, eu quero pensar.

– Pensar no que? Não tem nada o que pensar agora, não sobre isso. Aproveita seu filho, seus amigos... Ainda tem chão até o ano acabar.

– Eu só não queria ter que me preocupar com isso. – Ele coçou a nuca ao tirar os tênis e deixá-los jogados no chão do quarto que agora nos encontrávamos.

– Então não se preocupe. Pare de me tratar assim.
– Tentei tocar em suas costas e ele mexeu os

ombros, não me deixando tocá-lo.

Aquilo era a gota d'água.

– As crianças estão sozinhas. – Finalizou ele me olhando duro por cima dos ombros antes de deixar o quarto.

Meu peito ardeu de angustia.

Mas que merda!

O resto do dia foi frio, não só do lado de fora da casa, como dentro dela. Só não foi mais frio por eu ter a companhia dos meus pequenos cunhados que comeram bolo de cenoura com chocolate, me ajudaram a cuidar de Jack e assistiram a diversos filmes comigo com a lareira acesa.

Brandon continuava distante, frio e trocando meias palavras comigo, só quando era necessário. Eu tinha certeza de que havia trazido os irmãos para casa, para não ter que falar comigo, para não resolver nada e muito menos fazermos as pazes.

Elizabeth chegou e ao jantar conosco, foi descansar. Assim que deu 22h da noite, preparei as crianças para dormir e Brandon decretou que iria

dormir no último quarto de hóspedes sozinho, para que seus irmãos pudessem dormir comigo em seu quarto, que agora era nosso.

Eu já estava morando com ele há dois meses, o que era recorde e mesmo não estando casados eu sentia isso, sentia que estávamos tendo uma vida como um casal adulto, mas nem um pouco maduro.

Só quando o silêncio reinou, beirando 2h da manhã, que eu pude colocar para fora, ainda baixinho embaixo do edredom, a raiva, o medo, a irritação e a angústia que eu estava sentindo nessas últimas horas, tentando entender porque as coisas tinham que acontecer ao mesmo tempo e tudo tão difícil.

Eu não iria para a Austrália por que eu queria, de modo algum. Claro que antes sim, era meu sonho, sonhos dos meus familiares também, mas era antes de Brandon, antes de Jack, antes de ter que ser madura cedo demais. E naquele momento eu não queria mais nada, não queria ser responsável, não queria seguir para outro país tendo uma vida completa onde eu estava.

O pior de tudo era não ter o apoio de Brandon,

nenhum apoio e quase nenhuma compreensão dos meus pais sobre o assunto faculdade. E Jack... Jack ocupava todo o meu tempo e minha mente, eu não conseguia pensar nos estudos e um futuro sem ele, muito menos uma solução para tudo isso.

– Clarinha? – Ouvi a voz rouca de Julian me chamando. – Clarinha estou com sede. – Avisou ele.

Funguei imediatamente e passei as mãos sobre os olhos molhados.

– Você está chorando? – Perguntou Molly.

Droga!

Infelizmente eu havia acordado os dois.

Virei em direção a eles, pois estava no canto da cama de costas para os dois.

– Não, estou bem. – Sorri forçado aos irmãos que estavam com olhos arregalados me encarando.

– Estou com sede. – Repetiu Julian.

– Vou buscar água pra você. – Falei.

– Não, eu posso ir. – Julian já foi se levantando da cama.

– Mas está escuro, querido. – Informou.

– Eu ligo as luzes. – Ele calçou os chinelos.

– Eu vou com você. – Molly coçou a cabeça antes de levantar.

– Crianças, fiquem na cama, eu vou. – afirmei.

– Nós vamos, voltamos já. – Informou Molly e os dois saíram do quarto de mãos dadas.

Confiei apenas por que sabia que os dois sabiam descer as escadas com cuidado e conheciam aquela casa mais do que ninguém. Apenas suspirei e fechei os olhos deixando as lágrimas escorrerem enquanto apoiava o braço sobre o rosto.

Poucos minutos depois, ouvi a porta se abrir mais uma vez e perguntei:

– Apagaram as luzes, crianças? Venham pra cama, está bem tarde para ficarem acordados. – Avisei cansada, sabendo que nem eu poderia dormir direito por que já, já Jack estaria chorando no quarto ao lado.

Foi quando senti um corpo pesado em cima do meu e o cheiro dele por todo o quarto. Abri meus olhos e fitei Brad de moletom fazendo carinho em meus cabelos.

– Eu não vou deixar você. – Foi o que ele disse. –

Vamos resolver juntos essa questão. Juntos, entendeu? Somos um casal, somos responsáveis e pais. É claro que vamos resolver. – E selou seus lábios quentes e carnudos nos meus.

Meu coração esquentou no peito de alívio.

Isso! Era exatamente isso que eu precisava ouvir.

Lareira

*“Pensamentos viram ações, ações viram hábitos,
hábitos viram caráter e o caráter vira o seu
destino.”*

Janes. C. Hunter

Setembro de 2010

Maria Clara

– Meu Deus, por que ele sempre chora? – Reclamou Lauren, dramática com Jack aos berros em seu colo.

Sim, toda vez em que ela o pegava no colo ele chorava, era impressionante. O peguei com cuidado.

– Você fede, por isso ele te odeia! – Pirraçou Connor, fazendo minha amiga fazer uma expressão triste com o rosto e todos os outros gargalharem.

– Cala a boca, Connor. – Reclamei com ele.

O outono continuava gelado e isso me dava um medo só de pensar no frio que íamos ter naquele ano, bom, se o outono já estava daquele jeito...

Então, todos estávamos na sala de estar da casa de Ansel em frente a fogueira queimando marshmallows em uma segunda-feira após a aula. Eu, bom, ainda estava de licença, então continuava fazendo trabalhos em casa e mandando e-mails para os professores.

– Ele me ama, olha isso, ele me ama! –

Exclamava Connor levantando meu filho no colo, sorrindo.

E realmente, Jack ficava todo sorridente no colo de Connor, o que deixava Lauren se doendo, tadinha!

– Mas então, amanhã começam as provas e estamos meio que morrendo. Ou só eu estou? – Perguntou Susan.

– Só você. – Ansel respondeu. – As piores provas são as últimas e novembro ainda está longe.

– Claro que não, qualquer prova te reprova.

– Susan, com certeza todos estamos mais preocupados com as provas finais, por que se não tivermos boa nota, já era, é recuperação, reprovação, etc.

– Tão estranho isso. – Comentou Melanie. – Há alguns anos estávamos ansiosos para entrar no Ensino Médio e estamos no último semestre do último ano... A vida passa muito rápido.

– Rápido? – Começou Dexter. – A vida voa!

– E as faculdades? – Perguntou Lauren. – Meu Deus, tá na nossa cara já. Não quero ser uma universitária, muito menos ser profissional. Estou

PERIGOSAS ACHERON

morrendo de medo!

– Todos temos que passar por isso. – Brandon respondeu. – É a famosa vida.

O silêncio tomou conta da sala por alguns instantes.

Ah, aquele assunto outra vez...

Passamos um mês sem falar dele, mas olha ele aí de novo!

– Falando de coisa boa, eu estava pensando... – Dex começou. – Que tal irmos a uma boate na sexta? Gente, qualquer uma, só para comemorar o final das provas, bebermos até cair. E então?

– Dex, sou mãe de família agora. – Brinquei, mas aquela frase soava estranho vindo de minha boca.

– Ah, Clara, é uma noite, só uma, tenho certeza que sua mãe cuida dele por vocês, é sério.

– Eu concordo e topo! – Brandon disse empolgado.

Fazia tanto, mas tanto tempo que não curtíamos a noite que até eu estava morrendo de saudades. E sim, topava, só não tinha mais tempo para isso...

Fiz uma careta olhando para todos que me

observavam ansiosos e apreensivos.

– Amiga, por favor... – pedia Sue – É uma noite, uma, três ou quatro horas só. Você está precisando tomar um banho de lua, ver pessoas, dançar...

Suspirei fundo antes de afirmar:

– Tudo bem! Mas olha, eu só vou se não tiver problema nenhum em minha mãe cuidar dele, se ela falar qualquer coisa que seja, esqueçam, não contem comigo!

– *Aeee!* – Exclamaram alto demais, assustando Jack que caiu no choro.

Connor desesperado deu o bebê para que eu pudesse acudi-lo e eu ri de todos, que não entendiam a vida que eu levava agora, a responsabilidade que eu tinha, nem as prioridades que eu deveria ter.

Como sempre, a tarde foi rica em conversas diversas, marshmallows e chocolate quente e choro de Jack e paparicos dos tios malucos, que o consideravam e o amavam muito.

Era aquilo, era exatamente aquilo que eu levava como prioridade, era aquele amor e cumplicidade que eu levaria por toda a minha vida, não

PERIGOSAS ACHERON

importava os rumos que eu iria/teria que tomar, muito menos em que país eu moraria daqui em diante.

Era o amor, qualquer forma que ele tivesse que ser, vindo de qualquer lugar que eu precisava e amava, amava muito sentir.

Festa e Seus Benefícios

*“Viver não é esperar a tempestade passar.
É aprender como dançar na chuva.”*

Autor Desconhecido

Brandon

Era quase que inacreditável estar ali. Bom, aquela era a minha rotina há poucos meses, mas nossa, parecia que eu não ia à festas há anos.

E estar ali era ótimo!

As horas passavam e eu mal via, bebi o quanto pude e fumei o quanto pude. Até estava me sentindo diferente depois de tanto tempo sem me divertir. E minha mulher, nossa! Estava radiante, gostosa e puro tesão como a adolescente de 16 anos pela qual eu me apaixonei.

Por ainda estar amamentando, ela não bebeu álcool, mas se divertiu o quanto pôde a cada segundo como se fosse único junto com suas amigas naquela boate nova que estávamos frequentando naquela madrugada.

As músicas deixavam tudo mais interessante e ali estávamos, dançando pela milésima vez naquela noite.

Play Hard de David Guetta tocava enquanto seu corpo quente e suado se esfregava no meu devagar

e aquilo era alucinante. Maria Clara puxou meus cabelos enquanto falava besteiras no meu ouvido e eu já via a hora da minha calça rasgar. Meu corpo estava todo quente e o sangue correndo quente nas veias, por conta da bebida e do tesão.

Depois de um beijo dolorido e rápido, sem dizer nada a puxei para fora da boate e ela entendeu o recado. Andei alguns segundos com ela até o outro lado da rua, num beco sem saída e completamente escuro e vazio.

Seria ali.

Ela andava batendo aquele salto com força no chão me dando um tesão do caralho. Poderia parecer louco, mas até o andar daquela mulher eu amava.

Logo quando chegamos a um ponto escuro do beco, presei meu corpo na parede, sentindo seu perfume forte entrando em minhas narinas. Beije seu pescoço rapidamente enquanto ela abria minha calça com rapidez.

Não seria exatamente um sexo, mas uma rapidinha boa o suficiente para nos aliviarmos e aquilo já estava de bom tamanho. Sorri ao sentir

Clara segurar minha ereção nas mãos macias. Ela fez poucos movimentos com a mão, nada para que eu gozasse, era só provocação.

Com impulso, coloquei as pernas dela em volta da minha cintura e ela me ajudou, fazendo tudo com agilidade e rapidez. Abraçou-me pelo pescoço para se apoiar e eu levantei sua pequena saia, colocando meus dedos em sua calcinha e afastando-a o suficiente.

Com uma mão, segurei sua cintura e com a outra, encaixei nossos corpos e quando penetrei fundo em minha mulher, ouvi seu maravilhoso gemido vindo como um grito do fundo da garganta. Suas unhas cravaram minha nuca.

Ela e eu seguimos um ritmo constante, onde os dois sentiam prazer, se amavam e se aliviam depois de tanto tempo. Eu poderia morrer e nascer de novo, nunca sentiria uma sensação tão boa quanto foder essa mulher.

Eu não conseguia raciocinar, não conseguia pensar em absolutamente nada a não ser o quanto eu a amava. O quanto minha alma e meu corpo precisam dela. Sempre ela.

Maria Clara gemia em meu ouvido me proporcionando prazer três vezes mais.

Meu Deus!

Apertei sua cintura com mais força. Eu precisei morder os lábios e fechar os olhos com força para não gritar todos os palavrões possíveis para expressar o quanto tudo aquilo era bom.

Senti gotas de suor escorrer de meu cabelo quando meu ápice chegou bem forte e me fazendo perder todos os sentidos. Respirei fundo, dando mais algumas bombeadas até minha mulher gozar chamando meu nome.

Ficamos em silêncio por longos segundos, eu saí de dentro dela e ela, devagarzinho e ainda de pernas bambas, abaixou a pequena saia e encostou seu corpo na parede.

– Eu amo te fazer gozar.

– Posso dizer o mesmo. – Respondeu ela, cessando a respiração até passar as mãos nos cabelos e roçar seus lábios nos meus. – Eu não quero que isso acabe. – Murmurou contra meus lábios enquanto eu abotoava minha calça jeans.

– Isso nunca vai acabar. É amor, é poder, é
PERIGOSAS ACHERON

desejo! Somos eu e você para sempre, pequena.

Ela sorriu lindamente feliz antes de devorar meus lábios molhados.

Um Anjo Voltando Pra Casa

*“Aprenda: certas pessoas permanecerão em seu
coração,
mas não em sua vida.”*

Autor Desconhecido

Novembro de 2010

Brandon

O último mês de aula havia chegado com todo o vapor. Poucos dias depois do meu aniversário que não teve uma enorme, mas uma boa comemoração com meus amigos e família, as provas finais começaram.

Maria Clara havia estudado e feito todas as atividades e trabalhos como qualquer aluno todo esse tempo, só que em casa, por estar de licença. Mas, por ser as provas finais, precisava estar na sala de aula para fazer todos os testes.

Tudo poderia estar muito bem, tudo muito ótimo, só não tanto por Jack, depois de quase quatro meses de vida, estar com tosse. Nós não fazíamos ideia do que poderia ser, pois cuidávamos dele 24 horas por dia e o que mais ele tinha era conforto dentro de casa, não pegava friagem e muito menos banhos gelados ou algo do tipo.

Depois de passar no médico, ele estava tomando um xarope, pois dizendo o médico, era normal crianças adoecerem nessa época do ano, o Inverno

havia chegado e o clima estava bem, bem úmido. Mas cuidando e dando atenção ao bebê e dando o medicamento correto, em poucos dias ele ficaria bem.

Fiquei tranquilo a maior parte do tempo, eu tinha certeza que ele estava bem. Claro que estava! Nasceu de oito meses e não precisou ficar internado no hospital. Era óbvio que uma pequena tosse não iria afetá-lo.

Já Maria Clara, era todo o tempo no colégio com o celular em cima da carteira fazendo a prova – ela tinha essa permissão por ter um filho – para receber qualquer chamada que fosse de nossas mães em casa com alguma informação.

Faltavam apenas vinte longos minutos para finalizar a última prova do ano e eu estava verificando todas as minhas respostas com cuidado. Era a pior matéria: Física. E sem dúvidas, a pior prova que eu já fiz.

Cocei a cabeça olhando todos os outros alunos que estavam tão apreensivos quanto eu. Meus amigos estavam todos ali também. Dexter estava quase morrendo arrancando os cabelos na última

carteira ao meu lado.

Os minutos foram passando, todos finalizando suas respostas, batendo a caneta na carteira, até que enfim o sinal tocou e podíamos ir embora.

O sorriso que Maria Clara me deu assim que levantou de sua cadeira me encheu de amor.

– E aí, foi bem? – Perguntou ela enquanto saímos da sala passando pelo corredor cheio de alunos.

– Como todas as outras provas, com certeza fui! – Exclamei fazendo-a rir.

– Que prova fodida! Nossa, que professor desgraçado! – Reclamava Dexter caminhando ao nosso lado, nos fazendo rir.

– Meu, eu odeio ele. Nossa, se ele me deixar de recuperação, eu quebro ele. Mano, aquelas contas... Quem faz aquelas contas?! – Perguntava Connor indignado nos fazendo rir mais.

Os dois eram iguais nisso.

– Ah, eu faço. Fui muito bem. – Melanie deu de ombros fazendo os garotos grunhirem de inveja por ela sempre ser a melhor aluna entre nós.

– E eu fui muito bem também por ter a namorada mais estudiosa e carinhosa do mundo que estudou

comigo todos esses dias. – Ansel se gabou todo babão antes de dar um beijo em Mel, fazendo todos revirarem os olhos para a ceninha de amor exagerado.

– E então, social na minha casa hoje às 18h? – Perguntou Lauren vindo de braços dados com Susan atrás de nós. – Comemorar o fim das aulas, tipo um esquentar pra formatura.

– Primeiro que eu nem sei se passei em todas as matérias. – Comentou Dexter ainda irritado.

– E segundo que a formatura é só mês que vem. – Completou Maria Clara.

– Ah, parem de ser chatos! – Reclamou Susan. – Eu topo! – Vibrou.

– Tudo bem, todos topam. – Finalizei sorrindo.

Foi quando senti o celular vibrando no meu bolso, peguei e vi o nome de Claudiana brilhando no visor.

– Amor, sua mãe. – Falei apontando o celular para Maria Clara.

E ela finalizou a todos:

– Até às 18h na casa de Lauren!

E então saímos para o estacionamento rumo ao carro dela, que pegou o celular e atendeu a ligação, colocando no viva voz no mesmo instante.

– Oi, mãe. – Falou Maria Clara enquanto entrávamos no carro.

Eu no motorista e ela no passageiro.

– Oi, querida. Brandon está com você? – Perguntou do outro lado da linha.

– Sim. Acabamos de sair de Thompson High, a prova estava difícil, mas fomos bem.

– Imagino, querida. – Respondeu. – Bom, então, tem como vocês virem ao hospital nesse instante?

– Ao hospital? – Perguntei ligando o carro.

– Brandon? – Clau falou do outro lado da linha. – Ah, sim, os dois estão ouvindo, ótimo. – Suspirou. – Eu não quero preocupar nenhum de vocês dois, mas a tosse do Jack piorou.

– Como piorou? – Perguntou Maria Clara olhando fixamente para o celular enquanto eu saía com o carro para a rua.

– É, piorou. Eliza e eu estávamos com ele na sala, havíamos dado o remédio e a mamadeira que você deixou na hora certa, tudo certinho, ele estava feliz,

PERIGOSAS ACHERON

todo brincalhando e de uma hora pra outra... – Claudiana perdeu a voz por uns instantes. – Ele não parava de tossir e chorar. Nos desesperamos, trouxemos ele o mais rápido possível. Estamos aqui há poucos minutos, ele está sendo atendido.

– Mas, mãe... – Maria Clara tentava entender o que havia acabado de ouvir. Então, falou firme: – Estamos indo agora!

Pisei no acelerador tentando não pensar em nada.

O desespero era visível no rosto de todos que estavam ali naquela sala. Inclusive no meu e no de Maria Clara. Fora nós dois, estavam minha mãe e minha sogra.

Não sei porque, mas o destino era um filho da puta! Meus irmãos já estavam sabendo que estávamos com o sobrinho deles no hospital e nos ligaram chorando perguntando o que ele tinha e se estava tudo bem.

Sim, eles estavam chorando! Parece que eles realmente entendiam que meu filho não estava bem e não queriam que aquilo tudo estivesse acontecendo.

Sinceramente, eu também não queria. De jeito nenhum!

Tudo aconteceu tão rápido que eu não conseguia processar a informação, sabe? Eu só estava em choque, nervoso e ansioso sem saber o que fazer. Era muita coisa para se pensar, meu Deus!

Observei aquela maldita sala de espera daquele hospital que eu passei a odiar do fundo do coração, esperando por longos e intermináveis vinte minutos assim que chegamos.

E, claro, nenhuma notícia!

Cacete!

Eu rezava para Deus várias e várias vezes, sozinho ou abraçado com Clara, que derramava lágrimas, inquieta andando de um lado para o outro e que me deixava mais agoniado ainda.

Eu só queria saber se meu filho estava bem...

Oh meu Deus!

Ouvi os passos do doutor se aproximando da sala de espera e Maria Clara e eu nos levantamos. Ele estava com a mesma aparência de sempre. Sério e fechado. Aquilo me deixou desconfortável.

– Como está meu filho? Onde está Jack? Doutor,
PERIGOSAS ACHERON

posso vê-lo? Por que toda essa demora?

– Fique calma. – Pediu ele, ainda sério. Não queria pensar no pior. – Tenho que informar umas coisas... Bom, não é fácil.

Continuamos em silêncio para que ele continuasse.

– Eu não sei qual médico que você foi há poucos dias que receitou aquele remédio que ele estava tomando, mas não iria adiantar nenhum pouco no caso dele. Infelizmente, informaram o diagnóstico errado a vocês sobre a saúde de Jack.

– O que o senhor está querendo dizer? – Franzi a testa ao perguntar.

– Jack estava com pneumonia.

– O quê? – Maria Clara gritou. – Mas como?

– Estava? – Franzi a testa de novo.

Ah, não.

– O filho de vocês é um dos mais fortes que eu conheço.

– Sim, ele é! Como ele está agora? O que vamos fazer?

– Eu sei o quanto amorosos, cuidadosos e

protetores vocês são. Sei que vocês não têm culpa de nada. Jack estava bem cuidado, mas infelizmente...

– Não! – Maria Clara berrou ao meu lado, os olhos arregalados, cortando o doutor, que continuou depois:

– Pneumonia é algo grave, tem que ser tratado o quanto antes e Jack já estava há alguns dias... Ele era muito frágil e infelizmente não resistiu. Eu sinto muito.

Assim que o doutor fechou a boca, o sangue no meu corpo sumiu. Não estava conseguindo respirar, como se meu pulmão estivesse fechando, fiquei totalmente em choque.

Olhei para Maria Clara que me olhava com lágrimas nos olhos, branca, completamente branca e só tive tempo de segurá-la no colo para que seu corpo desmaiado não caísse no chão.

Fé

*“Ninguém faz cadeados, sem chaves.
Do mesmo modo,
Deus não te dá problemas, sem soluções.”*

Autor Desconhecido

Maria Clara

Senti tapas em minhas bochechas, quando ouvi a voz de Brandon me chamando.

– Pelo amor de Deus, Clara! Não me abandona agora, por favor! Acorda! – Apertei os olhos antes de abri-los totalmente e ver o garoto desesperado meio debruçado em cima de mim, onde eu estava.

Era uma das camas do hospital.

Eu tinha desmaiado. Uma enfermeira estava ao meu lado, com uma seringa nas mãos, pronta para me furar, quando saltei da cama.

– Meu filho, eu quero ver meu filho! – Gritei.

– Calma, senhorita Miller, você precisar ter calma.

– Calma o caralho! – Gritei para a enfermeira, indo em direção a porta e percebi Brandon me seguir. – Não foi a senhora que acabou de perder um filho, então não tem o direito de me pedir calma!

Saí do quarto sem olhar para trás e vi o doutor vindo em minha direção.

– Já tomou um calmante, senhorita? – perguntou ele.

Mas porque diabos eu ia querer tomar um calmante uma hora dessas? Eu só queria ver o meu filho! Só isso!

– Onde está o Jack, doutor? – Perguntei, olhando pelos vidros das portas ao nosso lado no corredor.

Eu nem sabia por quanto tempo tinha ficado desmaiada e nem onde estavam os outros que estavam comigo.

– A senhora não pode vê-lo. – Ele tentava segurar meus braços.

– Mas que droga! – Bati com as mãos para que ele me soltasse. – Eu quero ver o meu filho! Pelo amor de Jesus Cristo! Eu posso ver o meu filho ou vou ter que denunciar essa merda de hospital? – O doutor arregalou os olhos.

Todos que passavam olhavam para mim. Eu estava começando a ficar com dor de garganta de tanto gritar. Mas quem disse que eu ligava?

Repetindo; eu só queria o meu filho!

Ao respirar fundo e se recompor, o médico engoliu em seco e logo apontou para o fim do

PERIGOSAS ACHERON

corredor.

– Me sigam, por favor. – Falou ele e assim eu fiz.

Brandon vinha ao meu lado. Minhas pernas estavam bambas, completamente bambas.

Logo, nós três chegamos em um quarto pequeno, frio e completamente vazio, a não ser por poucos armários e uma cama alta. Em cima dela, estava Jack, só de fralda e um lençol fino cobrindo as pequenas pernas. O lençol era tão fino, que chegava a ser transparente.

– Oh, meu amor... – aproximei-me da cama.

Brandon fez o mesmo. Engoli em seco ao colocar minha mão sobre o colchão branco e limpo. O vento gelado vinha da janela no alto da parede oposta onde estávamos.

Eu não conseguia processar mais nada. Absolutamente nada.

– Ele está gelado. – Falei, tocando os braços pequenos do meu menino. – Está frio, Brad. Eles deixaram o garoto no frio. Mas que merda de hospital é esse? – Passei minhas mãos pelo rostinho dele, pela testa, pelos cabelos...

Ele estava do mesmo jeito, tão lindo, tão

PERIGOSAS ACHERON

branquinho e uma expressão suave, só que gelado e com a boca roxa, completamente roxa. Aquilo me deu uma agonia sem tamanho. Era sufocante.

Apoiei minha cabeça devagar no peitinho nele, para tentar ouvir seu lindo e forte coração, mas não ouvia nada. Nada. As lágrimas caíam devagar no meu rosto. Eu estava a ponto de cair.

– Amor, você não... Você não pode mais segurá-lo no colo, Maria Clara. – Sussurrou Brandon atrás de mim quando viu que eu ia pegá-lo.

Era lógico que eu o pegaria no colo. Era o meu filho, caramba!

– Vamos levá-lo pra casa. – Pedi, com a voz embargada. – Está tudo bem com ele, só quero ir embora, levá-lo pra casa, amor, por favor... – pedi como uma criança e Brandon segurou em meus braços me impossibilitando de pegá-lo.

Seu corpinho estava completamente gelado, sem cor e mole.

– Maria Clara... Não... – pedia ele, com uma voz de choro absurda.

– Brandon, eu quero o meu filho! – Falei, chorando horrores, ele segurou em meus braços e

depois precisou me segurar pela cintura para que eu me afastasse da cama e eu não queria.

Eu não podia! Que tipo de mãe eu seria?

Eu precisava ficar ao lado do meu filho!

– Não, amor. Nós precisamos ir embora, ele fica.
– Falava ele, com uma voz que emitia muita dor. Só dor. Virei para olhá-lo e seus olhos estavam molhados, assim como as bochechas. – Ele se foi, Clara... – sussurrava ele.

– Não! Por favor, não! Eu quero o meu filho, amor, eu quero o meu filho! – gritava, gritava muito porque queria dizer que estava doendo para caralho.

Aquela era uma das piores cenas do mundo. Aquela era uma das piores dores que alguém podia sentir. Eu me sentia vazia. Completamente vazia.

Eternamente vazia.

Brandon

Eu nunca me imaginei numa situação daquelas, de verdade mesmo. Eu nunca imaginei que eu seria pai cedo e que iria perder o meu filho cedo também. Era terrível! Eu só queria que aquela dor sumisse, mas era impossível!

Tive de ser forte e tirar Maria Clara daquele quarto e daquele hospital. Tive que ser forte para tentar acalmá-la naquela noite, que não parava de chorar um só segundo. Meus pais tiveram de resolver todo o lance das papeladas, velório e enterro, já que os pais da criança não estavam com cabeça para isso.

Clara e eu não queríamos ver ninguém. Eu a ajudei a trocar de roupa e se deitar na cama, onde ela só chorou. Não dormiu, não comeu, não falou. Eu não fazia nada também. Aliás, o que se faz quando descobre que o filho que você fez criou por meses com todo o carinho estava morto?

Nossos amigos – literalmente todos – nos ligaram e nós não atendemos. A noite passou tão rápido que

eu mal vi. O sol mal abriu de manhã quando vi 8h no relógio. Engoli em seco ao levantar da cama e tomar um susto por não ver Maria Clara ao meu lado.

Tive a certeza de que ela estaria fazendo alguma besteira. Uma das coisas que eu pensei com rapidez desde quando tinha recebido a notícia, era exatamente isso, de que ela poderia fazer algo de errado.

Putá merda!

Pulei da cama e corri para o banheiro, onde a vi sentada debaixo do chuveiro ligado e mesmo vestida, ela estava ensopada. Chorando com a cabeça apoiada nas mãos, os joelhos dobrados. Com o frio que estava fazendo, ela poderia ficar doente.

Já perdi um. Agora outra?

Não. Por Deus!

– Amor. – Sussurrei ao me aproximar dela. Eu só estava de cueca e a reergui. – Está tudo bem?

– Não. Nunca está. Nunca mais estará também! – Exclamou ela. – Brandon, está doendo tanto, tanto... – de sua voz soou desespero, dor, tristeza

profunda.

Seus braços estavam todos cortados. Gotas de sangue pingavam no chão se misturando com a água.

Respirei fundo, mesmo destruído por dentro. Eu nem sabia como estava conseguindo ficar firme.

– Vai ficar tudo bem... Você precisa ser forte, meu amor. – A ajudei a se levantar e tirar a roupa, agora ela precisava tomar um banho de verdade.

Tínhamos um enterro para ir.

– Não me abandona, amor, não me abandona nunca... Por favor. – Ela soluçava de tanto chorar e eu não consegui evitar algumas lágrimas também.

Seu corpo molhado me abraçou e eu a apertei forte, dando todo o apoio e a força que eu conseguia.

Agora nós dois só tínhamos um ao outro. Voltamos a ser um casal comum. Nossa família havia se destruído.

O cemitério local de Los Angeles estava lotado. Completamente lotado. Eu nunca tinha o visto tão

cheio. Milhares de alunos de Thompson High e a maioria dos parentes de nossos amigos estavam lá também. O padre já tinha chegado e o sol estava alto no céu.

Todos vestidos de preto, inclusive Clara e eu, de óculos, toucas e afins, nos reunimos ao redor do túmulo onde Jack seria enterrado. O caixão roxo, estava fechado com uma pequena foto dele na tampa. Clara e eu pedimos que ele ficasse fechado. Aquilo era um enterro, não um show onde todos iriam para olhá-lo.

Minha mãe me avisou que tinha o enterrado com a roupinha que Maria tinha pedido, com o macacãozinho amarelo de carinhos que ele tinha ganhado dela. Foi o primeiro presente.

— Antes de mais nada, eu queria, em nome de Maria Clara e Brandon, agradecer a presença de todos vocês aqui. — o padre começou a falar. — Bom, Jack Theodore viveu pouco tempo, mas o suficiente para encher o coração dos pais, avós e amigos de alegria. Ele era uma ótima criança e que foi enviado para juntar Maria Clara e Brandon para sempre, querendo ou não. Jack é um anjo que está

voltando para a casa nesse momento...

E eu não prestei mais atenção em nada do que ele falou. Segurava a dor que tentava escorrer pelos olhos. Maria Clara estava de cabeça baixa e óculos escuros cobrindo os olhos ao meu lado, com os dedos entrelaçados aos meus e com uma rosa na outra mão.

Assim como todos os meus amigos ali ao nosso lado dando total apoio.

– Brandon, você tem algumas palavras? – Perguntou o padre depois que meus pais e os pais de Clara já tinham falado.

Todos ficaram em silêncio e olharam para mim. O vento estava bem, bem forte. Só para foder mais com o momento.

– Eu não tenho muito o que falar. – Pigarreei. Minha voz mal saía.

– Eu só queria agradecer a Deus por tudo o que Ele me deu nesses últimos anos, que foram os melhores em toda a minha vida. Jack, sem dúvidas, foi o melhor presente que Ele poderia me dar. Eu aprendi a amar de verdade, a ser pai e a não ser nenhum pouco egoísta. Quero dizer que está sendo

muito, muito difícil lidar com tudo isso, mas... Se foi a vontade de Deus, não irei discordar.

Engoli em seco, as lágrimas já escorriam pelo meu rosto. Clara apertou minha mão e deu um beijo para me passar conforto.

– Mais uma coisa. – Respirei fundo. – Jack, meu filho. – Olhei para o céu. – Onde quer que você esteja, saiba que o papai tem muito orgulho de você, tudo bem? Você é o melhor garoto do mundo, merece toda a paz que Deus tem pra te dar e obrigado por ter me proporcionado tudo isso, cara. O seu pai bobão e apaixonado, te ama pra sempre. Você vai estar sempre aqui. – Coloquei a mão no coração e depois, deposei um beijo na tatuagem que eu fiz em homenagem a ele.

Todos fizeram um minuto de silêncio em memória dele, até o padre perguntar se Maria Clara queria falar e ela consentiu, meio desnorteada. Precisei segurar em sua cintura, para que ela respirasse e tivesse firmeza para começar a falar.

– Ser mãe é algo realmente louco e complicado. Ser mãe é algo extremamente difícil e de grande responsabilidade. Eu nunca me imaginei acordando

de madrugada para amamentar ou medicar alguém por estar chorando de fome ou dor. Também nunca me imaginei trocando fraldas sujas nem me preocupando com alguém além de mim mesma. Nunca me imaginei fazendo mil coisas que nesses últimos meses eu fiz. Fiz isso e muito mais. Por que esse garoto me proporcionou isso tudo.

Ela segurou as lágrimas para falar. Todos ouviam atentamente.

Sério mesmo que eu estava no enterro do meu filho?

Era muito difícil de acreditar naquilo, de verdade.

– Fora isso, Jack me proporcionou coisas ótimas e que eu nunca senti antes. Quem sorri feito uma idiota porque um bebê sorriu pra você? Quem fica feliz com uma batida de um coração? Quem pula de felicidade só por saber que vai amamentar um filho que é fruto do amor mais lindo da sua vida? Eu, eu e eu. Porque Jack me proporcionou tudo isso. Ser mãe é bem mais do que mil responsabilidades. Ser mãe é ajudar e não querer nada em troca, ser mãe é uma das melhores coisas que existe nesse mundo e se eu pudesse, eu daria o meu coração pra ele, só

para ver o lindo sorrisinho dele de novo, mas... Deus não permitiu.

Ela voltava a chorar e aquilo me partia o coração.

– Então, eu só quero que o meu filho tenha toda a saúde do mundo em outra vida, que ele saiba que eu o amo muito e que ele foi a melhor coisa que Brandon poderia ter me dado. Que eu vou morrer de saudades e que... – ela fungou. – Que eu o terei sempre no meu coração, aonde quer que eu vá.

Maria Clara

Minha cabeça estava a ponto de explodir quando engoli um comprimido que minha mãe me obrigou a tomar. Já estávamos em casa e eu estava morta e perdida. Meus amigos nos trouxeram até em casa, abraçaram Brandon e eu várias vezes e eu agradeci por aquilo. De um jeito ou de outro, aquilo ajudava para caralho a amenizar a dor. Pelo menos assim, eu sabia que não estaria nunca sozinha.

Elizabeth insistiu para que Brandon e eu comêssemos alguma coisa quando nossos amigos foram embora de casa. Eu não estava com fome, mas confesso que meu corpo implorava por comida e assim eu comi. Duas... No máximo três garfadas do almoço que Angelick e Belinda tinham preparado assim que chegamos do enterro.

Depois, pediu para que Brandon e eu tomássemos um banho na banheira do banheiro do quarto dela e assim nós fizemos também. Se ela pedisse que nós nos atirássemos pela janela, era isso o que iríamos fazer porque nós não tínhamos condições de fazer

nada por conta própria.

A banheira estava quente, gostosa e relaxante. Agradei por aquilo. Brandon logo se sentou atrás de mim, acomodando nossos corpos por algum tempo. Não falamos nada, nem fizemos nada a não ser trocar carícias um com o outro.

Eu estava acabada, já tinha conversado mil vezes com Deus para que ele tirasse essa dor de mim e de meu namorado, para que vivêssemos felizes e que ele pudesse até trazer Jack de volta, mas parecia que todos os pedidos não estavam sendo atendidos.

– Você promete que iremos cuidar um do outro, ser fortes e pertencer um ao outro pra sempre? – Perguntei com minha boca roçando a de Brandon, minha testa imprensada na dele e meu rosto molhado devido as lágrimas.

– Eu prometo de alma, Maria Clara, e você sabe muito bem disso. – Respondeu ele e eu senti firmeza em suas palavras.

Senti amor, paz, sinceridade e conforto.

Agora éramos só Brad e eu. Jack nos nossos corações e nas lembranças, infelizmente.

Sem sombra de dúvidas, a minha vida estava

PERIGOSAS ACHERON

longe de acabar e uma das fases dela, tinha acabado aqui e a outra estava só começando. Com força ou sem, querendo ou não, com os pulsos feridos e joelhos ralados, ele e eu enfrentaríamos juntos.

Com a cabeça erguida. E com a ajuda dele; Deus.

– Eu trouxe um chá para vocês. Bebam e durmam, é só isso o que vocês precisarão fazer agora. – Falou meu pai, com uma bandeja de duas canecas de chá de camomila quente e doce, entrando no quarto.

Brandon e eu já tínhamos saído da banheira e eu sentia meu corpo implorando por horas de sono, já que eu estava mais de 24h acordada. Eu estava vestida de moletom e meias. Ele, igualzinho a mim.

Nós dois sentados na enorme cama de Elizabeth, acomodamos nos edredons.

– Chá? – perguntou Brandon a Logan e ele consentiu com um sorriso triste no rosto.

Ah, as maravilhas de um chá mágico! Se você descobre que seu namorado te trai, você toma um chá, se suas unhas quebram, você toma um chá, se

não estudou para as provas e tira notas ruins, você toma um chá, se sente saudade de amigos distantes, você toma um chá, se descobre que seu filho teve pneumonia e morre, o que você faz? Exatamente, você toma um chá.

Meu pai nos abraçou e saiu do quarto logo depois, deixando que nós ficássemos tomando o chá que nos esquentou e nos adoçou por dentro. Logo deitamos abraçados e aninhados um ao outro.

Choramos abraçados também e em minutos, Deus nos deu um desconto e cessou nossos corações por um tempo com uma maravilhosa noite de sono.

Tudo iria se acertar, eu tinha a total certeza disso.

Eu tinha fê.

Luz no Fim do Túnel

*“Quando tudo nos parece dar errado
acontecem coisas boas que não teria acontecido
se tudo tivesse dado certo.”*

Renato Russo

Dezembro de 2010

Maria Clara

Uma coisa que eu aprendi na vida, é que você sempre cai, sempre. Mas cabe a você se levantar ou não. Eu escolhi tentar, pelo menos tentar seguir, lutar e aprender a ser forte principalmente pelo meu filho.

Ele continuava sendo meu filho, mesmo morto. Morto fisicamente, claro. Mas, vivo em minha memória todos os dias, todos mesmo!

As semanas foram passando, os dias eram sempre longos, dolorosos, sem aquela alegria em casa, deixando-nos ter mudanças quase que drásticas para quem estava se acostumando tão bem a uma vida regada de felicidade.

Felizmente, meus amigos e eu passamos de ano. Brandon também, claro. Aí começaram os preparativos da formatura, ir atrás de vestido, sapato e afins.

Uns iam atrás de matrículas para as faculdades em outros estados, outros em outros países... E o mesmo assunto chato voltou com toda a força e nós

tentávamos contorná-lo e sufocá-lo o máximo possível.

Doamos a maior parte das coisas e dos móveis de Jack para a caridade. Voltei a viver com meus pais... É, mudanças.

Suspirando com o coração angustiado, mas ansiosa e até um tanto orgulhosa de mim, observei meu eu no espelho. Calçando saltos pretos, vestido longo e por cima minha beca, eu sorri. O grande dia havia chegado.

Eu estaria me formando, meu Deus.

– Pronta? – Brandon apareceu no quarto assim que as garotas saíram arrumadas e risonhas.

– Acho que sim. – Conferi minha maquiagem bem feita.

– Eu te amo. Vamos aproveitar essa noite, tudo bem? – Pediu ele segurando meu rosto e eu sabia exatamente do que ele estava falando e apenas concordei.

Brandon pegou minha mão e saiu do quarto junto comigo para que encontrássemos todos os meus amigos na minha sala de estar, arrumados e eufóricos. Meu Deus, era a maior felicidade do

PERIGOSAS ACHERON

mundo estar se formando, todos me faziam rir todo o segundo.

Ah, os amigos.

Anjos enviados de Deus para nós. Para nos apoiar, nos segurar e principalmente para nos ajudar a seguir em frente. Como eu os amava. Todos fizeram Brandon e eu nos sentirmos melhor a cada dia depois do enterro, sempre, toda hora com passeios novos, momentos novos, até presentes.

Tudo para nos fazer sorrir.

E eu seria eternamente grata.

– Susan, fica quieta que eu estou puto com você!
– Reclamava Connor ao lado de Dexter que estava comendo com um pano de prato no pescoço como um babador para não sujar o smoking.

– Pode ficar, Connor, continue puto. Mil vezes melhor do que ir pelado para o seu baile de formatura.

– Mas, merda! – Exclamava ele. – Ia ser por debaixo da beca, ninguém ia ver!

– Ninguém ia mesmo. – Ansel estava ao lado do amigo.

Gargalhei olhando os dois.

– Vocês são malucos! – Exclamei.

– Será que vai demorar muito para comermos por lá? Não quero sujar o vestido e já escovei os dentes! – Melanie apoiava as duas mãos na barriga para mostrar que estava com fome.

– Se fodeu, trouxá! – Dexter riu da amiga terminando seu sanduiche.

A loirinha mostrou o dedo do meio para ele.

– Mas e essa maquiagem? Eu vou enlouquecer se derreter, olha quanto tempo eu demorei pra fazer! – Berrava Susan enquanto Lauren se abanava por conta do calor em pé andando de um lado para o outro na minha sala de estar.

– Merda! – Exclamou Brandon tão alto que fez todos nós olharmos para ele. – Faltam 10 minutos para as 19h!

– Ah, meu Deus! – Exclamou Lauren, nervosa caminhando em direção a porta e fazendo todos nós seguirmos apressados por estarmos atrasados.

Sorri com o coração batendo forte no peito. Aquela noite iria dar o que falar, seria memorável.

E se bem que depois de tudo o que aconteceu nesse ano conturbado que estava quase se

PERIGOSAS ACHERON

encerrando... Até que eu tinha uma luz no fim do túnel.

Formatura

*“Sucesso é conseguir o que você quer.
Felicidade é gostar do que você conquistou.”*

Dale Carnegie

Maria Clara

Ao chegarmos em Thompson High, observei tudo com calma. O estacionamento estava lotado de carros, sempre bonitos e caros, claro. Aquele era o melhor colégio de Los Angeles, não era para menos. A entrada estava iluminada com luzes que vinham de todos os lados e quando entramos, fomos logo para o enorme ginásio, quadra coberta.

Estava completamente linda! As arquibancadas já começaram a se encher, já que estava começando a tão esperada formatura e era dali que os convidados iriam assistir. Do lado oposto, tinha um enorme palco, onde os professores falariam e onde iríamos receber o diploma. Logo na frente, tinham poucas fileiras de cadeiras, os formandos – no caso, nós – iriam se sentar. Bem atrás, tinham mesas e cadeiras, bem arrumadas, com panos de cetim branco e detalhes em salmão.

O salão todo estava decorado assim, com salmão, bege e branco. Estrelas suspensas por fios de náilon estavam penduradas numa pista de dança ao lado,

luzes fortes por todos os lados e bastante fotógrafos, que iriam gravar todos os momentos daquela memorável noite. Eu me perdi olhando todas aquelas lindas câmeras, ficando boquiaberta com todas elas...

Fomos cumprimentar nossos pais que tinham chegado antes de nós e já estavam sentados nos seus devidos lugares, perto de onde nós íamos nos sentar para assistir. Dei um abraço forte e um beijo em meus cunhados que estavam maravilhosamente lindos.

As meninas e eu fomos ao banheiro para ajeitarmos nossas becas por cima do vestido e respirar fundo antes de nos sentarmos nos nossos lugares com os capelos na cabeça.

Eu nem estava acreditando que eu estava mesmo me formando!

O diretor Michael, com seu mesmo terno de sempre, subiu ao palco, ficando de frente para o microfone de chão, ao lado das inspetoras e professores para começar.

Entrelacei meus dedos nos dedos de Brandon que estava ao meu lado, lindo com aquele capelo.

– Boa noite, agradeço a presença de todos. Daremos início à cerimônia de formatura dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio de 2010. – Falava o diretor e todos fizeram silêncio.

A noite iria demorar um bocado para acabar, já que a programação estava assim; primeiro seria a cerimônia, onde o diretor, professores e afins falariam, depois teria a entrega dos certificados e logo após um pequeno coquetel. Depois o baile, a festa de encerramento e durante esse tempo, todos elegeriam o rei e a rainha do baile.

Dei graças a Deus por todos os mestres que estavam falando lá em cima, ficarem brevemente no microfone, dando lugar a todos e o tempo passava rápido. Certamente, sempre aquela parte era a mais chatinha.

O bom era que todos os meus professores, que me ensinaram durante todo o período do colégio, falaram coisas boas e me fizeram brevemente reviver tudo o que eu passei ali, que eu seria eternamente grata por me dar conhecimento, lições de vida, amigos ótimos e o meu lindo namorado. Ou melhor, o amor da minha vida.

Eu sentiria saudades de Thompson High, com toda a certeza.

Molhei os lábios aplaudindo a última professora a falar e logo o diretor chamou a oradora do terceiro ano para representar os alunos. Melanie se levantou tremendo ao meu lado e olhou para Ansel, que sussurrou um “*boa sorte!*” para ela que sorriu e subiu ao palco ouvindo os aplausos de todos.

Aquilo tudo estava com uma energia ótima!

– Bom, primeiro; boa noite a todos. – Começou ela. – Fico feliz que todos tenham me elegido como oradora deste ano, de verdade. Mas, ao contrário de outros, eu não escrevi absolutamente nada para falar, eu queria dizer tudo bem espontâneo, então me desculpem se eu chorar. – Ouvi risos. – O que eu realmente estou sentindo nesse momento e tenho certeza que a maioria aqui está também é que... Caramba! Que nervoso!

Exclamou ela com uma voz engraçada.

– Não é todos os dias que nos formamos, não é verdade? Por isso todo o nervosismo... E ansiedade, felicidade e alívio também. – Ela abriu um sorriso. Estava tão linda! Eu sorria enquanto a ouvia. –

Quero agradecer em nome de todos os meus colegas por tudo o que vivemos aqui. Obrigada por todos os puxões de orelha, broncas, detenções... Obrigada por todo o ensinamento e compreensão de todos vocês. Esse colégio foi o único que eu frequentei e sei que muitos aqui também. Podemos ter a certeza de que nenhum outro poderia ser melhor.

Sim, ela estava totalmente certa. Sorriu olhando todos antes de continuar.

– Aqui que conhecemos pessoas maravilhosas, vivemos momentos bons e ruins. Aqui onde detestávamos estar, mas nunca saíamos! – Ouvia risos de novo. Era exatamente verdade tudo o que ela estava falando. – Essas quadras, corredores e salas têm histórias. Muitas histórias! Vão ficar para sempre em nossos corações, já que Thompson High fez parte de nossa vida, nos preparou para essa nova etapa. Obrigada mais uma vez, diretor Michael, inspetores, professores, funcionários, alunos em geral... Obrigada por tudo. – E ela sorriu, com os olhos cheios de lágrimas sem saber o que falar.

Sorri para ela que piscou para mim e logo todos começaram a aplaudir e assoviar, sorrindo e concordando com tudo o que ela disse. Melanie, depois de cumprimentar os mestres que estavam no palco, voltou para o seu lugar.

– Bom, finalmente e infelizmente, já que eu não queria jamais perder alunos maravilhosos como vocês. – Todos soltaram um riso. – É a entrega dos tão esperados certificados. – Brandon sorriu para mim e eu mordi o canto da boca.

Eu nem estava acreditando.

Tinha mais de 40 pessoas para serem chamadas, era por ordem alfabética, então esperamos. Ansel foi um dos primeiros que, claro, subiu no palco para fazer gracinha, depois dele foi Brad.

– Brandon Drew Campbell.

A voz do diretor ecoou por todo o salão e naquele momento a algazarra foi estrondosa, todo mundo gritando por ele, que era o capitão do time de futebol, o garoto mais bonito, pegador e desejado por todas, o mais simpático, amigo e bom aluno de todos.

O abracei com força, empolgada, orgulhosa e

PERIGOSAS ACHERON

com o coração acelerado no peito. Logo ele se afastou de mim, piscou sexy com um sorriso enorme no rosto e foi para o palco.

O observei fazer todo o trajeto, ele fez careta ao lado do diretor para tirar a foto e aquilo me fez rir. Já com o canudo nas mãos ele se aproximou de mim.

– Meu diploma tá aqui dentro pelo menos. Passei de verdade. – Ri do que ele disse, dando um selinho nele que molhou os lábios com a língua depois.

Logo foram Connor, Caleb, Dexter...

Longos minutos depois, Katherine foi chamada, Lauren em seguida e depois eu.

– Maria Clara Miller.

Senti meu peito esquentar e achei que fosse ficar surda!

Sim, se um dia me perguntassem se eu gostava de ser popular no colégio, com todas as letras eu responderia que sim! Porque nunca mais eu iria ser e aquilo era ótimo! Eu poderia ser a mais odiava por namorar o melhor garoto dali, mas também era a mais amada e aquilo fazia meu ego crescer e muito!

Sorri sentindo um beijo colado e estalado na bochecha – que deveria estar vermelha de vergonha – de Brad, que batia palmas e gritava assim como todos os outros.

Subi devagar os degraus do palco e sorri para os professores que me abraçaram, me dando parabéns e eu agradecia gentil. Apertei meu canudo nas mãos ao voltar para o meu lugar depois de tirar fotos.

Em seguida, ia os outros alunos, assim como Susan, Paige e os demais...

Depois de agradecimentos do diretor, fizemos o tão esperado gesto, jogando os chapéus para o alto, rindo. Respirei fundo ao pegar o chapéu nas mãos de novo e olhar meu namorado ao meu lado, que ria feliz com os amigos arrumando o topete com uma das mãos.

– Finalmente! – Exclamou ele e eu abri um sorriso.

– Finalmente. – Respondi antes de sentir seus lábios me dando um selinho seco e rápido nos lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

Depois de guardar os capelos, becas, diplomas e afins, fomos ao coquetel que tinham preparado para todos em um dos cantos da quadra. As fileiras de cadeiras tinham sido tiradas do lugar para que pudéssemos ter mais espaço e logo minha família com a de Maria Clara se reuniu em volta de mesas perto da pista de dança.

Tocava música ambiente enquanto todos desejavam “parabéns”, se ajeitavam em mesas com suas famílias... Dava para ver todos os formandos já sem as becas, de roupas chiques e sociais.

Eu nunca tinha visto aquele povo mais bonito!

Logo pequenos panfletos passaram para todos na quadra, para decidirmos quem seria o rei e a rainha baile. Na lista estavam:

“Maria Clara e Brandon

Susan e Connor

Caleb e Katherine

Melanie e Ansel

...”

E mais dois casais que eu não lembrava por nome quem eram.

– Em quem vamos votar? – Perguntou Maria Clara se aproximando de mim depois de ter voltado do banheiro.

Tinha ido retocar a maquiagem.

– Em nós, lógico. Não tem graça um baile sem nós como reis.

– Ah, claro. – ela soltou um riso.

Marquei nossos nomes e logo uma das organizadoras do grêmio passou com a urna.

– Ah, para, né? Você sempre quis ser a rainha do baile.

– Como você sabe disso? – ela arqueou a sobrancelha.

– Seus olhos estão brilhando ao olhar as coroas. – Dei de ombros e ela riu.

– Sou rainha todos os dias.

– Sim, com certeza. – E dei um selinho nos lábios dela.

O ruim daquele coquetel era que não tinha bebida alcóolica. Bom, tinha, mas não decente. Os garotos

não pararam de reclamar por isso. Em minutos, pelo que eu vi no relógio – eram 22h da noite – o professor Rick voltou ao microfone e a música ambiente e chata parou de tocar.

– Bom, senhoras e senhores. – Todos olhamos para ele, eu tomei um gole de champanhe antes de olhar também. – Chegou a hora do baile, peguem seus pares e venham para a pista de dança. Bom momento a todos. – e saiu.

– Qual a música tema desse ano? – Perguntou Ansel, todos os meus amigos se levantaram.

– *Beauty and the Beast*. – Respondeu Lauren.

– E que música é essa? – Perguntou Dexter.

– Tema do filme *Bela e a Fera* da Disney. – Connor avisou, entrelaçando seus dedos nos de Sue.

– É a versão da Jordin Sparks. – Avisou Mel sorrindo.

Todos se posicionaram na pista de dança.

Estávamos no centro da pista, as luzes foram reduzidas e eu me sentia em um filme.

– Me concede essa dança, senhorita Miller? – Perguntei segurando sua mão, logo depusitei um

PERIGOSAS ACHERON

beijo nela e ao levantar o olhar, olhei-a por cima dos cílios, vi seu sorriso.

– Com todo o prazer, senhor Campbell. – E ela mordeu o canto da boca.

Coloquei uma de minhas mãos em sua cintura e a outra entrelacei nossos dedos.

Uma das mãos de Maria Clara pousou em meu ombro e vi seu corpo tremer. Ela estava nervosa, eu também. Sorri.

Maria Clara

– No caso você é a bela e eu a fera. – Sussurro Brandon apertando meu corpo no dele, abri um sorriso.

– Você não é tão feio assim, amor. – Brinquei e ele deu um pequeno tapa na minha bunda.

Eu fiquei vermelha em questão de segundos, ele riu. Olhei para os lados, ninguém olhava para nós.

Molhei os lábios ao me aproximar dele, que seguia o ritmo da música, maravilhosamente lindo. Ele dançava tão bem! Senti-me em um conto de fadas, com toda a certeza do mundo. Fitei seus olhos a música toda.

Ele estava tão lindo!

Por que ele era daquele jeito? Ele não tinha o direito!

Parecia que só existia nós dois naquele salão. Os olhos dele estavam nos meus, o sorriso em seu rosto mostrava o quanto ele estava feliz pelo momento, assim como eu. Lembrei-me da primeira vez que dançamos assim, foi na festa da Kath...

Caramba, fazia um tempão!

Naquela época, éramos só Maria Clara e Brad, dois adolescentes apaixonados ocultos. Ela; era forte que escondia tudo com cortes e ele; galinha que escondia tudo com sexo e mulheres, eram apaixonados sem saber o que fazer ou falar, tinham acabado de entrar no Ensino Médio, estavam perdidos. Agora eram Maria Clara e Brandon, namorados, pais, juntos a quase três anos e felizes, eram adultos, formados, de um relacionamento verdadeiro e eterno.

– Eu já disse que te amo hoje?

– E precisa? – perguntou ele.

– Eu sempre gosto de lembra para que você nunca, nunca, nunca esqueça. – Avisei.

– Não vou esquecer.

– Mas eu posso falar?

– Quantas vezes você quiser. – sorriu ele.

Os agudos lindos de Jordin ocupavam todo o salão. Aquilo era um sonho, um sonho do qual eu nunca queria acordar, do qual eu me sentia feliz, me sentia mulher. E muito, muito amada.

– Eu amo você, Brandon.

– Pô, obrigado! – Riu ele, convencido. Dei um tapa leve em seu ombro. – Eu te amo, Clarinha, eu te amo. – Sussurrou ele articulando a boca de um jeito fofo e depois molhou os lábios.

A música foi acabando aos poucos e coloquei meus braços em volta do pescoço dele, dançando ainda. Ele me apertou pela cintura. Nós fomos realmente feitos um para o outro, até mesmo na forma física, nos encaixávamos, sabe? Aquilo era mágico.

Logo quando a música acabou, Brandon puxou meu queixo com os dedos e depositou selinhos delicados nos meus lábios, correspondi rapidamente ouvindo as palmas dos pais e convidados de todos os formandos que dançavam com namorados ou amigos.

Sue e a patrulha feminina veio em minha direção me tirando dos braços de Brandon.

– E aí, vocês vão mesmo fazer o que combinamos, não é? – Perguntou Lau empolgada.

– Sério? Mas, gente! Meus pais estão aqui, os professores, o diretor... – comentou Mel ainda receosa.

– Que seja, Melanie! – Gritou Susan. – É nossa formatura! Eles não vão nos dar suspensão ou nos mandar para a detenção!

Todas gargalharam.

– Ótimo, por mim tudo bem. – Respondi.

– Ah, maravilha! – vibrou Lauren.

A primeira música da balada já começara a tocar, aos poucos todos foram se soltando.

Meu Deus, seria a última festa de todos juntos...

Meu coração logo se apertou.

Respirei fundo tirando esse pensamento da cabeça. Olhei para todas que tinham sorrisos lindos nos rostos.

Brandon

A balada já tinha começado fazia alguns minutos, eu tinha acabado de tirar o smoking e colocado nas costas da cadeira onde Molly estava sentada e comia salgadinhos com Julian.

– Vem logo, Susan! – Gritou Lauren e eu olhei a cena, as duas estavam indo até o DJ da festa que estava em cima do palco e eu tinha a total certeza de que elas iriam fazer merda.

Maria Clara riu ao meu lado olhando as duas flertando com o DJ que ia aos poucos remixando as músicas eletrônicas, todos dançavam na pista. As meninas sorriram para o DJ que consentiu sorrindo junto. Logo a música foi sendo trocada por outra que eu reconheci de cara.

Era 23 da Miley Cyrus.

Eu amava aquela música.

As duas loucas desceram do palco correndo e logo vieram em direção a mesa, onde os namorados as esperavam e em segundos foram puxados para o centro da pista de dança. A batida da música era

alta, alguns pararam para olhar, sabendo que ia acontecer alguma coisa.

É, dito e feito!

Quando dei por mim, Maria Clara já me puxava também e assim ficamos; primeiro Ansel, depois Connor, eu em terceiro e Dex ao meu lado.

As testas franzidas dos meus amigos logo sumiram ao enxergar – e sentir – o mesmo que eu. Maria Clara se esfregava em mim no ritmo da música, em meio as risadas com as amigas que faziam a mesma coisa.

A voz da Miley Cyrus na música era tão excitante quanto os movimentos que minha namorada fazia em mim. Senhor!

Eu só sabia rir.

Os professores, pais e diretor que estavam na festa, olharam sem entender para nós, assim como alguns outros alunos. Caramba, aposto que estariam furiosos! Danças daquele tipo e até músicas daquele tipo não eram muito aceitáveis. Não estávamos nas nossas boates, estávamos na nossa formatura do colégio!

Mesmo assim, não nos importamos e seguimos as
PERIGOSAS ACHERON

garotas, incentivando-as a continuarem. Risadas não faltaram! Segurei o cabelo de Maria Clara enquanto ela fazia o twerk em mim e não poupei os sorrisos e olhares intensos. Os olhos dela brilharam me olhando por cima do ombro.

Logo ela jogou os cabelos, passando suas costas em meu peitoral, depois virou de frente para mim, rindo maliciosamente e curtindo a música tanto quanto eu. Dançamos até o fim, fazendo palhaçadas que eu tinha a certeza de que se não estivéssemos na nossa formatura, levaríamos detenção depois.

Felizes, continuamos dançando por longos minutos. Até o jato de luz estava sobre nós. Todos olharam sem entender.

Amávamos ser o centro das atenções, afinal de contas.

Aquele seria um dos momentos que levaríamos para sempre em nossas vidas.

Maria Clara

Laserlight de Jessie J tocava, fazendo quase todo mundo pular naquela linda e memorável formatura. Já tinha passado horas, todos estavam sorrindo muito, dançando muito e essas coisas.

Eu já estava começando a me cansar, mas não me importei e aproveitei aquela noite com meus amigos, namorado e família como se fosse a última! No caso, realmente seria... Mas, eu tentava apagar essa pequena parte.

— Com licença, senhoras e senhores. — falou nossa professora de Química, que estava muito bem vestida naquela noite. — Os votos acabaram de ser contados e agora nós iremos revelar quem será o rei e a rainha do baile deste ano.

Abri um sorriso olhando Brandon que passava a mão nos cabelos. Nem nós dançando bastante, fazia com que o calor tomasse conta, o frio estava estrondosamente rigoroso e eu agradeci pelos aquecedores de teto daquela quadra imensa.

— Vocês já têm alguma ideia de quem sejam? —

Perguntou ela no microfone.

Houve burburinhos por alguns instantes, foi então que ela revelou:

– Brandon e Maria Clara são os reis do baile de 2010.

Ouvi aplausos de todos os lados e todos os olhares direcionados para nós que estávamos nos fundos da quadra. Meu queixo caiu.

Sério, o que ela disse?

Eu era a rainha do baile?

Gargalhei alto colocando a mão no rosto e ouvi meus amigos dando risada. Eu juro! Nunca me imaginei sendo a rainha de um baile. Acho muito bonito, é realmente um sonho, mas... Eu? E ainda com o Brandon?

Meu Deus, eu só podia estar em um livro romântico!

– Clara, vem! – Pediu Brad colocando sua mão na minha cintura e olhando todo mundo com um sorriso cafajeste no rosto.

– Não, amor! – Pedi baixinho, passando a mão nos cabelos e dando passos bem pequenos. – Eu não vou!

PERIGOSAS ACHERON

– Claro que vai, para de besteira!

– Mas e se isso foi sabotagem da Candice e quando chegarmos lá em cima, vão me sujar de sangue de porco como no filme da Carrie, a Estranha?

Ele gargalhou ao meu lado.

Esse filme era um dos nossos favoritos.

– Idiota! – disse ele depois de parar de rir e eu só sorri olhando todos, logo estávamos no palco.

– Parabéns, casal!

– Muito obrigada. – Falei e senti uma pequena coroa em cima de meus cabelos.

Ajeitei-a na cabeça.

Sorri quando recebi um pequeno buquê de rosas nas mãos. Senti sua mão na minha cintura por trás e ele me apertou como se eu fosse fugir. Em meus lábios – e nos dele – tinha um enorme sorriso. Olhávamos para todos que aplaudiam e riam. Os meus amigos, só fazendo bagunça, como sempre!

Mordi o canto do lábio ao sentir um beijinho dele no canto da minha boca e pisquei lentamente, não querendo que aquilo acabasse nunca. Todos no

salão tiravam fotos nossas.

Depois de alguns segundos, descemos as pequenas escadas e Brad entrelaçou seus dedos nos meus.

– Não foi tão ruim, foi?

– Foi ótimo. Como eu disse, sempre sou rainha, me comportei comouma.

– Exato! – exclamou ele me fazendo rir. – Já quer ir embora?

– Você quem sabe. Já está cansado?

– Não. – Ele passou os dedos delicadamente pelo meu cabelo, tirando algumas mexas do meu rosto. – Só quero ficar sozinho com você um pouco.

– Tudo bem. – Respondi. – Vou só avisar os outros.

– Ok.

Com um breve abraço, me despedi de meus amigos, dizendo a eles que iria para casa. Já era mais ou menos 3h da manhã e a festa já estava para acabar. Avisei meus pais também.

Eu contei mil vezes até o 10, querendo que os abraços que eu estava dando em meus amigos, não

soasse como despedida. Eles sabiam que eu iria viajar no dia seguinte, mas ninguém falava nada sobre isso, eles queriam viver sempre o presente.

Eu ainda rezava para que até às 15h da tarde, houvesse algo de tão mágico e maravilhoso para que eu não fosse viajar...

Ai, meu Deus, tudo aquilo ainda não entrou em minha cabeça, de verdade!

Engoli em seco quando Brad colocou sua mão na maçaneta na porta do banheiro feminino que estava inutilizável naquela noite.

Era o banheiro...

Caralho, era o mesmo banheiro em que nos vimos pela primeira vez.

Brandon

– O que estamos fazendo aqui? – Perguntou minha namorada quando fechei a porta do banheiro atrás de mim.

– É que... – levei-a até o ponto em que eu estava quando a vi pela primeira vez. Ninguém estava naquele banheiro, nem no corredor, então não vi problema em entrarmos. – A primeira vez em que eu pisei o pé nesse colégio e vi você, eu estava nesse banheiro. – Segurei em suas mãos. – Eu queria fazer a mesma coisa que eu fiz contigo naquele dia, só que hoje, no último dia em que eu piso o pé aqui.

Ela ficou por longos segundos em silêncio. Logo molhou os lábios com a língua.

Naquela noite ela estava mais linda que o normal. Sua maquiagem continuava em seu rosto, agora um pouco mais fraca, mas estava. Seu vestido continuava a brilhar, ela continuava alta por conta do salto e seu cheiro exalava por onde quer que ela passasse. Seus olhos não paravam de brilhar

olhando os meus.

Eu era o cara mais feliz do mundo. Maria Clara me dava a total certeza disso.

– Você quer me fazer chorar, não é? – Perguntou ela com uma voz baixa, eu tinha a certeza de que ela queria realmente chorar.

– Não, não chora. – Passei meus dedos por sua cintura devagar, sentindo o momento. – Só... – sussurrei perto de sua boca, olhando para ela. – Me beija, se entrega pra mim como da primeira vez.

E aquilo foi tudo para seus lábios roçarem nos meus e logo pegamos um ritmo bom, onde coloquei minha língua em sua boca e ela correspondeu. Senti todo o meu corpo se arrepiar e o desejo correr pelas minhas veias sanguíneas como da primeira vez.

Nossa história nunca seria como as outras. Nunca que um garoto entraria num banheiro errado e tudo aconteceria em perfeita ordem como aconteceu comigo.

Nunca que eu um dia imaginei encontrar a garota certa entrando em um banheiro feminino e rindo da minha cara por ser tão idiota e a única certeza que eu teria depois disso era que ela mexeria para

sempre com minha cabeça, meu coração e minha vida.

Por isso que eu sempre digo que, por mais idiota que eu seja, eu sou o idiota mais sortudo e feliz do mundo todo.

Apertei Maria Clara em meus braços e ela fez carinho devagar e bem receosa em meus cabelos, depois em minha nuca e correspondeu ao beijo doce e devagar.

Maria Clara

Em casa, respirei fundo ao entrar no meu quarto. Tranquei tudo lá embaixo, por não saber que horas meus pais chegariam. A porta do meu quarto foi fechada por Brandon que entrou depois de mim.

Depois de colocar meus brincos, colar, coroa e afins em cima da minha mesa do computador, parei uns segundos.

– Tá tudo muito, muito estranho. – Falei, parada no meio do quarto.

– Porque? – Brandon levantou-se da cama onde estava tirando os sapatos.

– Eu não sei... Mas, a gente não tem assunto. – Fiz uma pausa. – Nós nunca ficamos sem assunto.

– Claro que ficamos, todo mundo fica sem assunto às vezes. – Ele se aproximou de mim em passos calmos. – É que quando as palavras acabam, nós partimos pros beijos e quando vamos ver, já gozamos.

Soltei um riso baixo olhando para minhas mãos. Meus cabelos foram tirados do ombro e logo seus

lábios selaram minha pele quente. Prendi o ar.

– Você vai para o Canadá semana que vem? – Perguntei, do nada, para confirmar o que nós havíamos conversado há um tempo.

Brandon não se importou com a minha pergunta e senti seus dedos gelados abrindo o zíper do meu vestido nas costas, delicadamente. Arrepiei-me. Cacete! Cada toque dele sempre me deixaria desnorтеada.

– Uhun. – Respondeu com um murmúrio. – Mas agora o único lugar em que eu desejo estar é aqui. Por isso que peço para que você não pense nisso, tudo bem?

– Tudo bem. – Repeti as últimas palavras e fechei os olhos sentindo os dedos de Brad passando pelos meus ombros, empurrando o vestido que no segundo seguinte caiu no chão.

Os beijos dele em meu ombro e nuca continuaram por poucos segundos. Seus olhos percorreram todo o meu corpo e eu não liguei. Éramos tão íntimos, eu pertencia a ele.

– Você é tão, tão excitante... – murmurou, os olhos transbordando malícia e a voz rouca de

desejo. Eu não soube o que falar. Estava só de salto e calcinha em sua frente. – Você é minha, Maria Clara, sempre minha, querendo ou não. De todas as formas, de todos os jeitos, de corpo, alma e mente. – Sussurrava ele me dando beijos no pescoço e mandíbula.

Eu estava com vontade de chorar, muita vontade de chorar.

Por Deus, Maria Clara!

Respirei fundo desatando o nó de sua gravata e quando eu já estava com ela em mãos, Brad pegou-a e a jogou no chão, depois desabotoei a sua camisa social e ele me ajudou a tirá-la por completo.

Só de calça, ele sorriu me dando beijos na boca e eu correspondi, perdida e excitada com suas carícias. Eu sempre me sentiria assim, não importa quantas vezes aquilo rolasse conosco. Sempre seria intenso como a primeira vez.

Fui empurrando-o com delicadeza para a cama, onde o mesmo riu me pegando pela cintura e me jogando na cama com brutalidade. Ri por ter me assustado com o ato. Fixei meu olhar no dele, que olhava para mim ao se abaixar e tirar

delicadamente meu salto.

Apoiei meu corpo nos cotovelos por trás, ficando de barriga para cima.

Quando ouvi o barulho dos meus saltos bater no chão, fechei os olhos. Ao abri-los, os lábios dele estavam em minha canela. Ele dava beijos por ali, depois senti seus dentes raspando minha pele e soltei um riso por sentir cócegas.

Deixei que ele beijasse toda a minha perna e ao chegar a minha calcinha, seus dedos foram ágeis, ficando na lateral dela, antes que ele fizesse o que tanto queria, o impedi:

– Não, essa não. – Falei.

– Por que não?

– Porque eu não quero. Tira que nem gente, por favor. – Ele balançou a cabeça ao dar risada e abaixar devagar a minha calcinha, deslizando-a pelas minhas pernas brancas e grossas. – Fica nu. – pedi séria quando ele jogou minha calcinha no chão. Franziu a testa. – Anda, Brad, tira a calça.

Ele ficou em pé na frente da cama e delicadamente, tirou a calça social, deixando-a no chão. Eu o fitava perdida. Deus do céu! Eu sempre

PERIGOSAS ACHERON

me excitaria com o corpo dele. Eu sempre surtaria ao ver suas tatuagens, seus músculos...

– Anda, fica nu! – Repeti, séria e autoritária.

Mexas dos meus cabelos estavam jogadas ao lado de meu rosto e aquilo me deixava mais poderosa.

– Desde quando você manda em mim?

– Eu posso. – Afirmei e ele travou o maxilar.

Ele travou o maxilar!

Putaquepariu!

Senti meu ventre se contrair só vendo-o fazer aquilo.

Em segundos ele fez o que eu pedi, tirando a cueca e eu fixei meu olhar em sua ereção que estava gostosa e enorme como sempre. Senti o calor consumir meu corpo. Esse homem é tudo. Absolutamente tudo.

– Apreciando a vista?

– E que vista, meu amor! – Minha voz saiu sexy e baixa, meus olhos ainda em brasas fixos nele, minha testa franzida.

Ouvi seu riso me despertando do transe e logo Brad ajoelhou-se na cama, abrindo minhas pernas

com as mãos e se perdendo com o olhar em minha vagina, que já estava bem molhada.

Sem dizer nada, ele apertou minhas coxas com suas mãos e fechei os olhos sentindo sua língua me invadir.

Oh, Senhor!

Mordi o lábio apreciando os gostosos movimentos de sua língua dentro de mim. Ele fazia tudo com calma, sem pressa alguma e eu queria mais.

– Mais rápido, por favor. Ouvi seu riso de puto.

– Por favor. – implorei, deitando na cama e apertando os lençóis com força.

Eu ia desabar.

Brad agilizou os movimentos com seus lábios e sua língua em minha vagina. Ele sabia todos os meus desejos, todos os meus pontos e me saciava de uma maneira alucinante.

– Eu... – mordi o lábio, tendo a certeza de que meu ápice estava chegando. Eu não queria que isso acontecesse, não agora. As coisas estavam acabando rápido demais! – Amor, eu...

– Shhh! – Sussurrou tirando sua boca de minha

PERIGOSAS ACHERON

vagina por poucos segundos e depois continuou, até eu gozar, apertando com força o lençol de minha cama.

Brad fez barulhinhos com a língua antes de sair do meio de minhas pernas. Seu olhar cruzou com o meu.

– Obrigada. – Murmurei baixinho me levantando ainda com as pernas bambas.

– Está me agradecendo pelo orgasmo?

– Não. – respondi dando um beijo nele. – Estou agradecendo por você existir.

Brandon

– Deita. – Pediu ela subindo em cima de mim me dando beijos no pescoço.

Arrepiei-me fácil.

– Você está muito autoritária, não acha?

– Apreendi com você. Agora deita.

E deitei. Seu corpo estava em cima do meu, sua vagina em minhas pernas e depois de beijar todo o meu peitoral, ela começou a me chupar. Todo o meu corpo se contraiu com o ato. Sua língua era rápida, seus lábios também e quando as ponta dos seus dentes tocavam meu sexo devagar, eu ficava maluco.

Segurei nos cabelos macios e enormes dela, e ajudei-a com os movimentos. Meu Deus! Aquela garota era maravilhosa! Nunca eu acharia alguém que chegasse aos pés daquela mulher.

Minha mulher.

Não foi preciso nem cinco minutos para que eu gozasse sem avisar. Maria Clara com certeza sentiu e parou, tirando meu pênis de sua boca antes do ato

e respirou fundo jogando seu corpo por cima do meu quando eu soltei um gemido rouco.

– Eu amo seus gemidos.

– Ama meus gemidos? – Franzi a testa abrindo os olhos.

– Sim, são gostosos assim como você.

– Os seus são mais.

– Não, os seus que são. – Sussurrou ela no meu ouvido e tomei um susto ao sentir sua língua gelada na minha orelha.

Seus dentes morderam a ponta da mesma. Gemi involuntariamente.

Empurrei seu corpo na cama, fazendo com que ela ficasse embaixo

de mim. Ela riu. Presei seu corpo contra o colchão. Seus seios ficaram colados com o meu peitoral.

Quando meu sexo esbarrou em sua virilha, ela prendeu a respiração, fechando os olhos com força.

– Que foi? – sussurrei.

– Estou cansada. – Murmurou ela e achei por uns segundos que os meus planos de transar com ela

foram todos para o ralo.

– Você não...

– Sim, eu quero. Mas estou com medo.

– Medo de que? – Encaixei-me nela bem devagar, colocando só a cabecinha.

Ela ficou longos segundos em silêncio, fechou os olhos e eu deposei beijos pelo seu rosto, dando-lhe conforto. Passei minha mão por seu braço, até meus dedos acharem os dela e os entrelacei, ela apertou minha mão.

– É o último, não é?

Aquilo fez meu corpo gelar.

– Amor... – engoli em seco, deposei um selinho rápido nos lábios dela e depois fitei seus olhos, que estavam indecifráveis. – Para com isso!

– Desculpa. – Pediu baixinho e senti sua mão livre fazendo carinho em minhas costas.

Delicadamente, penetrei-a. Segui um ritmo gostoso, não tão devagar, mas não muito rápido. Eu ouvia o arfar de Clara, sua respiração chicoteando meu pescoço e a beijei para comprimir os meus gemidos. Sua mão entrelaçada na minha a todo instante.

Senti seus lábios em minha pele e continuei com os movimentos gostosos e delicados em sua pequena entrada, mordi meu lábio inferior, sentindo-me o homem mais feliz e realizado do mundo.

Até ouvir um murmúrio de choro. Logo levantei um pouco o corpo fazendo Clara me olhar com os olhos marejados.

– Você... Você está chorando? – Perguntei com uma voz falha, abraçando todo o seu corpo. Pele com pele. – Estou machucando você? – O desespero já era visível em minha voz.

– Brad, eu... – ela fungou. – Por favor, eu preciso de você, tanto. Eu não consigo acreditar que tudo o que vivemos foi inútil!

– Ei! – A repreendi. – Não diz isso. Olha tudo o que conseguimos juntos. Por favor, não pensa só nas coisas ruins. Eu tive uma vida perfeita ao seu lado.

– É, uma vida perfeita... Nós tivemos. – Ela ressaltou a última palavra. – Estou sentindo que isso vai acabar antes do que eu pensava.

– Não! Nosso amor não vai morrer. Ele é

PERIGOSAS ACHERON

poderoso, lembra?

– Droga! – Murmurou ela, fazendo uma careta linda enquanto suas lágrimas escorriam pelo seu rosto. – Vai ser horrível viver sem você, eu estou falando sério!

Aquilo fazia meu peito arder. O mesmo coração que estava batendo acelerado minutos atrás, agora estava gelado e com medo. Tentei acalmá-la.

– Ei, shhh, amor, tá tudo bem... – disse, tentando sair de dentro dela e ela apertou meu corpo.

– Fica aqui. Por favor, fica aqui...

– Para de chorar. – Falei sério, passando meus dedos pelas suas bochechas.

– Eu não quero perder você.

– Você não vai perder! Ei! Calma. – pedi.

Meu corpo em erupção, louco por sexo e para que ela parasse de surtar e me deixar louco.

– Desculpa. – Pediu ao fungar pela última vez e eu selei nossos lábios.

– Você quer continuar? – Referi-me ao sexo.

Ela meneou a cabeça.

– Sim. Quero, muito. – E eu entrei mais fundo

nela, que arqueou as costas. – Desculpa. – pediu, por ter estragado todo o clima e eu só consenti. – Mais!

Assim feito. Aumentei um pouco mais a velocidade enquanto ela arranhava minhas costas e gemia baixinho. Beijeí todo o seu corpo onde pude. Cuidando dela, amando-a, dando-lhe todo o conforto e carinho que ela merecia.

– Eu amo você. – Eu sussurrava. – Você... Você é a mulher da minha vida, Maria Clara. – Admiti, sentindo todo o meu corpo sendo dela, pertencendo a ela, para sempre.

Eu aproveitei ao máximo todos os segundos, até gozar. Ela arqueou as costas me fazendo continuar as estocadas até ela chegar ao ápice. Cai morto ao seu lado segundos depois.

– Eu não quero que você vá embora.

– Eu não quero ir. – Repetiu ela.

Nós tínhamos esse diálogo diariamente.

– Linda. – Sussurrei ao lado de seu ouvido, dando um beijo nele.

Ela se virou de costas para mim, puxando os lençóis. Abracei seu corpo e ouvi seu respirar fundo

PERIGOSAS ACHERON

antes de sua voz:

– Nosso amor foi feito aqui, nos Estados Unidos. É aqui que precisamos estar. É juntos que precisamos viver.

Não respondi mais nada, apenas beijei seu ombro, tendo a certeza de que mesmo lutando e tentando, tudo estava escapando de nossos dedos rápido demais.

Obrigado

*“Devemos agradecer às pessoas que nos fazem
felizes...*

*São elas os jardineiros encantadores
que fazem nossas almas florescerem.”*

Proust

Maria Clara

Os braços de Brandon estavam em volta de meu corpo, me aquecendo, me apertando e me deixando com falta de ar. Eu sabia que ele estava assim, para que eu não ficasse longe dele ou fugisse.

Oh, meu Deus, é hoje.

Eu nem estava acreditando muito nisso. De que hoje, de malas feitas eu estava pronta para ir para outro país, longe meus amigos e meu namorado, que em poucos meses eu iria começar uma nova fase, a faculdade, algo que eu achava tão longe...

Respirei fundo ao olhar o relógio na cabeceira da cama, era 11h da manhã. Estava muito frio, parecia bem mais cedo. Olhei para a janela, onde a cortina estava entreaberta e sorri. Estava nevando. Estava bem pouco, achei estranho, estava frio demais para pouca neve! Mas, rezei mentalmente para que ela aumentasse e eu não precisasse pegar o avião.

— Bom dia. — ouvi a voz dele próxima de meu ouvido e o olhei.

Brandon estava com o rosto inchado devido ao

sono e a voz rouca.

Eu estava com dor de cabeça. Maravilha, não é?

– Dia... Bom?

– Força do hábito. – Ele depositou um beijo em minha testa. – Dormiu bem? – Consenti com um meneio de cabeça. – Que horas são? – Apontei para o relógio e ele olhou sem dizer mais nada.

Ficamos longos segundos em silêncio e eu estava sonhando de olhos abertos. Sonhando com o futuro, que eu tanto queria. Nesse exato momento poderia ser um domingo de Natal, onde meu marido e eu estaríamos de folga do trabalho e meus filhos teriam acabado de acordar e estariam batendo à porta do nosso quarto querendo carinho e nós daríamos um beijo de bom dia em cada um.

Mas, não. Minha realidade não era essa.

– Não queria ter acordado hoje.

– Para de falar desse jeito. – O repreendi.

– É sério. – Ele olhou em meus olhos. Eu tinha acabado de levantar a cabeça para olhá-lo. – Não quero ter que ir ao aeroporto e...

Antes que ele falasse, dei um beijo seco em seus lábios. Só um selinho para que ele não falasse nada.

Eu estava evitando muito esse assunto, eu sei, parecia uma criança. Mas era que isso tudo me machucava, de verdade. Era tortura. Eu não era tão ruim assim para merecer me separar de tudo o que era mais importante para mim, era?

– Vem, precisamos tomar banho. Daqui a pouco precisamos ir, seus pais já, já batem aí na porta. – Brad se levantava da cama devagar e eu fiz biquinho.

– Aqui está tão gostoso. Está muito frio.

– Preguiçosa! – Ele deu um tapa de leve em minha coxa e eu ri. – Anda!

Neguei com a cabeça a ele, já em pé na frente do colchão, mordeu meu tornozelo. Gargalhei e vi seu sorriso lindo em seus lábios.

– Cachorro!

Ele fez careta. Levantei-me.

– Só vou se você deixar eu dar banho em você.

– Ótimo, vamos lá. – Falou ele e dei uns tapas em seus braços.

Ele riu.

Quando vi, já estávamos no banheiro, rindo. A

água estava morna, gostosa. Nossos corpos ficavam sempre próximos dentro do box e eu aproveitei. Ensaboei ele e ele me ensaboou. Não pensamos ou falamos nada de ruim, apenas rimos.

Eu tinha a total certeza de que minha rotina era aquela e seria bem difícil ter a realidade mudada em tão pouco tempo.

Meus pais estavam terminando o “café da manhã” assim como Brad e eu, era mais ou menos 13h e pouco da tarde. Eu não queria almoçar antes de ir, eu não estava com tanta fome assim, então só comi pedaços de bolo, frutas e suco de Angelick.

Caramba! Passei o tempo todo olhando Angel enquanto comia. Pedi até para que ela sentasse à mesa conosco. Ela não quis comer, mas conversou. Eu sentiria muito a falta dela!

— Tudo pronto? — Perguntou meu pai e eu consenti.

— Espera só eu escovar os dentes. — Avisei e subi correndo as escadas.

No banheiro, passei o máximo de tempo que eu

consegui para escovar os dentes e passar batom nos lábios. Olhei-me no espelho do meu quarto pela última vez.

Vestida com uma jeans clara, botas vermelhas, uma regata e por cima duas jaquetas – uma fina e uma grossa –, eu estava bem aquecida do frio. Em minha cabeça tinha uma toca da mesma cor que as botas e passei apenas o básico de maquiagem. Meu rosto estava bem inchado por conta do frio, do choro...

O meu quarto continuava o mesmo. Eu só estava levando minhas roupas, notebook e os presentes que Brad me deu, minha máquina e algumas lembranças de meus amigos e Jack.

Ah e até do meu carro eu sentiria saudades! A minha faculdade duraria 4 anos. Ou seja, eu não veria aquele meu quarto por 4 anos.

Se é que eu voltaria a morar lá quando voltasse.

– Amor, vamos! Você irá se atrasar. – Ouvi a voz de Brad me chamando no andar de baixo e olhei mais uma vez para o meu lindo e eterno quarto, onde vivi por 18 anos da minha vida.

Desci as escadas e olhei a casa toda por onde

PERIGOSAS ACHERON

passei. Continuava grande, limpa e bem arrumada. Eu sentiria falta. Abracei Angel que estava na porta, quase pronta para ir embora também. Ela tiraria férias pelo que eu soube, por dois meses, voltaria no ano seguinte. Meus pais passariam algumas semanas comigo na Austrália.

– Muita saúde e muito sucesso pra você, querida.
– Disse Angelick, sorrindo para mim com lágrimas nos olhos.

– Pra você também! – Abracei-a forte. – Me liga sempre, tudo bem?

– Pode deixar.

E assim eu deixei a minha casa, minha rua, minha infância, minha adolescência toda para trás. Molhei os lábios com a língua ao colocar o cinto. Eu estava no banco de trás com Brandon e meus pais no banco da frente.

– Meus irmãos vão sentir sua falta. – Comentou Brad

– Também sentirei falta deles.

Abaixei o olhar ao me lembrar dos pequenos. Quando eu me despedi deles no dia anterior, os abracei forte e disse que os amava muito. Eles

disseram que me amavam também e eu fiquei feliz por isso. Eles não sabiam que eu iria embora.

Por outro lado, Erin, Jeremy e Eliza sabiam, eu os amava demais. Eles eram presentes que Deus enviou para mim. Brandon veio e com ele vieram pessoas maravilhosas que eu passei a amar e cuidar.

Eles eram minha família. Todos eles.

Abracei Brad o caminho todo, lembrando de tudo o que vivemos juntos desde quando nos conhecemos, de quando o vi naquele maldito banheiro, de quando seus lábios roçaram os meus, eu impliquei com ele por ter amado o beijo e me entregado fácil demais, por ter ficado encantada com o garoto que ele verdadeiramente era.

Lembrei-me das nossas birras, brigas, do meu ciúme, dos meus surtos de suicídio por só querer viver se fosse ao lado dele e mesmo sendo eu, essa garota louca, boba e apaixonada, eu lutei, lutei muito e consegui o que eu tanto queria; o amor dele.

Nossas brigas eram as melhores, eu não tenho dúvidas disso! Eu amava as nossas brigas porque eu sabia que nós iríamos nos acertar depois, não

importa se eram dias ou segundos depois, com sexo ou só abraços e palavras bonitas e sinceras.

Ai, os nossos sexos! Eu não trocaria Brad por nada! Ele era bom em tudo e se era para ser bom, ele sabia ser! Ele tinha o jeito próprio para a coisa, era como se ele fosse realmente o que eu precisava, era a parte do quebra cabeça que se encaixava com a minha. Ele me proporcionava todos os orgasmos mais loucos ou mais calmos, os beijos mais quentes ou frios, os toques mais selvagens ou sensíveis.

Ele era o meu homem.

Fora que em todos os meus momentos ruins ele estava comigo. Ele foi o que me ajudou com os meus cortes, com o Tyler, com Candice, com os meus pais, com o meu filho. Ele que segurou meu mundo quando eu sentia meus pés deslizando sobre o penhasco. Ele era a minha fortaleza.

Brad me dava borboletas no estômago. Era o homem que eu mais amei e amaria em toda a minha vida. Ele era o pai do meu filho, era o meu melhor amigo, era o meu anjo da guarda.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Brandon

A hora naquele dia estava voando tão depressa que eu sentia até medo. Deus queria mesmo afastar Maria Clara de mim!

Era 14h30 da tarde, o frio estava maravilhosamente bom e forte.

– Você vai me ligar todos os dias? – Perguntei.

– Toda hora se for possível. – Respondeu ela. – Quero que você vá me visitar.

Repuxei o lábio olhando seu rosto corado. Seus cabelos lisos estavam soltos.

– Você vai estar muito longe. – Brinquei. – Vá você me ver! Vou estar mais perto.

– É a mesma distância!

Soltei um riso.

– Nós não estamos terminando, estamos? – Ela franziu a testa e eu mordi o canto da boca.

– Eu nunca namorei a distância.

– Nem eu.

– Mas podemos tentar. – Falei baixinho. Ela

consentiu com a cabeça, apoiando-a no meu peito.

– Você promete que vai tomar cuidado?

– Você que tem que prometer isso! – Ela deu um tapa em meu braço e soltei um riso.

– Ei, relaxa. – Sorri devagar e ela revirou os olhos brincando enquanto olhava para mim.

Já estava quase na hora. Maria Clara olhava para os lados, esperando a hora passar e os pais dela estavam próximos, lendo um jornal sentados num banco. O aeroporto estava bem cheio naquele dia.

– Eu não acredito que você iria embora sem se despedir, caramba! – Ouvi a voz de Sue e todos corriam até nós.

Sorri me desfazendo do abraço olhando todos eles que estavam fazendo mesmo o que combinaram. Os nossos amigos estavam lá.

Maria Clara abriu um sorriso enorme e seus olhos se encheram d'água. Ela não esperava que todos eles fossem se despedir dela no aeroporto. Mas eles foram. Amigos de verdade eram assim mesmo, para a vida toda, nos melhores e piores momentos.

– Não acredito! – Gritou ela, surpresa. – Vocês vieram!

– Claro que viemos! – Respondeu Melanie.

– Vou sentir tanto a sua falta! – Lauren fez biquinho

– Eu amo vocês. – Maria Clara começou a chorar, com a cabeça baixa e fiquei realmente emocionado com a cena. Todos deram um abraço coletivo nela, que os apertou e chorou mais ainda. – Vocês não têm esse direito, eu não queria chorar! – Disse manhosa.

Todos gargalharam.

– Assim que possível, iremos visitar você. – Prometeu Dex.

– Muito juízo, não substitui a gente! – Pediu Mel.

Maria Clara sorria olhando todos. As meninas logo começaram a chorar também.

O voo foi chamado.

– Amo você, princesinha! – Connor a abraçou.

Todos a abraçaram, um de cada vez e ela disse “te amo” para cada um. Agradeceu por tudo também.

– Ei, eu te amo! – Ansel apertou a melhor amiga nos braços. – Obrigada por tudo, nos vemos em

breve!

Depois de todos os abraços, lágrimas e despedidas, eles se afastaram. Meus sogros se despediram deles e de mim rapidamente. Maria Clara me olhou, com o rosto molhado de tanto chorar.

– Presta atenção! – Segurei em seu rosto, sussurrando só para ela ouvir. – Não faça nada de errado, viu? Não passa perto de nada que machuque você. – ela me olhava. – Por favor, prometa pra mim que irá se cuidar.

– Por você eu prometo. – Sua voz estava falhada devido ao choro.

– Mesmo?

– Mesmo. – Ela fungou.

Nossas testas estavam unidas. Seus lábios quentes próximos aos meus.

– Agora você precisa cuidar de você, do seu futuro e dos seus estudos. – falei. Senti uma lágrima quente escorrer pela minha bochecha gelada. – Irei cuidar de ti, de longe, mas irei cuidar.

– Eu te amo, Brandon Campbell. – Ouvi sua voz, eu já estava de olhos fechados, sentindo as mãos

PERIGOSAS ACHERON

dela por cima das mangas do meu moletom, segurando forte meus braços.

Achei que fosse cair. Aquilo não poderia estar acontecendo.

– Eu amo você, Maria Clara Miller. – Sussurrei baixinho e a beijei antes que fosse tarde.

Nossos amigos não falaram nada, nem nós. Não sabíamos mais o que falar, nós dois estávamos sentindo a mesma coisa e eu me sentia um caco. Perdido.

Aproveitei o beijo com calma, explorando sua boca, chupando delicadamente seus lindos lábios, os melhores que eu já provei em toda a minha vida e deixei que fosse levado pela emoção. Apertei sua cintura com uma mão e segurei seu cabelo com a outra, ela correspondia, segurando meu rosto com calma e eu não queria que aquilo acabasse nunca.

Mas, acabou. Acabou cedo demais. Apertei-a em um abraço de urso.

O voo foi chamado mais uma vez e ela precisou ir me dando um selinho rápido e colado e quando seu corpo se afastou do meu, me senti perdido. Ela se afastou devagar, pegando na mão de Claudiana e

dando tchau com a mão para os amigos.

Fixou seu olhar no meu. Meu coração estava uma nós de tão pequeno. Meus olhos começando a arder devido as lágrimas e eu estava pouco me fodendo se todos estavam vendo. Olhei para cima por alguns segundos e depois olhei para ela.

– Obrigada. – Foi a única coisa que ela disse, apenas mexendo os lábios.

– Eu que agradeço. – Sorri fraco de lado para ela que deu as costas e sumiu do meu campo de visão, seguindo seu rumo, sua carreira, sua vida.

Sidney

*“Opte por aquilo que faz seu coração vibrar,
apesar de todas as consequências.”*

Osha

Março de 2011

Maria Clara

Para os meus pais a minha vida estava mais do que perfeita! Sim, perfeita! Só porque agora eu cursava faculdade e estava no lugar em que deveria estar.

O pior é que não era exatamente assim.

Estávamos no meio do mês de março, as flores estavam nascendo lindas e o sol queimava alto no céu. As pessoas começavam a trocar as botas pelos chinelos, o chá quente pelo sorvete e eu continuava na mesma.

A faculdade havia começado fazia mais ou menos um mês. Era uma puta faculdade. Tanto no ensino, quanto nas pessoas e no prédio em si. Era no centro de Sydney. Aquela cidade linda e sempre com vida.

As pessoas de lá eram bem simpáticas e eu fiquei feliz de estar lá. Só não estava mais feliz por não ter meu namorado ao meu lado.

É, o meu namorado.

Eu estava morta de saudades!

Brandon e eu havíamos nos falado até o início de

janeiro. Assim que eu saí do avião, liguei para ele. A gente conversava todos os dias, literalmente todos.

Eu sentia falta do beijo dele, do abraço, do cheiro dele. Nossa!

O mês de janeiro eu passei na casa dos meus avós. Mas dei graças a Deus quando a faculdade começou e eu pude me mudar para meu quarto na república onde eu iria morar por longos 4 anos.

Foi quando conheci Gabby Austen.

Uma linda garota e que com o tempo se tornou uma amiga. Ela seria minha colega de quarto, faria faculdade comigo, na mesma sala. Ela era australiana, tinha ganhado bolsa e estava feliz por me conhecer. Trocávamos segredos e conversas sempre.

Contei do meu namorado, dos meus amigos, dos meus pais...

Falei de Jack também e ela disse que queria muito ter o conhecido. Disse que ele era a minha cara, coisa que eu fiquei muito feliz de ouvir. *Ela era uma garota adorável!*

Eu tinha me encontrado com Landon depois que

PERIGOSAS ACHERON

cheguei aqui e ele continuava o mesmo. Lindo, engraçado, inteligente e apaixonado por surfe! Fiquei feliz que sua casa nova não era tão longe de minha faculdade, já que ele também morava em Sydney.

Já Brandon me preocupava muito. Quando Janeiro chegou e ele se mudou para o Canadá, nunca mais recebi uma ligação.

Nunca mais recebi mensagens em nenhuma rede social.

Nunca mais ele atendeu minhas ligações.

Era estranho, porque... Bom, ele nunca ficava online, eu tentei ligar para Elizabeth, mas ela nunca, simplesmente nunca atendia. Com os meus amigos eu falava por várias vezes por semana, eles me diziam que ele já estava no Canadá e que estava normal. Eu nunca entendia esse «normal», mas era impossível questionar, nenhum deles sabia como ele estava.

Ele estava perdendo contato com quase todos.

Eu me sentia mais distante dele, não só fisicamente, mas em pensamento, em conexão, em tudo. Era loucura, mas pelo menos com as

mensagens ou ligações, eu tinha a certeza de que ele não tinha me abandonado ou algo assim.

Já agora...

Eu rezava para Deus abençoar e colocar juízo na cabeça dele, todos os dias. Não queria que ele fizesse nenhuma besteira.

Eu também não fazia nenhuma besteira. Algumas vezes eu até pegava minha fiel amiga prateada, mas a jogava fora antes que me sentisse culpada. E nem olhar para o lado eu olhava! Na faculdade, o que mais tinha era garoto bonito. Bonito, simpático e bem-sucedido, que me olhavam sempre que eu passava.

Juro por Deus que não me importei com nenhum deles. Eu não podia, afinal, eu tinha um namorado! Mesmo distante, eu tinha!

Ou já tive...

Respirei fundo ao passar as mãos nos cabelos para fazer um rabo de cavalo, que estava liso.

No meu relógio, era mais ou menos 12h45, nossa primeira aula começara às 13h15 e hoje seria aula prática, o que me empolgava um pouco. Tudo bem que eram 4 anos de faculdade, mas eu já estava

empolgada e ansiosa para estar com o meu diploma em mãos e começar a trabalhar no que eu mais gosto.

– Anda, Mari, por favor! – Pedia Gabby, dentro do banheiro ao escovar os dentes. Era fofo o jeito que ela me chamava. Mari. – Estamos atrasadas!

– Não, não estamos atrasadas, você sabe que não estamos.

– Mas iremos ficar se você não terminar logo de se arrumar! Vai casar, é?

Quem me dera!

Casar...

Engoli em seco, tentando apagar todos esses pensamentos que essa palavra me trazia antes que eu chorasse. Meu rosto não estava tão inchado como nos outros dias. Quem via pensava que eu chorei menos! Mas, não. Era porque hoje eu tinha passado um pouco mais de maquiagem para esconder as olheiras.

Era corretivo, base, rímel, blush, um pouco de batom... Tudo isso porque Gabby insistiu. Nos meus pés tinha um par de sapatilhas brancas. Eu usava um vestido nos joelhos azul bebê com rosas e

detalhes em branco. Meus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo mal feito com a franja curta um pouco solta.

– Já terminei, você vai continuar aí dentro desse banheiro? Tá com diarreia?

– Vai se foder! – Gritou Gabby dando descarga, saindo e me mostrando o dedo do meio.

Soltei um riso.

Vestida do jeitinho dela, ela sorriu para mim, pegando sua bolsa em cima da cama. Fiz o mesmo. Em minha pequena bolsa jeans, continha canetas, meu celular, caderno com anotações e minha maravilhosa melhor amiga; a máquina fotográfica linda que eu ganhei.

Depois de trancar o quarto, Gabby colocou a chave no bolso e fomos até o elevador.

Por impulso e como eu sempre fazia antes de sair de casa, dei um beijo em minha tatuagem – que eu fiz em homenagem ao Jack, logo que iniciou o ano, igual a do pai dele – e em minha aliança de namoro. Mordi o canto da boca ao ouvir Gabby tagarelar ao meu lado, dizendo que hoje sem falta ela ficaria ou pelo menos daria um “oi” ao Paul, um

dos garotos de nossa sala – eles se secavam todos os dias.

Apertei minha mão com força sentindo minha aliança em meu dedo.

Hoje eu estava fazendo 3 anos de namoro. Pedi em pensamento, do fundo do coração que Brandon não tivesse esquecido.

O elevador chegou ao térreo rapidamente, como sempre, já que morávamos no sexto andar. O céu estava bem aberto naquele dia, as pessoas transitavam de um lado para o outro o tempo todo e aquilo era um tanto estressante. Nossa faculdade ficava há poucas quadras de onde estávamos.

– Mas será que ele não vai falar nada, amiga? Tenho medo dele se distanciar de mim, parar de me olhar.

– Lógico que ele não irá parar de te olhar. No caso ele vai te olhar mais, tonta! – Falei fazendo-a rir. – Ele é um gato, eu quebro suas pernas se você não dar o bote logo. Em todas as salas daquela faculdade tem alguma garotinha querendo pegar.

– Preciso ser rápida, não é?

– Precisa sim! – Confirmei, quando viramos a

PERIGOSAS ACHERON

esquina e tombamos com algumas pessoas e entre aquele turbilhão de gente na calçada, senti um cheiro familiar e parei.

– Então hoje mesmo eu vou... Ah, meu Deus! – Gabby parou tudo o que estava fazendo, parou de falar por olhar o mesmo que eu e reconhecer.

Ela perdeu as palavras.

– Ah, caralho! – Resmungou ele. – Era pra eu subir e não te encontrar aqui no meio da rua. Assim não tem tanta graça. – E ele abriu um sorriso.

Aquela voz.

Aquele sorriso.

Eu ia cair a qualquer momento, minhas pernas estavam mais moles do que pudim. Eu tinha ficado branca, certeza. Uma descarga de adrenalina percorreu meu corpo em questão de segundos.

Vestido com um par de tênis preto, boné da mesma cor, bermuda clara jeans, regata branca com uns desenhos coloridos na frente e deixando suas maravilhosas tatuagens a mostra, o garoto mais lindo e atraente do mundo estava na minha frente segurando um buquê de rosas na mão.

Brandon Campbell estava com um buquê de rosas

PERIGOSAS ACHERON

em mãos em minha frente. Às 13h da tarde, em plena quarta-feira, em uma das ruas mais movimentadas de Sydney na Austrália, com um sorriso no rosto.

Estou sonhando, não é?

– Amor? – Perguntou ele e eu o fitava com o queixo no chão. Eu estava tentando entender o que ele estava fazendo ali. – Olha, você deve estar chateada comigo... – começou ele. – Eu não retornei mais suas ligações e tal, porque eu estava procurando um jeito de largar tudo e vim te ver. Desculpa, de verdade. – E ele abriu mais um sorriso.

Cachorro! Ele deveria ser proibido de sorrir!

Aquilo era a Oitava Maravilha do Mundo para mim.

Logo ele franziu a testa por ver que eu estava em silêncio e não respondia. Eu estava tão em choque que nem piscando eu devia estar! Sem brincadeira!

– Tá tudo bem com ela? – Perguntou ele a Gabby.

– Não sei. – Respondeu, um pouco em choque. – Brandon, não é?

Ele soltou uma risada.

PARA! Meu Deus.

Aquela risada!

– Sim, sou eu.

– Gabby. Gabby Austen. – Disse ela, terminando a frase por ele, que consentiu.

Brandon depositou um beijo na bochecha dela e eu podia jurar que os olhos de minha amiga brilharam de empolgação.

Nós três ficamos sem nos falar por alguns segundos, eu ainda estava fitando-o.

– Mari? Pelo amor de Deus, fala alguma coisa! – Pediu minha amiga ao meu lado.

– Quando que você chegou? – Perguntei.

– Cheguei faz pouco mais de uma hora.

– Como descobriu onde eu estava?

– Você me passou seu endereço assim que se acomodou aqui, amor.

Passei?

– Brandon... Você não deveria estar no Canadá? Caralho! – Soltei a última palavra como um grito. – Era o sonho dos seus avós...

– Sim, mas eu abandonei tudo para vim ver você.

– Você disse que não iria decepcioná-los por mim...

Eu ainda não estava acreditando que estava conversando com ele, ali. Porra, minha cabeça estava rodando! Meu coração não parava de bater acelerado.

– Mas... – deu de ombros. – Era; eu vindo pra cá ou vindo pra cá. Viver sem você é impossível. Ainda mais do outro lado do mundo!

– Seus avós estão querendo me matar, eu imagino!

– Não acho. – Ele deu de ombros de novo. – Eles nem sabem que estou aqui.

Arregalei os olhos.

– Você fugiu? – Brandon gargalhou com o que eu disse. Ouvi a risada de Gabby ao meu lado também.

– Eu não estou acreditando! – Sussurrei.

– Nem eu. Mas fazer o que, não é? – E abriu mais um sorriso.

Minha ficha não tinha caído.

– Mas, Brandon, o seu futuro não é aqui. Sua faculdade e sua matrícula estão lá no Canadá, é

seus estudos, sua carreira, eu... – foi quando fui interrompida.

– O meu futuro é ao seu lado. – Ele fixou seu olhar no meu. – Com a faculdade eu me viro depois, por aqui mesmo, não me importo. – Ficamos nos olhando, ele sorriu. – Achou que só você voava horas atrás de quem ama, é?

– Estou sonhando?

– Não, não está! – Ele se aproximou um passo me entregando o buquê, que eu logo peguei com força. – Eu estou aqui. Pra você.

– Brad, eu...

– Sério que você ainda não está acreditando? – Perguntou ele soltando um riso e eu soltei um riso junto, balançando a cabeça. – Nem se eu cantar pra você?

Prendi o ar. Ele nem esperou que eu confirmasse para começar. Pigarreou e segurou em minha mão com força.

Meu Deus! Depois de tanto tempo, depois que eu achei que não teria mais esperanças de voltarmos, ele estava ali para mim, ou melhor, para nós! E ainda cantando *Memphis* do Justin Bieber.

– *Boom, boom, boom, boom.* – eu cantei junto com ele e isso gerou risada de nós três, contanto com Gabby, que nos olhava como se estivesse assistindo a um filme de romance.

Meu sorriso estava mais aberto do que o céu naquela tarde de março, brilhando mais que o sol de primavera. Eu não conseguia explicar o que eu estava sentindo! Só ouvia atentamente meu namorando cantando para mim no meio da rua.

Não esperei mais nenhum segundo, voei em seu pescoço, apertando-o em meus braços com força e o ouvi rir. O buquê quase caiu, mas ouvi Gabby rir e pegar nas mãos para que eu tivesse mais conforto ao abraçar o melhor homem do mundo, que soltou um riso.

– Isso é loucura, Brandon, é total loucura!

– Eu te amo, tem algo mais louco nesse mundo? – Brincou ele, apertando minha cintura.

Gargalhei. Minha respiração estava ofegante, eu estava quase com falta de ar. Sentia meu coração bater na garganta de emoção, meus olhos marejados. Mas dessa vez, de felicidade, de completa felicidade.

– Caralho, você é tão importante pra mim... Eu, eu não sei o que falar. – admiti, saiu quase como um choramingo, eu estava quase gritando para todos que passavam naquela rua que o melhor homem que Deus inventou para esse mundo era meu.

Eternamente e completamente meu.

Fitei seus olhos claros brilhando olhando os meus e ao fazer carinho em sua nuca com as mãos, tomei seus lábios que estavam gelados, rosados e com um gosto de menta.

Oh, meu Deus!

Aqueles lábios!

Minha língua invadiu sua boca sem pedir permissão, mas ele cedeu mesmo assim e travamos uma pequena batalha em um dos melhores beijos que eu já tive. Cacete, que saudade! Sorri entre os lábios e estalinhos de língua. Era muito amor, era muita fidelidade e companheirismo.

Senti o coração do Brad bater no mesmo ritmo que o meu, rápido e completamente descompassado. Nossos corpos estavam colados, eu o apertei para que ele jamais fugisse. Eu estava

mais do que feliz, eu estava completa, realizada.

Ouvi as palmas de Gabby ao nosso lado e até ele riu. Oh, Gabby! Soltei um riso. Ela nem se importou em estarmos perdendo aula da faculdade, aliás, o que era faculdade? Eu não iria mais colocar os pés lá! Pelo menos, não hoje.

– Socorro, eu quero casar com vocês dois! – Disse Gabby entusiasmada ao lado e nós olhamos para ela, que sorria com o meu buquê em mãos.

Voltei o meu olhar para ele, que apertava minha cintura com a sua pegada maravilhosa e com sua boca úmida e entreaberta.

Meu Deus, obrigada, obrigada e muito obrigada!

Sussurrei meu amor enquanto dava alguns selinhos nele com minhas mãos em seu rosto e logo o abracei, mordendo meus próprios lábios de empolgação.

Para quem disse que finais felizes não existiam, esse era uma prova real.

Se é que esse é o final, não é?

Eu não conseguia parar de sorrir e ouvir a respiração descompassada perto do meu pescoço. Logo ouvi sua voz que me fez sorrir ainda mais. E

PERIGOSAS ACHERON

ele, com um sorriso no rosto também, resolveu admitir:

– Deus é tão maravilhoso que me mostrou um sinal, sabe? Nem sempre entrar em portas erradas é a pior coisa do mundo e nós somos a prova real disso, meu amor.

Sorrindo, ouvimos o celular dele tocar no bolso e depois de muita insistência, ele o pegou e, me mostrando a tela, arregalei os olhos, vendo “*mãe*” brilhar no visor. Apenas mordi o lábio de desespero ouvindo-o murmurar a primeira coisa que passou em sua mente:

– Merda!

Acesse também a Playlist do
Portas Erradas, Amores Certos



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Quando o amor acontece

Portella, Eliana

9788592572952

302 páginas

[Compre agora e leia](#)

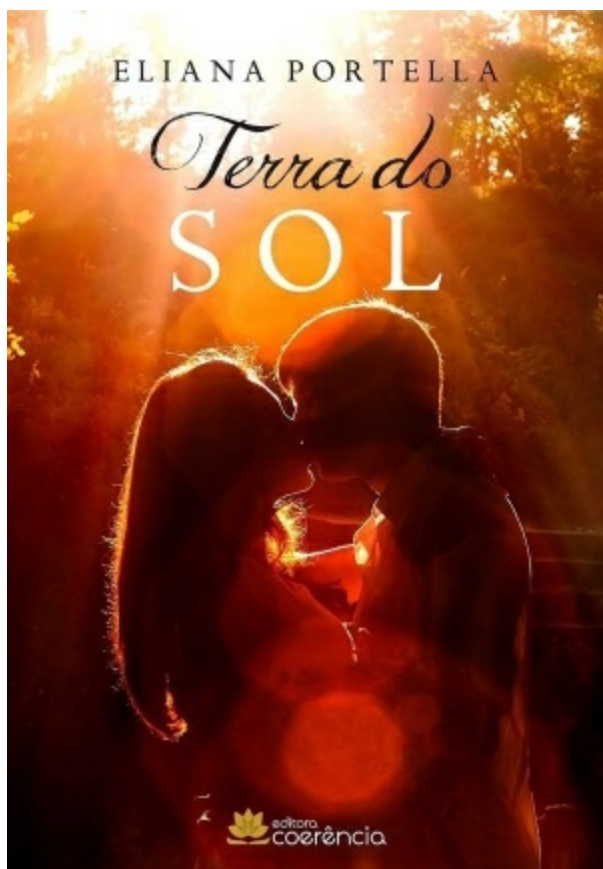
O universo de Sophia era guiado por duas verdades: em toda sua vida só haveria uma pessoa com a qual ela poderia contar – ela mesma -, a segunda falava sobre o amor; o sentimento que levaria ao suicídio os amantes de Verona, a chama que fez arder pela eternidade os corações de Tristão e Isolda, e a paixão insanamente inconsequente que arrebatou Helena e Páris, tudo isso simplesmente não passava de fantasias. Sophia via o casamento como uma alternativa falha que as pessoas elegiam para não envelhecerem sós, na ilusão de que a paixão perduraria após a união selada. Não que considerasse um erro, julgar as escolhas das outras pessoas não condizia com suas atitudes, mas ver-se

PERIGOSAS ACHERON

ligada a alguém pelo resto da vida apenas para não estar só, ou provar que era capaz de conquistar um pretendente, ia contra tudo o que acreditava ser essencial para a felicidade. Aos olhos de Sophia, ser feliz era deitar a cabeça no travesseiro com a consciência tranquila, saber que poderia contribuir para um mundo melhor. Receber um 'muito obrigado' sincero soava tão agradável como ouvir um 'eu te amo'. Mas o destino a fez rever todos os seus conceitos, despertando-lhe um novo sentimento ao colocar Lucas em seu caminho.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Terra do Sol

Portella, Eliana

9788592572990

420 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dmitry e Natasha Pasternak desembarcaram no Brasil em meados de 1976 com destino ao Amazonas. Os jovens e louros doutores integravam uma elite de médicos pesquisadores soviéticos. E foram necessários bem mais que insistentes convites para ingressarem na aventura de trocar Moscou por uma floresta. Dividiam as mesmas paixões, entre elas a ideia de deixar a Rússia e se aventurar num país de terceiro mundo, o que parecia mais um devaneio que um sonho; e trocar a terra natal pelo Brasil nunca fizera parte de seus planos. Uma expedição em terras brasileiras que deveria durar um curto período de tempo tem seus propósitos desviados pelo sol que brilha todos os dias

PERIGOSAS ACHERON

na pele, no coração e na alma daqueles que encontram muito mais que o resultado de suas pesquisas científicas. Encontram o amor, a amizade e o desejo de viver intensamente a aventura de se entregar aos seus mais secretos sonhos e anseios. A jovem Iara, nativa da terra quente e descendente de índios, entra na vida e nos corações do jovem casal recém-chegado das terras álgidas. Natasha, vivendo um momento crucial em sua carreira, dá à luz Yuri e o entrega aos cuidados da brasileira. O menino, de corpo nativo e coração estrangeiro, será criado ao lado de Moara, filha de Iara. E assim como sua mãe ela também vai entrar em seu caminho. E o que começou como uma brincadeira de infância acaba tomando grandes proporções na medida em que a vida com seus mistérios os convida a viver uma experiência apaixonante e proibida. Para uns, o amor está sempre em primeiro plano; para outros, ele é só um detalhe. E enquanto o destino brinca com a existência daqueles que acreditam serem donos absolutos de suas verdades, a ilusão e a realidade se confundem e maltratam os corações desavisados.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Enquanto espero

Gravino, Valéria

9788553270088

150 páginas

[Compre agora e leia](#)

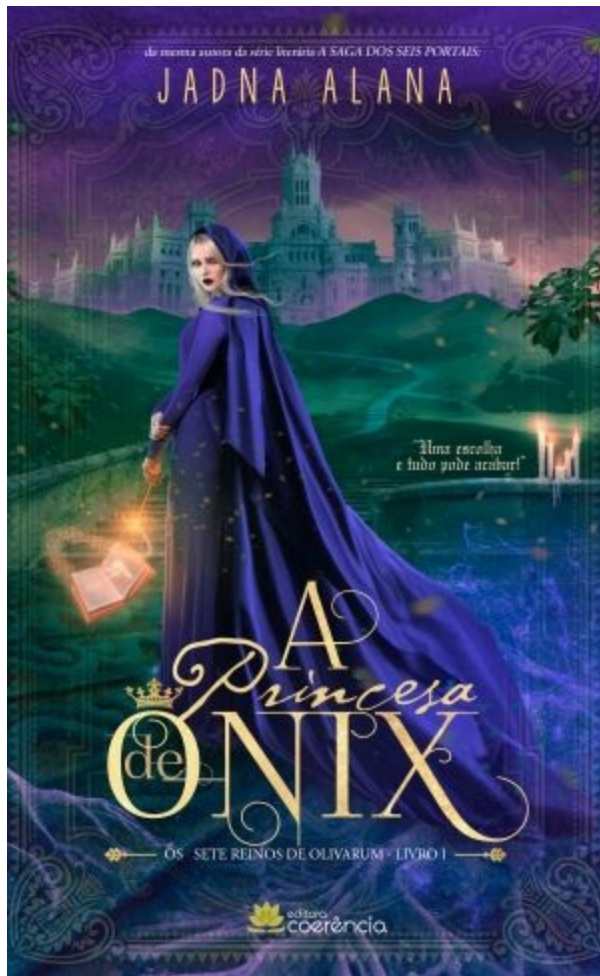
"Enquanto espero" é um romance new adult que concorreu ao Prêmio Kindle de Literatura 2016 e concorre atualmente ao Prêmio Oceanos 2017. A jovem advogada Vitória, encontra dificuldades para conseguir o seu primeiro emprego, mas enfim é admitida pelo Grupo Moura Ribeiro e lá encontra Ricardo, um homem rodeado conflitos e segredos, com quem vivência um romance, no mínimo, complicado. Durante o desenvolvimento de Vitória no grupo empresarial, muitas operações acontecem por motivos escusos e influência da família e do sócio de Ricardo, sem que ele sequer desconfie, trazendo muitas intrigas em torno dos dois e fazendo com que o romance venha a esmorecer.

PERIGOSAS ACHERON

Reconhecendo-se sem condições de sobreviver à dor da separação, Vitória busca na pintura e na terapia de regressão um refúgio para livrar-se de seu sofrimento, quando desvenda, a partir de uma obra de arte que liga o seu passado ao seu presente, o real mistério em torno do fim de seu relacionamento com Ricardo, identificando as forças que contribuem para que eles não se mantenham unidos. Muitos segredos permeiam essa intrigante história, trazendo lições e acontecimentos surpreendentes com as reviravoltas de "mais um encontro" de Vitória e Ricardo.

[Compre agora e leia](#)

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

A princesa de ônix

Alana, Jadna

9788592572723

400 páginas

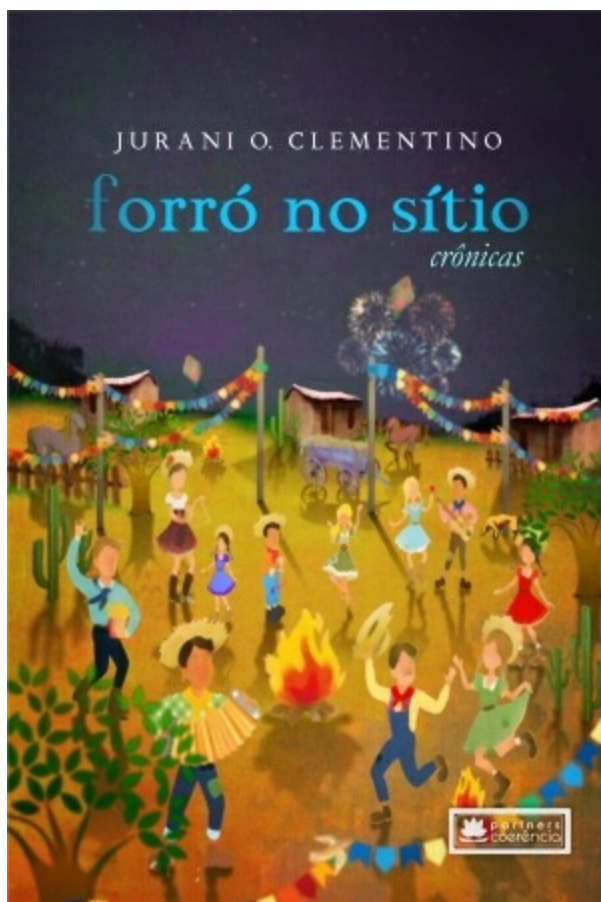
[Compre agora e leia](#)

Em um mundo onde a magia é possível, Sete Reinos foram criados pela Trindade Iniciadora. Eles foram representados por espécies mágicas diferentes e a lei e o poder foi a única verdade absoluta para ser vivida durante os últimos séculos. No Reino de Ônix, a princesa bruxa Amie Bell, acaba de completar dezoito anos de idade. Uma data que deveria ser comemorada com muita alegria, mas que acaba se tornando o pior dia da vida dela. Encurralada por um feitiço que deu errado, a jovem embarca em uma aventura onde descobrirá o que existe além dos muros do palácio onde viveu a sua vida inteira. Terá que despertar suas habilidades para sobreviver sem todos os caprichos que

PERIGOSAS ACHERON

tinha como princesa e terá que lutar por sua sobrevivência com a ajuda de um Clã que vive contra as leis de Olivarum. Você está pronto para encarar essa aventura? Lembre-se: Se fizer a escolha errada, tudo pode acabar.

[Compre agora e leia](#)



Forro no sítio

Clementino, Jurani

9788553270026

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

A alma sertaneja e trejeitos do povo nordestino, especialmente do nosso Ceará, não poderiam ter melhor descrição. Jurani Clementino abre o peito para resgatar suas e nossas raízes, hoje tão afrontadas pelo avanço tecnológico e pelos costumes globalizados. Em sua obra Forró no Sítio, Jurani Clementino utiliza uma linguagem acessível, e como a usar pincel e tinta, rebusca um colorido que o tempo insiste em apagar. Os separados textos em crônica se unem em livro para dimensionar esse tempo que não pode jamais ser esquecido. Em cada crônica, as frases presenteiam nosso cérebro e coração com lembranças magníficas. Nessa viagem, ora estamos envoltos na filosofia natural dos mais velhos e

em outros momentos revivendo as peripécias dos meninos e suas brincadeiras nos poços das águas das chuvas e nos riachos dos idos abundantes invernos. Forró no Sítio tem cheiro de festa, de saudade e de reencontro com o que temos de mais genuíno: A fortaleza do sertanejo.

[Compre agora e leia](#)